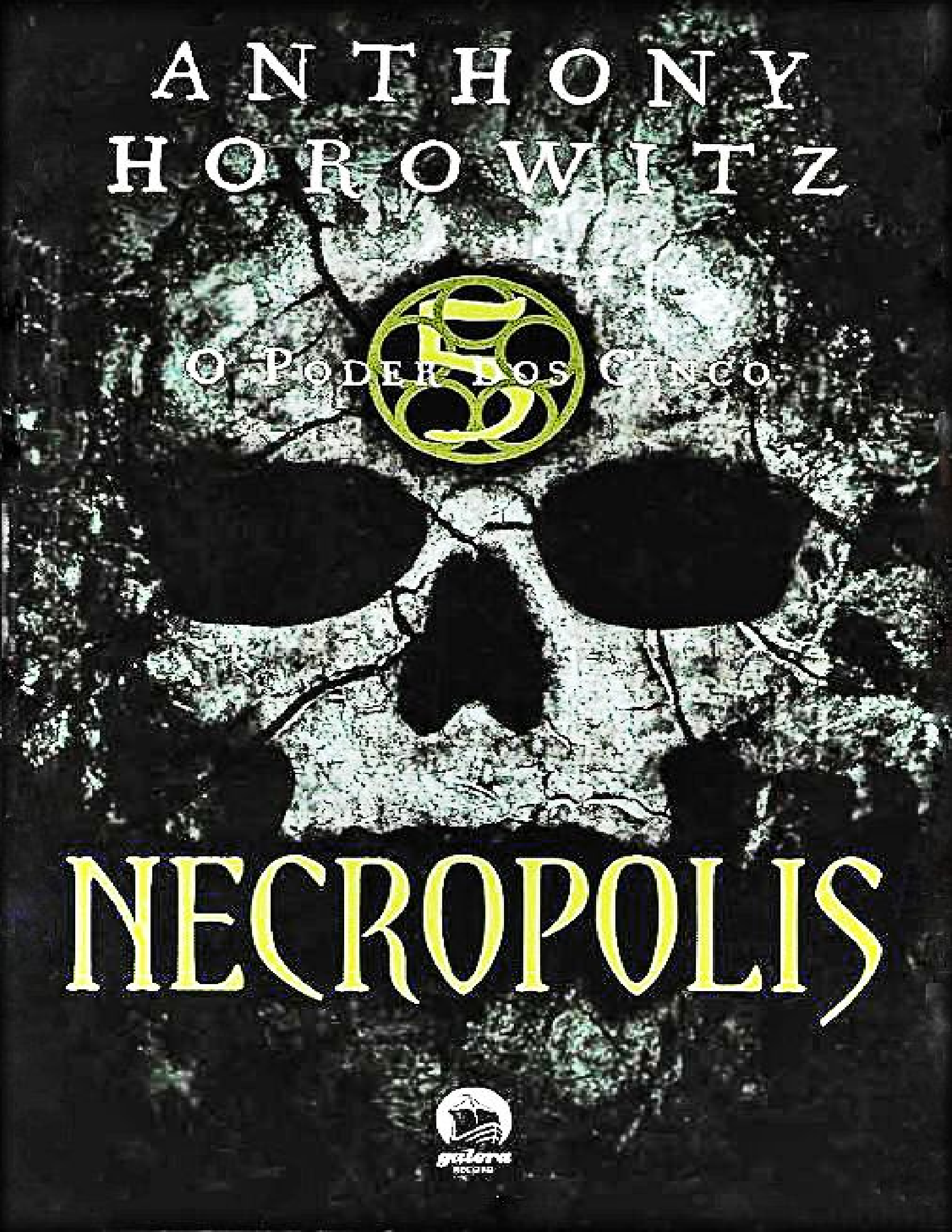
ANTHONY HOROWITZ

O PODER DOS CINCO



NECROPOLIS

galera RECORD

NECROPOLIS

ANTHONY HOROWITZ

NECROPOLIS

Tradução de
ALVES CALADO

galera
RECORD
Rio de Janeiro | 2011

CIP-BRASIL. CATALOGAÇAO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Horowitz, Anthony, 1955-
H796n Necropolis / Anthony Horowitz; tradução de Alves Calado. -
Rio de Janeiro: Galera Record, 2011.
(O poder dos cinco; v.4)

Tradução de: Necropolis: the Power of Five
Sequência de: A corporação crepúsculo
ISBN 978-85-01-08835-2

1. Sobrenatural - Literatura infantojuvenil. 2. Ficção juvenil.
I. Alves Calado, Ivanir, 1953-. II. Título. III. Série.

CDD: 028.5
11-1452 CDU: 087.5

Título original em inglês:
Necropolis: the Power of Five

Text © 1989, 2008 Anthony Horowitz
Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram assegurados.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela
EDITORA RECORD LTDA.
Rua Argentina, 171 - Rio de Janeiro, RJ - 20921-380 -Tel.: 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Impresso no Brasil
ISBN: 978-85-01-08835-2

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.

Para Nicholas

Orelha da capa

No quarto livro da série O Poder dos Cinco, o mundo nunca esteve diante de ameaça maior. O mal está à solta, e se as cinco crianças com poderes sobre-humanos não se unirem para impedir que os Antigos dominem o planeta, a Terra poderá ser completamente destruída. Matt e seus companheiros estão desesperados. A maligna Corporação Crepúsculo está extremamente poderosa, e a força devastadora dos demônios por trás desse grupo parece capaz de tudo para subjugar os seres humanos.

Para impedir que isso aconteça, Matt e seus amigos precisam encontrar Scarlett, a última dos Cinco, que está presa em Hong Kong, uma cidade amaldiçoada, onde poças d'água se transformam em sangue e há fantasmas, demônios e outras criaturas terríveis governando as ruas. Mais uma vez, não há como escapar...

Quando a encontra, o líder dos Cinco não tem escolha a não ser seguir Scarlett. E quando ambos se veem aprisionados, a única chance de sobrevivência é encontrar uma passagem secreta no templo de Tai Shan. Mas Scarlett ainda não conhece seu poder nem sabe como usá-lo... Para ajudá-la, os Cinco precisam estar juntos, mas talvez seja tarde demais...

Corporação Crepúsculo

ESTRITAMENTE CONFIDENCIAL

Memorando do Presidente: 15 de outubro

Estamos em via de tomar o poder.

Há quatro meses, em 25 de junho, o portão construído no deserto de Nazca se abriu e os Antigos finalmente retornaram ao mundo que um dia governaram. Agora estão conosco, esperando a ordem para se revelar e iniciar uma guerra que, desta vez, não podem perder.

Por que essa ordem não foi dada?

O triunfo de Nazca foi prejudicado pela presença de duas crianças, garotos adolescentes. Um já se tornou familiar para nós... na verdade, estivemos vigiando-o durante a maior parte de sua vida. Seu nome, ou o nome pelo qual é conhecido agora, é Matthew Freeman. Tem quinze anos e é inglês. O outro era um moleque de rua peruano chamado Pedro, que cresceu nas favelas de Lima. Os dois foram responsáveis pela morte de nosso amigo e colega Diego Salamanda. Incrivelmente, também feriram o Rei dos Antigos no momento de sua vitória.

Essas não são crianças comuns. São dois dos chamados Guardiões, que fizeram parte da grande batalha, há mais de dez mil

anos, em que os Antigos foram derrotados e banidos. Desta vez, para o sucesso de nossos planos e a criação de um novo mundo, é absolutamente crucial entendermos a natureza dos Cinco.

1. Há dez mil anos, cinco crianças comandaram os últimos sobreviventes da humanidade contra os Antigos. A batalha aconteceu na Grã-Bretanha, mas numa época em que o país ainda nem era uma ilha, antes que os mantos de gelo se derretessem no norte.

2. Através de esperteza, de um truque, as crianças venceram e os Antigos foram banidos. Foram construídos dois portões para mantê-los fora: um em Yorkshire, no norte da Inglaterra, e o outro no Peru. Um dos portões aguentou. Conseguimos arrebentar o outro.

3. Os Cinco existiam naquela época. Os Cinco estão aqui agora. É como se tivessem renascido do outro lado do tempo... mas não é tão simples assim. Eles são as *mesmas* crianças, que de algum modo vivem em duas eras diferentes.

4. Se matarmos uma das crianças agora ela será "substituída" por uma das crianças do passado. Esse é o fato único e crucial que as torna tão perigosas como inimigas. Matá-las é praticamente inútil. Se quisermos controlá-las, elas precisam ser capturadas vivas.

5. Sozinhas, essas crianças são fracas e podem *ser* derrotadas. Seus poderes são imprevisíveis e não estão totalmente sob controle. Mas quando se juntam elas ficam mais fortes. Esse é o grande perigo para nós. Se todas as cinco puderem unir forças em qualquer momento, em qualquer lugar do mundo, elas podem ser capazes de criar um terceiro portão, e tudo por que trabalhamos será perdido.

O quinto dos Cinco

Até agora, apenas quatro crianças foram identificadas. O garoto inglês e o peruano estão reunidos neste momento com dois gêmeos americanos, Scott e Jamie Tyler, que nos foram revelados por nosso

projeto Psi. Na época eles estavam trabalhando num teatro em Nevada.

> *Observem que Scott Tyler foi completamente programado enquanto permaneceu cativo de nossos agentes em Nevada, EUA. Mesmo que depois disso tenha sido reunido ao irmão gêmeo, ainda é possível que ele se volte contra os amigos. Um relatório psicológico (apêndice 1) foi anexado.*

Sabemos muito pouco sobre o quinto membro dos Cinco. É uma garota. Como os outros, deve ter quinze anos. Achamos que é de origem chinesa, provavelmente ainda mora no oriente. No mundo antigo, seu nome era Scar. É certo que os outros quatro devem estar procurando-a e teremos de enfrentar o fato de que eles podem ter sucesso.

Portanto, precisamos encontrá-la antes.

Temos agentes em todos os países, procurando-a. Muitos políticos e forças policiais trabalham ativamente para nós. O projeto Psi continua em toda a Europa e a Ásia e ainda investigamos adolescentes com possíveis capacidades psíquicas ou paranormais. Há muitas chances de que a garota se revele a nós. É provável que ela ainda não tenha ideia de quem e do quê realmente é.

Assim que tivermos a garota em nossas mãos, podemos usá-la para atrair o resto para uma armadilha. Um de cada vez, iremos trazê-los à Necropolis. E assim que tivermos os cinco, podemos mantê-los separados, prendê-los, torturá-los e conservá-los vivos até o fim dos tempos.

Agora tudo está arrumado. Os Guardiões não fazem ideia de como somos fortes, do quanto avançamos. Nossos olhos estão em toda parte, por todo o mundo, e muito em breve esta batalha terá início.

Só precisamos encontrar a garota.

Ta sakkath. Tak sakkakh. Ta sha xul.

Atenção na rua

A garota não olhou antes de atravessar.

Foi o que o motorista disse depois. Ela não olhou para a esquerda nem para a direita. Tinha visto um amigo na calçada oposta e simplesmente foi se juntar a ele, sem notar que o sinal de trânsito havia ficado verde, esquecendo-se de que esse era um cruzamento sempre movimentado e que eram quatro da tarde, quando as pessoas tentavam terminar o trabalho e correr para casa. A garota simplesmente foi andando sem pensar. Nem viu de relance o furgão branco que vinha em sua direção a oitenta quilômetros por hora.

Mas isso era típico de Scarlett Adams. Sempre havia sido meio sonhadora, o tipo de pessoa que age primeiro e só pensa no que fez quando é tarde demais. A bola de hóquei que havia tentado jogar por cima do telhado da escola, mas que em vez disso atravessou direto a janela da sala da diretora. O zelador que ela empurrou, totalmente vestido, na piscina. Poderia ter sido uma boa ideia verificar primeiro se ele sabia nadar. A árvore de vinte metros em que subiu, para depois perceber que não sabia como descer.

Felizmente sua escola fazia concessões. Para isso ajudava o fato de que Scarlett era muito popular, a maioria dos professores gostava dela; e, mesmo não sendo a melhor aluna, conseguia nunca ficar entre as piores. Nos esportes é que se saía especialmente bem. Era capitã do time de hóquei (apesar de falhas ocasionais nas tacadas),

boa jogadora de tênis e campeã geral de atletismo no verão. Nenhuma escola causaria muitos problemas para alguém que traz troféus para casa, e Scarlett era responsável por um punhado deles.

A escola se chamava St. Genevieve, e de fora se parecia com uma mansão ou talvez um hospital particular para pessoas muito ricas. Ficava num terreno amplo, afastada da rua, com hera crescendo nas paredes, janelas com caixilhos e uma torre de sino empoleirada em cima do telhado. Todos concordavam que o uniforme era o mais hediondo da Inglaterra: vestido cor de malva, blusa de malha amarela e, nos meses de verão, um chapéu de palha. Todo mundo odiava os chapéus de palha. Na verdade, era uma tradição que todas as garotas jogassem aquela porcaria no fogo no último dia de aula.

A St. Genevieve era uma escola particular, uma das muitas que se agrupavam no centro de Dulwich, no sul de Londres. Era uma parte estranha do mundo, e todas as pessoas que moravam ali sabiam disso. A oeste ficava Streatham e a leste Sydenham, duas áreas com edifícios de apartamentos, drogas e crimes com faca. Mas em Dulwich tudo era verde. Havia casas de chá antiquadas e cestos de flores pendurados nos postes de iluminação. A maioria dos carros parecia ser 4X4 e todas as mães que os dirigiam conheciam umas às outras pelos primeiros nomes. A Faculdade Dulwich, a Escola Preparatória Dulwich, a Alleyn's, a St. Genevieve... todas ficavam pertinho umas das outras praticamente à distância de uma pedrada, mas, claro, ninguém jogava pedras nos outros. Não nessa parte da cidade.

Pela aparência, era óbvio que Scarlett não havia nascido na Inglaterra. Seus pais poderiam ser os típicos Sr. e Sra. Moradores de Dulwich — a mãe era alta, loura e elegante, o pai aparentava ser o advogado que sempre havia sido, com cabelos grisalhos, rosto redondo e óculos — mas ela não se parecia nem um pouco com eles. Scarlett tinha cabelos compridos e pretos, estranhos olhos verdes acastanhados e a pele de um moreno suave de uma garota nascida

na China, em Hong Kong ou outra parte da Ásia Central. Era magra e pequena, com um sorriso ofuscante que a havia tirado de encrenca em muitas ocasiões. Não era filha de verdade deles. Todo mundo sabia disso. Ela mesma sabia desde muito pequena.

Tinha sido adotada. Paul e Vanessa Adams não podiam ter filhos e a haviam encontrado num orfanato em Jacarta. Ninguém sabia como ela fora parar ali. A identidade de sua mãe biológica era um mistério. Scarlett tentava não pensar no passado, em de onde tinha vindo, mas frequentemente imaginava o que teria acontecido se o casal que viera de Londres tivesse escolhido o bebê do berço sete, e não o do berço oito. Será que estaria plantando arroz em algum lugar da Indonésia ou costurando tênis Nike em alguma oficina da cidade? Isso bastava para fazê-la estremecer... o simples pensamento.

Em vez disso, morava com os pais numa rua calma, pertinho da estação North Dulwich, que, por sua vez, ficava a quinze minutos da escola, a pé. Seu pai, Paul Adams, era especializado em direito comercial internacional. A mãe, Vanessa, comandava uma empresa de turismo que organizava viagens para a China e para o Extremo Oriente. Os dois eram tão ocupados que quase nunca tinham tempo para Scarlett — ou mesmo um para o outro. Desde quando Scarlett tinha cinco anos, eles haviam contratado uma governanta em tempo integral para cuidar de todos. Christina Murdoch era baixa, de cabelos escuros, e parecia não ter absolutamente nenhum senso de humor. Tinha vindo de Glasgow para Londres e seu pai era pastor anglicano. Afora isso, Scarlett sabia pouco sobre ela. As duas se davam razoavelmente bem, mas ambas haviam concordado, sem explicitar, que nunca seriam amigas.

Uma das coisas boas de morar em Dulwich era que Scarlett tinha um monte de amigos e todos moravam perto. Na mesma rua havia duas garotas de sua turma, e também um garoto, Aidan Ravitch, que morava a cinco minutos dali. Foi Aidan que fez com que ela atravessasse a rua.

Fazia dois anos que Aidan estudava na The Hall, outra escola particular da área, e tinha vindo de Los Angeles para Londres. Era alto para a idade e bonito de um modo relaxado e desajeitado, com cabelos revoltos e feições ligeiramente amarrotadas. Não havia uniforme em sua escola e ele usava o mesmo agasalho com capuz, jeans e tênis o dia inteiro. Aidan não entendia os ingleses. Dizia que ficava completamente perplexo com coisas como o futebol jogado com os pés, o chá e o seriado *Doctor Who*. Os policiais ingleses, em particular, deixavam-no bestificado. "Por que eles têm de usar aqueles chapéus idiotas?" Era o melhor amigo de Scarlett, se bem que os dois sabiam que o pai de Aidan trabalhava para um banco americano e poderia ser transferido de volta a qualquer momento. Enquanto isso, os dois passavam juntos o máximo de tempo possível.

O acidente aconteceu numa tarde quente de verão. Na época, Scarlett estava com 13 anos.

Eram pouco mais de quatro horas e Scarlett ia da escola para casa. O simples fato de ter permissão de ir sozinha para casa significava muito para ela. Somente no último aniversário os pais haviam finalmente cedido... até então insistiam em que a Sra. Murdoch a pegasse no portão da escola todo dia, mesmo havendo meninas menores que tinham permissão de enfrentar os perigos da rua High em Dulwich sem escolta armada. Ela nunca tivera certeza do motivo para a preocupação. Não existia chance de se perder. Seu caminho passava por uma loja de flores, uma mercearia de produtos orgânicos e um bar — chamado A Coroa e o Greyhound — onde ela podia ver alguns velhos sentados ao sol tomando cerveja com limonada. Não havia traficantes de drogas, nem ladrões de crianças ou assassinos loucos na área ao redor. E, de qualquer modo, ela dificilmente estaria sozinha. Desde as três e meia as ruas se apinhavam com meninos e meninas indo em todas as direções, a caminho de casa.

Havia chegado ao sinal de trânsito na outra ponta do bairro — onde cinco ruas se encontravam, com lojas de um dos lados, uma escola primária do outro — quando viu Aidan. Ele estava sozinho, ouvindo música. Dava para ver os familiares fios brancos descendo dos ouvidos. Aidan a viu, sorriu e chamou seu nome. Sem pensar, ela começou a andar na direção dele.

O furgão era dirigido por um entregador de 25 anos chamado Michael Logue. Mais tarde ele teria de dar todas as informações pessoais à polícia. Ia entregar peças para uma fábrica de máquinas de costura em Bickley e, graças ao tráfego de Londres, estava atrasado. Quase com certeza, vinha acelerando quando se aproximou do cruzamento. Mas, por outro lado, o sinal estava definitivamente verde.

Scarlett estava no meio do cruzamento quando o viu e, nesse ponto, já era tarde demais. Viu os olhos de Aidan se arregalarem em choque e isso a fez virar a cabeça, querendo saber o que ele tinha visto. Congelou. O furgão estava quase em cima dela. Podia ver o motorista, olhando-a de trás do volante, o rosto cheio de horror, sabendo o que ia acontecer, incapaz de fazer qualquer coisa. O furgão parecia ficar cada vez maior à medida que chegava mais perto. Enquanto ela olhava, o veículo encheu completamente sua visão.

E então tudo aconteceu ao mesmo tempo.

Aidan gritou. O motorista girou o volante freneticamente. O furgão se inclinou. E Scarlett sentiu-se sendo jogada para fora do caminho como se alguma coisa — ou alguém — se chocasse contra suas costas com uma força incrível. Quis gritar, mas a respiração se prendeu na garganta e os joelhos se dobraram embaixo do corpo. Em algum lugar de sua mente ela estava consciente de que um passante havia saltado da calçada e estava tentando salvá-la. O braço dele estava em volta da sua cintura, o ombro e a cabeça apertados contra suas costas. Mas como ele havia conseguido chegar tão rápido?

Mesmo que tivesse visto o furgão chegando e corrido em sua direção imediatamente, certamente não a teria alcançado a tempo. Ele parecia saber o que estava acontecendo praticamente antes de acontecer.

O furgão passou a toda velocidade, deixando de acertá-la por centímetros. Ela sentiu a brisa quente lhe dar um tapa no rosto e o cheiro da fumaça de gasolina. Dois livros estavam na sua mão: um dicionário de francês e um volume de exercícios de matemática... uma hora e meia de dever de casa para a tarde. Enquanto era empurrada para a frente, sua mão e seu braço se sacudiram, fora de controle, e os livros foram lançados no ar, caindo na rua e deslizando pelo asfalto como se ela os tivesse jogado longe de propósito. Scarlett os acompanhou. Ainda segura pelo homem, despencou totalmente. Houve um momento de dor aguda enquanto batia no chão e toda a pele de um dos joelhos era arrancada. Atrás houve o guincho de pneus, o berro de uma buzina e depois o som maligno de metal batendo em metal. Um alarme de carro disparou. Scarlett estava deitada imóvel.

Durante o que pareceu um minuto inteiro, ninguém fez nada. Era como se alguém tivesse tirado uma foto e emoldurado com uma placa que dizia ACIDENTE EM DULWICH. Então Scarlett se sentou e girou. O homem que a havia salvado estava estendido na rua e ela só percebeu que ele era chinês, com vinte e poucos anos, cabelo preto, e que usava jeans e uma jaqueta larga. Olhou para além dele. O furgão branco havia rodeado uma ilha de tráfego, subido na calçada e batido num carro estacionado diante da escola primária. Era o alarme desse carro que havia disparado. O motorista do furgão estava encurvado sobre o volante, a cabeça coberta com cacos de vidro.

Ela se virou de volta. Uma multidão já havia se formado — talvez estivesse ali desde o início — e as pessoas corriam para ela, passando por Aidan, que parecia enraizado no lugar. Ele estava balançando a

cabeça como se negasse ter alguma culpa. Havia uns vinte ou trinta estudantes, alguns já tirando fotos com os celulares. Um policial tinha aparecido tão depressa que era como se tivesse saltado de um alçapão na calçada. Foi o primeiro a chegar perto de Scarlett.

— Você está bem? Não tente se mexer...

Scarlett o ignorou. Estendeu uma das mãos para se apoiar e se levantou. O joelho estava pegando fogo e o ombro parecia ter sido espancado com um porrete de ferro, mas ela estava quase certa de que não havia se machucado seriamente.

Olhou para Aidan, depois para o furgão branco. Algumas pessoas já estavam ajudando o motorista a sair, deitando-o na calçada. Saía vapor do capô amassado. Perto dela, o policial estava falando com urgência ao microfone preso no ombro, fazendo aquele negócio tipo Delta Bravo Oscar Charlie, pedindo ajuda.

Por fim Aidan conseguiu chegar até ela.

— Scarl...? — Era como ele a chamava. — Você está legal?

Ela confirmou com a cabeça, subitamente lacrimosa sem saber por quê. Talvez fosse apenas o choque, o conhecimento do que poderia ter acontecido. Enxugou o rosto com as costas da mão, notando que as unhas estavam sujas e os joelhos ralados. O vestido rasgado. Percebeu que devia estar parecendo um horror.

— Você quase foi morta...! — Por que Aidan estava dizendo isso? Ela meio que tinha deduzido sozinha.

Mesmo assim, as palavras dele a fizeram se lembrar do homem que a havia salvado. Olhou para baixo e ficou surpresa ao ver que ele não estava mais ali, que simplesmente havia desaparecido no ar. Depois o viu, já do outro lado da rua — o lado para onde ela ia antes — passando rapidamente pelas lojas. Chegou a um salão de cabeleireiro na esquina, de onde uma mulher com cabelo louro demais para ser verdadeiro tinha acabado de sair. Passou por ela e sumiu.

Por quê? Ele nem havia permanecido por tempo suficiente para ela agradecer.

Depois disso, as coisas se desenrolaram mais devagar. Uma ambulância chegou. Scarlett não precisava de cuidados especiais, mas o motorista do furgão teve de ser posto numa maca e carregado. Scarlett foi examinada, porém não havia nada quebrado e, no fim, deixaram que ela fosse para casa. Aidan foi junto. Uma policial acompanhou os dois. Scarlett se perguntou como a Sra. Murdoch reagiria a isso. De algum modo soube que não significaria uma gargalhada e um tapinha nas costas na hora de dormir.

De fato, o acidente teve várias consequências.

Paul e Vanessa Adams ficaram sabendo do acontecido ao voltarem para casa naquela noite, e assim que superaram o choque, o conhecimento de como haviam chegado perto de perder a filha única, começaram a discutir para ver de quem era a culpa: deles, por dar tanta liberdade a Scarlett, de Aidan por distraí-la, ou de Scarlett por demonstrar tão pouca atenção na rua, mesmo aos 13 anos. No fim, decidiram que no futuro a Sra. Murdoch assumiria o velho posto junto ao portão da escola. Iriam se passar mais nove meses antes que Scarlett pudesse voltar para casa sozinha.

A identidade do homem que a havia salvado continuou sendo um mistério. De onde ele viera? Como tinha visto o que iria acontecer? Por que teve tanta pressa em ir embora? A Sra. Murdoch decidiu que ele devia ser um imigrante ilegal, que tinha dado o fora ao ver o policial chegando. De sua parte, Scarlett simplesmente lamentou porque não pôde agradecer. E, se ele estava em algum tipo de encrenca, ela gostaria de ajudá-lo.

Essa foi a noite em que teve o primeiro sonho.

Scarlett nunca fora de ter sonhos vividos. Normalmente chegava em casa, comia, fazia o dever, passava quarenta minutos com o Playstation 3 e depois mergulhava num sono profundo, vazio, que terminaria depressa demais com a Sra. Murdoch sacudindo-a para o

início de outro dia de aula. Mas esse sonho foi mais do que vivido. Tão realista, tão detalhado, que era quase como estar dentro de um filme. E havia outra coisa estranha. Pelo que dava para ver, não tinha nenhuma ligação com sua vida nem com qualquer coisa que tivesse acontecido durante o dia.

Sonhou que estava num mundo iluminado em cinza, que poderia ser outro planeta... a lua, talvez. A distância via um vasto oceano se estendendo até o horizonte e mais além — mas não havia ondas. A superfície da água parecia uma folha de metal sem emendas. Tudo estava morto. Ela estava cercada por dunas de areia — pelo menos foi o que pensou, mas na verdade eram feitas de poeira. De algum modo tinham sido sopradas ali e — como a poeira da lua — ficariam do mesmo jeito para sempre. Foi andando. Mas não deixou pegadas.

Havia quatro garotos parados juntos, a pouca distância.

Os garotos estavam procurando-a. Se ouvisse com atenção, podia escutá-los chamando seu nome. Tentou gritar de volta, mas mesmo não existindo vento, nem mesmo uma brisa, algo roubava as palavras.

Os garotos não eram reais. Não podiam ser... Scarlett nunca os tinha visto antes. E, de algum modo, tinha certeza de que sabia o nome deles.

Scott. Jamie. Pedro. E Matt.

Ela os conhecia de algum lugar. Eles haviam se encontrado antes.

Essa foi a primeira vez, mas nos dois anos seguintes teve o mesmo sonho repetidamente. E aos poucos ele começou a mudar. Parecia que, a cada vez que via os garotos, eles ficavam um pouco mais distantes, até que por fim teve de se acostumar ao fato de que estava completamente sozinha. A cada vez que ia dormir, pegava-se esperando vê-los. Mais do que isso. Precisava encontrá-los.

Jamais falou sobre os sonhos, nem mesmo com Aidan. Mas em algum lugar, no fundo da mente, sabia que encontrar os quatro garotos havia se tornado a coisa mais importante de sua vida.

A porta

Dois anos depois, Scarlett estava com 15 anos — e tinha ficado órfã novamente.

Paul e Vanessa não tinham morrido, mas o casamento sim, um centímetro de cada vez. De certa forma, era incrível terem ficado juntos por tanto tempo. O pai de Scarlett havia acabado de arranjar um novo emprego, numa corporação multinacional sediada em Hong Kong. Enquanto isso, a mãe passava cada vez mais tempo em sua empresa, cuidando de clientes que pareciam exigir sua atenção 24 horas por dia. Eles se viam cada vez menos, e de repente notaram que preferiam a coisa assim. Não discutiram nem gritaram um com o outro. Simplesmente decidiram que seriam mais felizes separados.

Contaram a novidade a Scarlett no fim das férias de verão, e ela não soube direito o que sentir. Mas a verdade era que, em curto prazo, isso faria pouca diferença em sua vida. Na maior parte do tempo ficava sozinha com a Sra. Murdoch e, apesar de sempre gostar de ver os pais, tinha se acostumado ao fato de que eles raramente — praticamente nunca — estavam presentes. Os três tiveram uma última reunião na cozinha, os dois adultos sentados com rostos sérios e taças de vinho.

— Sua mãe vai montar uma empresa em Melbourne, Austrália — disse Paul. — Ela tem de ir aonde o mercado está, e Melbourne é uma oportunidade maravilhosa. — Ele olhou para Vanessa, e nesse momento Scarlett soube que isso não era toda a verdade. Talvez os australianos estivessem desesperados por férias exóticas. Mas o fato

era que ela havia escolhido um lugar o mais distante possível. Talvez tivesse conhecido outra pessoa. Qualquer que fosse o motivo, queria começar uma vida nova. — Quanto a mim, a Crepúsculo pediu que eu me transferisse para
o escritório de Hong Kong...

A Corporação Crepúsculo. Era a empresa onde seu pai trabalhava.

— Sei que é muito difícil, Scarly — continuou ele. — Duas mudanças enormes. Mas nós dois queremos cuidar de você. Você pode ficar com qualquer um dos dois.

Na verdade, não foi difícil para Scarlett. Ela já havia pensado e se decidido.

— Por que não posso ficar aqui?

— Sozinha?

— A Sra. Murdoch vai cuidar de mim. Vocês não vão vender a casa, não é? Este é o meu lar! De qualquer modo, não quero sair da St. Genevieve. E todos os meus amigos estão aqui...

Os pais protestaram, claro. Queriam que Scarlett fosse com eles. Como ela poderia se virar sem eles? Mas todos sabiam que, na verdade, aquela era a melhor solução, a mais fácil. A Sra. Murdoch estava com a família havia dez anos e provavelmente conhecia Scarlett melhor do que ninguém. De certa forma, os pais não poderiam ficar mais felizes se eles próprios tivessem sugerido isso. Talvez não fosse convencional, mas obviamente era o melhor.

E assim todos concordaram. Algumas semanas depois, Vanessa partiu, abraçando Scarlett e prometendo que as duas iriam se ver em breve. E no entanto, de algum modo, Scarlett se perguntou qual seria a probabilidade de isso acontecer. Sempre havia tentado ser íntima de Vanessa, ao mesmo tempo que reconhecia que as duas não tinham nada em comum. Não eram mãe e filha de verdade, e assim — para Scarlett — isso não era um divórcio real.

Paul Adams partiu para Hong Kong pouco depois, e de repente Scarlett se pegou numa nova fase da vida, praticamente sozinha. Mas, como esperava, não foi tão diferente do que sempre havia sido. A Sra. Murdoch continuava ali, cozinhando, fazendo a limpeza e se certificando de que ela estivesse pronta para a escola. Seu pai telefonava regularmente para saber como ela ia. Vanessa mandava longos e-mails. Seus professores — que tinham sido alertados sobre o acontecido — ficavam de olho nela. Scarlett se surpreendeu com a rapidez com que se acostumou à situação.

Estava feliz. Tinha amigos suficientes e Aidan continuava por perto. Os dois se viam mais do que nunca, faziam compras juntos, ouviam música, levavam o cachorro de Aidan, um *retriever* preto — ao parque de Dulwich. Scarlett tinha permissão de ir para casa sozinha de novo. De fato, como num reconhecimento do seu novo status, ela se viu tendo muito mais liberdade. Nos fins de semana ia ao cinema na cidade. Passava a noite com outras colegas de turma. Ganhou um papel importante na peça de Natal, o que significava ensaios até o fim da tarde e horas da noite aprendendo as falas. Tudo isso ajudava a preencher o tempo e fazê-la pensar que sua vida não era tão incomum, afinal de contas.

Tudo mudou num dia de novembro. Foi quando a Srta. Chaplin anunciou seu grande projeto Blitz: uma visita ao East End de Londres.

Joan Chaplin era professora de arte na St. Genevieve, famosa por ser mais jovem, mais amigável e mais complacente do que todos os dinossauros do corpo docente. Vivia encontrando novos modos de interessar as meninas, organizando passeios a exposições e eventos por toda Londres. Uma turma tinha ido ver a rachadura gigante construída no piso da galeria Tate Modem. Outra foi ver um tubarão suspenso num tanque, uma instalação do artista Damien Hirst. Semanas depois ainda discutiam se aquilo era arte de verdade ou só um peixe morto.

Como parte do programa de história para a prova final, muitas garotas estavam estudando a Blitz, o bombardeio de Londres pelos alemães durante a Segunda Guerra Mundial. A Srta. Chaplin havia decidido que elas deveriam ter um interesse artístico, além de histórico, pelo que acontecera.

— Quero que vocês capturem o espírito da Blitz — explicou. — De que adianta estudar se não sentirem também? — Ela parou como se esperasse que alguém argumentasse, depois foi em frente: — Vocês podem usar fotografia, pintura, colagem ou até modelagem em argila, se quiserem. Mas quero que me deem uma ideia de como seria morar em Londres durante o inverno de 1940.

Houve murmúrios de concordância na sala. Andar em Londres certamente era muito mais divertido do que ler sobre isso nos livros. Scarlett ficou particularmente feliz. História e arte haviam se tornado duas de suas matérias prediletas e ela viu uma oportunidade de fazer as duas coisas ao mesmo tempo.

— Na próxima segunda-feira vamos a Shoreditch — continuou a Srta. Chaplin. — É uma área de Londres que foi tremendamente bombardeada. Vamos visitar muitas ruas, tentando imaginar como era, e vamos olhar alguns prédios que sobreviveram.

Ela olhou para fora. A sala de arte ficava no térreo, nos fundos da escola, com vista para o jardim que descia por uma encosta suave com canteiros de flores até lá embaixo, e três quadras de tênis mais além. Era sexta-feira e estava chovendo. A chuva caía forte e a grama estava encharcada. Vinha sendo assim durante três dias.

— Claro — prosseguiu ela. — O passeio será impossível se o tempo não melhorar; e preciso alertar vocês de que a previsão não tem sido muito promissora. Mas talvez tenhamos sorte. De qualquer modo, lembrem-se de trazer uma permissão dos pais. — Então ela teve uma ideia súbita e sorriu. — O que acha, Scarlett?

Aquilo havia se tornado uma espécie de piada na St. Genevieve.

Scarlett Adams sempre parecera saber como ficaria o tempo. Ninguém conseguia se lembrar de quando isso havia começado, mas todo mundo concordava — dava para ver como seria o tempo simplesmente pelo modo como Scarlett se vestia. Se ela esquecesse o cachecol, faria calor. Se trouxesse um guarda-chuva, iria chover. Depois de um tempo as pessoas começaram a perguntar sua opinião. Se houvesse um jogo de tênis importante ou um piquenique planejado para acontecer junto ao rio, era só falar com Scarlett. Se houvesse alguma chance de uma corrida rústica ser cancelada, ela saberia.

Claro, ela nem sempre acertava. Mas parecia ser confiável em cerca de noventa por cento das vezes.

Agora ela olhou pela janela. Estava horrível lá fora. As nuvens, cinzentas e ininterruptas, cobriam o céu. Dava para ver gotas de chuva perseguindo umas às outras no vidro.

— O tempo vai ficar bom — disse ela. — Vai limpar depois do fim de semana.

A Sra. Chaplin assentiu.

— Espero que você esteja certa.

Estava. Choveu durante o domingo inteiro e continuou chuviscando à noite. Mas na segunda de manhã, quando Scarlett acordou, o céu tinha ficado azul. Até a Sra. Murdoch estava assobiando enquanto arrumava o lanche pedido pela escola. Era como se um último jorro de verão tivesse decidido aparecer de surpresa.

O ônibus chegou à escola ao meio-dia. A aula — que combinava arte e história — aconteceria em dois períodos, além do horário do almoço, e, dependendo do trânsito, as meninas só voltariam no fim do horário de aulas. Enquanto saíam da St. Genevieve, a Srta. Chaplin falou pelo microfone, explicando o que iriam fazer:

— Vamos parar para o almoço na catedral de St. Paul. O lugar fez parte do espírito da Blitz porque, apesar de todos os bombardeios,

não foi destruído. Depois o ônibus vai nos levar a Shoreditch e vamos andar pelo bairro. O chão ainda está bem molhado, por isso quero que a gente fique num local protegido, e o lugar que escolhi foi a igreja de St. Meredith, na rua Moore. É uma das mais antigas de Londres. Na verdade, ali já havia uma capela no século XIII.

— Por que vamos visitar uma igreja? — perguntou uma das meninas.

— Porque ela também teve um papel importante na guerra. Muitas pessoas do bairro costumavam se esconder lá durante os bombardeios. Na verdade, elas acreditavam que a igreja tinha o poder de protegê-las... que estariam seguras lá dentro.

Ela fez uma pausa. O ônibus havia chegado ao rio Tâmisa, atravessando a ponte de Blackfriars. Scarlett olhou pela janela. A água corria muito depressa, depois da chuva. A distância podia ver parte da roda-gigante chamada de London Eye, com a estrutura prateada reluzindo ao sol. A visão deixou-a triste. Havia andado na roda com os pais, no fim do verão. Foi uma das últimas coisas que os três fizeram enquanto ainda eram uma família.

— ... na verdade, foi acertada por uma bomba em 2 de outubro de 1940. — A Srta. Chaplin ainda estava falando sobre a igreja de St. Meredith. Scarlett havia deixado os pensamentos se desviarem e tinha perdido metade do que a professora disse. — Não foi destruída, mas foi muito danificada. Tragam os blocos de desenho e poderemos trabalhar lá. Temos permissão, e vocês podem ir aonde quiserem. Vejam se conseguem sentir a atmosfera. Imaginem como seria estar lá com as bombas explodindo à volta.

A Sra. Chaplin desligou o microfone e se sentou de novo, perto do motorista.

Scarlett estava algumas fileiras atrás dela, perto de uma garota chamada Amanda, uma de suas melhores amigas, que morava na mesma rua que ela. Notou que Amanda estava franzindo a testa.

— O que foi? — perguntou.

— A igreja de St. Meredith — respondeu Amanda.

— O que é que tem?

Amanda levou alguns instantes para lembrar.

— Houve um assassinato lá. Há uns seis meses.

— Fala sério!

— Estou falando.

Se tivesse sido qualquer outra pessoa, Scarlett não acreditaria. Mas sabia que Amanda tinha um interesse especial por assassinatos. Ela adorava ler Agatha Christie e vivia assistindo a seriados policiais na TV.

— E quem foi assassinado?

— Não lembro. Um cara. Um livreiro, acho. Levou uma facada.

Scarlett não soube direito se isso parecia provável, e quando o ônibus parou diante da catedral de St. Paul, foi até a Srta. Chaplin. Para sua surpresa, a professora nem hesitou.

— Ah, sim — disse ela, toda animada. — Houve um incidente neste verão. Um homem foi atacado por um vagabundo. Não sei se a polícia pegou alguém, mas isso aconteceu há um bom tempo. Você não está preocupada, está, Scarlett?

— Não. Claro que não.

Mas não era exatamente verdade. Isso a preocupava, mesmo que ela não soubesse a razão. Uma sensação ruim, que só piorava à medida que eles se aproximavam da igreja.

A professora de arte havia escolhido essa parte de Londres por um motivo. O lugar era uma colcha de retalhos formada por coisas velhas e novas, com grandes espaços abertos onde prédios inteiros, e talvez até mesmo ruas, tinham sido destruídos pelos alemães. A maioria das lojas era pobre e deprimente, com letreiros de plástico e vitrines sujas cheias de produtos de que as pessoas poderiam precisar, mas que certamente não queriam: aspiradores de pó, comida para cachorro, uma centena de itens por menos de uma libra. Havia um feioso edifício-garagem se erguendo acima dos prédios,

mas era difícil imaginar alguém parando ali. O trânsito rugia em quatro faixas, ansioso para ir embora.

Mas mesmo assim havia algumas pistas do que a área podia ter sido antigamente. Um beco calçado de pedras, um lampião a gás, uma cabine telefônica vermelha, uma casa com colunas e corrimões de ferro. A Londres de setenta anos atrás. Era o que a Srta. Chaplin as havia trazido para descobrir.

Entraram na rua Moore. Era sem saída, estreita e cheia de poças e buracos. Havia um bar num dos lados, diante de uma lavanderia fechada. A igreja de St. Meredith ficava no final. Era uma igreja sólida, de tijolos vermelhos, que parecia grande demais para ter sido construída nessa parte da cidade. Os danos causados pela guerra ficaram imediatamente óbvios. O campanário fora acrescentado recentemente. Nem era da mesma cor do resto da construção e não combinava com as enormes portas de carvalho ou as janelas com pesadas molduras de pedra.

Scarlett ficou mais inquieta ainda quando entraram. Deu um pulo quando a porta se fechou com um estrondo atrás dela, cortando o som do tráfego de Londres, boa parte da luz — e de fato qualquer sensação de que estivessem numa cidade moderna. O interior da igreja se estendia até a distância, na direção da cruz de prata acima do altar, iluminada por um único facho de luz empoeirada. Afora isso, os vitrais mantinham o sol lá fora, com as diversas cores se misturando num borrão. Centenas de velas tremeluziam inúteis em suportes de ferro. Ela podia ver pequenas capelas laterais, recuadas nas paredes. Mesmo sem se lembrar do assassinato que havia acontecido ali, a igreja de St. Meredith não lhe pareceu um lugar particularmente santo Era simplesmente sinistro.

No entanto, mais ninguém parecia compartilhar seus sentimentos. As outras garotas haviam pegado os blocos de rascunho e estavam sentadas nos bancos, batendo papo e desenhando o que tinham visto lá fora. A Srta. Chaplin estava

examinando o púlpito — a escultura de uma águia.
Presumivelmente a maioria dos londrinos optava por não rezar às duas da tarde. O lugar era todo delas.

Scarlett procurou Amanda, mas a amiga estava conversando com outra garota, do outro lado do transepto, por isso sentou-se sozinha e abriu o bloco de desenho. Precisava tirar o assassinato da mente. Em vez disso, pensou nos homens e mulheres que haviam se abrigado ali durante a Blitz. Teriam mesmo acreditado que a igreja de St. Meredith tinha alguma espécie de poder mágico para evitar ser bombardeada, que eles estariam mais seguros ali do que num porão ou na estação do metrô? Pensou nelas sentadas ali, com os dedos cruzados enquanto a Luftwaffe rugia no alto. Talvez fosse isso que iria desenhar.

Estremeceu. Estava usando casaco, mas fazia muito frio dentro da igreja. Na verdade, estava mais frio dentro do que fora. Um movimento atraiu seu olhar. Uma fileira de velas havia tremeluzido, todas as chamas se dobrando juntas, apanhadas numa brisa súbita. Será que alguém havia entrado? Não. A porta continuava fechada. Ninguém poderia ter aberto ou fechado sem ser ouvido.

Um garoto passou. A princípio, Scarlett mal o percebeu. Ele estava nas sombras da igreja, entre as colunas e as capelas laterais, indo na direção do altar. Não fazia absolutamente nenhum som. Até os pés no mármore eram silenciosos. Parecia estar flutuando. Ela se virou para acompanhá-lo com o olhar e, só por um segundo, o rosto dele foi iluminado por uma lâmpada pendurada num fio.

Ela o conhecia.

Por um momento, ficou confusa enquanto tentava pensar onde o tinha visto. E de repente lembrou. Era loucura. Não podia ser. Mas ao mesmo tempo não poderia haver dúvida.

Era o garoto de seus sonhos, um dos quatro que tinha visto andando juntos naquele deserto cinza. Até sabia o nome dele.

Era Matt.

Num sonho normal, Scarlett não via o rosto das pessoas — ou, se visse, esquecia deles ao acordar. Mas esse sonho havia se repetido num período de dois anos. Tinha aprendido a reconhecer Matt e os outros quase imediatamente depois de adormecer, e por isso o reconhecia agora. Baixo, cabelo escuro. Ombros largos. Pele clara e olhos de um azul intenso. Tinha mais ou menos a sua idade, mas havia nele algo que parecia mais velho. Talvez fosse apenas o modo como andava, o sentimento de objetividade. Ele caminhava como alguém que estivesse com problema.

O que ele estaria fazendo ali? Como havia entrado? Scarlett se virou para uma garota que estava sentada perto, desenhando uma grande explosão, pela aparência dos rabiscos no bloco.

— Você viu? — perguntou.

— Quem?

— O garoto que passou aqui agora mesmo. A outra garota olhou em volta.

— Que garoto?

Scarlett se virou de volta. O garoto havia desaparecido de vista. Por um momento, ficou perplexa. Teria imaginado? Mas então o viu de novo, a alguma distância. Ele havia parado diante de uma porta. Pareceu hesitar, depois virou a maçaneta e passou. A porta se fechou de novo.

Ela o seguiu. Tinha tomado a decisão sem ao menos pensar. Simplesmente pousou o bloco de desenho, se levantou e foi atrás. Só quando chegou à porta se perguntou o que estava fazendo, perseguindo alguém que não conhecia, alguém que talvez nem existisse. E se trombasse nele? O que iria dizer? "Oi, eu sou Scarlett e tenho sonhado com você. Tá a fim de um Big Mac?" Ele acharia que ela estava doida.

A porta pela qual ele havia passado ficava na parede externa, embaixo de um vitral tão escuro e sujo, que a imagem se perdia. Scarlett achou que a porta daria na rua, talvez no cemitério, se a

igreja tivesse um cemitério. Havia algo estranho nela. Era muito pequena, desproporcional em relação ao resto da igreja de St. Meredith. Havia um símbolo esculpido na madeira: uma estrela de cinco pontas.

Hesitou. As garotas não deveriam sair da igreja. Mas, afinal de contas, não iria exatamente longe. Se não houvesse sinal do garoto do outro lado, ela poderia simplesmente voltar. A porta tinha um aro de metal no lugar da maçaneta. \/irou-o e atravessou.

Para sua surpresa, não foi parar do lado de fora, na rua. Em vez disso, estava num corredor largo, muito iluminado. Havia tochas acesas, presas em suportes de ferro fixos nas paredes, o fogo saltando para o teto alto e abobadado. O corredor não tinha nenhum tipo de decoração e parecia velho e novo ao mesmo tempo, com o reboco se desfazendo e revelando os tijolos por baixo. Tinha de ser algum tipo de claustro — um lugar aonde os padres iam para ficar sozinhos. Mas o corredor não se parecia com o resto da igreja. Era de cor diferente. Tinha o tamanho e a forma errados.

Além disso, estava muito frio. A temperatura parecia ter caído drasticamente. Quando soltou o ar, Scarlett viu uma névoa branca diante do rosto. Era como se estivesse dentro de uma geladeira. Teve de se lembrar de que estava na primeira semana de novembro. A sensação era de meio do inverno. Esfregou os braços, lutando contra o frio cortante.

Havia um homem sentado numa cadeira à sua frente, virado para a porta. A princípio, ela não o havia notado porque ele estava na sombra, entre duas tochas. Vestia-se como um monge, com um hábito marrom comprido e sujo, que ia até os pés. Usava sandálias e um capuz na cabeça. Estava encurvado à frente com o rosto virado para o chão. Scarlett já havia decidido dar a volta e retornar para o lugar de onde tinha vindo, mas, antes que ela pudesse se mexer, ele ergueu a cabeça de repente. O capuz caiu para trás. Ela ofegou.

Era um dos homens mais feios que ela já vira. Completamente careca, a pele esticada num crânio absolutamente branco e morto. A cabeça tinha a forma errada — era estreita, com uma parte afundada de um dos lados, como um ovo golpeado por uma colher. Os olhos eram pretos e fundos e ele tinha dentes horríveis que se revelaram quando sorriu para ela, os lábios finos deslizando para trás como um ferimento de faca. O que ele estivera fazendo, sentado ali? Scarlett olhou à esquerda e à direita, mas os dois estavam sozinhos. O garoto chamado Matt — se é que havia sido ele — tinha sumido.

O homem falou. As palavras saíram como um grasnido da garganta e Scarlett não entendeu nenhuma. Ele podia estar falando russo ou polonês... o que quer que fosse, não era inglês. Ela recuou para a porta.

— Sinto muito — disse. — Entrei no lugar errado.

Virou-se e tentou pegar a maçaneta. Mas não conseguiu.

O monge havia se movido muito rapidamente. Scarlett sentiu as mãos dele agarrarem seus ombros e a puxarem para trás, para longe da porta. Ele era muito forte. Seus dedos se cravavam nela como pinças de aço.

— Me solta! — gritou ela.

O braço dele se esgueirou por cima de seu ombro e passou em volta da garganta. Ele a estava segurando com uma força incrível. Ela podia sentir o osso apertando a traqueia, bloqueando o ar. E ele estava gritando mais palavras que ela não conseguia entender, a voz aguda e animalesca. Outro monge apareceu no fim do corredor. Scarlett não o viu realmente. Só percebeu que ele corria na direção dos dois, com o hábito longo estalando.

Continuou a lutar. Estendeu as mãos, tentando gadanhar os olhos do monge. Chutou para trás com um dos pés, depois tentou dar uma cotovelada na barriga dele. Mas não conseguia alcançá-lo. E então o segundo monge se jogou contra ela.

A próxima coisa que soube foi que estava de costas, os braços esticados acima da cabeça. Tinha caído. Os dois a haviam agarrado e ela não podia fazer nada. Retorceu-se, o cabelo caindo sobre o rosto. Os monges apenas riam.

Scarlett sentiu os calcanhares batendo no piso de pedra fria enquanto os dois a arrastavam.

O Padre Gregory

A cela era minúscula — menos de dez metros quadrados — e dentro não havia absolutamente nada, nem mesmo uma cadeira ou um banco. As paredes eram de tijolos com alguns traços de tinta se soltando, sugerindo que em algum momento deviam ter sido decoradas. A porta era feita de três tábuas presas com tiras de metal. Havia uma janela com barras, tão alta que, mesmo para alguém maior do que Scarlett, não haveria qualquer chance de olhar para fora. De onde estava sentada, frouxa e arrasada no chão de pedra, só conseguia ver uma tira estreita de céu. Mas até isso bastava para lhe causar um arrepio na coluna.

Estava escuro. Não era exatamente noite, mas quase. Percebeu que em poucas horas a cela ficaria numa escuridão de breu, e eles não haviam deixado uma vela ou uma luz elétrica. Mas como isso era possível? Ela havia entrado na igreja de St. Meredith por volta das duas horas e o sol estivera brilhando. De repente era fim de tarde. O que havia acontecido com o tempo intermediário?

Scarlett estava tremendo — e não só por causa do choque pelo que havia passado. A cela era gelada. Não existia vidro na janela nem aquecimento. Os tijolos à mostra só tornavam isso pior. Felizmente estava usando o casaco de inverno quando saiu para o passeio da escola, e o apertou em volta do corpo, tentando se enterrar nas dobras. Nunca havia sentido tanto frio. Podia sentir os ossos dos braços e das pernas. Estavam tão duros e quebradiços que ela achou que poderiam se despedaçar a qualquer momento.

Em desespero, tentou deduzir o que havia acontecido. Sem qualquer motivo que ao menos pudesse começar a imaginar, um homem que ela não conhecia a havia agarrado e jogado numa cela. Será que podia ter entrado numa ala secreta da igreja de St. Meredith, um lugar onde ninguém deveria entrar? A tira de céu lhe dizia que não. Isso e o tempo gelado. Lembrou-se que o monge havia falado numa língua estranha.

Não estava mais em Londres.

Isso parecia louco, mas ela precisava aceitar. Talvez tivesse desmaiado no momento em que fora atacada. Talvez eles a tivessem drogado e ela estivera inconsciente sem ao menos saber. Tudo lhe dizia que isso não era a Inglaterra. De algum modo, tinha sido levada para longe.

Com um jorro de raiva, levantou-se e foi até a porta. Não iria simplesmente ficar ali sentada, esperando que eles voltassem. E se nunca voltassem? Ela poderia morrer naquele lugar. Mas viu rapidamente que não havia como passar pela porta — a não ser que ela fosse destrancada pelo outro lado. Era enorme e sólida, com um único buraco de fechadura feito para uma chave antiga. Tentou espiar através dele, mas não havia nada para ver. Empertigou-se, depois bateu com os punhos na madeira.

— Ei! Volta! Me deixa sair daqui!

Mas ninguém veio. Ela nem teve certeza de que sua voz pudesse ser ouvida do lado de fora da cela.

Restava apenas a janela. Será que poderia subir até lá, usando as bordas ásperas dos tijolos para se firmar? Tentou, mas as pontas dos dedos não conseguiam apoio suficiente, e de qualquer modo as barras eram apertadas demais para que ela passasse, mesmo supondo que pudesse pular do outro lado. Não. Estava numa caixa sólida sem alçapões, sem passagens secretas, sem saída mágica. Teria de ficar ali até que alguém viesse.

Deixou-se afundar de novo num canto, tentando preservar o pouco de calor corporal que restava, enrolando-se sobre si mesma como uma bola. O estranho era que deveria estar aterrorizada. Estava completamente impotente, era prisioneira. Este era um lugar maligno. Mas ainda não conseguia aceitar a realidade do que havia acontecido, e por causa disso era difícil ficar apavorada. Era como um pesadelo. Assim que tivesse deduzido como havia chegado ali, talvez pudesse começar a se preocupar com o que aconteceria em seguida.

Uma hora se passou, ou talvez duas. Por fim houve o barulho de uma chave na fechadura, a porta se abriu e dois monges entraram na cela. Scarlett não sabia se eram os que a haviam agarrado no corredor, já que todos se vestiam do mesmo modo. Os capuzes estavam na cabeça e eles eram magros como esqueletos. Mesmo colocando-os encostados numa parede, seria difícil identificá-los.

Um deles rosnou uma ordem naquela língua estranha e áspera que Scarlett tinha ouvido antes, e quando ele viu que ela não entendia, fez um gesto rude, indicando para ficar de pé. Scarlett obedeceu. Seu rosto não revelava nada, mas ela já estava pensando. Se eles a tirassem dali, talvez pudesse escapar. Dispararia de volta pelo corredor e encontraria a próxima saída. Qualquer que fosse o país em que estivesse, teria de haver um policial ou alguém por perto. Iria se fazer entender, de algum modo encontraria o caminho para casa.

Mas nesse momento os dois monges a estavam observando com muita atenção. Levaram-na para fora, um permanecendo ao seu lado e o outro logo atrás, tão perto que ela conseguia sentir seu cheiro. Fazia muito tempo que nenhum dos dois tomava banho. Quando chegaram ao corredor, Scarlett hesitou e sentiu uma mão empurrando-a com força. Virou à esquerda. Os três foram andando.

Onde estava? O lugar tinha o ar de um antigo palácio ou mosteiro, mas uma coisa era certa: fora abandonado havia muito

tempo. Tudo nele estava quebrado e negligenciado, desde as paredes soltando tinta até o piso de pedras, inclinado e irregular, com algum tipo de mofo crescendo nas rachaduras. Lâmpadas nuas pendiam em fios (de modo que ao menos havia eletricidade), mas eram opacas e tremeluzentes, praticamente incapazes de iluminar o caminho. O ar era úmido e havia um leve cheiro de esgoto.

Scarlett notou uma velha pintura numa moldura dourada. Mostrava uma cena da crucificação, mas as cores estavam desbotadas, a tela rasgada. Um armário antigo, com dois castiçais de ferro, ficava abaixo do quadro, com uma porta aberta e papéis espalhados no chão. Os três viraram uma esquina e, pela primeira vez, ela pôde ver o lado de fora. Uma série de arcos levava a um terraço com um jardim. Scarlett parou. Seus piores temores tinham se realizado. Agora sabia que, definitivamente, não estava na Inglaterra.

O jardim estava coberto de neve. Havia árvores sem folhas, os galhos pesados com a substância. O chão também estava coberto e, a distância, praticamente invisível na escuridão, dava para enxergar montanhas com os topos brancos. Não havia outras construções, nenhuma luz aparecendo em lugar nenhum. O mosteiro ficava em algum local ermo — mas como ela havia chegado ali? Teria sido nocauteada e posta num avião? Scarlett revirou a memória, mas não havia nada ali... nada para indicar uma viagem que tivesse saído da Inglaterra ou chegado a outro lugar. Então um dos monges a cutucou nas costas e ela foi obrigada a se mexer de novo.

Chegaram a um corredor iluminado por um lustre enorme. Não era elétrico, e sim cheio de fileiras de velas, pelo menos uma centena, com a cera pingando lentamente e se solidificando numa série de afloramentos que fizeram Scarlett se lembrar das formas que tinha visto numa caverna. Parte da cera havia caído aos pés de uma mesa redonda. Uma garrafa vazia estava tombada de lado, junto com pratos e copos sujos, pedaços de pão mofado. Houvera um jantar ali

— dias, talvez semanas antes. Não existiam ratos nem baratas. Fazia frio demais para isso.

O corredor tinha várias portas. Os dois monges a levaram para a mais próxima. Um deles a abriu. O outro empurrou Scarlett para dentro. Ele a havia machucado e ela girou e xingou-o. O monge apenas sorriu e recuou. O outro foi com ele. A porta se fechou.

Ela se virou de volta e examinou o ambiente novo. Este era o único cômodo um pouquinho confortável que tinha visto até agora. Era mobiliado com um tapete no chão, duas cadeiras com braços, estantes e uma mesa. E também era mais quente. Um fogo de carvão ardia numa grelha e, ainda que as chamas fossem baixas, dava para sentir o calor e o cheiro no ar. Havia mais quadros nas paredes, também com temas religiosos. E uma janela, mas tinha ficado escuro demais para enxergar lá fora.

Um homem estava sentado atrás da mesa. Também usava hábito, mas o dele era preto. Ainda não dissera nada, mas seus olhos estavam fixos em Scarlett e, com uma sensação de inquietude, ela foi até ele. Era o homem mais velho que tinha visto — pelo menos vinte anos a mais do que os outros, com a mesma careca e os olhos fundos. Havia tufos de cabelos brancos em volta das orelhas e ele tinha sobrancelhas grossas e brancas que pareciam coladas no lugar. O nariz era comprido e fino demais para o rosto. Os dedos, abertos na superfície da mesa, eram igualmente finos. Ele observava Scarlett intensamente, e, à medida que ela chegou mais perto, viu que havia um caroço, um terçol, num dos olhos. Toda a órbita estava vermelha e pingando. Era como se, como o resto do prédio, ele estivesse apodrecendo. Scarlett estremeceu e ficou enjoada.

O homem ainda não havia falado. Scarlett chegou perto, de modo que a mesa ficou entre os dois. Apesar de qualquer coisa, tinha decidido que não deixaria que ele a intimidasse.

— Quem é você? — perguntou. — Onde estou? Por que me trouxeram aqui?

Os olhos dele se arregalaram com surpresa. Pelo menos um dos olhos. O doente havia perdido qualquer movimento muito tempo antes.

— Você é da Inglaterra? — perguntou ele.

Scarlett foi tomada de surpresa. Não esperava que ele falasse sua língua.

— Sou.

— Por favor. Sente-se... — Ele indicou uma das cadeiras. — Gostaria de beber alguma coisa quente? Um pouco de chá deve chegar daqui a pouco.

Scarlett balançou a cabeça.

— Não quero nenhum chá — disse com rispidez. — Quero voltar para o lugar de onde vim. Por que estão me mantendo aqui?

— Eu pedi que você se sentasse — respondeu o monge. — Sugiro que faça isso.

Ele não havia levantado a voz. Nem parecia ameaçador. Mas de algum modo Scarlett soube que seria um erro desobedecer. Podia ver isso nos olhos dele. As pupilas eram pretas, mortas e ligeiramente desfocadas. Eram olhos do tipo que poderiam pertencer a um louco.

Sentou-se.

— Assim está melhor — disse ele. — Agora vamos nos apresentar. Qual é o seu nome?

— Scarlett Adams.

— Scarlett Adams — repetiu ele com uma espécie de satisfação, como se fosse isso que esperasse ouvir. — De onde você é?

— Moro em Dulwich. Em Londres. Por favor, pode dizer onde estou?

Ele levantou um dedo. A unha era amarela e torta.

— Vou lhe dizer tudo que você deseja saber. — Seu inglês era perfeito, apesar de ser óbvio que não era sua primeira língua. Ele tinha um sotaque que Scarlett não identificou, e juntava as palavras com muito cuidado, como um artesão fazendo um colar. — Mas

primeiro diga o seguinte: você realmente não faz ideia de como chegou aqui?

— Não. — Scarlett balançou a cabeça. — Eu estava numa igreja.

— Em Londres?

— É. Passei por uma porta. Uma das pessoas daqui me agarrou. Só me lembro disso.

Ele assentiu devagar. Seu olhar jamais se afastava dela e Scarlett sentiu uma ânsia terrível de se virar para outro lado, como se de algum modo ele fosse engoli-la.

— Você está na Ucrânia — disse o homem subitamente.

— Ucrânia? — Tudo pareceu girar por um minuto. — Mas isso fica...

Era em algum lugar da Rússia. Ficava do outro lado do mundo.

— Este é o Mosteiro do Grito de Misericórdia. Sou o padre Gregory. — Ele olhou para ela com um pouco de tristeza, como se estivesse desapontado por ela não entender. — Sua chegada aqui é um grande milagre. Estamos esperando-a por quase vinte anos.

— Não é possível. Como assim? Eu não estou viva há vinte anos. — Scarlett estava se cansando daquilo. Sentia-se enjoada de exaustão, de confusão. — Como o senhor fala inglês? — Sabia que era uma pergunta idiota, mas precisava de uma resposta simples. Queria ouvir algo que fizesse sentido.

— Já viajei por todo o mundo — respondeu o padre Gregory. — Passei seis anos no seu país, num seminário perto da cidade de Bath.

— Por que disse que vocês estavam me esperando? O que quis dizer com isso?

De repente a porta se abriu e um dos monges entrou, carregando uma bandeja de bronze com dois copos cheios de chá. Scarlett achou que o padre Gregory devia ter pedido antes de ela chegar, porque não havia nenhum método óbvio de comunicação naquela sala, nem telefone ou computador, nada moderno, a não ser uma luminária de

mesa lançando um poço de luz amarela. O monge pousou a bandeja e saiu.

— Sirva-se — disse o padre Gregory.

Scarlett obedeceu. O líquido estava quase fervendo e queimou seus dedos enquanto ela erguia o copo. Tomou um gole. O chá tinha gosto de ervas e muito açúcar, tão doce que se grudou nos lábios. Ela o pousou de novo.

— Vou lhe contar minha história porque isso me agrada — disse o padre Gregory. — Porque algumas vezes eu me perguntei se este dia acabaria chegando. O fato de você estar sentada aqui, agora, neste lugar, é mais do que um milagre. Toda a minha vida se dirigia a este momento. Talvez fosse o próprio motivo para eu viver.

Scarlett não o interrompeu. Quanto mais ele falava, mais passional ia ficando. Ela podia ver o fogo do carvão se refletindo nos olhos dele, mas, mesmo que o fogo não estivesse ali, talvez existisse o mesmo brilho.

— Nasci há 62 anos em Moscou, que na época era capital da União Soviética. Meu pai era político, mas desde muito novo eu soube que queria entrar para a Igreja. Por quê? Eu não gostava do mundo em que nasci. Mesmo quando estava na escola, achava as outras crianças desprezíveis e idiotas. Era pequeno para a minha idade e costumava ser maltratado pelos outros. Nunca achei fácil fazer amigos. Não gostava muito dos meus pais, também. Eles não me entendiam. Nem tentavam.

"Quando tinha dezenove anos, falei ao meu pai que queria me ordenar. Ele ficou horrorizado. Eu era seu filho único e ele sempre havia presumido que eu também entraria para a política. Tentou me convencer a desistir. Arranjou para que eu viajasse pelo mundo, esperando que, se visse todas as riquezas que o ocidente tinha a oferecer, eu mudasse de ideia.

"Na verdade, aconteceu exatamente o oposto. Tudo o que vi na Europa e na América me enojou. Famílias ricas com casas enormes e

carros caros, vivendo a um quilômetro de crianças que morriam porque não podiam comprar remédio. Países em guerra, pessoas matando e mutilando umas às outras por causa de políticos idiotas demais para encontrar outro caminho. O barulho da vida moderna; os aviões e os carros, o concreto esmagando a terra. A poluição e o lixo. As pessoas, aos milhões, correndo para um trabalho que odiavam..."

Scarlett deu de ombros.

— Então o senhor não estava feliz. O que isso tem a ver comigo?

— Tem tudo a ver com você, e se me interromper de novo, mandarei chicoteá-la até que a pele das suas costas se solte.

O padre Gregory fez uma pausa. Scarlett estava completamente chocada, mas não queria demonstrar. Não disse nada.

— Entrei para um seminário na Inglaterra — continuou ele — e estudei para ser monge. Passei seis anos lá, depois mais três na Toscana antes de finalmente vir para cá. Isso foi há trinta anos. Este era um lugar muito bonito e tranquilo quando cheguei, um refúgio do resto do mundo. O clima era difícil e, no inverno, os dias eram curtos. Mas o estilo de vida me agradava. Rezar seis vezes por dia, refeições simples e silêncio na hora de comer. Cultivávamos toda a comida. Passei muitas centenas de horas labutando no solo estéril ao redor. Quando não estava nos campos, ajudava nos povoados da região, cuidando dos pobres e dos doentes.

"Uma vida santa, Scarlett. E deveria ter continuado assim. Mas tudo mudou. E simplesmente por causa de uma porta numa parede."

O padre Gregory não havia tocado em seu chá, mas de repente pegou o copo entre o indicador e o polegar e derramou o líquido escaldante na boca. Scarlett viu a garganta dele se avolumar. Era como ver um doente tomando remédio.

— Aquilo me deixou perplexo desde o início. Uma porta que parecia pertencer a uma construção diferente, com um emblema

estranho — uma estrela de cinco pontas — que não tem nada a ver com este lugar. Uma porta que levava a lugar nenhum. — Ele ergueu a mão para impedir que ela interrompesse. — Ela não dava em lugar nenhum, minha filha. Acredite. Havia um pequeno corredor do outro lado e uma parede vazia.

"Na época, o mosteiro era comandado por um abade muito mais velho do que eu. Seu nome era padre Janek. E um dia, caminhando no claustro, perguntei a ele sobre a porta. Ele não quis me dizer nada. Uma mentira simples poderia terminar com minha curiosidade. Em vez disso, ele disse para eu não fazer mais perguntas. Acelerou o passo e, enquanto ele se afastava, eu vi que o padre Janek estava com medo.

A partir desse dia, fiquei fascinado pela porta. Nós tínhamos uma grande biblioteca, Scarlett, com mais de dez mil livros, se bem que agora a maioria se estragou com o mofo. Alguns tinham séculos de idade. Eu pesquisei neles. Demorei muitos anos. Mas lentamente, uma frase aqui, um fragmento ali, uma história começou a surgir. Mas no fim das contas foi um livro, um exemplar secreto de um diário escrito por um monge espanhol em 1532, que me disse tudo que eu queria saber."

Ele parou e passou o olhar pela garota como se ela fosse a coisa mais preciosa que já vira. Scarlett sentiu repulsa e não tentou esconder. Os olhos por baixo das sobrancelhas brancas a estavam devorando. Ela podia ver saliva nos lábios do velho.

— Os Antigos — sussurrou ele. E, ainda que Scarlett nunca tivesse ouvido, essa palavra significou alguma coisa; alguma lembrança de um passado distante. — O diário me contou sobre a grande batalha que aconteceu há dez mil anos quando os Antigos governavam o mundo e a humanidade era escrava deles. Puro mal. A Bíblia fala de demônios... de Lúcifer e Satã. Mas isso não passa de histórias contadas. Os Antigos eram reais. Estiveram aqui. E o que os

governava, Caos, era mais poderoso do que qualquer coisa no universo.

— E o que aconteceu com eles? — perguntou Scarlett. Sua voz havia baixado até quase um sussurro. Afora as chamas, retorcendo-se no braseiro, tudo na sala estava imóvel.

— Foram derrotados e expulsos. Havia cinco crianças... — falou a palavra com desprezo. — Elas passaram a ser conhecidas como os Guardiões. Quatro garotos e uma garota. — O monge fixou o olhar em Scarlett e ela soube o que ele diria em seguida. — Você é a garota.

Scarlett balançou a cabeça.

— O senhor está errado. Isso é loucura. Eu não sou nada. Sou só uma estudante. Estudo em Londres...

— Como você acha que chegou aqui? — O monge apontou na direção do corredor com um dedo trêmulo. Algum tipo de líquido escorria do olho doente, uma única lágrima. — Você viu o mosteiro e a neve. Sabe que não está em Londres agora.

— Vocês me drogaram.

— Você passou pela porta! Tudo estava no diário. Vinte e cinco passagens foram construídas no mundo. Estavam lá para os Guardiões, de modo que, quando chegasse a hora, eles pudessem viajar por grandes distâncias em segundos. Só os Guardiões podiam usá-las. Mais ninguém. Quando eu passo pela porta, chego a um corredor, um beco sem saída. Mas não acontece a mesma coisa com você. A porta trouxe você para cá.

Scarlett balançou a cabeça. Nada que tinha escutado fazia sentido. Nem sabia por onde começar.

— Não tenho dez mil anos. Olhe para mim! O senhor mesmo pode ver! Tenho quinze anos!

— Você viveu duas vezes, em dois tempos diferentes. — Ele deu um riso deliciado. — Não dá para acreditar. Finalmente conhecer um

dos Guardiões depois de todos esses anos e descobrir que ele não faz ideia de quem, nem do quê, é.

— O senhor mencionou que havia um abade aqui. Quero falar com ele.

— O padre Janek morreu. — Ele suspirou. — Eu não contei o resto da minha história. Talvez então você entenda. — Ele assentiu para o copo. — Você não bebeu o seu chá.

— Não quero.

— No seu lugar, eu aceitaria o que você recebe enquanto ainda pode, minha filha. Há muita dor para você, adiante.

O chá de Scarlett estava à sua frente. Por um breve segundo, ela pensou em pegá-lo e jogar na cara dele. Mas não adiantaria muito. Provavelmente já estava morno.

— A descoberta do diário, junto com todos os outros fragmentos, mudou minha vida — continuou o monge. — Comecei a pensar nos motivos para eu ter vindo ao mosteiro. Será que realmente achava que a religião, as orações e os jejuns me ajudariam a mudar o mundo? Ou será que eu estava somente usando a religião para me esconder dele? De repente soube o que havia me trazido aqui. O ódio. Eu odiava o mundo. Odiava a humanidade. E rezar a Deus para nos salvar era ridículo. Deus não se interessa! Caso se interessasse, não acha que ele teria feito algo há séculos?

"Toda a minha vida foi dedicada a uma ilusão. Todas aquelas orações, as mesmas palavras repetidas infinitamente. Elas faziam algum sentido? Claro que não! Os gritos de misericórdia que nunca chegavam. Ajoelhar-se e fazer sinais da cruz, cantar hinos enquanto, lá fora na rua, as pessoas matavam umas às outras e tentavam ganhar o máximo de dinheiro possível para gastar consigo mesmas, e que as outras fossem para o inferno. Você nunca lê jornais? O que vê neles além de assassinato, luxúria e cobiça, o dia todo, todo dia? Não vê a natureza do mundo onde está vivendo?

"Não existe Deus, Scarlett. Agora sei disso. Mas os Antigos *existem*. Eles são nossos senhores naturais. Merecem governar o mundo porque o mundo é mau, assim como eles."

Ele parou para respirar. Scarlett olhou-o com uma mistura de pena e nojo. Já havia decidido que isso não tinha a ver com Deus ou religião. Tinha a ver com um homem que não possuía nada por dentro. Os anos haviam esvaziado o padre Gregory até que não restasse nada.

— Vou terminar minha história e então você deverá ser levada de volta à sua cela. Você não ficará conosco por muito tempo, Scarlett. Tem uma longa jornada a fazer. Não vai retornar.

Scarlett ficou quieta. Sabia que ele tentava amedrontá-la. Também sabia que estava conseguindo isso. Uma longa jornada... para onde? E como iriam levá-la para lá? Iriam forçá-la a passar por outra porta?

O padre Gregory fechou os olhos por alguns segundos, depois continuou:

— Quando cheguei aqui, havia 24 irmãos no Mosteiro do Grito de Misericórdia. Alguns deles, eu sabia, sentiam o mesmo que eu. Estavam desiludidos. Sua vida era dura. Não havia recompensas. As pessoas do local, que eles estavam ajudando, nem ao menos agradeciam. Gradualmente comecei a sondá-los. Compartilhei o conhecimento que havia descoberto. Quantos deles abandonariam a religião e se voltariam para os Antigos? No fim, éramos sete. Sete dos 24. Prontos para começar uma nova aventura.

"Claro que poderíamos ter ido embora. Mas eu já sabia que isso estava fora de questão. Estávamos aqui por um motivo, e o motivo era a porta. Ela estivera aqui muito antes da existência do mosteiro. De fato, por que o mosteiro foi construído neste lugar? Porque os arquitetos sabiam que a porta era mágica, mesmo que tivessem esquecido seu verdadeiro propósito. Está vendo, minha filha? O mosteiro foi construído em volta da porta, assim como você

encontrará lugares santos ligados às outras portas por todo o mundo: igrejas, templos, cemitérios, cavernas.

"Nós sete concordamos que ficaríamos aqui e serviríamos aos Antigos. Vigiaríamos a porta e, caso uma criança passasse por ela, saberíamos que tínhamos encontrado um dos Guardiões e iríamos prendê-lo, como fizemos com você..."

— O que aconteceu com o padre Janek e os outros monges? — perguntou Scarlett, mas não tinha certeza se queria saber.

— Eu matei o padre Janek. Entrei no quarto dele enquanto ele dormia e cortei sua garganta. Depois continuamos pelo mosteiro e fizemos o mesmo com todos os outros. Dezessete homens morreram naquela noite, e de manhã os corredores estavam lavados de sangue. Mas não lamente por eles. Devem ter morrido felizes. Achavam que iam para o céu, para o abraço de seu Deus.

— Desde então estamos aqui. Claro, como somos tão poucos, o mosteiro ficou sem manutenção. Antigamente os aldeões traziam comida porque nos reverenciavam. Agora trazem porque têm medo. Nós sobrevivemos por muito tempo, sempre esperando, sempre vigiando a porta. Porque sabíamos que você viria. E recentemente percebemos que a hora havia chegado. Estávamos esperando você.

— Como?

— Os Antigos retornaram ao mundo. Agora mesmo estão juntando forças, esperando para retomar o que sempre foi deles. Seus agentes entraram em contato conosco. Muito em breve vamos entregá-la a eles. E então teremos nossa recompensa.

— O que vai acontecer comigo?

— Os Antigos não vão matá-la. Não precisa ter medo. Mas terão de mantê-la por perto, e mesmo assim você deve pagar pelo que fez a eles há tantos anos.

— Eu não fiz nada. Não sei do que o senhor está falando...

Ele assentiu com tristeza.

— É uma tremenda pena — murmurou. — Eu havia esperado mais de você. Um guerreiro ou um grande mago. Mas na verdade você não é nada. É uma menininha, como disse, uma estudante. Talvez os Antigos me deixem torturá-la por um tempo antes de você ir. Eu gostaria muito disso. Fazê-la pagar pelo desapontamento. Veremos...

Ele se levantou e foi até a porta. Caminhava mancando, e ocorreu a Scarlett que, além do olho doente, ele devia ter uma perna definhada. Demorou um tempo até mesmo para atravessar a sala, e ela se perguntou brevemente se poderia dominá-lo. Mas isso não adiantaria. Quando ele abriu a porta, os dois monges que a haviam trazido estavam esperando do outro lado.

— Eles vão levá-la de volta à cela — disse o padre Gregory. — Também vão levar comida e água. Creio que você vai ficar alguns dias conosco.

Scarlett se levantou e passou por ele. Não podia fazer mais nada. Por um breve momento, os dois ficaram ombro a ombro junto à porta. O padre Gregory estendeu a mão e acariciou seu cabelo. Scarlett estremeceu. Nem tentou esconder a repulsa.

— Adeus, Scarlett — disse ele. — Você não faz ideia de como estou feliz por termos nos conhecido.

Scarlett deixou que os dois monges a levassem. Não olhou para trás.

Bafo de dragão

Levaram Scarlett à mesma cela que ela havia ocupado — mas tinham feito coisas enquanto ela estava longe. Alguém havia trazido uma cama, se bem que, no momento em que a viu, ela soube que não teria o privilégio de um sono confortável. Era pouco mais do que um catre com molas frouxas e uma estrutura de metal, e nem poderia se esticar sem que os pés passassem da extremidade. Havia apenas dois cobertores ásperos para protegê-la do frio da noite, e nenhum travesseiro.

Também tinham lhe dado uma mesa, uma cadeira e um balde que ela supôs que teria de usar como vaso sanitário, mas nem queria pensar nisso. Uma vela num lampião de vidro iluminava o cômodo, e eles haviam trazido um jantar frugal. Uma tigela de sopa rala de legumes, um pedaço de pão e uma caneca estavam esperando na mesa. Havia uma colher para comer — e se Scarlett teve alguma esperança de usá-la como arma, suas esperanças morreram logo. Era frágil, feita de estanho. Eles não lhe deram uma faca ou um garfo.

Ainda não sentia vontade de comer. No mínimo, a visão daquela ração de fome lhe trouxe todo o horror da situação. Aquelas pessoas eram absolutamente impiedosas. Queriam que ela vivesse, mas não se importavam que sua vida ficasse sofrida ou dolorosa — tinham deixado isso claro. Scarlett sentou-se na cama e apoiou a cabeça nas mãos. Pensou que ia chorar, mas as lágrimas não vinham. Os Antigos. Os Guardiões. As 25 portas ao redor do mundo. Tudo que o padre Gregory havia dito parecia girar e girar ao redor, sugando-a

cada vez mais para um túnel de sofrimento e desespero. Como isso podia ter acontecido com ela? Alguma coisa dessas poderia ser mesmo verdade?

De certa forma, ela se forçou a superar, esquecer aquelas palavras. Grande parte do que o padre Gregory dissera tinha soado uma loucura. Mas, ao mesmo tempo, ela precisava admitir que parte era estranhamente familiar. Os ecos e curiosos acontecimentos permearam sua vida, e tudo isso havia acontecido muito antes dela atravessar a porta da igreja.

Os sonhos, para começar. O padre Gregory mencionou cinco crianças — quatro garotos e uma garota. Scarlett vinha sonhando exatamente a mesma coisa durante quase dois anos. E como isso tudo havia começado? Tinha visto Matt na igreja de St. Meredith. Ele a guiou para a porta, se bem que agora Scarlett se perguntava se Matt tinha mesmo estado lá. Tinha passado em silêncio, como um fantasma. Não que ela o tivesse imaginado. Mas talvez tivesse tido uma espécie de visão. Se ele tivesse mesmo passado pela porta, não estaria aqui agora?

E existia a porta propriamente dita. Scarlett havia tentado se convencer de que tinha sido drogada e sequestrada, mas, quanto mais pensava, mais aceitava que a coisa não tinha acontecido assim. O padre Gregory havia dito a verdade. Ela passou por uma porta em Londres e foi parar na Ucrânia. Não existiu viagem de avião, nem drogas. E se aceitasse isso, que opção teria, além de aceitar o resto?

Foi até a mesa e examinou a comida. Não parecia nem um pouco apetitosa, mas ela se obrigou a engolir a sopa fria e gordurosa, o pão velho de dias. Era só isso que teria, e precisava manter as forças. A vela no lampião tinha menos de três centímetros de altura e Scarlett imaginou quanto tempo duraria. Quando apagasse, ela ficaria na escuridão total. O pensamento a fez estremecer. Já existia muita coisa para ter medo, mas ficar sozinha, trancada no escuro, parecia pior do que todo o resto.

Seria melhor se conseguisse dormir. Não tirou a roupa. Estava frio demais para ao menos pensar em tirar o casaco. Subiu na cama e puxou os dois cobertores por cima, enterrando-se neles como um animal numa caverna. Ficou assim por muito tempo e, quando o sono finalmente chegou, e!a nem percebeu. Só soube que não estava mais acordada quando notou que havia começado a sonhar.

Tinha voltado ao mundo estranho e sem ar que havia visitado muitas vezes. Reconheceu-o e ficou feliz em estar ali. Sentia-se desesperada para ver Matt e os outros três garotos. Se alguém podia ajudá-la, eram eles. Pelo menos poderiam mostrar um modo de fugir.

Mas não havia sinal deles. Enquanto parte de Scarlett dormia, sozinha na cela, a outra parte estava perdida ali, sozinha à beira de um mar feio e sem vida.

Algo no mundo de sonho havia mudado. Scarlett percebeu isso muito lentamente, sem ver coisa alguma, porém sentindo; uma espécie de latejamento no ar que vinha de muito longe, do outro lado do horizonte. Ouviu um leve ribombar de trovão e viu um fino fio de relâmpago, como uma rachadura finíssima no tecido do mundo. Sua cabeça estava latejando. Notou que a água, a superfície do oceano, começou a estremecer. Um sopro de vento agitou seu cabelo. A areia, ou a poeira cinza, ou o que quer que fosse, girou em redemoinhos em volta dos pés, depois saltou para cima, meio que cegando-a e queimando suas bochechas. Ela recuou, sabendo que precisava se esconder. Ainda não sabia do quê estava se escondendo.

E então, num único momento, o oceano se abriu. Era como se tivesse sido cortado por uma faca enorme, invisível — e a água preta jorrou para dentro, milhões de litros se derramando da esquerda e da direita para o abismo que havia se formado — com mais de um quilômetro de comprimento. Ao mesmo tempo algo subiu, retorcendo-se na direção da superfície. A princípio, ela achou que era uma cobra, algum tipo de serpente marinha monstruosa que

estivera descansando durante séculos no leito do oceano e só agora havia acordado. Sentiu o cheiro do hálito daquilo — como era possível... como podia sentir o cheiro de alguma coisa num sonho? — e gritou enquanto a coisa corria em sua direção, os olhos chamejando, chamas explodindo ao redor da boca. Era um dragão! Saído diretamente do folclore antigo. No entanto, era horrivelmente real, uivando tão alto que ela pensou que sua cabeça explodiria.

SINAL UM

As duas palavras tinham aparecido à sua frente. Estavam escritas em néon: gigantescas letras vermelhas penduradas em algum tipo de estrutura, a luz tão intensa que queimava os olhos. De onde tinham vindo? Deviam ter saído do chão, porque apenas um momento antes a paisagem estivera vazia. O néon chiou e tremeluziu como se algum tipo de corrente elétrica o atravessasse. Scarlett olhou para as mãos e viu que estavam de um vermelho-sangue, refletindo a luz. Era como se ela estivesse pegando fogo.

SINAL UM... SINAL UM...

O letreiro ficava acendendo e apagando. Num minuto o dragão estava ali, no outro sumia, perdido na escuridão, reaparecendo na luz. Mas a cada vez que ela o via, ele estava um pouco mais perto. O vento a golpeava. Se ficasse mais forte iria arrancá-la do chão. Tentou fugir, mas não conseguia se mexer. O dragão abriu a boca, mostrando dentes que pareciam facas de cozinha.

E foi então que ela acordou e se viu ainda deitada na cama e coberta pelos dois cobertores, mas com a primeira luz pavorosa do dia se esgueirando pela janela e um frio gelado ao redor.

Sentou-se. Já estava começando a tremer. Que negócio havia sido aquilo? Sinal Um? Nunca tinha visto aquelas duas palavras escritas

antes. Não fazia ideia do que significavam, mesmo tendo certeza de que deviam ser importantes. Tinham sido mostradas por algum motivo.

Olhou para a janela e supôs que seriam cinco ou seis horas da manhã. Era difícil dizer sem o relógio. Presumivelmente os monges iriam trazer algum tipo de café da manhã. Eles haviam deixado claro que precisavam mantê-la viva. Será que, de algum modo, poderia dominá-los quando eles entrassem, lutar para ir até a porta e tentar alcançá-la? Duvidava. Os monges eram magros e mal nutridos, mas mesmo assim eram muito mais fortes do que ela. Se ao menos tivesse uma arma! Faria toda a diferença.

Sentada na beira da cama, revirou os bolsos. Só tinha um lápis sem ponta, sobra da aula de artes, um pente e um passe de ônibus. A visão daquilo deixou-a triste. Era uma coisa tão comum, uma lembrança de tudo o que havia deixado para trás. A quantos milhares de quilômetros ela estava dos ônibus e dos metrôs de Londres?

Não havia nada que pudesse usar. Pensou em tirar o casaco e jogar na cara de quem viesse trazer a comida. Mas era um plano idiota. Ainda não sabia se haveria alguma comida, e de qualquer modo isso não daria certo. Eles simplesmente ririam antes de levá-la, chicoteá-la ou fazer o que planejavam.

Tinha de haver um modo de sair da cela. Scarlett se levantou e examinou a porta pela segunda vez, passando as mãos pelas tiras de ferro, apertando-a com todo o peso do corpo. Era tão sólida que parecia cimentada à parede. Com isso, restava apenas a janela. Tinha três barras, sem vidro. A cela fora construída para abrigar um homem adulto, não uma criança — e certamente não uma garota. Seria possível se espremer passando por elas, afinal?

Não pudera alcançar a janela antes, mas talvez aqueles monges, por mais espertos que fossem, tivessem cometido um erro. Tinham-

lhe dado uma mesa e uma cadeira. Rapidamente arrastou a mesa para baixo da janela, pôs a cadeira em cima e subiu.

Pela primeira vez pôde olhar para fora. Havia uma vista morro abaixo, o terreno íngreme e áspero, com grossos montes de neve empilhados nas pedras pretas. Algumas construções ficavam a pouca distância, espalhadas. Pareciam celeiros e casas de fazenda abandonadas, que poderiam pertencer ao mosteiro, mas que provavelmente faziam parte de um povoado que ficava fora da vista. Acima de sua cabeça havia uma série de pingentes de gelo, suspensos numa calha que acompanhava toda a extensão do prédio. Ela havia esquecido como estava frio, mas foi lembrada rapidamente por um súbito jorro de neve, caindo do telhado. Seus lábios e as bochechas já estavam entorpecidos. Lá fora devia fazer menos de zero grau.

Não havia como descer. As barras ficavam muito perto umas das outras, e mesmo que ela conseguisse passar, estava a pelo menos vinte metros do chão. Se tentasse pular daquela altura quebraria as pernas.

Ainda estava na cela duas horas depois, quando a porta se abriu e eles finalmente lhe trouxeram algo para comer.

O desjejum foi uma tigela de mingau frio e uma caneca de estanho com água, trazidos por um monge que ela ainda não tinha visto — já que certamente não teria esquecido o rosto dele. Era terrivelmente queimado. Um lado inteiro estava morto e desfigurado como se ele tivesse adormecido com a cabeça em cima de um fogão. Scarlett olhou para outro lado. Será que haveria alguém no mosteiro do Grito de Misericórdia que não tivesse apodrecido nos últimos vinte anos? Um segundo monge estava parado com ele, vigiando a porta.

— Você... coma... menina. — Rosto Queimado tinha orgulho de seu inglês, mas o sotaque era tão forte que ela mal conseguiu entender as palavras.

Ele pousou a bandeja e Scarlett foi em sua direção. Estava com as mãos cruzadas às costas, claramente à beira do choro.

— Por favor — disse. — Me deixe sair... — Sua voz soou trêmula.

A visão da garota, pálida e remelenta depois da longa noite, pareceu diverti-lo.

— Sair? — Ele deu um riso de zombaria. — Não sair...

— Mas o senhor não entende... — Agora Scarlett estava mais perto, e quando ele esticou as costas ela trouxe as mãos à frente e golpeou.

Estava segurando um pingente de gelo.

Tinha-o quebrado da calha e segurava-o como uma faca. A ponta era afiada como uma agulha. Usando toda a força, cravou-o na carne entre o ombro e o pescoço do sujeito. O monge berrou. Sangue jorrou. Ele tombou de joelhos, como se rezasse.

Scarlett já estava se movendo. Sabia que precisava aproveitar a surpresa, que tudo o que tinha a seu favor era a velocidade. O segundo monge havia se imobilizado, em choque total pelo que tinha acontecido. Antes que ele pudesse reagir, ela se jogou com a cabeça e os ombros abaixados, como um touro. Acertou-o com força na barriga e ouviu a respiração dele sair explodindo. As mãos do homem tentaram agarrá-la, mas logo ele estava caindo, retorcendo-se no chão. Ela se soltou e começou a correr.

Segundo o padre Gregory, havia apenas sete monges no Mosteiro do Grito de Misericórdia, e ela havia derrubado dois. Quanto tempo se passaria até que os que restavam partissem atrás? Scarlett precisava encontrar a porta que a havia trazido. Sabia onde ela ficava — logo adiante no corredor, a apenas um minuto da cela. Com alguma sorte, iria embora antes que eles soubessem o que havia acontecido.

Só depois de dar vinte passos soube que tinha errado. De algum modo, conseguiu se perder. Estava em outro corredor comprido, que não reconhecia. Havia uma pintura de alguma pessoa santa,

pendurada torta na parede. Um baú de madeira ornamentado. Outra passagem com um lance de escada de pedra descendo. Por um momento, aquilo pareceu tentador. Os degraus poderiam levá-la para fora do mosteiro. Mas ao mesmo tempo sabia que iriam levá-la para mais longe da porta. A porta era o caminho mais rápido de volta para a igreja de St. Meredith. Tinha de encontrá-la.

À distância, um sino começou a tocar. Não era um chamado às orações. Era um alarme. Ouviu gritos. O segundo dos dois monges — o que ela havia acertado com a cabeçada — devia ter se recuperado. Obrigando-se a não entrar em pânico, continuou avançando mesmo sabendo que ia na direção errada e que, quanto mais longe fosse, mais perdida ficaria. Ouviu o som de um manto estalando adiante, sandálias batendo no piso de pedras, e um instante depois outro monge apareceu. Ele a viu e gritou. Havia uma abertura num dos lados. Scarlett foi para lá, passando entre paredes forradas de lambri e uma grande tapeçaria pendurada em frangalhos, com o tecido se desfazendo.

A passagem saiu num segundo corredor e, com um jorro de alívio, ela percebeu que sabia onde estava. De algum modo havia encontrado o caminho de volta. Ali estava a mesa com os candelabros, a pintura da crucificação. A porta ficava logo depois. Não havia ninguém no caminho.

O barulho das sandálias. Se o monge estivesse descalço, talvez Scarlett não ouvisse. Mas, mesmo sem olhar em volta, soube que alguém a havia descoberto, que estava correndo para ela agora mesmo. Num único movimento, estendeu a mão, agarrou um pesado candelabro de ferro e girou-o. Tinha conseguido o tempo exato. A extremidade do candelabro acertou a cabeça careca do monge, derrubando-o. Scarlett bateu nele uma segunda vez, só para ter certeza, depois largou o candelabro e foi para a porta.

Alguém apareceu na outra ponta do corredor.

Era o padre Gregory. Ele viu Scarlett e gritou alguma coisa — talvez em inglês, talvez em sua própria língua. As palavras ficaram presas na garganta. Agora a porta estava entre os dois, exatamente na metade do caminho. Scarlett se perguntou se conseguiria alcançá-la. O padre Gregory dançou com os pés como se tivesse acabado de ser eletrocutado. Seu olho bom estava arregalado e olhando fixo, fazendo com que o outro parecesse ainda mais doente. Scarlett estava a uns trinta metros, ofegando, juntando todas as energias para um último esforço.

Os dois partiram ao mesmo tempo.

De certa forma, foi estranho. Scarlett não estava correndo para longe. Estava disparando na direção do homem que ela mais queria evitar. Mas precisava chegar à porta antes dele. Tinha tomado a decisão. Era o único caminho para casa.

O padre Gregory era surpreendentemente rápido. O andar manco havia desaparecido e ele se movia com uma velocidade incrível, a fúria impelindo-o. Scarlett não ousava olhá-lo. Tinha consciência de que ele chegava cada vez mais perto, mas seus olhos estavam fixos na porta. Ali, à sua frente. Saltou adiante e agarrou a maçaneta, mas no mesmo instante as mãos dele caíram sobre ela, agarrando a parte de cima do casaco, os dedos encostando no pescoço. Ela o ouviu gritar em triunfo. A respiração do monge estava de encontro à sua pele.

Ela não soltou a porta. Não deixaria que ele a arrastasse para trás. Em vez disso, abaixou-se bruscamente, torcendo os ombros de modo que o casaco foi puxado por cima da cabeça. Já o havia desabotoado e sentiu-o se soltar, caindo. O padre Gregory perdeu o equilíbrio e, ainda segurando o casaco, tombou para trás. Scarlett estava livre. Puxou a porta com força e se jogou adiante. Por alguns segundos, sua visão ficou turva. O portal pareceu passar a toda velocidade. Ouviu Gregory gritando com ela, de repente a uma distância enorme.

A porta se fechou com um estrondo.

Ela estava caída, soluçando e tremendo no chão da igreja de St. Meredith. E havia um homem parado à sua frente, um jovem policial, vestido de azul, olhando-a com expressão de perplexidade total.

— Quem é você? — perguntou ele.

— Sou... Scarlett Adams. — Ela mal conseguiu dizer as palavras.

— Onde você estava? O que estava fazendo? — O policial balançou a cabeça, incrédulo. — É melhor vir comigo!

Notícia de primeira página

Scarlett só estava sumida havia dezoito horas, mas era uma estudante de 15 anos num passeio escolar no meio de Londres, e seu desaparecimento bastou para provocar um enorme pânico, com manchetes nos jornais, boletins de TV e uma busca por todo o país. Seus pais já haviam sido informados, e Paul Adams estava num avião, retornando de Hong Kong. Na verdade, estava no meio do voo quando Scarlett foi encontrada.

Scarlett havia começado a perceber que estava numa encrenca quase no mesmo instante em que se viu de novo na igreja de St. Meredith, sentada diante do policial que iniciou imediatamente uma série de perguntas.

— Onde você esteve? — começou ele.

Scarlett continuava em choque, pensando que havia escapado por pouco do padre Gregory. Apontou para a porta com um dedo trêmulo.

— Ali...

— Como assim? — O policial era jovem e estava perplexo. Já havia pedido ajuda pelo rádio e uma ambulância estava a caminho. Mesmo assim, ele é que tinha encontrado a garota. Talvez até houvesse uma promoção. Pegou um bloco e se preparou para anotar qualquer coisa que Scarlett dissesse.

— O mosteiro — murmurou Scarlett. — Eu estava no mosteiro.

— E que mosteiro era?

— O que fica do outro lado da porta.

O policial foi até a porta e abriu-a antes que Scarlett percebesse o que ele ia fazer. No último minuto, ela gritou uma única palavra.

— Não!

Teve visões do padre Gregory mergulhando, arrastando-a de volta para a cela. Tinha certeza de que o pesadelo recomeçaria. Mas o policial ficou ali parado, coçando a cabeça. Não havia nenhum mosteiro do outro lado da porta, nem monges — só um beco, uma parede de tijolos, uma fileira de latas de lixo. Estava chuviscando — o clima cinzento de Londres. Scarlett olhou para além dele. Não conseguia acreditar no que via.

E foi então que soube que teria de começar a mentir. Como poderia explicar onde estivera e o que realmente havia acontecido? Portas mágicas? Monges psicopatas na Ucrânia? As pessoas achariam que ela estava louca. Pior, poderiam decidir que a coisa toda era uma brincadeira de estudante. Seria expulsa da St. Genevieve. Seu pai iria matá-la. Precisava bolar uma resposta que fizesse sentido.

As 48 horas seguintes foram um pesadelo quase tão ruim quanto o que ela havia deixado para trás. Mais policiais e paramédicos chegaram, e de repente a igreja estava apinhada de pessoas fazendo perguntas e discutindo entre si. Scarlett não parecia machucada, mas mesmo assim foi envolta num cobertor e levada a um hospital. De algum modo, a imprensa já havia descoberto sua volta. A rua estava atulhada de fotógrafos ameaçando sufocá-la enquanto ela era posta na ambulância, e havia mais deles esperando quando ela foi ajudada a sair, do outro lado. Tudo o que Scarlett podia fazer era manter a cabeça baixa, ignorar os flashes das máquinas e desejar que aquela coisa toda acabasse logo.

A Sra. Murdoch foi chamada ao hospital e ficou com Scarlett enquanto ela era examinada por um médico e uma enfermeira. A governanta parecia em choque. Era óbvio que nada assim jamais lhe havia acontecido antes. O médico verificou a pulsação e os

batimentos cardíacos de Scarlett e depois pediu que ela se despisse, ficando apenas com a roupa de baixo.

— Onde você conseguiu isso? — Ele havia notado uma série de arranhões nas costas da garota.

— Não sei... — Scarlett achou que devia ter se machucado no confronto final com o padre Gregory, mas não falaria disso agora. Fingiu que estava atordoada demais para explicar qualquer coisa.

— E isso, Scarlett? — A enfermeira havia encontrado sangue na blusa da escola. — É sangue seu?

— Acho que não.

A blusa foi posta numa bolsa para ser entregue à polícia para exame pericial. Ocorreu a Scarlett que eles não encontrariam a pessoa de quem o sangue havia saído... a não ser que o banco de dados se estendesse até a Ucrânia.

Por fim, Scarlett teve permissão de tomar um banho e recebeu roupas novas. Duas policiais tinham chegado para entrevistá-la. A Sra. Murdoch ficou com ela e, pela primeira vez, Scarlett se sentiu feliz em tê-la por perto. Não gostaria de passar por tudo aquilo sozinha.

— Você se lembra do que aconteceu desde o momento em que desapareceu? Talvez queira começar contando sobre o momento em que chegou à igreja.

As policiais tinham trinta e poucos anos, eram gentis mas severas. Já estava circulando o boato de que Scarlett não havia corrido nenhum perigo e que tudo aquilo era uma colossal perda de tempo para a polícia. Nesse ponto, Scarlett havia deduzido o que iria falar. Sabia que pareceria uma bobagem. Mas teria de servir.

— Não me lembro de nada — disse. — Eu não estava me sentindo bem na igreja. Estava tonta. Por isso saí para tomar ar puro. E depois disso é um vazio só. Acho que caí. Não sei...

— Você desmaiou?

— Acho que sim. Quero ajudar vocês. Mas não sei...

As duas policiais pareceram em dúvida. Estavam naquele serviço há tempo suficiente para saber quando alguém mentia e, para elas, era óbvio que Scarlett ocultava algo. Mas não podiam fazer grande coisa. Fizeram as mesmas perguntas repetidamente e receberam exatamente as mesmas respostas. Ela havia passado mal. Desmaiado. Não conseguia se lembrar de mais nada. E que outra explicação poderia haver?

A entrevista terminou quando Paul Adams apareceu. Um táxi o havia trazido direto do aeroporto de Heathrow e ele entrou intempestivamente na sala, o terno amarrotado, o rosto numa mistura de ansiedade, alívio e irritação, as três coisas misturadas com uma dose generosa de desorientação devido ao fuso horário.

— Scarly! — Ele foi abraçar a filha.

— Olá, papai.

— Não acredito que encontraram você. Está machucada? Onde esteve? — As duas policiais trocaram um olhar. Paul Adams se virou para elas. — Se não se importam, eu gostaria de levar minha filha para casa. Sra. Murdoch...

Saíram do hospital por uma porta dos fundos, evitando o agrupamento da imprensa ainda acampada na frente. Nesse ponto, Scarlett estava exausta. Tinha sido encontrada no meio da manhã, mas só foi liberada no fim da tarde. Estava desesperada para ir para a cama e, quando chegou, dormiu emendando com a noite toda. Talvez isso fosse bom. Precisaria de todas as forças para as manchetes que a esperavam no dia seguinte.

ESTUDANTE DESAPARECIDA ENCONTRADA DEPOIS DE APENAS UM DIA

A POLÍCIA PERGUNTA: FOI UMA BRINCADEIRA DE MAU GOSTO?

O mistério ainda cerca o retorno da estudante Scarlett Adams, de 15 anos, descoberta pela polícia apenas um dia depois de desaparecer durante uma visita à igreja de St. Meredith na zona leste de Londres, o que provocou uma busca por todo o país. Mais tarde foi encontrada sem ferimentos dentro da própria igreja.

Apesar de ter recebido tratamento no hospital devido a alguns arranhões, não houve qualquer indicação de que ela tenha sido agredida ou mantida em cativeiro.

Até agora, a garota — descrita como "inteligente e sensata" pelos professores na escola particular onde estuda em Dulwich, uma escola que custa 15.000 libras por ano — não pôde dar qualquer explicação, dizendo que está sofrendo de perda de memória. Seu pai, Paul Adams, um advogado corporativo, descartou furioso as afirmações de que todo o incidente pode ter sido uma brincadeira de mau gosto. "Scarlett obviamente sofreu uma experiência traumática e eu estou feliz em tê-la de volta", disse ele. Enquanto isso, a polícia parece ansiosa para encerrar o caso. "O que importa é que Scarlett está em segurança", disse o detetive Chris Kloet, falando em nome da New Scotland Yard. "Talvez nunca saibamos o que aconteceu com ela nas dezoito horas em que esteve desaparecida, mas estamos satisfeitos porque nenhum crime parece ter sido cometido."

A notícia foi mandada por fax até um lugar a dezesseis mil quilômetros dali. Estava sendo examinada por um garoto numa sala

em Nazca, no Peru. O garoto se levantou e foi até uma mesa. Segurou o papel sob uma lâmpada. Havia uma foto de Scarlett ao lado do texto. Ela fora fotografada segurando um taco de hóquei, junto de duas outras garotas, uma de cada lado. Uma foto de time. O garoto a examinou atentamente. Era bem bonita, pensou ele. Asiática, pelo jeito. Quase certamente da mesma idade que ele.

— Quando isso chegou? — perguntou.

— Há meia hora.

O nome do garoto era Matthew Freeman. Era o primeiro dos Guardiões e, sem saber direito como, tinha se tornado o líder não eleito. Quatro meses antes tinha enfrentado os Antigos no deserto de Nazca e tentado fechar a barreira, o portão gigantesco, que durante séculos os havia mantido longe. Fracassou. O rei dos Antigos o feriu, deixando-o como morto. A última coisa que ele viu foram os exércitos dos Antigos se espalhando e desaparecendo na noite.

Tinha levado seis semanas para se recuperar dos ferimentos e desde então estivera descansando, tentando pensar no que faria em seguida. Estava hospedado numa fazenda peruana, perto da cidade de Nazca. Richard Cole, o jornalista que viajava com ele desde a Inglaterra, ainda o acompanhava. Richard era seu amigo mais íntimo. Era ele que havia entrado na sala.

— Tem de ser ela — disse Matt.

Richard assentiu.

— Ela estava na igreja de St. Meredith. Deve ter passado pela mesma porta que você passou. Deus sabe o que aconteceu com ela. Ficou desaparecida por dezoito horas.

— O nome dela é Scarlett.

— Scar. — Richard assentiu de novo.

Matt pensou por um momento, ainda segurando a matéria do jornal. Tinha passado os quatro meses anteriores procurando Scarlett

do único modo que podia, através dos sonhos. Noite após noite visitava o estranho mundo de sonho que havia se tornado tão familiar. Isso o ajudara no passado. Tinha certeza de que ela devia estar lá, em algum local. Talvez o mundo de sonho o levasse a ela, ajudando-o de novo.

E agora, inesperadamente, ela havia aparecido no mundo real. Não poderia haver dúvida de que era ela, a última dos Cinco. E estava na Inglaterra, em Londres! Era aluna de uma escola particular cara.

— Temos de ir até ela — disse Matt. — Precisamos partir agora mesmo.

— Vou arranjar passagens.

Matt girou a foto diante da luz, inclinando-a na sua direção.

— Scar — murmurou. — Agora sabemos onde ela está.

— Isso mesmo — disse Richard. Ele parecia sério. — Mas os Antigos também devem saber.

O diário de Matt (1)

Nunca pedi nada disso. Nunca quis fazer parte disso. E agora mesmo não entendo exatamente o que está acontecendo nem por que tinha de ser eu.

Tive esperança de que escrever este diário ajudaria. Foi ideia de Richard, colocar tudo no papel. Mas não aconteceu como eu esperava. Quanto mais penso na minha vida, quanto mais escrevo sobre ela, mais confuso tudo vai ficando.

Às vezes tento voltar até onde tudo começou, mas não sei mais onde foi. Teria sido no dia em que meus pais morreram? Ou começou em Ipswich, na noite em que decidi invadir um armazém com meu melhor amigo... que, na verdade, não era nem um pouco amigo? Talvez a decisão já tivesse sido tomada no dia em que nasci. Matthew Freeman. Você não vai à escola como as outras crianças. Não vai jogar futebol, fazer os exames de aptidão e seguir uma carreira. Você está aqui por outro motivo. Pode questionar se quiser, mas é assim que será.

Penso muito nos meus pais, mesmo que às vezes seja difícil ver o rosto deles, e as vozes deles sumiram há muito tempo. Meu pai era médico, um clínico geral com consultório perto de casa. Mal consigo me lembrar de um homem com barba e óculos de aros de ouro. Ele era muito politizado. A gente reciclava coisas muito antes de ser moda e ele ficava irritado com o Serviço Nacional de Saúde — dizia que havia administradores demais, burocracia demais. Ao mesmo tempo, ele ria um bocado. Lia para mim à noite… Roald Dahl… o livro The Twits era um dos prediletos dele. E existia

um seriado de comédia na TV que ele nunca perdia. Passava no domingo à noite, mas esqueci o nome.

Minha mãe era muito menor do que ele. Vivia fazendo dieta, mas não acho que ela precisasse perder peso de verdade. Acho que não ajudava muito o fato de que ela era uma cozinheira fantástica. Costumava fazer seu próprio pão e bolos, e por volta de setembro começava uma linha de produção de bolos de Natal que levava para instituições de caridade. Às vezes falava em voltar a trabalhar, mas gostava de estar em casa quando eu voltava da escola. Essa era uma das suas regras. Não me deixava voltar para uma casa vazia.

Eu tinha só oito anos quando eles morreram, e há muita coisa sobre os dois que eu nunca soube. Acho que eram felizes juntos. Sempre que penso neles, o sol parece estar brilhando, o que deve significar alguma coisa. Ainda vejo nossa casa e nosso jardim com uma grande roseira se esparramando no gramado. Às vezes até sinto o cheiro das flores.

Mark e Kate Freeman. Eram os nomes deles. Morreram num acidente de carro indo para um casamento, e o negócio é que eu sabia que isso ia acontecer. Sonhei que o carro deles ia sair de uma ponte e cair num rio, e acordei sabendo que os dois iam morrer. Mas não contei. Sabia que meu pai nunca acreditaria em mim. Por isso fingi que estava doente. Chorei e bati os calcanhares. Deixei que eles fossem, mas fiz com que me deixassem para trás.

Eu poderia ter salvado os dois. Vivo dizendo isso a mim mesmo. Talvez meu pai não acreditasse em mim. Talvez insistisse em ir, não importando o que eu dissesse. Mas eu poderia ter jogado tinta no carro ou sei lá o quê. Até poderia ter posto fogo nele. Eu poderia usar um monte de meios para fazer com que fosse impossível eles saírem de casa.

Mas estava com medo demais. Eu tinha um poder e sabia que ele me tornava diferente de todo mundo, e essa era a última coisa que eu queria ser. Matt Maluco... eu, não, obrigado. Por isso não falei nada. Fiquei em casa e olhei quando eles saíram, e desde então vi o carro cair mil vezes e gritei com

meu eu de oito anos para fazer alguma coisa, e me odiei por ser tão idiota. Se pudesse voltar no tempo, é onde eu começaria, porque foi ali que tudo deu errado.

Depois disso, as coisas aconteceram muito depressa. Fui criado por uma mulher chamada Gwenda Davis, que tinha algum parentesco com minha mãe — era meia-irmã dela ou sei lá o quê. Nos seis anos seguintes, morei com ela e o companheiro dela, Brian, numa casa geminada em Ipswich. Eu odiava os dois. Gwenda era superficial e egoísta, mas Brian era pior. Eles tinham o que acho que se chama de relacionamento abusivo, o que significa que ele costumava bater nela. Batia em mim também. Eu tinha medo dele — admito. Às vezes eu via quando ele me olhava do mesmo jeito e fazia questão de trancar a porta do meu quarto à noite.

Mas há uma coisa estranha. Posso até admitir. De certo modo, eu quase fui feliz em Ipswich- Às vezes penso nisso como um castigo pelo que fiz — ou não fiz — e parte de mim achava que eu merecia. Estava resignado à minha vida ali. Sabia que ela nunca melhoraria e pelo menos pude criar uma identidade. Eu podia ser quem eu quisesse.

Matava aula. Nunca passaria nas provas, então, o que me importava? Roubava coisas nas lojas. Comecei a fumar quando tinha 12 anos. Meu amigo, Kelvin, me comprou meu primeiro maço de Marlboro Light — se bem que, claro, fez com que eu pagasse o dobro do preço. Nunca usei drogas. Mas se tivesse ficado com ele muito mais tempo provavelmente usaria. Acabaria como um daqueles garotos sobre quem a gente lê nos jornais, morto de overdose, um corpo perto de um trilho de trem. Ninguém se importaria, nem mesmo eu. É como teria de ser.

Mas então surgiu Jayne Deverill e de repente tudo mudou, porque, por acaso, ela era uma bruxa. Sei que parece maluco. Não acredito que acabei de escrever isso. Mas ela não era uma bruxa de peça infantil. Quero dizer, não tinha nariz comprido, chapéu pontudo nem nada disso. Era de verdade: maligna, cruel e um pouquinho doida. Ela e os amigos estavam me vigiando, esperando que eu caísse nas mãos deles porque precisavam de mim para ajudar a destrancar um portão misterioso escondido numa floresta em

Yorkshire. E pareceu que, depois disso, eu não era só um fracassado com ficha criminal que fez com que os pais fossem mortos. Eu era um dos Cinco. Um Guardião. Herói de uma história que começou dez mil anos antes de eu nascer.

Como eu me sentia com isso? Como me sinto agora?

Não tenho escolha. Estou preso nisso e terei de ficar assim até o final amargo. E acho que o final vai ser bem ruim. As forças contra as quais nós lutamos — os Antigos e os aliados deles em todo o mundo — são enormes demais. São como uma peste de pesadelo, se espalhando por toda parte, matando tudo que tocam. Eu tenho poderes. Aceitei isso e recentemente aprendi a usá-los. Mas ainda tenho só 15 anos — fiz aniversário aqui em Nazca — e quando penso nas coisas que me pedem, fico apavorado.

Não posso fugir. Não tenho onde me esconder. Se não lutar, os Antigos vão me encontrar e vão me destruir com mais certeza e mais dor do que até mesmo aqueles cigarros conseguiriam provocar. Depois que fui preso, nunca mais fumei, por sinal. Esse foi um dos modos em que mudei. Acho que aceitei meu lugar em tudo isso. Em primeiro lugar, preciso sobreviver. Mas isso não basta. Também preciso vencer.

Pelo menos não estou mais sozinho.

Quando tudo isso começou, eu sabia que era uma de cinco crianças, todas da mesma idade, e que um dia nos encontraríamos. Sabia porque tinha visto todas em sonhos.

Pedro foi o primeiro que encontrei na vida real. Ele não tem sobrenome. Perdeu — junto com a casa, as posses e toda a família — quando o povoado em que ele morava, no Peru, foi destruído por uma enchente. Ele estava com 6 anos. Depois disso, foi para as favelas de Lima e conseguiu sobreviver. A gente se conheceu quando eu estava inconsciente e ele tentou me roubar. Mas ele foi criado assim. Para ele nunca existiu certo ou errado — era só uma questão de encontrar a próxima refeição. Ele não sabia ler. Não sabia nada sobre o mundo fora dos barracos meio desmoronados onde morava. E, claro, mal conseguia falar uma palavra em inglês.

Acho que jamais conheci uma pessoa tão diferente de mim... e com isso quero dizer que era como se ele fosse de outro planeta. Para começar (e não existe um modo agradável de dizer), ele fedia. Fazia anos que não tomava banho, e as roupas que ele usava tinham pertencido a pelo menos dez pessoas antes. Mesmo depois de tudo o que passei, eu era rico comparado com ele. Pelo menos tinha crescido tendo água na torneira. Nunca passei fome.

Ficamos amigos praticamente desde o início. Provavelmente ajudou o fato de que Pedro decidiu salvar minha vida quando o chefe de polícia, um homem chamado Rodriguez, estava todo alegre me espancando. Mas foi mais do que isso. Pense nas chances de a gente se encontrar algum dia, eu morando numa cidadezinha na Inglaterra, e ele um pivete sobrevivendo numa cidade a dezesseis mil quilômetros de distância. Fomos atraídos um para o outro porque tinha de ser assim. Éramos dois dos Cinco.

Pedro é totalmente inca: descendente do povo que morava no Peru. Mais do que isso, ele tem ligação com Manco Capac, um dos deuses do sol. Os incas me mostraram uma imagem de Manco — na verdade, era um disco feito de ouro maciço — e os dois eram exatamente iguais. Não sei se entendo completamente o que está acontecendo aqui. Será que Pedro é alguma espécie de deus antigo? Nesse caso, o que eu sou?

Como eu, Pedro tem um poder especial. O dele é a capacidade de curar. O único motivo para eu conseguir andar hoje é ele. Nós dois nos ferimos no deserto de Nazca. Ele quebrou a perna, mas eu fui ferido de morte e abandonado... e teria morrido se ele não tivesse voltado e ficado comigo durante algumas semanas. Isso se chama radiestesia, provavelmente a palavra mais complicada que eu conheço. Só consegui escrever direito porque olhei no dicionário. Tem alguma coisa a ver com transferência de energia. Basicamente quer dizer que eu melhorei graças a ele. E como resultado, Pedro é mais do que meu amigo. É quase como um irmão perdido há muito tempo — e se isso parece piegas, não me importo. É como eu sinto.

E então vieram Scott e Jamie Tyler.

Eles eram mesmo irmãos... gêmeos, na verdade. Antes eram conhecidos como os gêmeos telepatas, trabalhando no Circo da Mente no Teatro Reno, em Nevada. Enquanto Pedro e eu lutávamos (e perdíamos) no deserto de Nazca, eles estavam vivendo aventuras, perseguidos através dos Estados Unidos por uma organização chamada Corporação Crepúsculo. Também conseguiram se embolar na eleição americana e estavam presentes quando um dos candidatos quase foi assassinado.

Scott e Jamie são mais ou menos idênticos. São magros, quase esqueléticos, e dá para ver imediatamente que têm sangue de índio americano — descendem da tribo Washoe. Têm cabelo comprido e escuro, olhos escuros e um jeito alerta. Fisicamente, eu diria que Jamie é o mais novo dos dois, mas quando eles finalmente encontraram a gente — viajando por um portal que os levou de Lake Tahoe, em Nevada, para um templo em Cuzco, no Peru — ele é que estava no comando. O irmão tinha sido feito prisioneiro e torturado. Ainda não sabemos direito o que fizeram com ele, e Pedro passou muitas horas sozinho com ele, tentando consertar os danos. Mas Scott ainda sofre. Fica recolhido. Não fala muito. Às vezes me pergunto se poderemos contar com ele quando chegar a hora.

Faz mais de quatro meses que enfrentei os Antigos no deserto de Nazca e ainda não me recuperei dos ferimentos. Sinto dor durante boa parte do tempo. Não existem cicatrizes, mas sinto alguma coisa errada dentro de mim. Às vezes acordo à noite e é como se tivesse levado uma facada. Até Pedro ainda manca. De modo que, juntando nós quatro, eu não apostaria nenhum dinheiro na chance de a gente vencer as forças inimagináveis das trevas e salvar o mundo. Sinto muito, mas esta é a verdade.

Jamie é muito inteligente. Parece ver as coisas com mais clareza do que qualquer um de nós, principalmente porque esteve lá no início. É complicado demais para explicar agora, mas de algum modo ele viajou para trás no tempo e nos encontrou... antes de nós sermos nós. É. Houve um Matt há dez mil anos, que se parecia comigo, falava como eu e que até podia ser eu. Jamie diz que todos nós vivemos duas vezes. Só espero que tenha sido mais divertido na primeira vez.

Quatro meses!

Todos estamos nesta casa perto do litoral, ao sul de Lima. Ela pertence a uma professora chamada Joanna Chambers, que é especialista em praticamente tudo que tenha a ver com o Peru. A casa é de madeira e pintada de branco, construída meio como uma hacienda*, ou fazenda espanhola. Há uma grande sala central que dá para uma varanda durante o dia e uma escada larga que liga os dois andares. Tudo é muito antiquado. Há tapetes espalhados e uma grande lareira aberta, e ventiladores giram lentamente no teto, circulando o ar.*

A gente passa o tempo lendo, assistindo à TV (a casa tem TV por satélite e, além disso, a gente encomendou um suprimento de DVDs) e surfando na internet, procurando qualquer notícia sobre os Antigos. A professora insiste que tenhamos três ou quatro horas de aulas, se bem que faz séculos que nenhum de nós vai à escola, e Pedro nunca pisou numa durante toda a vida. Jogamos futebol no quintal, passando a bola em volta das lhamas que andam no gramado, e fomos fazer caminhadas no deserto. E, acho, estamos juntando forças, numa recuperação lenta de tudo que passamos.

Mas mesmo assim existem ocasiões em que tudo parece irreal; ficar sentados aqui, sem fazer nada, sabendo que em algum lugar do mundo os Antigos devem estar espalhando sua base de poder, se preparando para atacar a humanidade. Estão fazendo amigos em todos os lugares certos... Pelo que sabemos, eles podem estar espalhados por toda a Europa. O objetivo é começar uma guerra total, matar o máximo de gente possível e depois brincar com o resto, mutilando e torturando até que não reste ninguém. Por que querem fazer isso? Não existe motivo. Os Antigos se alimentam de dor, do mesmo modo que o câncer ataca um organismo saudável. É a natureza deles.

Às vezes, à noite, nós seis jogamos perudo*, que é um jogo peruano, meio parecido com "dados de mentiroso". Eu, Richard, Pedro, Scott, Jamie e a professora. Ficamos sentados, jogando dados e nos comportando como se nada estivesse acontecendo, como se fôssemos um punhado de amigos de*

férias. E por dentro sinto vontade de me levantar e dar um soco na parede. Estamos seguros e confortáveis em Nazca. Mas a cada momento que ficamos aqui estamos perdendo. Nosso inimigo vai ficando por cima.

O que mais a gente pode fazer? Os Antigos sumiram. E, mesmo se soubéssemos o que eles estão fazendo, ainda não estamos fortes o bastante para atacar. Só quatro Guardiões se juntaram. Precisam ser cinco.

E agora são. Finalmente achamos Scar.

É difícil acreditar que hoje eu segurei uma foto dela. Agora ela tem um nome: Scarlett Adams. Sabemos onde ela mora. Podemos ir até lá e contar a verdade sobre quem ela é — ou foi.

Há dez mil anos ela comandava seu próprio exército particular. Jamie a conheceu e lutou com ela na batalha final quando o rei dos Antigos foi banido e o primeiro grande portão foi construído. Ela deve ter um poder — todos temos. Mas ele não descobriu qual era. Quando a conheceu, disse que ela era corajosa e cheia de recursos. Sabia montar a cavalo, lutar com espada, comandar um exército de homens com pelo menos o dobro de sua idade. Mas nunca fez nada que parecesse magia... pelo menos nada que ele tenha notado.

Logo logo vamos sair de Nazca. Realmente quero ver a Inglaterra de novo.

E agora vou para a cama.

Richard está preocupado pensando que o aparecimento de Scar é o início de uma nova fase. Os Antigos nos deixaram em paz, mas agora devem ter sido alertados. Se estavam planejando agir contra nós, é agora que vão fazer isso.

Mas não me importo. Somos cinco, e isso significa que logo essa coisa toda vai terminar. Vamos nos juntar e fazer o necessário para acabar com isso. Vou tirar meu diploma e fazer o teste de aptidão. Vou ter uma vida comum.

Só quero isso. Mal posso esperar.

A última noite em Nazca

Vinte e quatro horas depois da chegada do fax, a professora Chambers organizou um jantar. Era seu modo de se despedir. No dia seguinte, Matt, Richard, Pedro, Jamie e Scott partiriam para a Inglaterra — a professora havia conseguido passaportes para todos eles — e finalmente ela teria a casa somente para si.

Joanna Chambers havia passado a maior parte da vida no Peru, estudando os incas, as antigas tribos Moche e Chimu e, claro, as Linhas de Nazca. Era especialista em uma dúzia de assuntos diferentes, piloto licenciada, boa atiradora com fuzil ou pistola e péssima cozinheira. Felizmente o jantar foi preparado por uma cozinheira local: sopa crioula seguida por *lomo saltado* — um prato feito de carne grelhada, cebola e arroz. Havia duas jarras de Pisco Sour, uma bebida branca e espumante feita de aguardente de uva, limão e clara de ovo — o gosto era muito melhor do que a aparência.

Richard Cole estava sentado à cabeceira da mesa. Havia mudado nos últimos meses. O cabelo fora desbotado pelo sol e tinha crescido, de modo que caía em fios compridos sobre o colarinho. Tinha um bronzeado permanente, do deserto, e mesmo não tendo exatamente uma barba, estava com aparência áspera e barbada. Esta noite tinha vestido jeans e uma camisa de linho branco. Normalmente vivia de short e sandálias, e se a casa fosse mais perto do mar poderia ser facilmente confundido com um surfista. Começava cada manhã com uma corrida de oito quilômetros. Estava se mantendo em forma.

Scott e Jamie Tyler estavam sentados num dos lados da mesa, juntos, como sempre. Matt e Pedro do outro. Havia um lugar vazio e alguém tinha posto a matéria com a foto de Scarlett Adams na mesa diante dele, como se ela estivesse presente em espírito.

Todos os seis estavam de bom humor. A comida fora excelente e a bebida tinha ajudado. No andar de cima, as malas tinham sido feitas e estavam prontas nos vários quartos. A professora Chambers esperou até que a comida fosse retirada, depois bateu com um garfo no copo e se levantou. Matt nunca a vira usando vestido, e esta noite não era exceção. Tinha posto um conjunto safári e um ramo de flores no botão da lapela.

— Nós deveríamos ir dormir — começou ela. — Vocês têm uma longa viagem amanhã, mas quero lhes desejar *bon voyage*. Não posso dizer que lamento demais porque vocês finalmente vão embora... — Houve protestos ao redor da mesa e ela levantou a mão pedindo silêncio. — Tem sido impossível fazer qualquer trabalho com o barulho infernal que vocês fazem, os jogos de futebol no gramado da frente, quatro garotos subindo e descendo a escada e tudo o mais.

A professora respirou fundo e continuou:

— Mas vou sentir falta de vocês. Gostei de tê-los aqui. Essa é a verdade. E, mesmo sendo maravilhoso que Scar tenha aparecido finalmente, não consigo deixar de pensar no que espera vocês. — Ela parou por um momento. — Estou me sentindo meio como uma mãe mandando os filhos para a guerra. Só posso esperar que um dia verei todos vocês de novo. Só posso esperar que voltem em segurança. Ela ergueu o copo.

— De qualquer modo, um brinde a todos vocês. Aos Cinco, devo dizer. Cuidem-se. Derrotem os Antigos. Façam o que for preciso. E agora vamos tomar um chocolate quente e jogar uma última partida de *perudo*. Vocês têm de *acordar* cedo.

Mais tarde, naquela noite, Richard e Matt estavam sentados na varanda diante da sala principal. Era uma noite linda com lua cheia,

um céu negro com estrelas em toda parte. Matt ouvia música clássica vindo de dentro da casa. A professora Chambers tinha um rádio antigo que ela gostava de ouvir enquanto trabalhava. Scott e Jamie estavam dividindo um quarto no primeiro andar. Pedro provavelmente assistia à TV.

— Não acredito que a gente vai para casa — disse Matt.

— Para a Inglaterra. — Richard olhou para a escuridão como se pudesse ver seu país no horizonte. — Tem alguma ideia do que vai acontecer quando a gente chegar?

Matt balançou a cabeça.

— Não sei. Andei pensando. Tentei bolar algum tipo de plano. Talvez fosse mais fácil se a gente soubesse o que os Antigos estão fazendo todo esse tempo. — Ele pensou por um momento. — Talvez dê para saber quando nós cinco nos juntarmos. Talvez aí tudo faça sentido.

Matt olhou para a escuridão. As noites em Nazca eram sempre gigantescas. Mesmo sem ver, podia sentir o deserto se estendendo até as montanhas. Parecia haver cinco vezes mais estrelas no hemisfério sul do que ele já vira na Europa. O céu parecia explodir com tantas estrelas.

— O que você disse ontem... — Ele se virou para Richard. — Sobre os Antigos...

— Eles estavam procurando garotos com poderes especiais. Foi assim que encontraram Scott e Jamie. Se Scarlett passou pela porta na igreja de St. Meredith, eles devem saber. Devem ter lido a matéria também.

— Acha que eles estarão esperando por nós?

— Scarlett está sendo vigiada pelo Nexo. O pai dela está com ela. Ela tirou alguns dias de folga da escola. Até agora tudo parece bem. Não parece que ela esteja correndo perigo.

Richard mantivera contato constante com o Nexo, o estranho grupo de milionários, políticos, paranormais e religiosos que sabiam

sobre os Antigos e tinham se juntado numa espécie de sociedade secreta para lutar contra eles. A organização precisava ser secreta porque eles temiam ser ridicularizados. Como poderiam admitir que acreditavam em diabos e criaturas demoníacas? O Nexo havia trabalhado cuidando de Matt e das outras crianças. Num determinado estágio, tinha pagado para ele estudar numa escola particular. Ainda pagava por tudo enquanto os quatro estavam ali.

E também estava protegendo Scarlett Adams. Tinha agido no instante em que ela fora identificada na imprensa nacional, contratando uma equipe de detetives particulares para vigiá-la noite e dia. Foi sorte ela morar na Inglaterra. Isso facilitava as coisas. Um dos membros do Nexo era uma importante autoridade da polícia chamado Tarrant, e ele tinha arranjado para que todos os telefonemas dela fossem monitorados. Enquanto isso, Scarlett havia retornado à escola. Seu pai ainda estava com ela em Londres e uma governanta escocesa morava na casa. Nesse ponto, Richard sabia um bocado sobre ela. Scarlett fazia parte da peça teatral da escola. Tinha um namorado chamado Aidan e vencia-o regularmente no tênis. Parecia levar uma vida feliz.

Richard e Matt iam estragar tudo isso. Em algum lugar, por dentro, Matt sentia culpa — mas sabia que não podia evitar. Ela havia nascido com um propósito. O trabalho dele era contar qual era esse propósito.

Em algum lugar, uma coruja piou na escuridão. A casa ficava nos arredores de Nazca, mas os dois podiam ver as luzes da cidade piscando a distância. Tudo era muito pacífico, mas eles sabiam que era ilusão. Logo o mundo inteiro mudaria.

— Não tenho certeza se você deveria ir — disse Richard, de repente.

— Como assim? — Matt ficou surpreso. Tudo estava pronto. As passagens tinham sido compradas.

— Estive pensando... nessa viagem à Inglaterra. Você, Pedro, Scott e Jamie... todos no mesmo avião. E se os Antigos assumiram o controle do espaço aéreo americano? Eles poderiam jogar *vocês contra* uma montanha. Ou um prédio.

— Eles não querem matar todos nós — disse Matt. Tinha quase certeza disso. — Se nos matarem, todos seremos substituídos por nossos eus do passado. É assim que funciona. E de que isso vai adiantar para eles? Só vão ter de começar a procurar a gente de novo. É mais fácil nos manterem vivos.

Richard balançou a cabeça.

— Eles ainda poderiam forçar o avião a pousar em algum local e capturar vocês.

Matt pensou na possibilidade. O problema era que os Antigos estavam silenciosos durante meses. Pareciam ter se afundado nas sombras, como se jamais tivessem existido. Richard estivera revirando a Internet, esperando saber sobre algum evento, algum horror acontecendo no mundo que pudesse sugerir que os Antigos estivessem envolvidos. Havia muitas histórias. A guerra no Afeganistão. A limpeza étnica em Darfur. Sofrimento e fome no Zimbábue. Mas tudo isso era notícia velha. Aconteceria mesmo sem os Antigos. Ele estivera procurando alguma coisa pior.

— O que acha que eles estão fazendo? — perguntou Matt. — Por que acha que não se mostraram?

Richard deu de ombros.

— Acho que estiveram esperando.

— O quê?

— Scar.

Houve um movimento na varanda e Matt ficou tenso por um instante, depois relaxou. Dava para ver que era a professora Chambers, mesmo sem se virar. O cheiro de seu charuto a havia entregado e, sem dúvida, ali estava ela. Segurava-o numa das mãos com um copo de aguardente peruana na outra.

— Vocês dois vão entrar? — perguntou ela. — Vou ligar os alarmes.

A casa estava totalmente cercada por um sistema de segurança que fora instalado pouco depois da chegada de Richard, Pedro e Matt. Não havia cercas nem guardas uniformizados — a professora tinha dito que não poderia viver com isso. O sistema era invisível. Mas havia uma série de feixes infravermelhos no perímetro, e o quintal tinha sensores de pressão escondidos em vários locais, sob o gramado. O mais sofisticado de tudo era o radar montado no teto, fazendo varredura em toda a área. Era capaz de captar qualquer movimento a cem metros de distância. Era assim que viviam. Podia parecer que estavam livres, mas todos sabiam que, na verdade, aquilo era uma espécie de estado de sítio.

— Só estamos falando sobre amanhã — disse Richard.

— Que vai chegar logo. — A professora soprou fumaça. — Já passa das dez. Vocês não deviam estar na cama?

Richard deu um tapinha no ombro de Matt.

— Você na frente.

Os três entraram. Matt deu boa-noite a Richard e subiu a escada até o quartinho que havia escolhido, nos fundos da casa. Gostava dali. Quando estava deitado na cama, sua cabeça ficava diretamente embaixo de um teto inclinado e com uma claraboia, de modo que, deitado de costas, podia olhar as estrelas. Sua bagagem — uma pequena bolsa de lona — já estava arrumada e esperando no chão. Ele não levaria muita coisa. Se precisasse de algo em Londres, podia comprar lá.

Matt se despiu rapidamente, lavou-se e entrou sob os lençóis. Nos últimos meses, estivera procurando Scar do único modo que podia: nos sonhos. Tinha visitado repetidamente o mundo onírico. Estivera lá com tanta frequência que conhecia bem a paisagem: o litoral se estendendo junto a um grande mar com tudo cinza e morto, a ilha onde já estivera preso.

O mundo de sonho o deixava perplexo. Seria um sonho ou um mundo real? E estava ali para ajudá-lo ou desequilibrá-lo? Por um lado, era um lugar amedrontador, conjurando imagens estranhas, violentas, que ele não entendia: cisnes gigantes, estátuas que andavam, armas e facas. Mas, ao mesmo tempo, Matt não acreditava que corresse perigo ali. Quanto mais o visitava, mais sentia que aquele mundo estava do seu lado. Imaginava se alguém viveria ali — ou se aquilo existiria simplesmente para os Guardiões, seus únicos habitantes.

De qualquer modo, tinha voltado lá praticamente todas as noites, flutuando para fora da cama, do quarto, de si mesmo. Depois tinha começado a viajar, procurando Scar. Às vezes via um clarão de relâmpago, uma tempestade se aproximando. Uma vez encontrou pegadas. Em outra chegou a um bosque, o que pelo menos provava que o lugar não era totalmente morto, que coisas podiam crescer ali.

Mas nunca houvera nenhum sinal de Scar.

Não havia sentido em procurá-la naquela noite. Em apenas 24 horas iria encontrá-la, de qualquer modo. Mas, mesmo assim — talvez fosse apenas o hábito —, pegou-se de volta, quase imediatamente, ao mundo de sonho. Como sempre, sozinho. Estava subindo um morro alto, mas não era necessário mais esforço do que se estivesse andando em terreno plano. Atrás dele, a vastidão se alargava, ampla e vazia.

E então notou uma coisa estranha. O terreno sob seus pés havia mudado. Ajoelhou-se e examinou-o, espanando o pó cinzento que cobria tudo. Era verdade. Estava num caminho pavimentado de pedras que tinham sido trazidas ali e postas no lugar. Dava para ver as juntas, o cimento grudando tudo. Um caminho feito pelo homem! Isso era completamente novo e confirmava o que ele sempre havia pensado. O mundo de sonho era habitado. Poderia haver prédios, até mesmo cidades inteiras.

Olhou para cima. O caminho devia levar a algum lugar. Poderia haver algo do outro lado do morro.

Mas não iria descobrir — pelo menos não agora. De repente acordou. Alguém o estava sacudindo, chamando seu nome. As luzes do quarto estavam acesas. Abriu os olhos. Era Richard.

— Acorde, Matt. Tem alguém aqui.

O homem de Lima

Matt se levantou da cama, vestiu um short e uma camiseta e correu para baixo descalço. Toda a casa estava acordada. Havia luzes em toda parte e o sistema de alarme estava tocando, alertando-os da aproximação de alguém.

Já lhe ocorrera que essa intervenção súbita devia estar ligada ao fato de que Scarlett havia sido encontrada. Se todos os cinco Guardiões tinham aparecido e eram conhecidos uns dos outros, isso os tornava um perigo maior para os Antigos, e não era surpresa que estes quisessem agir. Era exatamente o que vinha preocupando Matt e Richard. Por outro lado, poderia ser um alarme falso. Nos últimos quatro meses, houvera um número suficiente deles. Às vezes apareciam crianças da cidade procurando comida ou algo para roubar. A professora Chambers criava lhamas por causa da lã, e uma delas poderia ter se soltado. O sistema era sensível. Até um morcego ou uma mariposa grande bastaria para dispará-lo.

Matt entrou correndo na sala principal. Havia um computador numa mesa do canto e este já havia se ativado, ligando-se automaticamente ao radar no teto. Mostrava um único ponto piscando e movendo-se devagar e com objetividade para a porta da frente. Eram onze e meia da noite. Um pouco tarde para um visitante.

Jamie e Scott haviam descido, totalmente vestidos. Pedro os seguiu — descalço como Matt, mas frequentemente ele preferia

andar sem sapatos. Quando os dois garotos haviam se conhecido, ele usava sandálias feitas de pneus velhos e ainda desconfiava de tênis de verdade. Estava bocejando e vestindo um suéter. Joanna Chambers tinha chegado antes de todo mundo. Usava um roupão velho. Matt olhou-a abrir o armário de armas e pegar um fuzil. Até agora, ninguém havia falado.

— O que está acontecendo? — perguntou Jamie.

— Há uma figura andando pelo quintal. — Ela assentiu para o computador. — Parece que é só uma pessoa, mas não podemos ter certeza.

Richard foi examinar a tela.

— Eu diria que ele está tentando não ser visto — murmurou. — Por que não damos uma olhada?

Ele se inclinou e apertou um botão. Essa era outra parte do sistema de segurança. Todo o quintal foi instantaneamente iluminado por uma série de lâmpadas de arco voltaico, fortes a ponto de parecer que ele havia disparado um sinalizador de magnésio. Matt piscou. Era chocante ver as cores intensas, o amplo gramado verde, tão tarde da noite.

Havia uma única figura, um homem, preso no meio do gramado. Vestia um paletó de linho, jeans e camisa polo abotoada até o pescoço. Tinha uma bolsa de lona pendurada no ombro. Quando as luzes se acenderam, ele havia se imobilizado e ficou parado, com as mãos meio cobrindo os olhos, momentaneamente cego. Parecia estar sozinho. Certamente não carregava nenhuma arma visível. Richard abriu a porta dupla de vidro. A professora Chambers saiu.

— Fique onde está! — gritou ela. — Tenho uma arma apontada para você.

— Não precisa disso! — gritou o homem de volta, num inglês com sotaque forte. — Sou amigo.

— O que você quer?

— Falar com o garoto. Matthew Freeman. Ele está aí?

Richard olhou para Matt, que se adiantou, passando pela porta. Ele teve o cuidado de não ir muito longe. A professora Chambers levantou a arma, protegendo-o.

— Qual é o seu nome? — gritou Matt.

— Ramon. — O homem pôs as mãos sobre os olhos, protegendo-os, tentando enxergá-lo.

— De onde você veio?

— De Lima. — O homem hesitou, sem saber o que fazer, se deveria avançar ou não. Parecia preso pela luz. — Por favor... você é Matthew? Estou aqui porque quero ajudá-lo.

Pedro tinha chegado à janela. Estava parado perto de Matt.

— Por que ele vem como um ladrão, no meio da noite? — murmurou. Matt assentiu. Sabia que Pedro era o mais desconfiado de todos. Talvez isso tivesse a ver com sua vida antiga.

Richard concordou.

— Podemos pedir que ele volte de manhã — murmurou.

Porém Matt não tinha tanta certeza.

— O que você quer? — gritou.

O homem não tinha se mexido.

— Vou mostrar quando estiver aí dentro. — Ele olhou em volta. — Por favor... aqui fora não é seguro para mim.

Matt sabia que precisava tomar uma decisão. Era algo que vinha descobrindo cada vez mais. Apesar de estar na casa da professora e de ela e Richard serem muito mais velhos, ele sempre parecia estar no comando.

Examinou rapidamente as opções. Todos deveriam sair da casa às dez horas da manhã seguinte, indo até Lima para pegar o voo que os levaria a Londres. Não era hora de conhecer estranhos. Por outro lado, eles eram seis e o sujeito era um só. A professora Chambers tinha uma arma. E o homem parecia bastante sincero.

— Certo! — gritou Matt. — Venha...

O homem começou a andar em direção à casa. Ao mesmo tempo, Richard foi até o armário e enfiou a mão dentro. Havia outra arma lá. Ele não iria se arriscar.

O homem entrou na sala, com a professora Chambers acompanhando-o com o fuzil. Agora que ele estava dentro, Matt pôde ver que o homem era poucos anos mais velho do que Richard, com o cabelo escuro e a pele cor de azeitona de um peruano nativo. Obviamente estivera na estrada durante um tempo. Estava coberto de poeira, barbado, as roupas amarrotadas, com manchas de suor sob os braços. Havia um ar assombrado em seus olhos. Pela aparência, ele não parecia representar ameaça.

A primeira coisa que fez foi tirar um par de óculos do bolso de cima e colocá-los. Agora parecia um professor ou talvez um contador que trabalhasse num pequeno escritório. Tinha um relógio barato no pulso e os sapatos eram velhos e com os saltos gastos. Olhou diretamente para Matt.

— Você é Matthew Freeman? — E piscou. — Não achei que iria encontrá-lo aqui.

— Sente-se — disse Richard.

O homem se sentou no sofá com as costas viradas para a porta dupla. Richard apertou o botão que desligava as luzes do quintal, e tudo fora da sala desapareceu de novo no negrume. Durante a noite, o céu havia se nublado. A lua e as estrelas tinham desaparecido. Richard voltou até o sofá e sentou-se num dos braços. Não havia reajustado o sistema de segurança. Mas, afinal de contas, o visitante não ficaria muito tempo. Scott e Jamie se empoleiraram na beira da mesinha de centro. A professora Chambers se sentou numa poltrona com o fuzil entre os joelhos.

— O que você quer? — perguntou ela.

— Vou contar tudo que vocês queiram saber — respondeu Ramon. — Mas, primeiro, posso pedir para beber alguma coisa?

Estive viajando o dia todo e precisei esperar até a noite para vir aqui. Acreditem, se eu fosse visto, seria morto.

— Vou pegar — disse Pedro. Em seguida, se levantou e foi até a cozinha, voltando um instante depois com um copo d'água. O homem o pegou com as duas mãos e bebeu sofregamente.

— Como você sabe sobre mim? — perguntou Matt.

— Sei muita coisa sobre você, Matthew. Posso chamá-lo assim? Sei como você veio ao Peru e acho que sei o que esteve fazendo desde que chegou. Além disso, eu estava presente na noite em que você foi à *hacienda* em Ica, mas talvez você não tenha me visto. Eu estava lá porque fui contratado para trabalhar para Díego Salamanda.

Ramon devia saber do efeito que o nome provocaria em todos na sala. Salamanda fora presidente e dono de uma gigantesca corporação jornalística na América do Sul. Deliberadamente deformado na infância — sua cabeça fora esticada de modo grotesco —, ele havia usado seu poder e sua riqueza para trazer os Antigos de volta. Matt e Pedro tinham ido à sua *hacienda* procurar Richard e, mais tarde, Matt e Salamanda haviam se confrontado no deserto de Nazca. Matt o havia matado, mandando de volta as balas disparadas de sua própria arma.

— Por favor... não pense que sou seu inimigo — continuou Ramon apressadamente. — Juro que não fiz parte dos planos dele. — Ele fez uma pausa. Gotas de suor brotavam em sua testa. — Nem faço parte dos negócios. Sou professor da Universidade de Lima, e o senhor Salamanda me pagou para ajudá-lo num projeto especial. Devo explicar que minha especialidade é história antiga. — Ele fez uma reverência na direção da professora Chambers. — Ouvi a senhora falar muitas vezes. Estive presente, por exemplo, em abril passado, quando a senhora fez a apresentação no Museu Nacional de Antropologia. Achei uma palestra brilhante.

A professora Chambers pensou por um momento.

— É verdade que eu estive lá — disse. — Mas qualquer um poderia saber disso.

— O senhor Salamanda me disse que estava de posse de um diário e pediu que eu o interpretasse — continuou Ramon. — O diário foi escrito no século XVI por um homem chamado José de Córdoba. Esse homem viajou até o Peru com os conquistadores espanhóis. Salamanda me disse que comprou o diário de um livreiro em Londres, um homem chamado William Morton.

— Ele não comprou — disse Matt. — Roubou. Matou William Morton para pegá-lo. — Matt sabia porque estivera lá na ocasião. Morton havia pedido dois milhões de libras, mas só conseguiu uma faca nas costas.

— Eu não sabia dessas coisas — exclamou Ramon. — Era inocente. Meu serviço era trabalhar apenas no texto, revelar seus segredos, e passei muitas, muitas horas, no escritório dele e também em sua casa em Ica. O diário jamais podia sair de perto dele. O Sr. Salamanda deixou claro desde o início que era a coisa mais preciosa para ele em todo o mundo. E, à medida que eu lia, que comecei a estudá-lo, percebi o motivo. O livro contava uma história extraordinária... os Antigos, uma batalha há muitos milhares de anos e um portão que poderia ser destrancado pelas estrelas.

Ele baixou a cabeça.

— Sei que sou responsável pelo que aconteceu em junho passado. Fiz o trabalho para o qual fui pago e ajudei Salamanda a abrir o portão. Permiti que uma coisa terrível acontecesse e desde então isso está na minha consciência. — Ele se retorceu no sofá, instigando-os a acreditarem no que dizia. — Não sou um homem mau. Sou católico. Vou à igreja. Acredito no céu e no inferno. E estive pensando... o que posso fazer para compensar o que fiz? O que posso fazer para reparar o dano que causei? E soube, finalmente, que precisava encontrar você. Por isso vim.

— Como sabia onde nós estávamos? — perguntou Jamie.

— O Sr. Salamanda costumava mencionar o nome da professora Chambers. Achei que você estaria com ela, e lhe trouxe uma coisa. A senhora não vai atirar em mim se eu enfiar a mão na bolsa?

Ele olhou para a professora, depois levou a mão às costas. Pegou um velho livro encadernado em couro e colocou na mesa. Ninguém na sala disse nada. Mas todos sabiam o que era. Era difícil acreditar que estivesse ali, diante deles. A capa era marrom-escura com leves traços de dourado, amarrada com um cordão. As bordas das páginas eram ásperas e irregulares. Matt o reconheceu imediatamente. Continha tudo o que precisavam saber sobre os Antigos. Talvez até descrevesse como eles poderiam ser derrotados.

— É o diário do monge louco — disse Ramon.

E era mesmo. O livro pequeno e quadrado que estava ali no meio da mesa era, supostamente, o único exemplar que restava no mundo. Não existia limite para a quantidade de segredos que ele poderia conter, para o quanto seria valioso.

— Como você o conseguiu? — perguntou Richard.

— Eu roubei! — Ramon pegou um lenço e passou-o na testa. — Achei que seria impossível, mas, na verdade, foi fácil. Veja bem, eu ainda tinha minha chave eletrônica para entrar no escritório da Salamanda News International em Lima. E tive uma ideia maluca. Talvez a chave não tivesse sido cancelada. O senhor Salamanda estava morto, mas certamente eles haviam se esquecido de mim. Há dois dias voltei ao escritório. Ninguém me viu, se bem que agora devem saber que o livro desapareceu. Peguei-o na mesa dele e fugi na noite. É possível que as câmeras tenham me identificado e que eles estejam me procurando agora mesmo.

Richard continuava com suspeitas.

— O que você quer de nós? Quer que paguemos?

Ramon balançou a cabeça.

— Vocês não conseguem entender? — exclamou. E apertou as mãos diante do corpo. — Eu tenho 28 anos. Espero me casar no ano

que vem. Quando o senhor Salamanda me deu esse trabalho, eu não sabia de nada. Para mim, era apenas um serviço.

Ele empurrou o diário para longe.

— Aqui! Podem ficar com ele sem pagar. É seu. Eu só trouxe para vocês porque achei que poderiam usá-lo nessa grande... — Ele procurou a palavra. — ... *lucha*. Luta. Não quero nada de vocês. Sinto muito ter vindo.

Houve uma pausa. Matt soube que tinha acabado de ganhar um presente fantástico. O diário poderia explicar o mundo do sonho. Poderia contar a história dos 25 portais que ficavam em tantos países diferentes. Quem os havia construído, e quando? Talvez até ajudasse a deduzir o que deveriam fazer quando finalmente se encontrassem em Londres. Ramon estava certo. Salamanda estava preparado para matar com o objetivo de pôr as mãos no diário, e agora o livro fora entregue a eles, vindo do nada.

Jamie se inclinou adiante e o pegou. Desamarrou o cordão, e o diário se abriu em suas mãos. Ele examinou a página à sua frente. Estava coberta por uma escrita que seria quase ilegível, mesmo que não fosse em espanhol. Havia minúsculos diagramas nas margens. De repente, seus olhos se iluminaram. Ele apontou para duas palavras.

— Árvore Nova — disse ele. — Era o meu nome quando voltei no tempo. Árvore Nova foi morto e eu tomei o lugar dele.

O diário era real. Matt não tinha dúvida. Mas e o homem que o havia trazido? Ele parecia sincero, porém Richard estivera esperando algum tipo de armadilha, que poderia ser essa. De repente, Matt teve uma ideia. Havia um modo fácil de descobrir.

— Jamie — disse. — Pergunte se ele está dizendo a verdade.

Jamie entendeu imediatamente. Mas antes que ele pudesse agir, Scott se levantou.

— Eu faço isso — disse ele.

Scott avançou e parou na frente do visitante. Olhou Ramon direto nos olhos.

— Você está dizendo a verdade? — perguntou.

— Pela alma da minha mãe — respondeu Ramon, fazendo o sinal da cruz e beijando o polegar. — Só estou aqui porque é a coisa certa a fazer. Porque quero ajudar.

Scott se concentrou. Esse era o seu poder, a capacidade com que mantivera plateias entretidas nos muitos meses em que ele se apresentava em Reno. O público achava que era um truque, mas era real. Ele conseguia ler mentes.

Infelizmente, não era tão fácil quanto parecia. Não era como ligar um interruptor. Scott e Jamie tinham uma conexão um com o outro. Quando estavam na mesma sala ou a uma curta distância, podiam se comunicar simplesmente pensando. Mas, quando se tratava de outras pessoas, estranhos como Ramon, o que viam era confuso, caótico. Nada jamais era preto e branco.

Talvez um minuto tenha se passado. Então Scott assentiu.

— Ele está dizendo a verdade — declarou.

— Juro... — Ramon sabia que fora testado de algum modo. As palavras saíram num jorro. — Não importa se vocês não confiam em mim. Vou deixá-los com o diário. Vou embora. Não tenho outro motivo para ficar aqui.

— Você disse que não estava em segurança lá fora — disse Richard. — Você foi seguido?

Ramon balançou a cabeça e engoliu em seco, nervoso.

— Acho que não. Depois que peguei o diário, fiquei escondido em Lima. Queria ver se a polícia apareceria. Então, como nada aconteceu, peguei um ônibus de turismo até Paracas. Achei que era menos provável ser notado desse modo. Agora eles devem saber que o diário sumiu. Devem saber que eu o peguei. E, apesar de Salamanda ter morrido, na organização dele há pessoas que ainda querem continuar o que ele começou.

— E para onde você vai agora? — perguntou a professora Chambers. — Tem algum lugar onde se esconder?

— Eu esperava... — começou Ramon. Houve um som estranho, um assobio que veio pelo ar, e então um som de tecido se rasgando. Ele olhou para baixo. Havia algo se projetando de sua camisa. Perplexo, Ramon baixou a mão e tocou aquilo, depois tentou tirá-lo. A coisa não se mexia e, quando ele a soltou, sua mão estava molhada de sangue.

Todos tinham ouvido, mas não perceberam o que era. Um poste de cerca. Fora lançado com força impossível, vindo da escuridão. Devia ter viajado mais de trinta metros antes que a ponta acertasse as costas do sofá, penetrando o couro e o estofo antes de empalar o homem que estava sentado. Os olhos de Ramon se arregalaram. Ele tentou falar. Depois tombou para a frente, preso no lugar, incapaz até mesmo de cair.

Os alarmes não haviam soado. O radar estava vazio. A professora Chambers levantou-se num salto e apertou o botão para acender as luzes exteriores. Nada aconteceu.

Algo estava se movendo no quintal. Havia figuras se esgueirando, vestidas em roupas imundas, em trapos que pendiam como se estivessem apodrecendo. Matt conseguia apenas vislumbrá-las à luz que se derramava da sala. De repente, sentiu muito frio e soube imediatamente que forças sombrias estavam atuando e que, independentemente do que estivesse vindo em direção a ele, não eram criaturas humanas.

Tinham vindo pegar o diário.

Ataque noturno

Lenta e decididamente eles se aproximaram da casa.

Eram mais de uma dúzia: figuras de pesadelo, arrastando os pés pelo gramado. De onde teriam vindo? Matt podia imaginá-las saindo do cemitério local. Havia algo de cadavérico nelas. Um brilho de luz da sala captou o rosto de um e ele viu um osso reluzente, uma órbita de olho vazia, sangue seco escorrendo pela lateral da bochecha e do pescoço. Nesse momento, teve certeza. Aquelas criaturas não podiam ser mortas. Já estavam mortas.

Como se quisesse provar que ele estava errado, a professora Chambers avançou e disparou contra a criatura mais próxima. Matt viu um grande jorro de sangue explodir da nuca. A coisa caiu de cara no chão e ficou deitada, estremecendo na grama. Então pelo menos podiam ser paradas! Ela disparou de novo, acertando outra no ombro. A criatura se retorceu como se lutasse para se livrar da bala. Sangue se esparramou pelo que restava de sua camisa. Mas continuou vindo. Não parecia sentir dor.

Richard já estava de pé, carregando o revólver tirado do armário de armas. Algumas semanas antes, Matt havia sorrido quando o encontrou atirando em latas no deserto. Agora ficou satisfeito porque Richard tinha decidido treinar.

No início do ataque, Scott e Jamie tinham pegado algumas armas improvisadas — qualquer coisa em que pudessem pôr as mãos. Jamie estava com um bastão de beisebol. Scott havia encontrado uma

faca de cozinha que ele estava segurando diante do corpo, com a lâmina inclinada para cima. Pedro tinha recuado para o outro lado da sala. Estava de pé com as costas numa janela que ia do chão ao teto, os olhos virando para a esquerda e a direita, esperando o primeiro ataque.

Não olhou para trás.

— Pedro...! Cuidado! — gritou Richard.

Uma das criaturas estava saindo das sombras do outro lado do vidro. Pedro girou bem a tempo de ver um rosto morto, branco, olhos fixos, lábios cinza, mãos estendidas para ele. A criatura não parou. Andou diretamente pela janela, despedaçando o vidro que caiu em cascata, e entrou na sala com sangue escorrendo pelo rosto. Cacos de vidro estavam grudados na carne, mas a coisa não parecia notar. Richard levantou o revólver e atirou duas vezes na cabeça da criatura. Ela desmoronou aos pés de Pedro. Ao mesmo tempo, Richard girou e atirou de novo. Outra criatura havia chegado à porta dupla, que estava aberta, e já ia entrar. Ela levantou as mãos e caiu para trás com uma bala entre os olhos.

Mas ainda havia muitas outras se movendo lentamente pelo gramado, sem medo de morrer, determinadas somente a chegar à casa. Talvez Ramon tivesse sido uma distração, afinal de contas. Enquanto ele estivera falando, os atacantes noturnos haviam cercado a casa completamente. Matt ouviu o som de madeira lascando no andar de cima e soube que algumas deviam ter subido à sacada e invadido por ali. Jamie pegou o diário e jogou para Scott num único movimento. Scott o pegou sem ao menos olhar e enfiou na jaqueta. Nenhum dos dois havia falado, e Matt soube que deviam ter se comunicado telepaticamente. Ele vira isso acontecer com frequência. Cada um deles sabia instantaneamente o que o outro faria. Eram quase como reflexos um do outro.

Richard estava recarregando a arma. Joanna Chambers atirou de novo. Pegou mais algumas balas no bolso do roupão, mas, enquanto

mexia com o mecanismo de carregar, uma das criaturas se lançou contra ela, agarrando-a com uma das mãos, levantando com a outra uma faca de aparência muito antiga. A lâmina era preta e tinha gume quebrado, serrilhado. A criatura golpeou.

Matt fez com que ela parasse.

Seis meses antes, não seria capaz de fazer isso. Mas na época estava sozinho. Agora quatro Guardiões tinham se juntado, e Scott, Jamie e Pedro haviam unido seus poderes ao dele. Só precisou pensar, e a lâmina se partiu ao meio. A criatura gritou de dor e um fio de fumaça subiu da palma de sua mão quando o punho da faca a queimou. Nesse ponto, a professora havia carregado o fuzil. Disparou um único tiro à queima-roupa, acabando com o sofrimento da criatura.

— Não podemos controlá-las! — gritou Jamie.

Se as criaturas fossem totalmente humanas, ele poderia fazer com que dessem meia-volta e deixassem a casa. Ele e Scott não liam mentes, apenas. Também podiam controlá-las. Durante toda a vida, os dois irmãos achavam que viviam com uma maldição. Tinham de ser sempre cuidadosos com o que diziam. Um pensamento descuidado, uma palavra falada com raiva poderia transformá-los em assassinos. E mais tarde, quando seu pai adotivo cometeu suicídio, Scott sabia secretamente que a culpa era sua.

Mas dessa vez isso não funcionaria. Os atacantes não pareciam ter mentes que pudessem ser controladas. Era como se já tivessem sido programados para matar sem qualquer pensamento próprio. E eram muitos. Matt olhou para o quintal. Ainda estava muito escuro lá fora, mas dava para ver uma multidão enorme, movendo-se implacável pelo gramado. Havia outros nos fundos da casa, e mais ainda no andar de cima.

Matt ouviu um som terrível, gorgolejante, e se virou no instante em que um homem — os restos de um homem — cambaleou por cima do sofá e se jogou contra ele. O homem estava nu da cintura

para cima, com suor e gosma escorrendo do peito. Matt balançou a cabeça e o homem foi lançado para trás, chocando-se contra a parede. Escorregou para o chão e ficou imóvel.

— Eles estão na escada!

Foi Scott que viu. As criaturas que tinham entrado pela sacada estavam descendo, os movimentos vagarosos, quase robóticos. Jamie correu para a frente com o bastão de beisebol e golpeou o rosto do primeiro homem que alcançou. Houve um estalo de osso quebrando. O homem despencou no chão.

Matt olhou em volta, imaginando de onde viria o próximo ataque. Ao mesmo tempo, sentiu um cheiro. Seus olhos lacrimejavam e ele percebeu que estava mais difícil respirar. A temperatura também havia subido. Richard atirou de novo, acertando uma criatura, depois usou o revólver como porrete, batendo em outra.

— A casa está pegando fogo! — gritou ele.

Não era preciso dizer. A fumaça descia pela escada, sugada para o térreo pelos ventiladores em movimento. Ele já podia ouvir os estalos de madeira queimando. Situada sob o sol quente de Nazca — quase nunca chovia naquela parte do Peru —, a casa da professora era totalmente seca. Existiam extintores de incêndio em todos os cômodos, mas não haveria chance de usá-los. Deixado por conta própria, o incêndio consumiria toda a construção em minutos.

Richard atirou mais duas vezes e em seguida a arma estalou, vazia, em sua mão. Ele revirou os bolsos, procurando mais balas. A professora Chambers deu outro tiro, mas também estava com pouca munição. E as criaturas continuavam chegando. Se matassem uma, outras duas ou três ocupavam seu lugar. Matt viu outra aparecer na escada, segurando um poste de ferro semelhante ao que havia matado Ramon. Tinha sido arrancado da cerca do quintal. Viu a criatura levantá-lo sobre o ombro e percebeu, tarde demais, o que ela faria.

A criatura atirou o poste como se fosse uma lança, mirando Pedro diretamente. Matt gritou um alerta. Pedro girou. O míssil girou uma vez no ar e depois acertou de raspão a cabeça dele. Pedro gritou e caiu, atordoado e sangrando. Outra criatura — vestida de modo bizarro com os trapos de um smoking — foi para cima dele. Matt não podia alcançá-la. Estava longe demais. Mas Scott chegou lá. Ainda tinha a faca de cozinha. Estava entre Pedro e o atacante. Matt esperou que ele se mexesse.

Scott não fez nada. Ficou parado, totalmente imóvel. Nem estava piscando. Matt podia ver o peito dele arfando e as mãos pareciam travadas, os dedos dobrados. O corpo inteiro rígido.

Matt sabia o que estava acontecendo. Tinha visto antes. Scott não estava com medo. Não era covarde. Mas havia passado semanas prisioneiro da Corporação Crepúsculo, com a mulher chamada Susan Mortlake, e nessa ocasião penetraram na mente dele. Era difícil imaginar por quanta dor o haviam feito passar, tentando virá-lo contra os amigos. Esse era o resultado. Em momentos de tensão, ele simplesmente se fechava. Até agora, nem Pedro pudera ajudá-lo. Os ferimentos eram profundos demais.

Pedro estava caído. Havia um talho na lateral de sua cabeça. Jamie brandia seu bastão de beisebol, usando-o como um porrete ou uma espada. Matt procurou uma arma, porém não conseguiu ver nenhuma. O homem de smoking havia chegado até Pedro e estava parado junto dele. Tinha arranjado uma segunda arma, um machado que segurava com as duas mãos. Desesperado, Matt procurou pela sala, viu um pedaço de vidro quebrado no chão e — usando seu poder — mandou-o pelo ar, cravando-o no pescoço da criatura. A criatura soltou um berro terrível e caiu numa cascata de seu próprio sangue.

— Temos de sair daqui! — gritou Richard.

O ar estava cheio de fumaça. Era mais difícil respirar, mas correr para o ar puro seria suicídio. Ninguém podia ver nada na escuridão

— e, se aquelas criaturas tinham visão noturna, estariam no controle total. Matt ficou parado, xingando-se. Lágrimas escorriam pelo seu rosto. Sabia que isso estava acontecendo por causa de Scarlett. Ele estivera esperando. E por que não tinha se preparado?

De qualquer modo, sabia que Richard estava certo. Precisavam sair da casa antes que sufocassem. A fumaça não parecia ter qualquer efeito contra os atacantes. Era como se os pulmões deles tivessem apodrecido e eles não precisassem respirar. Jamie jogou o bastão de beisebol contra uma criatura na escada, depois correu até o irmão. Matt alcançou Pedro e o ajudou a ficar de pé. Pelo menos ele não parecia muito ferido. A professora Chambers disparou um tiro de fuzil, abrindo caminho para a porta dupla.

— Cuidado!

Foi Richard que gritou o aviso. Matt levantou os olhos a tempo de ver parte do teto despencando num caos de fogo laranja e fumaça preta. As chamas saltavam para a noite. Parecia que a maior parte do teto e parte do segundo andar haviam desmoronado. Pegando Pedro, jogou-se de lado e o entulho que caía deixou de acertá-los por centímetros, batendo no sofá onde Ramon, o homem que havia iniciado tudo aquilo, estava sentado. A barra de ferro que o havia matado se projetava do peito. Ele olhava tudo como um espectador desinteressado.

Os seis saíram cambaleando para o quintal, deixando a casa em chamas e o restante das criaturas — nove ou dez — para trás. A professora Chambers disparou um último tiro.

— Não tenho mais munição! — gritou ela para Richard, mas havia uma tensão em sua voz, e Matt se perguntou se ela teria sido ferida. Olhou-a alarmado. Havia uma mancha vermelha se espalhando na frente do roupão. Um rasgo escuro aparecia no tecido. Mas ela não deixaria que a dor a derrubasse. — E você? — perguntou.

— Mais duas balas... — respondeu Richard.

Mais duas balas, e os atacantes estavam em toda parte. Matt podia vê-los claramente à luz das chamas, os olhos reluzindo vermelhos, as mãos segurando facas, machados, correntes e pedaços de arame farpado que eles sacudiam como se fossem chicotes. Pedro estava apoiado nele, com sangue escorrendo pelo lado do rosto. Scott e Jamie estavam parados juntos, recuperando o fôlego. Tinham conseguido sair, mas não tinham para onde correr. Outra criatura foi cambaleando na direção da professora Chambers, que ficou onde estava, apertando o ferimento. Richard atirou duas vezes.

Matt estava quase desistindo. Não acreditava que a coisa terminaria assim, com eles surpreendidos e cercados num quintal em Nazca. Seria só isso, a luta? Ele era um Guardião. Tinha retornado ao mundo depois de dez mil anos. Iria mesmo se permitir ser derrotado tão facilmente?

E então a noite explodiu pela segunda vez, com luzes irrompendo à toda volta, inclinando-se de todas as direções. Matt e Pedro ficaram parados, cambaleando. Jamie foi na direção do irmão. Richard e a professora Chambers giraram com suas armas agora inúteis. Estavam presos, amontoados num grupo com a casa em chamas atrás, as luzes na frente, cercados por todos os lados. Matt tentou ver quem havia chegado nessa hora tardia. Será que tinha poder para fazer os recém-chegados recuarem? Baixou a cabeça, juntando o resto das forças.

Então, como se viesse de lugar nenhum, uma saraivada de flechas foi disparada em sua direção. Mas não contra ele. Tinham sido apontadas deliberadamente por cima de sua cabeça. Algumas criaturas próximas da casa caíram ao ser acertadas. Outra saraivada chegou, derrubando mais criaturas. As luzes vinham dos faróis de quatro ou cinco carros que haviam chegado à beira do quintal e parado num semicírculo. Homens corriam pelo gramado. Soaram vários tiros. Um dos homens parou e estendeu a mão para a professora Chambers, que meio que desmoronou nos braços dele. Os

outros continuaram indo para a casa, atirando, procurando qualquer atacante que restasse e começando a trabalhar para apagar o fogo.

E de repente Matt soube quem eram.

Eles haviam ajudado Pedro e ele quando chegaram ao Peru, tirando-os de Cuzco através de uma rede de túneis subterrâneos. Os dois garotos haviam ficado com eles em sua cidade escondida, Vilcabamba, no alto das montanhas. Eram incas, a tribo que tinha governado o Peru, mas que fora reduzida a pouco mais do que um punhado de sobreviventes, vivendo em segredo. Eles tinham prometido cuidar de Matt e dos outros Guardiões enquanto estivessem no Peru. E tinham vindo, fiéis à palavra.

Traziam armas de fogo, além das tradicionais, e acabaram com os atacantes. Machadinhas eram brandidas na escuridão, cortando trapos e carne. Balas atravessavam a noite. Tudo terminou rapidamente. Matt, Pedro, Scott e Jamie esperaram no gramado enquanto as últimas criaturas eram derrotadas. Agora Richard estava ajudando a segurar Joanna Chambers. Toda a cor havia sumido do rosto dela. A professora mal conseguia ficar de pé.

Um dos incas se aproximou deles. Era baixo, de ombros largos e rosto moreno, sério.

— Vocês estão bem? — perguntou.

— Estamos — respondeu Richard. — Mas a professora Chambers foi ferida.

— Sou Tiso. Viemos quando ouvimos o primeiro alarme. Sinto muito. Chegamos tarde demais.

— Estamos felizes porque vocês vieram — disse Richard. — Podemos voltar para a casa? Precisamos levá-la para dentro...

Mas passou-se mais meia hora antes que os incas tivessem apagado as chamas e eles pudessem entrar. O teto e parte do primeiro andar haviam sumido, mas ainda restavam dois quartos habitáveis e, assim que os entulhos e os cadáveres fossem retirados, os seis poderiam acampar no andar térreo.

A casa nunca mais seria a mesma. Matt olhou para a madeira queimada e os tapetes encharcados, as janelas quebradas e o entulho, e sentiu uma tristeza cada vez maior. Aquele havia sido um lugar lindo. A professora Chambers tinha morado ali por boa parte da vida, mas então ele e os outros chegaram e arruinaram tudo para ela. Em poucas horas deveriam partir — para Londres. E essa era a bagunça que deixavam.

Tiso e alguns outros incas ajudaram a carregar a professora Chambers para o escritório. Richard foi com ela e Pedro também. Seus poderes de cura seriam mais do que nunca necessários, se bem que a professora parecia ferida demais até mesmo para ele. Precisava de auxílio médico. E um médico apareceu alguns minutos depois, convocado com urgência da cidade próxima. Matt, Scott e Jamie ficaram do lado de fora enquanto ela era examinada. Nenhum deles disse nada. Estavam exaustos. Apenas algumas horas antes estavam rindo juntos, jantando e jogando dados. E agora isso!

Matt olhou para Scott.

— Onde está o diário? — perguntou. Naquele momento, quase desejou não terem o livro. Não importava o quanto era valioso. Até agora, só lhes havia trazido problemas.

Scott o pegou no bolso da jaqueta e entregou.

— Desculpe — disse. Sua voz saiu baixa. — Eu não ajudei vocês, lá dentro. Não ajudei o Pedro. Eu queria. Mas... — Sua voz ficou no ar.

— Não faz mal — respondeu Matt. — Tudo aconteceu depressa demais. De qualquer modo, o Pedro vai ficar bem.

— O que eles estão fazendo lá dentro? — Jamie olhou para a porta fechada do escritório. Sua voz estava raivosa. Chutou o sofá onde Ramon havia sentado. O morto fora levado para fora, mas ainda restava um buraco enorme no couro, lembrando o que havia acontecido. Ele se virou para o irmão. — Você entendeu mal. Disse que ele estava contando a verdade.

Scott ficou vermelho — sem graça, ou talvez com raiva.

— Achei que ele estava dizendo a verdade.

— Talvez você estivesse certo — interrompeu Matt. Os dois irmãos raramente discutiam, e ele ficou surpreso ao vê-los começarem agora. — Não podemos ter certeza se Ramon foi responsável pelo que aconteceu esta noite. Ele disse que estava correndo perigo, e estava certo. Eles o mataram. De modo que talvez o resto da história fosse verdade.

— Nós podemos usá-lo? — perguntou Scott.

Matt abriu o diário. Havia uma página coberta de diagramas. Um deles parecia um pouco com um carro, mas como se fosse desenhado por uma criança, e ele se lembrou que José de Córdoba — o monge louco — supostamente podia prever o futuro. Folheou-o. Algumas páginas tinham sido marcadas com uma caneta moderna. Alguém havia anotado palavras e números, sublinhando algumas áreas do texto. Diego Salamanda? O diário havia pertencido a ele, e ele podia ter passado semanas decifrando-o. Pelo jeito, tinha deixado parte de seu trabalho para trás.

Matt tentou decifrar algumas palavras, mas o monge havia escrito em espanhol antigo e, de qualquer modo, a letra era quase ilegível.

— Não consigo ler essa língua — disse ele. — E Pedro sabe falar, mas não sabe ler...

— Talvez a professora possa decifrar — sugeriu Jamie.

A professora Chambers. Matt se lembrou da expressão de Richard ao ajudar a carregá-la para dentro. Fazia muito tempo que os dois estavam lá.

E então a porta do escritório se abriu. Pedro saiu. Balançou a cabeça brevemente e se sentou, parecendo arrasado. O médico veio atrás. Ele murmurou algumas palavras para Richard, depois saiu da casa, fazendo o máximo para evitar olhá-los nos olhos. Foi então que Matt soube que a notícia não era boa.

— Matt... — Richard chamou-o à porta. — Ela quer ver você.

— Sua voz estava rouca. — Quer se despedir.

— Ela vai... — Matt percebeu o que Richard acabara de dizer. — Ela não pode estar morrendo. E o Pedro? Não pode ajudar?

— É tarde demais para o Pedro. Ele não pode fazer nada. — Richard suspirou. — Chamamos uma ambulância, que está vindo. Mas ela não vai sobreviver. Sinto muito, Matt. Não sei como aconteceu, mas ela foi esfaqueada. Houve muito sangramento interno e... — Ele parou e respirou fundo. — Ela não está sentindo dor. O médico cuidou disso. Mas não podemos fazer mais nada. Quer que eu vá com você?

— Não... — Matt entrou no escritório.

Joanna Chambers estava deitada no sofá-cama que gostava de usar para pensar quando estava trabalhando. Como sempre, sua mesa estava totalmente coberta de papéis, junto com uma garrafa de conhaque e uma caixa de seus charutos prediletos. O rádio antigo que ela gostava de ouvir estava perto do computador, mas desligado, silencioso, e de algum modo isso deixou Matt mais triste do que qualquer coisa: a ideia de que ela nunca mais iria ouvi-lo.

Ela ainda estava com o roupão, mas alguém havia posto um cobertor sobre as pernas e o peito. Só havia uma luz acesa, que lançava um brilho fraco e suave no cômodo.

Matt pensou que a professora estava dormindo; mas, quando fechou a porta, ela levantou os olhos.

— Matt...?

Ele foi até ela.

— A ambulância está a caminho — murmurou. — O médico disse...

— Não me venha com nenhuma bobagem — interrompeu ela e, por um momento, pareceu exatamente a antiga professora Chambers. — Eles não podem fazer nada por mim e, de qualquer modo, não vou para nenhum hospital daqui. — Ela tentou mudar a

posição do corpo, mas não teve força. — Venha se sentar perto de mim.

Matt obedeceu. Seus olhos estavam ardendo e ele sentia uma dor na garganta. Por que precisava acontecer assim? Por que ela não podia estar bem? Lembrou-se da primeira vez em que tinha visto a professora Chambers pilotando seu avião. Ela havia deduzido o segredo das linhas de Nazca e estivera com ele, no meio do deserto, quando foram atacados pelos condores. Matt sabia que, sem ela, nunca teria localizado o segundo portão. E desde então ela havia cuidado deles, jamais reclamando enquanto a casa era invadida e seu trabalho era interrompido.

Matt havia usado o poder para se proteger. Por que não pudera fazer o mesmo por ela?

— Agora escute — disse ela. Em seguida, encontrou a mão dele e apertou-a. — Você não deve se preocupar comigo. Sua responsabilidade é muito grande, Matt. Acho que você ainda não tem ideia do que lhe será pedido. E quantos anos você tem? Quinze! Não é justo...

Ela fechou os olhos por alguns segundos, lutando para respirar.

— Os Antigos serão derrotados — disse. — Desde que o mundo começou, sempre houve o bem e o mal, mas de algum modo conseguimos ir em frente. Você verá. Talvez não seja fácil. O que aconteceu hoje... foi idiota, realmente. Deveríamos saber que eles viriam.

Ela soltou sua mão. Não conseguia se esforçar muito mais.

— Era isso que eu queria lhe dizer. — Sua voz estava sumindo. — Fico muito feliz por ter conhecido você, de verdade. Fico feliz porque passamos um tempo juntos aqui. Sempre amei este lugar, sempre fui feliz aqui...

Ela apontou para a porta com um dedo, dizendo para ele deixá-la. Matt obedeceu. Richard estava esperando por ele do lado de fora.

A ambulância chegou dez minutos depois. Mas era tarde demais. A professora Chambers já estava morta.

Conselho de guerra

Matt acordou com o cheiro de madeira queimada nas narinas e o gosto na boca. Tinha dormido cerca de seis horas, mas era o mesmo que nada. Mesmo antes de sair da cama soube que estava tão exausto quanto no momento em que havia se deitado, pouco depois das duas da madrugada.

Teve de dormir com Pedro. Seu quarto fora destruído pelo incêndio, junto com tudo o que havia dentro — e só quando abriu os olhos na manhã seguinte percebeu exatamente o que isso significava. Não tinha mais passaporte. Não viajaria a lugar nenhum naquele dia, certamente não num voo comercial — e devia ser exatamente isso que o ataque pretendera. Os Antigos não queriam que ele chegasse a Londres. Não o queriam perto de Scarlett Adams. E, ainda que houvesse policiais e detetives particulares tomando conta, ela estava completamente isolada. Uma na Inglaterra. Quatro no Peru. Certamente isso não fazia Cinco.

Pedro estava sentado com as pernas cruzadas na cama, usando apenas um short. Havia um emplastro na lateral de sua cabeça. Matt achou que ele devia estar acordado por um bom tempo. Pedro era sempre o primeiro a acordar. Mas, claro, em sua vida antiga ele estaria pedindo esmola nas ruas de Lima, esperando o tráfego de pessoas indo para o trabalho, muito antes do alvorecer. Os dois garotos haviam dormido em duas camas, lado a lado.

— O que vamos fazer agora? — perguntou Pedro.

— Não sei, Pedro. — Matt saiu da cama e vestiu uma camiseta limpa. — Teremos de nos reunir para tomar uma decisão.

— Ainda vamos para a Inglaterra?

— Vamos.

Pedro não tinha falado muito sobre a viagem, e Matt suspeitava que ele estivesse achando difícil encarar a situação. Nunca havia saído do Peru. Até mesmo a ideia de entrar num avião era completamente estranha para ele. Só havia voado uma vez, e ainda por cima num helicóptero que caiu. A ideia de passar quinze horas no ar e pousar num mundo completamente diferente o deixava incomodado.

— Fico triste porque a professora morreu — disse ele. — Ela era muito boa.

— Eu sei. — Matt se perguntou se poderia tê-la salvado. Será que a morte dela era culpa dele? Agora parecia que ela estivera condenada desde o momento em que eles haviam chegado, mas sabia que ela jamais veria a coisa desse modo. Mesmo assim... fazia dois dias que tinham recebido o fax com a notícia sobre Scar. Gostaria que todos tivessem partido imediatamente.

Agora restavam apenas cinco: Matt, Pedro, Scott, Jamie e Richard. Encontraram-se do lado de fora, sentados a uma mesa de madeira à sombra de uma paineira — uma kapok, como também era conhecida. A professora Chambers gostava de levar os garotos pelo jardim, mostrando todas as diferentes plantas e falando sobre elas. Dizia que esta, de algum modo, havia saído da floresta tropical, e ela não conseguia entender como a planta crescia ali. A mesa fora posta à sombra, com a copa em forma de guarda-chuva e as flores de um branco cremoso da kapok abrigando-os do sol.

Poderiam estar mais seguros dentro da casa, porém mal conseguiam olhar para ela, para a ruína que havia se tomado. De algum modo, não parecia provável que os Antigos retornassem... pelo menos à luz do dia. E, de qualquer maneira, os incas estavam

em algum lugar ali perto. Não existia o perigo de um segundo ataque. Richard havia trazido uma bandeja com limonada gelada e um prato de *empanadas*, as empadinhas de queijo que eles costumavam devorar. Mas ninguém estava com fome. Estavam exaustos e infelizes. Ninguém sabia o que deveriam fazer.

Uma coisa era certa. Não podiam ficar por muito tempo. A casa ainda tinha água e eletricidade e eles até poderiam consertar o telhado. Mas não restavam sistemas de alarme. Os incas não poderiam protegê-los indefinidamente. E — mais importante — nenhum deles queria ficar ali. No momento em que a professora Chambers fora levada da *hacienda*, toda a vida do lugar pareceu ter ido embora junto.

— Certo... — Richard foi o primeiro a falar, e Matt sentiu-se grato por ele romper o silêncio, por assumir o controle. Richard estava usando uma camisa polo limpa e jeans, mas parecia completamente exausto, como se não tivesse dormido nada.

— Isto é um conselho de guerra — disse ele. — Porque parece que a guerra finalmente chegou. Precisamos falar sobre a noite passada. Precisamos enfrentar isso e deixar para trás. E eu posso começar dizendo que a culpa foi principalmente minha. — Ele levantou a mão antes que alguém pudesse interromper. — Quando Ramon veio para a casa, eu desliguei o sistema de segurança. Mas não liguei de novo. Nem o radar, pelo menos. Talvez essa fosse a ideia. Talvez por isso ele tenha sido mandado para nós. Como uma distração...

— Também foi minha culpa — interveio Scott. — Matt quis que eu olhasse na mente dele e eu olhei. Mas de algum modo ele conseguiu me enganar. Achei que ele estava dizendo a verdade.

— Talvez ele *estivesse* dizendo a verdade — retrucou Matt. — Ele trouxe o diário... e você acha que ele teria ficado ali sentado, para ser morto? Talvez tenha sido seguido desde Lima. O objetivo da noite passada podia ser que eles simplesmente queriam o diário de volta.

— O que precisamos nos perguntar é: o que vamos fazer agora? — disse Richard. — Faz mais de 48 horas desde que Scarlett Adams apareceu nos jornais. O Nexo ainda está de vigia, mas não podemos deixá-la sozinha por muito tempo. Por outro lado... — Ele assentiu para Matt. — Matt perdeu o passaporte, de modo que não vai viajar a lugar nenhum.

— Podemos usar a porta — disse Jamie. — A mesma por onde Scott e eu viemos. Só precisamos chegar ao Templo de Coricancha, em Cuzco. Nós entramos lá... e saímos em Londres. Não precisamos de avião.

Parecia óbvio. Era exatamente o motivo para as portas terem sido construídas. Mas Richard balançou a cabeça.

— Não podemos usar as portas. Pense bem, Jamie. Salamanda tinha o diário e obviamente o estudou com atenção. Se os Antigos estão procurando por nós, e parece bem provável que estão, é exatamente como vão esperar que viajemos.

— Talvez eles não tenham visto o diário — disse Pedro. — Ele estava no escritório do senhor Salamanda. Talvez Salamanda não tenha mostrado o diário a eles.

Richard continuava insatisfeito.

— É um risco grande demais. De qualquer modo, eles sabem sobre a porta na igreja de St. Meredith. Scarlett passou por ela. Provavelmente foi o que deu início a tudo isso. Eles podem estar nos esperando lá. Sei que é chato, mas acho que é muito mais seguro viajarmos de avião.

— Mas Matt não tem passaporte — lembrou Scott.

— O Nexo pode nos levar para os Estados Unidos — respondeu Richard. — Falei hoje de manhã com Nathalie Johnson e ela mandou um avião particular. Ele já está vindo. E ela fez contato com John Trelawney. Os dois têm influência suficiente para fazer com que a gente passe pela imigração. Também podem conseguir um passaporte novo para Matt. Afinal de contas, eles não tiveram

dificuldade para conseguir o do Pedro. Vai demorar alguns dias, mas podemos chegar à Inglaterra na terça-feira.

Scott e Jamie haviam conhecido Nathalie Johnson antes de virem para o Peru. Era uma empresária americana que tinha feito fortuna com computadores antes de ser atraída para o Nexo. John Trelawney era o senador que havia concorrido à eleição presidencial. O resultado seria anunciado em um dia e ele ainda era o favorito para vencer. Os dois eram amigos poderosos.

Jamie considerou o que Richard havia dito.

— Certo, então. — Ele deu de ombros. — Vamos.

— Não todos nós — interveio Matt.

Houve um silêncio súbito em volta da mesa. Todos os olhos se voltaram para ele.

— Acho que deveríamos nos separar — disse ele.

— Está maluco...? — começou Scott.

— Por quê?

— Como assim, Matt?

Todo mundo estava falando ao mesmo tempo. Matt não ficou surpreso. Quando decidiu o que faria, soube que o resto seria contra. Eles deveriam se manter juntos. Encontrar um ao outro, juntar-se... era disso que se tratava a vida de todos. Cinco Guardiões. Até agora, contra todas as chances, quatro tinham conseguido fazer exatamente isso. Estavam a horas de encontrar a quinta. Parecia loucura completa se separarem agora.

— Precisamos ter cuidado — explicou Matt. — Richard e eu conversávamos sobre isso ontem à noite, antes de *sermos* atacados. Se nós quatro entrarmos num avião e os Antigos conseguirem controlá-lo, estaremos à mercê deles. Eles poderão fazer qualquer coisa com a gente. Os quatro ao mesmo tempo.

— O que você quer dizer com isso? — perguntou Jamie.

— Não podemos ficar aqui — acrescentou Pedro.

— Eu vou a Londres com Richard — disse Matt. — Vamos encontrar o Nexo assim que pudermos e vamos encontrar Scarlett assim que soubermos que isso é seguro. — Em seguida se virou para Jamie. — Eu gostaria que você fosse com a gente.

Jamie abriu a boca, mas não disse nada. Entendia as implicações do que Matt estava sugerindo.

— Você vai me deixar para trás — murmurou Scott. Sua voz saiu baixa e carrancuda.

— É só por uns dias. Uma semana, não mais do que isso.

— É porque eu fiz besteira ontem à noite?

— Você não fez besteira. — Matt precisava escolher as palavras com cuidado. De certa forma, Scott estava certo. Talvez a culpa não fosse dele, mas ele ainda não era totalmente digno de confiança. Matt olhou para ele, encurvado na cadeira, afastado da mesa com as mãos nos bolsos, e viu a raiva fria em seu rosto. E existia outra coisa. Uma espécie de crueldade. Quando Scott vivera dez mil anos antes, seu nome era Pedra-de-fogo, e isso combinava bem. Sentado no quintal, seus olhos pareciam duros como pedra.

— Scott e eu não gostamos de ficar separados — disse Jamie.

— Sei disso e sinto muito — respondeu Matt. — É verdade que somos mais fortes juntos. Por isso quero que fiquemos em pares. Dois e dois. Se alguma coisa der errado em Londres, vou precisar de alguém para nos apoiar.

— Então, por que não leva o Pedro?

— Porque Pedro não conhece Londres. Nunca esteve na Inglaterra.

— Nem eu.

Matt suspirou.

— Jamie... se você realmente não gosta da ideia, eu vou sozinho. Não me importo de fazer isso. Só não acho que deveríamos ir todos. É só. Estou tentando fazer o melhor para todo mundo.

— E desde quando você tem de dizer a todo mundo o que fazer? — perguntou Scott. — Achei que deveríamos ser iguais. Quem colocou você no comando?

Houve outra pausa longa. Richard abriu a boca como se fosse dizer alguma coisa, depois mudou de ideia. O dia estava ficando mais quente à medida que o sol subia acima das montanhas, mas a atmosfera não estava nem um pouco calorosa. Matt olhou para a trilha que levava à cidade de Nazca. Estivera ali uns dois dias antes, chutando uma bola de futebol, esperando que a professora Chambers voltasse das compras. Agora ela estava morta, sua casa em ruínas e os quatro quase se esganando mutuamente. Como as coisas podiam ter dado errado tão depressa?

— Scott, eu não acho... — começou Jamie.

— Você está do lado dele? — Scott dirigiu a raiva para o irmão.

— Todos estamos do mesmo lado — interveio Matt. — E, se nos virarmos uns contra os outros, é melhor desistirmos.

— Você nunca esteve do meu lado, Matt. Nunca confiou em mim, desde o dia em que cheguei aqui. Bom, vá sem mim. Todos vocês podem ir sem mim. Não me importo.

Scott se levantou com raiva, derrubando a cadeira para trás. Nem notou. Afastou-se na direção da casa e desapareceu pela porta da frente. Ninguém disse nada. Então Jamie se levantou.

— Desculpe Matt — disse. — Vou conversar com ele. Ele vai ficar bem.

Jamie acompanhou o irmão. Com isso, ficaram apenas Richard, Pedro e Matt. Richard serviu um copo de limonada. Ofereceu a Matt, que balançou a cabeça. O próprio Richard bebeu.

— Para onde você quer que eu vá? — perguntou Pedro. — Acho que não é bom a gente ficar aqui.

Matt suspirou.

— Pensei que você deveria voltar a Vilcabamba com Tiso e os outros incas. Eu esperava que você pudesse passar um pouco mais

de tempo com o Scott... — Pedro entendeu. Scott ainda precisava de ajuda depois de suas experiências como prisioneiro da Corporação Crepúsculo.

— Vou fazer o que puder — disse ele. — Mas Scott tem muita dor. Tem coisas acontecendo aqui... — Ele bateu na lateral da cabeça. — Não entendo.

— Você quase foi morto ontem à noite. Ele não o ajudou.

— É. Mas ele e Jamie são muito ligados. Gêmeos. Talvez não seja boa ideia separar os dois.

Não parecia haver mais nada a dizer. Pedro pegou a jarra e os copos e levou-os para dentro. Richard e Matt ficaram sozinhos.

— Isso foi ótimo — disse Matt, mal-humorado.

Richard terminou de beber a limonada e pousou o copo.

— Não seja muito duro com você mesmo. Todos estamos nos sentindo mal por causa de ontem à noite, da morte de Joanna. Jamie vai conversar com Scott. Ele sabe que você está fazendo o máximo que pode. Eles vão dar um jeito.

— Espero que sim.

— Em apenas uma semana vocês vão estar em Vilcabamba. Todos vocês. Agora vocês têm o diário. E, apesar do que aconteceu ontem à noite, todos saíram bem da situação. Ninguém foi muito ferido. Tenho certeza de que você tomou a decisão certa, Matt. Tudo vai dar certo.

Apesar disso, Matt não tinha tanta certeza. Girou e olhou para a casa, para a madeira queimada, o que restava do telhado e, de repente, percebeu que havia algo errado, que a coisa não batia direito.

Se Ramon conseguiu encontrá-los com tanta facilidade, por que os Antigos haviam demorado tanto? E, se eles queriam tanto o diário, por que não tinham mandado uma força maior? Matt vira o tipo de criaturas que os Antigos tinham à disposição. Elas haviam se arrastado para fora do deserto de Nazca... os soldados armados, os

animais gigantes, as hordas de alteradores de forma. Mas eles não tinham vindo ali na noite passada.

Será que estava tomando a decisão certa ao dividir o grupo? Ou será que os inimigos desejavam que ele fizesse isso? Estaria agindo a partir de decisões já tomadas?

Mais tarde, dois carros chegaram à casa. Um deles levaria Pedro e Scott a Arequipa, a famosa "Cidade Branca" no sul do Peru. Eles teriam de passar a noite ali antes de viajar de avião até Cuzco. Por causa do ar rarefeito no alto dos Andes, os aviões só podiam decolar e pousar de manhã. Dois incas iriam com eles e depois os acompanhariam pela floresta entre as nuvens até Vilcabamba.

Jamie, Richard e Matt tinham uma viagem mais curta de carro até o aeroporto de Nazca, onde um avião particular já os esperava para levá-los a Miami. Precisariam esperar em Miami até a chegada do novo passaporte de Matt, e depois cruzariam o Atlântico até a Inglaterra. Se as coisas corressem bem, só ficariam separados por alguns dias.

Matt deu uma última olhada para a casa da professora. As crianças da cidade provavelmente iriam saqueá-la nos próximos dias, tirando qualquer coisa de valor. Ele estivera ali durante muito tempo. Tinha quase começado a pensar no local como seu lar, mas agora não era nada. Estava tudo queimado. Quebrado. Vazio.

Richard colocou as bagagens no porta-malas.

— Vilcabamba — disse Matt

— Vilcabamba — concordou Pedro.

Os dois apertaram as mãos. Scott e Jamie não disseram nada — porém Matt soube que mesmo assim eles estavam se comunicando.

Tudo acabou rapidamente. Os quatro garotos subiram em seus diferentes carros e partiram em caminhos separados.

O jardim feliz

Em Londres, Scarlett Adams estava tentando retornar à vida antiga.

Os médicos tinham decidido que não existia nada errado com ela. A polícia havia feito mais perguntas, porém finalmente desistiu. Talvez ela tivesse sofrido amnésia. Talvez toda a história do desaparecimento fosse uma brincadeira de colegial — mas, de qualquer modo, os policiais tinham coisas melhores a fazer. Até a imprensa a deixou em paz. Um novo presidente, um homem chamado Charles Baker, tinha acabado de ser eleito nos Estados Unidos e, segundo todos os informes, houvera algo estranho no modo como os votos foram contados. A coisa estava se transformando num escândalo gigantesco, e isso não deixava espaço nos jornais para uma garota que havia sumido por menos de um dia.

Apenas 48 horas depois de ter viajado até a Inglaterra, Paul Adams voltou a Hong Kong.

Scarlett sabia que ele não podia ficar com ela. Paul havia começado recentemente no emprego novo, trabalhando no departamento jurídico de uma empresa gigantesca envolvida, entre outras coisas, com a fabricação de computadores e a criação de programas. Não causou boa impressão o fato de ele ter viajado a Londres com tão pouco tempo de aviso. Precisava retornar.

À Corporação Crepúsculo.

Paul Adams levou Scarlett para jantar na última noite que passou em casa. Os dois foram a um pequeno restaurante italiano do qual ele gostava, em Dulwich. Paul pediu meia garrafa de vinho para ele e uma limonada para ela, e os dois ficaram sentados se encarando, tentando pensar em coisas para dizer. Paul estava usando jeans caros e uma blusa de malha que, na verdade, não lhe caíam bem. O fato é que ele só ficava realmente confortável com paletó e gravata. Para ele, o terno era como uma segunda pele. Talvez fosse a idade. Tinha 49 anos e era advogado por mais de metade desse tempo, dedicando a vida a contratos, relatórios e gráficos complicados. Era difícil imaginar como ele teria sido na adolescência.

— Você vai ficar bem, Scarly? — perguntou.

— Vou — assentiu Scarlett.

Nenhum dos dois tinha falado muito sobre a igreja de St. Meredith. Paul Adams parecia ter aceitado a história. Ela havia adoecido. Tinha esquecido o que aconteceu. Scarlett se perguntou por que não contou tudo a ele. Paul sempre fora gentil com ela. Por que ela estava mentindo, agora?

— Desculpe, papai — disse.

— Não precisa se desculpar. — Paul Adams fez uma pausa e tomou um gole de vinho. — Você realmente não tem ideia do que aconteceu?

— Gostaria de ter.

— Você poderia me contar, e sabe disso. Eu não ficaria chateado. Quero dizer, se há algum tipo de segredo ou alguma coisa que você tem medo de...

Scarlett balançou a cabeça.

— Eu contei tudo à polícia.

Paul Adams assentiu. Então o garçom chegou com espaguete à carbonara para ele e uma pizza para Scarlett. Houve a movimentação de sempre com o pimenteiro enorme, o queijo parmesão ralado. Por fim, estavam sozinhos de novo.

— Como está o trabalho? — perguntou Scarlett. Ela havia mudado de assunto deliberadamente.

— Ah. Não é muito ruim. — Paul Adams girou o garfo no espaguete. — Quer ir a Hong Kong para o feriado de Natal? Falei com sua mãe e ela achou bom que eu ficasse com você este ano. Vou ter uns dias de folga e nós podemos viajar juntos.

— Eu gostaria — disse Scarlett, mas ficou imaginando como seria viajarem só os dois. Eles pareciam ter se afastado depressa demais.

Comeram em silêncio. Paul Adams não parecia estar desfrutando da comida. Deixou metade, depois tirou os óculos e começou a esfregá-los com o guardanapo. Olhando-o nesse momento, Scarlett pensou em como ele havia envelhecido. Não era só o cabelo ficando grisalho. Era ele inteiro.

— Desculpe, Scarly. Acho que deixei você na mão, não foi? Se eu soubesse que Vanessa e eu não ficaríamos juntos... talvez devêssemos ter pensado duas vezes em relação a adotar uma criança, se bem que, claro, fico feliz por termos adotado. Adoro você. Mas não tem sido justo. Deixá-la sozinha com a Sra. Murdoch.

— A decisão foi minha — lembrou Scarlett.

— Bom, é. Acho que foi.

— Por que você precisa trabalhar em Hong Kong?

— É uma oportunidade maravilhosa. Não só pelo dinheiro. A Crepúsculo tem escritórios em todo o mundo e eu posso subir na carreira... — Sua voz ficou no ar. — Só vou ficar lá uns dois anos. Já disse a eles. Depois quero que me transfiram para o escritório de Londres e nós vamos ficar juntos de novo.

— Não se preocupe comigo, papai. Vou ficar bem.

— Vai, Scarly? Eu espero.

Ele partiu no primeiro voo do dia seguinte.

Scarlett já havia retornado à escola — e isso também não foi fácil. A diretora, uma mulher grisalha que parecia mais severa do que era realmente, fez um discurso na hora da entrada, dizendo a todos para

deixá-la em paz, mas é claro que todos foram para cima, bombardeando-a com perguntas, desesperados para saber onde ela havia estado de verdade. Scarlett tinha aparecido na TV. Era uma pequena celebridade. Algumas garotas menores até pediram autógrafo. Por outro lado, alguns professores pareceram pouco felizes em vê-la — em particular, Joan Chaplin. A professora de arte fora parcialmente responsabilizada pelo sumiço de Scarlett e, por sua vez, culpava Scarlett por isso.

Os dois dias seguintes se passaram com a rotina usual de aulas e jogos. Havia pilhas de dever de casa e ensaios da peça de Natal. Tudo tinha retornado à normalidade — pelo menos era o que Scarlett dizia a si mesma. Mas, no fundo do coração, sabia que nada estava realmente normal. Talvez nunca mais fosse.

Já havia decidido que só existia uma pessoa com quem conversar e contar tudo sobre o desaparecimento. Não era o seu pai. Nem a Sra. Murdoch. Tinha de ser Aidan. Ele era seu amigo mais íntimo. Não riria dela. Ela já lhe havia mandado um torpedo para se encontrarem depois da aula, e os dois foram para casa juntos, devagar, permitindo que os outros estudantes se afastassem.

Contou tudo: a porta, o mosteiro, o padre Gregory, a fuga. Ainda estava falando quando entraram no parque Dulwich, diante da galeria de arte, e pegaram o caminho mais longo passando pelo playground e pelo gramado.

— Acha que estou louca? — perguntou ao terminar. Havia momentos em que ela mesma pensava isso. Será que a versão oficial dos acontecimentos era a verdadeira? Será que ela teria batido a cabeça numa parede e sonhado a coisa toda?

— Eu sempre achei você bem estranha — disse Aidan.

— Mas sonhar uma coisa assim...

— Você não fez parecer que era um sonho. — Os olhos dele se iluminaram. — Ei, talvez a gente pudesse voltar à igreja. A gente podia passar pela porta outra vez e ver o que acontecia.

Scarlett estremeceu.

— Não posso fazer isso.

— Por quê? Se você fosse comigo, pelo menos provaria que foi verdade.

— Eu não poderia voltar. Eles podem estar me esperando. Eles me agarrariam e a coisa toda começaria de novo.

— Eu protegeria você!

— Eles matariam você. Matariam nós dois.

Tinham chegado ao outro lado do parque e estavam saindo do Court Lane Gate pelo lado norte. Dali, a rua ia até o sinal de trânsito onde, dois anos antes, Scarlett quase fora morta.

Scarlett tinha acabado de virar a esquina quando viu o carro.

Era um Mercedes prateado com janelas de vidro fumê, de modo que, mesmo percebendo duas pessoas dentro, não dava para ver o rosto delas. O veículo estava parado do lado oposto da rua, e ela poderia até não ter notado... só que era a quarta vez que o via. Estivera na rua naquela manhã, parado diante do A Coroa e o Greyhound quando ela estava indo para a escola. Na ocasião, também havia duas pessoas dentro. O carro a havia ultrapassado enquanto ela caminhava até o pequeno restaurante com seu pai. E ela o vira da janela do quarto, andando lentamente pela sua rua. Havia pensado em anotar o número da placa. Tinha as letras GEN, que por acaso eram as três primeiras letras de St. Genevieve. Por isso lembrava agora. Ela parou.

— O que foi? — perguntou Aidan.

— Aqueles dois homens. — Ela apontou para o carro. — Estão me vigiando.

— Scarl...

— Sério. Já vi os dois antes.

Aidan olhou na direção deles.

— Talvez sejam jornalistas. Você continua sendo um mistério. Talvez estejam querendo uma entrevista.

— Eles andaram me seguindo.

— Vou perguntar a eles, se você quiser.

Deviam tê-lo visto ou adivinharam o que Aidan tinha em mente. Quando ele saiu da calçada, o motorista deu a partida no motor e saiu a toda velocidade, desaparecendo na esquina com os pneus cantando.

Scarlett não viu o Mercedes de novo, mas esse não foi o fim da história. Pelo contrário. Isso lhe disse algo que ela vinha sentindo o tempo todo.

Estava sendo vigiada. Tinha certeza. A ideia vinha crescendo nos últimos dias, antes de Paul ter ido embora, um sentimento de que estava presa, como um espécime numa lâmina de laboratório. Pegava-se olhando para estranhos na rua, convencida de que a espionavam. Quando passava por uma câmera de segurança diante de uma loja ou escritório, o aparelho quase parecia girar com o olho de vidro focalizando-a — e Scarlett podia imaginar alguém numa sala secreta, distante, olhando-a através de um monitor de TV, destacando-a da multidão.

Mesmo quando estava sozinha no quarto, tinha a sensação de alguém espiando, e depois de um tempo bastava o balanço de uma cortina para irritá-la. Quando telefonava — não importava se pelo celular ou por uma linha fixa —, tinha certeza de que ouvia algo ao fundo. Uma respiração. Um leve eco. Alguém escutando.

Não estava imaginando. A coisa era real.

Tinha tentado dizer a si mesma que nada disso era possível. Sabia que existia uma palavra para o que estava experimentando. Paranoia. Por que alguém se incomodaria em vigiá-la? Ninguém a estava vigiando. Ela só estava histérica por causa do acontecido.

"*Houve cinco crianças. Elas passaram a ser conhecidas como os Guardiões. Quatro garotos e uma garota. Você é a garota*."

Foi quando viu o Mercedes com Aidan que Scarlett entendeu o que havia provocado aquilo. O acontecimento na St. Meredith ainda

não tinha chegado ao fim. Só havia começado.

O dia seguinte — uma sexta-feira — foi péssimo. Scarlett não dormiu direito. Estava irritada com a Sra. Murdoch e conseguiu estragar espetacularmente uma prova de matemática na escola. Não queria estar na aula. Só queria voltar ao seu quarto e fechar a porta — deixá-"los" do lado de fora, mesmo não tendo ideia de quem "eles" poderiam ser.

Naquela noite, recebeu um telefonema. Era Aidan.

— Oi, Scarlett — disse ele. — Eu andei pensando... quer ir ao cinema amanhã?

Bastou aquela frase para ela saber que algo estava errado. Não respondeu imediatamente. Aninhou o celular na palma da mão, repassando o que tinha acabado de ouvir. Em primeiro lugar, Aidan nunca a chamava de Scarlett. Chamava de Scarl. E havia algo estranho em seu tom de voz. Ele não tinha perguntado como se falasse a sério. Parecia falso, como se estivesse lendo um roteiro.

Como se soubesse que estavam escutando.

Ela ergueu o celular de novo.

— O que você quer ver?

— Não sei. O Batman novo ou qualquer coisa. A gente pode ir ao West End...

E isso também era estranho. Por que ir até tão longe? Dulwich tinha um cinema perfeitamente bom.

— Ah. A que horas você quer que a gente se encontre?

— Meio-dia?

— Vejo você aqui...

Aidan chegou exatamente ao meio-dia, vestindo seu característico agasalho com capuz e jeans. Enquanto andavam até a estação do metrô, Scarlett imaginou se não teria fantasiado muito a partir da conversa da noite anterior. Ele parecia completamente relaxado e alegre. Os dois bateram papo sobre a escola, futebol, lanchonetes e a eleição americana, que ainda estava saindo no

noticiário. Aidan se interessava por política, mas o assunto deixava Scarlett completamente fria.

— Charles Baker é sinistro no mau sentido — disse ele. — Não acredito que alguém tenha votado nele para presidente. O outro cara, o Trelawney, deveria ter vencido mole.

— E por que não venceu?

— Não sei. Tem gente dizendo que houve fraude na contagem. Mas vou dizer uma coisa, Scarl: o cara errado ganhou.

Chegaram ao cinema, o Empire, na praça Leicester. Mas, enquanto se aproximavam da bilheteria, Aidan segurou Scarlett de repente e puxou-a de lado. Num instante, todo o humor do garoto havia mudado. Ele se certificou de que não houvesse ninguém por perto, depois começou a falar depressa:

— Scarl, preciso dizer. Aconteceu uma coisa muito estranha.

— O que foi? — Scarlett estava completamente perplexa.

— Eu não sabia se devia contar ou não. Mas ontem, liguei para você porque me mandaram! Um cara veio falar comigo quando eu estava saindo da escola.

— Que cara?

— Nunca vi antes. A princípio, achei que ele queria me vender alguma coisa. Era chinês. Um cara novo. Pediu para eu te dar um recado.

— Por que ele não me procurou pessoalmente?

— Só estou dizendo o que ele me contou. — Aidan passou a mão pelo cabelo comprido e revolto. Ainda não havia ninguém nessa parte do saguão. A pouca distância dali, uma família de quatro pessoas estava indo ver o filme. — Ele chegou perto de mim e perguntou se podia falar. Sabia o meu nome. E sabia que eu era seu amigo.

— O que ele queria?

— Escuta... Não quero pirar você, mas ele disse que não podia falar com você pessoalmente porque seu telefone estava grampeado

e que você estava sendo vigiada. E disse que você estava correndo perigo. — Aidan fez uma pausa. — Isso tem alguma coisa a ver com o que aconteceu na igreja?

— Não sei, Aidan. —Todos os temores de Scarlett haviam sido confirmados. Não sabia se isso a fazia se sentir melhor ou pior. Olhou em volta. — E onde está esse chinês misterioso? Vamos nos encontrar com ele aqui?

— Não. Ele está depois da esquina... num restaurante. O Jardim Feliz. É na rua Wardour, a uns cinco minutos daqui.

— E por que estamos aqui?

— Foi ideia minha. Eu precisava dizer a você o que estava acontecendo, mas não podia falar no metrô, para o caso de alguém estar escutando. Desculpe, Scarl. Eu não queria mentir para você, mas o cara parecia muito sério. E ontem a gente viu o carro no parque. — Aidan respirou fundo. — Você não precisa ir. Talvez não devesse ir.

— Por quê?

— Talvez você devesse procurar a polícia.

Scarlett precisou admitir que ele tinha uma certa razão. Todo mundo sabia que, quando um adulto estranho aborda um garoto do lado de fora da escola, é hora de ligar para a emergência. Mas ela já havia se decidido. Se não fosse ao tal restaurante, talvez nunca descobrisse quem era o homem ou o que ele queria.

— Jardim Feliz — murmurou. — Que tipo de nome é esse?

— É um restaurante chinês.

— Ah, sim. — Ela assentiu. — Acho que deve ser, mesmo. — E pensou por um momento. — O homem disse mais alguma coisa?

— Disse. Disse que vocês dois já se encontraram antes. Na Dulwich Grove, há dois anos. Devia estar falando do acidente...

Se Scarlett tivera alguma dúvida, isso a fez decidir. O homem que a havia salvado, que não esperou pelo agradecimento, era chinês.

Tinha de ser a mesma pessoa. Mas o que ele estava fazendo de volta em sua vida?

— A que horas eu preciso estar lá?

— A uma e meia.

Ela olhou o relógio. Era pouco mais de uma hora.

— Vamos chegar cedo.

— Então você vai?

— Tenho de ir, Aidan. Acho que não pode acontecer nada de ruim no meio de um restaurante chinês. E, de qualquer modo, você vai estar comigo. — Ela fez uma pausa. — Não vai?

— Claro. — Aidan confirmou com a cabeça. — Eu não deixaria você sozinha. De qualquer modo, mal posso esperar para saber que negócio é esse.

Saíram do cinema pelo mesmo lugar por onde haviam entrado, misturando-se discretamente na multidão da praça Leicester. Era improvável que alguém os tivesse seguido desde Dulwich, mas Scarlett não se arriscaria. Entraram num beco que ia dar em Chinatown, uma área apinhada de restaurantes e supermercados chineses. Dali atravessaram a avenida Shaftesbury, indo para o endereço que o homem tinha dado a Aidan.

A tarde estava surpreendentemente quente. Era hora do almoço, havia muita gente na rua. O cheiro de macarrão frito pairava no ar.

A explosão aconteceu no momento em que iam virar a esquina para a rua Wardour. Eles não a ouviram simplesmente. Sentiram, também. A calçada estremeceu sob os pés e um sopro de ar quente os golpeou como um soco, trazendo junto uma nuvem de poeira e fuligem. Se estivessem apenas dez segundos adiantados, poderiam ser acertados pelo impacto. Uma bomba havia explodido. Uma bomba grande. Em algum lugar ali perto.

— Para...! — começou Aidan.

Era tarde demais. Scarlett já havia corrido e virado a esquina. Uma cena de devastação a recebeu do outro lado. Um prédio mais

ou menos na metade da rua fora totalmente detonado. Era como se alguém o tivesse socado com um punho gigantesco. Vidro e entulho estavam espalhados por todo o asfalto, e línguas de fogo lambiam os tijolos despedaçados. Um táxi devia estar passando na hora da explosão. Todas as janelas estavam quebradas e o motorista havia cambaleado para fora, cego, com sangue escorrendo pelo rosto. Uma mulher estava parada ali perto, gritando muito, as roupas em frangalhos, coberta de sangue e cacos de vidro. Havia fumaça em toda parte, mas Scarlett podia ver vários corpos, caídos imóveis, alguns em trapos. Tinha visto imagens assim pela TV, acontecidas em Bagdá e Jerusalém. Mas aqui era o Soho, o centro de Londres. E ela sabia que quase fizera parte daquilo. Aidan e ela poderiam estar caídos no meio do entulho. Aidan alcançou-a.

— A gente deveria ir embora — disse ele.

— Mas o restaurante...

— Aquilo é o restaurante...

Scarlett não conseguiu se mexer. Olhou para o buraco enorme, a fumaça saindo, a mobília despedaçada e os corpos. Era um restaurante. Ele estava certo.

— Venha...! — implorou Aidan.

Scarlett já podia ouvir as sirenes de carros da polícia e ambulâncias chegando de alguma outra parte da cidade. Era incrível a rapidez com que tinham sido alertados. Deixou que Aidan a levasse para longe. Não queria ser encontrada ali. Parte dela até se perguntou se, de algum modo, poderia ser culpada.

A explosão foi a matéria principal no noticiário daquela noite. Um restaurante chamado Jardim Feliz fora alvo de um ataque mortal. Três pessoas foram mortas e uma dúzia de outras feridas por uma bomba escondida sob uma das mesas. Segundo a polícia, não era um incidente terrorista. A culpa foi posta em gangues chinesas que vinham atuando no West End.

"Hoje a polícia está especulando que o ataque é resultado de uma tensão crescente na comunidade chinesa", disse o locutor.

Scarlett assistiu ao noticiário com a Sra. Murdoch. A governanta estava tricotando.

— Você não esteve no Soho hoje, Scarlett? — perguntou ela.

— Não — mentiu Scarlett. — Estava do outro lado da cidade. Nem cheguei perto.

"Esse é o ataque mais sério até agora", continuou o locutor. "Vem depois de outros incidentes envolvendo gangues em Peckham e no Mile End. As autoridades pedem que todas as testemunhas se apresentem, e a Scotland Yard estabeleceu uma linha telefônica especial para qualquer pessoa que tenha alguma informação que possa ajudar."

Scarlett mandou um torpedo para Aidan antes de ir dormir, e ele respondeu. Os dois concordaram que foi apenas uma coincidência. Apesar do que tinham pensado antes, seria absurdo sugerir que um restaurante no meio de Londres fora explodido só para impedir que eles se encontrassem com alguém.

Mas, enquanto apagava a luz e tentava dormir, Scarlett soube que não era. O locutor havia mentido. A polícia estava mentindo. Não havia gangues... só um inimigo que ainda estava jogando com ela e que não pararia enquanto ela não estivesse completamente sob seu controle.

O diário de Matt (2)

Domingo

Uma bomba explodiu em Londres. Estive assistindo pela televisão e isso pode ter alguma coisa a ver com Scarlett. Richard acha improvável. Segundo as reportagens, a bomba estava escondida num restaurante em Chinatown. Tinha algo a ver com a guerra de gangues chinesas. Três pessoas foram mortas.

Vi as imagens na grande TV de plasma no quarto do hotel. Pessoas mortas, ambulâncias, parentes gritando, fumaça e vidro quebrado... foi difícil acreditar que tudo aconteceu no meio do Soho. A gente não espera esse tipo de coisa por lá. Isso me fez sentir mais distante ainda.

Miami. Nunca estive aqui e certamente nunca sonhei que iria parar num hotel cinco estrelas com vista para o mar, rodeado por Cadillacs, música cubana e palmeiras. O Nexo certamente colocou a gente num lugar chique enquanto esperamos a chegada do meu novo passaporte. O único problema é que está demorando mais do que tínhamos esperado. Agora estamos com viagem marcada num voo que sai na noite de segunda-feira, e até lá precisamos inventar o que fazer. Scarlett vai ter de se virar sem nós durante mais dois dias. Logo estaremos com ela.

É estranho estar de volta numa cidade grande depois de tanto tempo num lugar remoto como Nazca. Miami é cheia de pessoas ricas e casas caras. Nessa época do ano está frio demais para nadar, mas boa parte da vida ainda parece estar acontecendo na rua. Não fizemos muita coisa hoje.

Comprei roupas novas, substituindo as coisas que perdi no incêndio. Caminhamos. E esta noite comemos na Ocean Drive, uma rua comprida com cafés e bares elegantes, com luzes de néon cor de rosa, coquetéis e bandas ao vivo. Foi bom podermos nos divertir, ali sentados, olhando as pessoas passarem.

Ninguém nos notou. Durante algumas horas, pudemos fingir que éramos normais.

Tarde de segunda-feira

Hoje cedo o passaporte finalmente chegou, entregue num envelope de papel pardo, lacrado, por um motoboy *que não disse uma palavra. Foto horrível. O Nexo mandou um passaporte novo para Jamie também, e decidiu que nós dois devemos viajar usando nomes falsos, para aumentar a segurança. De modo que agora sou Martin Hopkins. Ele é Nicholas Helsey. Richard vai permanecer como ele próprio, mas, pelo que sabemos, ninguém está tentando matá-lo.*

Temos passagens na classe econômica. O Nexo poderia ter dado de primeira classe, mas não queria que a gente chamasse atenção.

Fizemos a última refeição na Ocean Drive. Um prato enorme de nachos *e duas Cocas. Richard tomou uma cerveja. Fiquei imaginando o que o garçom deve ter pensado da gente: Richard com uma espalhafatosa camisa havaiana sentado no meio de dois adolescentes, nós dois usando óculos escuros mesmo não havendo muito sol. Tínhamos comprado os óculos na véspera e não os tirávamos. Gostamos deles porque nos mantinham anônimos. Se alguém tivesse perguntado, diríamos que ele era um professor e nós estávamos num intercâmbio de escola. Era uma história bem improvável — mas não era nada em comparação com a realidade.*

Falei com Pedro por telefone via satélite algumas vezes, enquanto ficamos aqui. Ele e Scott chegaram a Vilcabamba sem problema. Concordamos em fazer contato todo dia enquanto estivermos separados. Se

houver silêncio, saberemos que algo está errado. Pedro me disse que Scott está bem. Mas Scott não quis falar.

Jamie me perguntou uma coisa hoje. Fui apanhado de surpresa.

— Por que você realmente deixou o Scott para trás? Achou que não podia confiar nele, não é?

— Eu nunca disse isso.

— Mas pensou. — Ele baixou a voz. — Você não faz ideia do que ele passou com a Sra. Mortlake. Foi pior do que qualquer coisa que você possa imaginar.

— Ele contou a você?

Jamie balançou a cabeça.

— Ele levantou barreiras. Não quer saber disso. Ele não é mais o mesmo. Eu sei disso. Mas você não faz ideia de como ele cuidou de mim em todos esses anos. Quando o tio Don me batia ou quando eu estava encrencado na escola, Scott sempre me ajudava. O único motivo para ter sido apanhado foi porque ele estava me ajudando a escapar — De repente, Jamie tirou os óculos escuros e colocou na mesa. — Não subestime o Scott, Matt. Eu sei que nesse momento ele não está bem, mas ele nunca vai deixar você na mão.

Espero que o Jamie esteja certo. Mas não tenho certeza.

Olhei para o outro lado da rua. Havia uns garotos jogando bola num gramado junto à praia. Duas pessoas passaram de patins. Um conversível verde-claro passou com música em alto volume. E a poucos metros deles estávamos falando de tortura e pensando numa guerra que talvez não pudéssemos vencer. Dois mundos diferentes. Sei em qual eu preferiria estar.

Terminamos de comer e voltamos ao hotel. Nosso carro já estava lá. O carregador levou as malas para fora e depois foram vinte minutos pelo viaduto. A água, estendendo-se dos dois lados, era azul e convidativa. Chegamos ao aeroporto internacional de Miami e entramos, misturando-nos com a multidão nos balcões de check-in*. Milhares de pessoas viajavam por todo o mundo. E eu estava pensando no seguinte:*

E se os Antigos já estiverem aqui? E se eles controlam este aeroporto? Estamos sendo engolidos por um sistema... passagens, passaportes, segurança. Como sabemos que podemos confiar nele, que ele vai nos levar aonde queremos ir, ou mesmo nos soltar de novo?

Chegamos à verificação de bagagens. Richard deu uma olhada nas máquinas de raios-X e parou.

— Sou um idiota — disse ele.

— O que foi?

Ele estava carregando uma mochila no ombro, aninhando-a debaixo do braço. Tinha estado com ela no restaurante também, e eu sabia que, dentre outras coisas, o diário do monge estava dentro. Mas agora ele ficou olhando enquanto as pessoas tiravam os computadores, os cintos, e pude ver que Richard estava com raiva de si mesmo.

— A tumi — disse. — Eu ia transferir para a bagagem principal. Eles nunca vão deixar que ela passe.

A tumi é uma faca de sacrifício. Foi dada a ele pelo príncipe da tribo inca logo antes de sairmos de Vilcabamba. Eu podia entender que Richard queria mantê-la por perto. Era feita de ouro maciço, com pedras semipreciosas no punho, e devia valer uma pequena fortuna. Mas isso era um erro. Ele poderia tentar argumentar que a tumi era uma antiguidade, um ornamento ou apenas um suvenir, mas como as companhias aéreas não deixavam ninguém carregar uma arma, a não ser que fosse feita de plástico, não havia como permitirem que ela entrasse no avião.

Agora era tarde demais para fazer qualquer coisa. Havia uma longa fila de pessoas atrás de nós e não poderíamos voltar. Richard largou a mochila na esteira móvel e fez uma careta enquanto ela desaparecia dentro da máquina de raios-X. Acho que ele esperava que o pessoal da segurança desviasse o olhar no momento exato e deixasse passar. Mas isso não aconteceria. A mochila saiu de novo. Foi apanhada por uma mulher que não sorria, com um crachá no qual estava escrito Monica Smith na blusa azul de mangas curtas.

— Isto é seu? — perguntou ela.

— É. — Richard se preparou para o pior.

— Pode abrir, por favor?

— Eu posso explicar... — começou Richard.

— Só abra, por favor.

A tumi estava logo em cima. Pude ver a figura dourada do deus inca agachado sobre a lâmina. Olhei enquanto a mulher, usando luvas de látex, começou a remexer nas roupas de Richard. Pegou brevemente o diário, depois o guardou de novo. Examinou uma lente que Richard havia comprado em Miami, na tentativa de decifrar a escrita do monge. Mas nem pareceu notar que a tumi estava ali. Fechou a mochila de novo.

— Obrigada — disse ela.

Richard me olhou. Nenhum de nós disse nada. Pegamos nossos pertences e fomos andando depressa. Só depois entendemos o que havia acontecido.

A tumi tem outro nome. Também é conhecida como faca invisível. Quando o príncipe inca a deu a Richard, disse que ninguém jamais iria encontrá-la, que ele poderia carregá-la quando quisesse. Também alertou Richard de que um dia iria se arrepender de tê-la — algo que nenhum de nós gosta realmente de pensar.

Mas agora nós dois percebemos o que tínhamos acabado de ver. Era magia antiga. E mais incrível ainda porque aconteceu no cenário de um aeroporto internacional, moderno.

Noite de segunda-feira

Decolamos na hora exata e, assim que os avisos de fechar os cintos de segurança foram desligados, recostei-me na poltrona e comecei a escrever isto. Na poltrona ao lado, Jamie havia se plugado direto no console da TV, assistindo a um filme. Richard estava do outro lado do corredor, trabalhando com um dicionário de espanhol, tentando decifrar o diário. Pouco mais tarde, caí no sono.

E foi então que voltei. Queria visitar o mundo de sonho de novo, desde que tinha descoberto o caminho na encosta. Seria mesmo possível que algum tipo de civilização tivesse vivido ali um dia? Será que ainda poderia estar viva? O mundo de sonho era uma espécie de lugar intermediário, conectando o ambiente onde estávamos agora com o mundo que Jamie tinha visitado e onde havia travado sua batalha, há dez mil anos. Ele estava lá para nos ajudar. Quanto mais soubéssemos sobre ele, mais preparados ficaríamos.

Eu estava bem onde queria, de volta na encosta, na metade do caminho. Mas era assim que o mundo de sonho funcionava. Toda vez que eu caía no sono, pegava exatamente onde havia parado. De modo que, se acordasse jogando uma pedra para cima, quando voltava a dormir estava pegando-a imediatamente. E estava usando as mesmas roupas que usava no avião. Era assim que a coisa funcionava, também.

O morro ficou mais íngreme e o caminho virou uma série de degraus. Definitivamente tinham sido feitos por mãos humanas. Enquanto eu continuava subindo, tornaram-se mais definidos ainda e, quando finalmente cheguei ao topo, me peguei numa plataforma quadrada com algum tipo de desenho gravado — parecia uma série de letras árabes. As letras não faziam sentido para mim, mas então levantei a cabeça, e o que vi era tão incrível que fiquei surpreso por não acordar imediatamente no avião.

Estava olhando uma cidade esparramando-se em todas as direções, até onde a vista alcançava. Mais do que isso. De onde eu estava, no alto do morro, podia ver milhares de telhados se estendendo até o horizonte, talvez a uns dezesseis quilômetros, mas tive a impressão de que, se conseguisse andar até o outro lado, ela continuaria até o próximo horizonte e talvez ao horizonte seguinte.

Era impossível dizer se a cidade era antiga ou moderna. De algum modo, conseguia ser as duas coisas ao mesmo tempo. Alguns prédios eram gigantescos, parecendo catedrais, com janelas em arco e cúpulas cobertas por telhas que podiam ser de prata ou zinco. Outras eram estruturas de aço

e vidro que me fizeram lembrar de um terminal de aeroporto, e então percebi que havia dúzias delas e que todas eram idênticas, irradiando-se de pátios centrais como raios de roda. Torres se erguiam a intervalos, de novo com coberturas prateadas. Tudo era conectado, fosse por escadas espirais ou por passarelas cobertas.

Não havia parques nem árvores. Não havia nenhum carro nem pessoas. Na verdade, eu não estava olhando uma cidade. Essa construção enorme era um único prédio: uma catedral gigantesca, um museu gigantesco, uma... coisa gigantesca. Era uma mistura total de estilos, algumas partes deviam ter sido acrescentadas centenas ou mesmo milhares de anos depois das outras — mas tudo era ligado. Era uma coisa só. Eu não conseguia ver onde ficava o centro. Não conseguia ver onde aquilo havia se originado. Nem conseguia imaginar como fora feito. Era como se alguém tivesse pegado uma semente — um tijolo — e jogado num pântano borbulhante. E depois de milhares de anos crescendo, esse era o resultado.

Deixando a plataforma para trás, desci pelo outro lado do morro e fui para a parede externa. Agora estava seguindo uma estrada com superfície parecida com mármore, e ela me levava diretamente a um grande arco e, do outro lado do arco, uma porta aberta. O ar estava parado. Dava para ouvir meu coração batendo enquanto me aproximava. Não creio que estivesse correndo perigo, mas havia algo tão estranho nesse lugar, tão distante de minha experiência, que admito que senti medo. Mas não hesitei. Passei pelo arco e, de repente, estava do lado de dentro, num longo corredor com chão de ladrilhos muito polido e um teto alto em abóbada, sustentado por colunas de pedra: não era exatamente uma igreja, nem um museu, mas algo parecido com as duas coisas.

— Em que posso ajudá-lo?

Outro choque. Eu não estava sozinho. E a pergunta foi tão normal, tão educada, que não parecia fazer parte desse lugar extraordinário.

Havia um homem atrás de um pódio, o tipo de coisa que os palestrantes têm à frente quando falam. Era pequeno, uns cinco centímetros menor do

que eu, e tinha um daqueles rostos... não direi que parecia esculpido em pedra (era caloroso e humano demais para isso), mas de algum modo parecia ter séculos de idade, tornado nodoso pelo tempo e a experiência.

Pela aparência, eu diria que ele era árabe, de alguma tribo do deserto, mas sem nenhum dos adereços característicos, como turbante, manto branco ou adaga. Em vez disso, vestia um comprido paletó de seda — cor de malva desbotado e prata — com um bolso grande de cada lado e calças brancas e largas. Uma barba lhe cairia bem, mas ele não tinha. O cabelo era cinza-aço. Os olhos da mesma cor. Olhavam para mim com diversão gentil.

— Que lugar é este? — perguntei.

— Este lugar? — O homem pareceu surpreso por eu ter perguntado. — É a grande biblioteca. E é muito bom vê-lo de novo.

Uma biblioteca. Lembrei-me de alguma coisa que Jamie tinha me dito. Quando conheceu Scarlett na colina Scathack, ela mencionou a visita a uma biblioteca.

— Nós nunca nos encontramos.

— Acho que já. — O homem sorriu para mim. Eu não sabia direito que língua ele estava falando. No mundo de sonho, todas as línguas são uma só e as pessoas podem entender umas às outras, não importando de onde tenham vindo. — Você é Matthew Freeman. Pelo menos é o nome pelo qual se chama. É um dos Guardiões. Na verdade, é o primeiro deles.

— O senhor tem nome?

— Não. Sou apenas o bibliotecário.

— Estou procurando Scarlett — disse eu. — Scarlett Adams. Ela esteve aqui?

— Scarlett Adams? Scarlett Adams? Quer dizer... Scar! Sim, ela esteve aqui, sem dúvida. Mas faz muito tempo que não aparece. E não está aqui agora.

— Sabe onde posso encontrá-la?

— Infelizmente não.

Estávamos andando juntos pelo corredor, o que era estranho, porque eu não conseguia me lembrar de ter começado. E tínhamos entrado numa

segunda sala, parte da biblioteca... agora era óbvio. Eu nunca tinha visto tantos livros. Havia livros dos dois lados de onde eu estava, de pé como soldados, ombro a ombro, apertados em estantes de madeira que se estendiam até a distância, finalmente — por truque de perspectiva — parecendo se juntar num ponto. As prateleiras começavam no nível do chão e iam até o teto, talvez uma centena de fileiras em cada quarteirão. O ar era seco e cheirava a papel. Devia haver um milhão de livros somente naquela sala, e cada um deles era grosso como uma enciclopédia.

— O senhor deve gostar de ler — disse eu.

— Nunca tive tempo para ler os livros. Sou ocupado demais cuidando deles.

— Quantos bibliotecários existem?

— Só eu.

— Quem construiu a biblioteca?

— Eu não saberia dizer, Matt. Ela já estava aqui antes de eu chegar.

— E o que são esses livros? O senhor tem uma seção policial? E de histórias de amor?

— Não, Matt. — O bibliotecário sorriu da ideia. — Ainda que você vá encontrar muitos crimes e romances entre as páginas. Mas todos os livros da biblioteca são biografias.

— De quem?

— De todas as pessoas que já viveram e de algumas que ainda vão nascer. Nós mantemos toda a vida delas aqui. O início, os casamentos, os dias bons e os ruins, as mortes, claro. Tudo o que já fizeram.

Paramos diante de uma porta. Havia um símbolo esculpido delicadamente na madeira. Uma estrela de cinco pontas.

— Eu conheço isso — disse eu.

— Claro que conhece.

— Aonde essa porta vai dar? — Aonde você quiser.

— É como a porta da igreja de St. Meredith.

— Funciona do mesmo modo... mas lá você só tem 24 destinos possíveis. Em seu mundo há 25 portas, todas ligadas umas às outras, mas nenhuma

vai trazer você de volta para cá. Esta biblioteca, por outro lado, tem uma porta em cada sala e eu não faço absolutamente nenhuma ideia de quantas salas existem, nem saberia como contá-las.

O bibliotecário fez um gesto com uma das mãos.

— Você na frente.

— Aonde vamos?

— Bom, já que você está aqui, por que não damos uma olhada na sua vida? Não está curioso?

— Na verdade, não.

— Vejamos...

Passamos pela porta e, para mim, naquele momento podíamos ter atravessado trinta quilômetros até o outro lado da cidade. Chegamos a uma câmara que sem dúvida era muito diferente da que havíamos deixado, com janelas de vidro plano ao redor, sustentadas por uma treliça de suportes de aço. Os livros ali ficavam em prateleiras de metal, cada uma com uma passarela estreita e uma plataforma circular que subia e descia como um elevador, mas sem cabos, sem pistões e sem meios de sustentação óbvios. Subimos seis níveis e fomos andando pela passarela que tinha um corrimão de um dos lados e livros do outro.

— Matt Freman... Matt Freeman... — O bibliotecário ia murmurando meu nome enquanto andávamos.

— Estão em ordem alfabética? — perguntei. Todos os volumes pareciam iguais, só que alguns eram mais grossos do que os outros. Eu não conseguia ver nenhum nome nem título.

— Não. É mais complicado do que isso.

Olhei para a porta de onde tínhamos vindo. Agora estava abaixo e atrás de nós.

— Como as portas funcionam? — perguntei.

— Como assim?

— Como o senhor sabe aonde ela vai levá-lo? Ele parou e se virou para me olhar.

— Se você simplesmente passar por ela, ela vai levá-lo a qualquer lugar. Mas se você souber exatamente aonde quer ir, é para lá que ela o levará.

— Qualquer um pode usá-las?

— As portas do seu mundo foram construídas só para vocês cinco.

— E o Richard?

— Cada um de vocês pode levar um companheiro, se quiser. Só se lembre de decidir aonde vocês vão, antes de passar, ou podem acabar espalhados por todo o planeta.

Continuamos andando, mas depois de uns dois minutos o bibliotecário parou subitamente, levantou a mão e pegou um livro.

— Aqui está — disse ele. — Isto é você.

Olhei o livro cheio de suspeitas. Como todos os outros, era grande, encadernado num tecido cinza, velho mas talvez nunca lido. Parecia mais um livro didático do que um romance ou uma biografia. Notei que tinha menos páginas do que muitos outros.

— É isso aí? — perguntei.

— Sem dúvida. — O bibliotecário pareceu desapontado por eu não me impressionar mais.

— Isso é toda a minha vida?

— É.

— Toda a minha vida até agora...

— Até agora e até o fim.

O pensamento fez minha cabeça girar.

— Diz quando eu vou morrer?

— O livro tem tudo sobre você, Matt — explicou o bibliotecário com paciência. — Dentro das páginas você vai encontrar tudo o que já fez e tudo o que vai fazer. Quer saber qual é a próxima vez em que vai encontrar os Antigos? Pode ler aqui. E, sim, ele vai dizer exatamente quando você morrerá, e como.

— Está dizendo que alguém escreveu tudo o que acontece comigo antes mesmo de acontecer? — Sei que foi exatamente isso que ele havia dito, mas precisava entender direito.

— É. — Ele assentiu.

— Então isso significa que não tenho escolha. Tudo que eu fizer já foi decidido.

— É, Matt. Mas você precisa se lembrar que foi decidido por você.

— Mas minhas decisões não significam nada! — Apontei para o livro e, de repente, estava começando a odiá-lo. — Independentemente do que eu faça na vida, o fim vai ser o mesmo. Já está escrito.

— Quer ler? — perguntou o bibliotecário.

— Não! — balancei a cabeça. — Guarde. Não quero ver.

— Você é que sabe — disse o bibliotecário com um sorriso maroto. Em seguida, enfiou o livro de volta no espaço de onde ele havia saído. Mas eu tinha uma última pergunta.

— Quem escreveu o livro?

— Não há autor citado. Todos os livros da biblioteca são anônimos. Esse é um motivo para serem tão difíceis de catalogar.

Eu estava começando a me sentir péssimo. O mundo de sonho parecia existir para nos ajudar, mas a cada vez que chegávamos aqui era simplesmente confuso. Jamie e Pedro também achavam isso.

— Você se diz bibliotecário — falei rispidamente ao sujeito. — Então, por que não pode ser mais útil? Por que não tem nenhuma resposta?

Ele bateu na lombada do livro.

— Todas as respostas estão aqui. Mas você se recusou a olhá-las.

— Então, me responda só uma pergunta. Eu vou vencer ou perder?

— Vencer ou perder?

— Contra os Antigos. — Engoli em seco. — Vou ser morto?

— Estamos experimentando um pouco de turbulência...

O bibliotecário continuava me olhando, mas não tinha falado essas palavras. Com um sentimento de frustração, senti que eu era sugado para longe. Havia alguém inclinado acima de mim. Uma comissária de bordo.

— Desculpe ter de acordá-lo — disse ela. — O capitão acendeu o aviso de colocar os cintos.

Olhei meu relógio. Ainda tínhamos mais quatro horas no ar. Richard e Jamie estavam dormindo, mas eu sabia que não poderia me juntar a eles. Peguei o caderno e comecei a escrever de novo.

Quatro horas até chegar a Londres.

Logo estaremos em casa.

Cruzando caminhos

Scarlett achou que estaria segura na escola. Ela se misturaria à multidão e ninguém iria notá-la. Afinal de contas, nada de empolgante jamais acontecia na escola. Não era esse o objetivo? Assim, pela primeira vez na vida, pegou-se ansiosa pela manhã de segunda-feira. Não haveria bombas, nem homens estranhos em carros, nem mensagens cifradas. Seria engolida pelos períodos duplos de matemática e física e tudo ficaria bem.

Mas não aconteceu assim.

Pouco antes do almoço foi chamada à sala da diretora. Não houve explicação, só um breve: "A Sra. Ridgewell gostaria de falar com você ao meio-dia e quinze." Scarlett estava nervosa ao subir a escada. De certa forma, vinha esperando encrenca desde o passeio à St. Meredith. Tinha sido o centro das atenções por tempo demais e por todos os motivos errados. Seu trabalho havia piorado rapidamente. Tinha levado bronca duas vezes por sonhar acordada na sala de aula. E houve aquela prova terrível de matemática. Os professores já haviam decidido que toda a publicidade lhe subira à cabeça e Scarlett esperava totalmente que a Sra. Ridgewell lhe fizesse um sermão daqueles. Baixe a cabeça. Puxe as meias para cima. Esse tipo de coisa. Mas o que a diretora disse foi totalmente inesperado.

— Scarlett, infelizmente você vai nos deixar durante algumas semanas. Acabo de receber um telefonema do seu pai. Parece que surgiu uma crise...

— Que crise?

— Ele não disse. Foi muito misterioso, se você quer saber a verdade. Mas seu pai quer que você se junte a ele imediatamente em Hong Kong. Na verdade, já marcou o voo.

Houve um momento de silêncio enquanto Scarlett absorvia a notícia. Queria fazer todo tipo de perguntas, mas começou com a mais óbvia:

— Isso tem alguma coisa a ver com o que aconteceu comigo?

— Não creio.

— Então o que é?

— Ele não disse. — A Sra. Ridgewell suspirou. Havia dado aulas na St. Genevieve durante mais de vinte anos, e isso era visível. Sua sala era atulhada e um pouco sem graça, com móveis antigos e livros em toda parte. Um gato siamês — chamava-se Chaucer — dormia num cesto no canto. — Você não teve um semestre muito bom, não é, Scarlett?

— Não. — Scarlett balançou a cabeça, arrasada. — Sinto muito, Sra. Ridgewell. Não sei o que está acontecendo, realmente. Tudo parece ter dado errado.

— Bom, talvez devamos olhar pelo lado positivo. Uma mudança completa durante algumas semanas pode lhe fazer bem. Vou pedir que seus professores preparem alguns trabalhos para você fazer enquanto estiver por lá. E, claro, teremos de arranjar uma substituta para a peça de Natal. Devo dizer que isso tudo é muito desagradável.

— Ele não disse nada?

— Eu lhe contei tudo que sei. Achei que ele devia ter conversado com você.

— Não. Não tenho notícias dele.

— Bom, tenho certeza que não há com que se preocupar. Ele disse que ligaria para você esta noite. De modo que você tem tempo de se despedir dos amigos.

— Quando vou viajar?

— Seu voo é amanhã.

Amanhã! Scarlett não podia acreditar no que ouvia. Faltavam apenas algumas horas para amanhã. Como seu pai podia ter feito isso com ela? Não tinha dito nada quando foram ao restaurante italiano. Que crise poderia ter surgido em menos de uma semana?

Passou o resto do dia totalmente atordoada. Suas amigas ficaram igualmente surpresas, se bem que a verdade era que ela estava começando a ganhar uma certa reputação. Era esquisita. Primeiro a igreja, e agora isso. Nem conseguiu ver Aidan. Procurou-o no caminho para casa e mandou um torpedo, mas ele não respondeu. A Sra. Murdoch já sabia da novidade. Tinha começado a fazer as malas quando Scarlett chegou em casa. E não parecia satisfeita.

— Nenhuma palavra de aviso — murmurou ela. — E nenhuma explicação. O que você acha que eu devo fazer, aqui sozinha?

Naquela noite, Paul Adams ligou, como havia prometido, mas não contou nada do que Scarlett queria saber.

— Sinto muito mesmo, Scarly... — Sua voz na linha estava fraca e muito distante. — Não queria fazer isso com você. Mas aconteceram coisas... não quero explicar antes de vê-la.

— Mas você tem de me contar! — protestou Scarlett. — Mamãe está bem? Você está bem?

— Os dois estamos bem. Não há com que se preocupar. Só que há ocasiões em que uma família precisa ficar unida, e esta é uma delas.

— Quanto tempo vou ficar com você?

— Umas duas semanas. Talvez mais.

— Por quê? — Houve silêncio do outro lado da linha. — Não pode contar nada? Não é justo. É o meio do semestre e eu vou perder a peça da escola, as festas e todo o resto!

— Olha, só vou pedir que você confie em mim. Você vai chegar aqui em 24 horas e eu quero explicar tudo cara a cara, e não pelo

telefone. Pode fazer isso por mim, Scarly? Espere até chegar aqui... e tente não ficar com raiva de mim antes de chegar.

— Certo. — O que mais *ela* poderia dizer?

— Marquei a passagem na classe executiva, de modo que pelo menos você vai estar confortável. Lembre-se de trazer um monte de livros. O voo é longo.

Ele desligou. Scarlett ficou parada, segurando o fone. Estava ressentida e não conseguia se conter. Não era justo. Seria enfiada num *avião* e mandada para Hong Kong como se fosse um pacote transportado pela FedEx. Tinha 15 anos. Sem dúvida deveria ter algum controle sobre a própria vida, não era?

O táxi chegou ao meio-dia. O voo de Scarlett sairia de Heathrow às três e meia. A Sra. Murdoch ajudou a carregar as malas e colocar na traseira, e as duas entraram juntas. A governanta iria com ela até o aeroporto e depois voltaria para casa sozinha. Era um dia cinzento, nublado, e o tempo refletia o humor de Scarlett. Ela girou enquanto saíam e olhou a casa desaparecer. Sabia que só ficaria longe durante algumas semanas, mas mesmo assim não pôde evitar um sentimento estranho. Imaginou se algum dia iria vê-la de novo.

Chegaram ao fim da rua e estavam virando à esquerda para pegar a Half Moon Lane. E foi então que aconteceu. Um acidente de carro. Scarlett só viu uma parte, e apenas mais tarde conseguiu entender o que tinha acontecido. Um carro vinha na direção deles — tinha saído da rua principal — e um segundo carro, um BMW, apareceu de súbito na frente do primeiro. Scarlett ouviu o som de pneus cantando e o estrondo do impacto, e olhou a tempo de ver os dois carros ricocheteando um no outro, fora de controle. Um deles foi forçado para fora da rua e estava escorregando por uma entrada de veículos particular. Dava para ver pelo menos três pessoas dentro.

— Esse trânsito de Londres! — fungou o chofer do táxi. Em seguida, completou a curva e acelerou.

Scarlett girou e olhou pela janela traseira — para o capô amarrotado de um dos carros, com vapor subindo no ar, vidro espalhado na rua. Um ônibus fora obrigado a parar e o motorista estava descendo, talvez para ver se poderia ajudar. O acidente já estava desaparecendo na distância e ela supôs que era apenas coincidência. Aquilo não podia significar nada.

Mas mesmo assim ficou inquieta. Aquilo lembrou-a de um momento — dois anos antes e a pouca distância dali — em que quase tinha sido morta. E isso a fez pensar no homem que contatou Aidan, que desejava encontrá-la no restaurante que foi despedaçado antes que ela pudesse chegar. Scarlett afundou no banco, ansiosa, incapaz de controlar o que lhe acontecia. A Sra. Murdoch olhava pela janela, sem expressão no rosto.

Separaram-se no aeroporto. Scarlett ia viajar como menor desacompanhada — o que a companhia aérea chamava de Viajante Solo. Teve de sofrer a indignidade de ganhar um crachá de plástico pendurado no pescoço antes de ser levada. Despediu-se da Sra. Murdoch, abraçando-a desajeitadamente. Depois pegou a bagagem de mão e foi para o portão de embarque.

Tinha sido por pouco. Nenhum deles acreditaria em como tinha sido por *pouco*.

Matt Freeman havia pousado no mesmo aeroporto naquela manhã. Um chofer uniformizado esperava por eles, e logo estavam sentados no conforto de um jaguar com ar-condicionado, indo para o hotel. Richard cochilava no banco da frente. Tinha passado boa parte do voo trabalhando com o diário e mal havia dormido. Jamie estava olhando para fora, vendo a cidade pela primeira vez. Matt podia ver que até agora ele estava desapontado. Seguiam por uma vastidão de armazéns modernos, sem graça, e hotéis pouco acolhedores — o tipo de lugar que sempre rodeava os aeroportos — e Matt queria dizer que isso não era Londres.

Mas então, vinte minutos depois, saíram da estrada e de repente estavam na cidade, passando pelo Museu de História Natural em Kensington — ainda estava fechado para reparos depois da última visita de Matt —, depois pelo Museu Victoria e Albert, pela Harrods e pelo Hyde Park Corner. Jamie olhava boquiaberto. Tinha passado boa parte da vida na paisagem deserta de Nevada e não estava acostumado a nada que fosse realmente antigo. Para ele, Londres, com seus monumentos e palácios, era outro mundo. Via ônibus vermelhos, pombos, policiais de uniforme azul, táxis... Era como ter caído numa pilha de cartões-postais. Seu único desapontamento foi porque Scott não estava junto. Os dois irmãos nunca haviam ficado tão distantes.

O motorista os levou a um hotel em Farringdon, uma parte calma de Londres, com ruas estreitas e um mercado de carne que já estava ali quando os animais eram trazidos em rebanhos, e não mandados do resto da Europa, pré-empacotados em caixas. O hotel Tannery, como era conhecido, era pequeno e anônimo — Richard e Matt já haviam se hospedado lá. Ficava a apenas alguns minutos da casa particular onde o Nexo se reunia. Quando chegaram, eram onze horas. Uma reunião fora marcada para sete e meia daquela noite, o que lhes dava o resto do dia para relaxar e descansar da longa viagem.

Chegaram a uma recepção de hotel que parecia a sala da frente da casa de alguém, com tapetes grossos, flores e o tique-taque reconfortante de um relógio de armário. A recepcionista era uma mulher de lábios apertados que se certificava de não revelar muita coisa. Olhou com desaprovação para Richard — ainda de camisa havaiana, parecendo mais do que nunca um rato de praia — e os dois garotos que estavam com ele, depois pediu os passaportes e empurrou algumas fichas para eles assinarem.

— Quantas noites? — perguntou ela.

— Não sabemos bem. — respondeu Richard.

— Dois quartos. Vejo que foram pagos antecipadamente.

O telefone tocou. A recepcionista pegou o fone como se fosse uma fruta madura demais e levou-o ao ouvido.

— Hotel Tannery — disse. Houve um momento de silêncio. Suas pálpebras estremeceram e ela entregou o telefone a Richard. — É para o senhor, Sr. Cole.

Richard pegou o telefone. O que quer que estivesse ouvindo, não era boa notícia. Murmurou algumas palavras e depois desligou.

— O que foi? — perguntou Matt.

— Scarlett Adams... Está indo embora de Londres.

— O quê? — Matt não podia acreditar no que fora dito. — Para onde?

— Ainda podemos pegá-la. — Richard olhou para o relógio. — Ela vai para Hong Kong. Marcou passagem no voo das três e meia.

— Não vamos voltar a Heathrow! — gemeu Jamie.

— Não. — Richard avaliou as opções. Estava achando difícil se concentrar. Precisava fazer a barba mais do que nunca e seus olhos estavam vermelhos devido à diferença de fuso horário. — Não podemos interceptá-la em Heathrow. O lugar é público demais. Ela não vai se encontrar conosco. Talvez nem queira falar conosco. Mas o táxi só vai pegá-la ao meio-dia. Podemos alcançá-la antes que ela saia.

A decisão foi tomada. Os três deixaram a bagagem com a recepcionista, viraram-se e saíram de novo. Felizmente, o motorista ainda estava esperando. Richard foi até ele e disse aonde queriam ir. O motorista não discutiu. Matt e Jamie entraram no banco de trás outra vez.

Nem tinham visto os quartos. No instante seguinte haviam partido, abrindo caminho por Farringdon e descendo até a ponte de Blackfriars. Mas agora estava quase na hora do almoço e Londres havia mudado. Apesar de terem feito um bom progresso na vinda

do aeroporto, o tráfego tinha ficado confuso. Todos os sinais estavam vermelhos. Era como se toda a cidade tivesse se virado contra eles.

— Quem foi que telefonou? — perguntou Matt.

— Susan Ashwood. Ela já está em Londres.

A Srta. Ashwood era uma médium que, por acaso, também era cega. Matt a havia conhecido em Yorkshire, e ela o apresentou ao Nexo.

— Como ela sabia? — perguntou Matt.

— O Nexo ainda está grampeando o telefone de Scarlett. Além disso, colocou duas pessoas para segui-la...

Não parecia que conseguiriam. Todo o sul de Londres se transformou num comprido engarrafamento. O carro atravessou a Tower Bridge — dando a Jamie um rápido vislumbre do rio Tâmisa e da catedral de St. Paul —, mas depois disso a cidade simplesmente pareceu sem graça e superapinhada, com um trecho interminável de lojas baratas e restaurantes pontuados por novos prédios de escritórios que deviam ter parecido antiquados no momento em que foram construídos. Bermondsey, Walworth, Camberwell... arrastavam-se de um bairro ao outro sem ao menos notar onde um terminava e o outro começava, e o tempo todo tinham consciência do tempo tiquetaqueando. Onze e meia, vinte para o meio-dia... não pareciam estar chegando perto.

— Não adianta — disse Richard. — Talvez seja melhor irmos para Heathrow, afinal de contas.

O motorista balançou a cabeça.

— Estamos quase chegando — disse.

Desceram um morro íngreme — chamava-se Morro do Canil — e, olhando pela janela, Matt começou a sentir uma coisa muito estranha. Nunca havia visitado essa parte de Londres... tinha certeza. No entanto, ao mesmo tempo, sabia onde estava. Vislumbrou um mastro de rádio a distância, uma placa de rua apontando para o

hospital do King's College. Isso significava alguma coisa para ele. Já estivera ali.

E então percebeu. Claro que conhecia essa parte da cidade. Tinha morado ali — desde quando era bebê até completar uns 8 anos.

Deveria ter lembrado. Não fazia tanto tempo assim. Mas talvez tivesse bloqueado a lembrança. Isso não seria surpreendente, depois do que havia passado. Agora tudo voltava num jorro. O mastro era do Palácio de Cristal. Costumava jogar futebol lá. Tinha ido ao hospital quando fez 7 anos, com suspeita de intoxicação alimentar. Lembrava-se de ter ficado sofrendo na recepção — de calça curta — com uma tigela de plástico equilibrada nos joelhos. Passaram por uma casa muito comum, mas Matt soube imediatamente quem morava ali. Era um garoto chamado Graham Fleming, que fora seu melhor amigo na escola. Os dois sempre achavam que seriam inseparáveis. Matt se perguntou se ele ainda moraria ali. O que diria se os dois se encontrassem agora?

E havia outra coisa que recordava. Se passasse pela casa de Graham, virasse a esquina e passasse pela antiga sede dos escoteiros, chegaria a uma pequena casa germinada numa rua cheia de árvores, onde todas as casas eram pequenas e geminadas. Número 32. Teria uma porta verde e — a não ser que tivessem finalmente consertado — um degrau rachado na escada da frente. Era sua casa. O lugar onde havia morado.

— Quanto falta? — perguntou Richard. O motorista olhou para o GPS.

— Um minuto.

Passaram por um sinal de trânsito numa esquina movimentada, depois foram na direção da estação de North Dulwich, entrando na Half Moon Lane, que ficava do outro lado. Matt estava atordoado. Era extraordinário pensar que durante metade da vida ele e Scarlett haviam sido quase vizinhos. Podiam ter passado um pelo outro uma

dúzia de vezes, sem saber. Ela morava na Ardbeg Road, que era a próxima à esquerda, e só por um momento o caminho à frente ficou livre. O motorista acelerou, feliz por finalmente conseguir usar a força do jaguar.

— Cuidado! — Richard gritou o aviso tarde demais.

Um carro disparou, saindo de uma entrada particular, e se chocou contra eles.

Matt viu tudo. Ouviu o rugido de um motor e isso o fez girar a cabeça. O *carro* vinha direto na sua direção. O motorista estava olhando para eles, as mãos apertando o volante, sem ao menos tentar evitá-los. Era de meia-idade, barbeado — e não havia emoção em seu rosto. Ele deveria estar em pânico. Deveria estar mostrando algum tipo de reação, sabendo o que iria acontecer. Mas não havia absolutamente nada.

Meio segundo depois, houve um enorme estrondo de metal batendo em metal enquanto o carro trombava contra eles.

O outro veículo era um quatro por quatro, um BMW, e foi como ser acertado por um tanque. O jaguar foi varrido para fora da rua, com o mundo se inclinando enquanto ele tombava na direção de uma casa larga e moderna com uma curta entrada de veículos que descia íngreme até a porta da frente. Houve uma segunda colisão quando o veículo acertou a porta, com mais metal se arrebentando. Os alarmes da casa dispararam. Jamie gritou enquanto era jogado de lado, a cabeça acertando o ombro de Matt. Matt sentiu gosto de sangue e percebeu que tinha mordido a língua. O Jaguar estava meio tombado, quase embaixo das rodas da frente do BMW, que continuava na rua acima deles. As duas janelas do lado do motorista haviam se despedaçado. O motor tinha desligado.

Por um momento, ninguém se mexeu. Então Richard xingou — o que pelo menos significava que estava vivo. Ele girou no banco da frente.

— Vocês dois estão bem? — perguntou.

— O que aconteceu? — gemeu Jamie.

— Um acidente... — respondeu Richard. — Idiota... não estava olhando para onde ia.

Ele estava errado. Matt já sabia disso. Tinha visto o que acontecera. O motorista do BMW estivera esperando por eles, sabendo que viriam por ali. Por que outro motivo teria disparado daquele jeito, chocando-se diretamente contra eles? Matt o tinha visto segurando o volante com força. Ele sabia exatamente o que estava fazendo.

Richard já estava fora do carro.

— Espere... — disse Matt.

Mas Richard não tinha ouvido. Foi cambaleando para a rua, só agora percebendo que sentia dor. Não havia cortes nem hematomas, mas, como todos eles, tinha sofrido com o movimento brusco.

— Que diabo você acha que estava fazendo? — perguntou.

O motorista do BMW tinha saído e estava parado na rua.

Era um homem de meia-idade, forte, usando um casaco preto e comprido e luvas de couro. A boca era mole e frouxa, com dentes pequenos, como os de uma criança. A pele era muito rosada. Tinha cabelo encaracolado. A cabeça era quase perfeitamente redonda, como uma bola de futebol.

— Sinto terrivelmente — disse ele. — Não vi vocês. Estava com pressa. Espero que ninguém esteja machucado.

Richard continuava com raiva, mas de repente soube que havia algo errado.

— Você fez de propósito — disse. Sua voz falhou. — Você tentou nos matar.

— De jeito nenhum. Só saí sem olhar. Nem posso dizer como lamento. Graças a Deus vocês não parecem muito feridos.

Nesse ponto, Matt e Jamie tinham se juntado a ele. Não havia nada que pudessem fazer pelo motorista e deixaram-no,

inconsciente, no banco. Jamie olhou para o homem e toda a cor sumiu de seu rosto. Soube imediatamente o que estava vendo. Era a última coisa que esperava encontrar ali.

— Matt... — sussurrou ele. — Ele é um alterador de forma.

Matt não duvidou. Jamie havia encontrado alteradores de forma quando tinha voltado no tempo. Os alteradores de forma podiam assumir forma humana, mas esta não lhes servia bem. Não se encaixava direito. Um deles, um velho que de repente virou um escorpião gigante, quase o matou na fortaleza da colina Scathack. Ele sabia do que estava falando. E Matt podia ver. Tudo no motorista do BMW era falso, até o modo como estava ali parado, rígido e nem um pouco natural, como um manequim numa vitrine. As palavras que ele dizia pareciam escritas, como num roteiro.

— Eu tenho seguro — continuou ele. — Não há absolutamente nada com que se preocupar. Foi minha culpa. Sem dúvida.

Richard ficou olhando. Nenhum deles sabia direito o que fazer. Não havia se passado nem um minuto desde a colisão, mas outras pessoas já estavam chegando. Um ônibus, a caminho de Brixton, tinha parado e o motorista estava descendo da cabine, vindo ajudar. Mais dois carros pararam adiante na rua. Matt tinha visto um táxi sair da Ardbeg Road e achou que poderia estar vindo na direção deles, mas o veículo tinha virado e ido embora.

Não podiam se arriscar numa briga. Estavam no meio de uma rua suburbana do sul de Londres. Se desafiassem o alterador de forma, se ele decidisse abandonar a forma humana, seria o caos total. E a polícia já havia chegado. Uma radiopatrulha virou a esquina e parou. Dois policiais saíram.

— Boa-tarde, policiais. — O motorista do BMW fingiu estar satisfeito em vê-los. — Quem bom que estão aqui. Temos um pequeno entrevero.

Sua linguagem era tão falsa quanto o resto dele, e durante apenas alguns segundos Matt se sentiu tentado a atacá-lo, para mostrar à

multidão o que realmente estava acontecendo. Podia usar seu poder. Sem ao menos se mexer, poderia arrancar uma tira de metal do carro despedaçado e mandá-la contra ele. Havia uma dúzia de testemunhas. Como elas reagiriam quando o motorista vermelho e encaracolado do BMW se transformasse numa meia-cobra ou num meio-crocodilo e derramasse sangue verde? Talvez fosse hora de mostrar a guerra que estava para engolfar todos.

Foi Richard que o impediu.

— Não, Matt.

Ele devia ter visto o que Matt estava pensando, porque murmurou as duas palavras baixinho, jamais afastando o olhar do homem parado diante deles. Matt entendeu. Por algum motivo o alterador de forma estava jogando com eles. Estava fingindo que esse era apenas um acidente comum. Se ele o atacasse, se começasse uma briga na rua, pessoas inocentes poderiam se ferir. E ele estava na Inglaterra com um passaporte falso e um nome falso. Era a hora errada de responder a perguntas. Nesse momento, tinha tudo a perder.

— Sinto muitíssimo — disse o alterador de forma.

— Eu vi o que aconteceu! — exclamou o motorista do ônibus. E olhou para o motorista do BMW com o rosto cheio de ultraje. — Ele saiu a oitenta quilômetros por hora. Não olhou. Não sinalizou. Foi culpa dele.

— Alguém está machucado? — perguntou um dos policiais.

— Nosso motorista — respondeu Richard.

O lado direito do Jaguar havia recebido toda a força do impacto e parecia que o motorista havia quebrado um braço. Estava apenas semiconsciente e sentindo dor. Um dos policiais o ajudou a sair e colocou-o na calçada, e eles esperaram uns quinze minutos até a chegada de uma ambulância. Enquanto isso, o outro policial começou a interrogar o motorista do BMW.

— Sr. Smith. — Ele não tinha documento de identidade.

— Eu estava indo para Chislehurst. Sou professor de piano. Saí sem olhar. Nem posso dizer como me sinto péssimo...

Matt ficou olhando enquanto eles faziam teste de bafômetro e quase sorriu ao vê-lo soprar na máquina. O hálito não era humano e, se ele tivesse bebido uma caixa de uísque, seria improvável que isso fosse registrado. Enquanto isso, o motorista do Jaguar fora posto numa ambulância e levado ao hospital. Trinta minutos ou mais haviam se passado, e Richard estava num desespero para ir embora, mas a polícia não queria deixar. Teriam de fazer uma declaração. Pode ir conosco à delegacia, senhor? Não havia como escapar. Richard, Matt e Jamie foram levados.

Eram quase quatro horas quando a polícia terminou com eles. Mesmo que quisessem ir a Heathrow, seria tarde demais. Scarlett já estaria viajando para Hong Kong.

Saíram da delegacia e pararam num café do bairro, porém Matt se recusou a beber alguma coisa. Estava com raiva e deprimido. Os Antigos estavam escapando dele a cada volta. Pareciam saber exatamente aonde ele ia, e a armadilha que tinham feito era de uma simplicidade infantil. Não mencionou o táxi que tinha visto saindo da Ardbeg Road, mas já lhe ocorrera que Scarlett poderia estar dentro dele. Os caminhos haviam finalmente se cruzado... mas alguns segundos tarde demais.

— Vamos à casa dela — sugeriu Matt.

— Por quê? — Richard nem levantou os olhos da xícara de chá.

— Não sei. Ela pode ainda estar lá. Mas, mesmo que não esteja, agora que chegamos até aqui...

Nem Richard nem Jamie falaram.

— É só para ver onde ela mora — disse Matt.

Os três voltaram para a Ardbeg Road. O lugar fez com que Matt se lembrasse um pouco da rua onde havia morado. Todas as casas eram geminadas, com janelas salientes, jardins bem arrumados e

arbustos para esconder as latas de lixo. A de Scarlett ficava mais ou menos na metade da rua.

Tocaram a campainha, não esperando que alguém atendesse, mas depois de meio minuto a porta se abriu e eles se pegaram sendo examinados por uma mulher baixa, séria, com cabelo preto preso e olhos que pareciam esperar encrenca.

— Sim? — disse ela. Tinha sotaque escocês.

— Estamos procurando Scarlett Adams — disse Matt.

— Infelizmente vocês se desencontraram. Ela partiu hoje cedo.

Richard deu um passo adiante.

— A senhora mora aqui? — perguntou.

— Moro. Sou a governanta. Vocês são amigos de Scarlett?

— Não exatamente — disse Matt. — Acabamos de chegar dos Estados Unidos. Esperávamos falar com ela.

— Isso não será possível. Ela vai ficar fora do país durante um tempo.

— A senhora sabe quando ela volta?

— Pode ser em uma ou duas semanas. Sinto muito, se tivessem chegado há algumas horas poderiam ter falado com ela. Querem deixar uma mensagem?

— Não, obrigado.

— Certo.

E foi isso. Não havia mais nada a fazer. Durante um momento, ninguém falou. Então Richard soltou um suspiro.

— Alguém está a fim de uma viagem até Hong Kong?

Puerto Fragrante

Originalmente eram doze os membros do Nexo — a organização que só existia para lutar contra os Antigos. O professor Sanjay Dravid fora o primeiro a ser morto, esfaqueado no Museu de História Natural na mesma noite em que conheceu Matt. Mais tarde, um homem chamado Fabian também morreu. Com isso, restavam apenas dez — pessoas poderosas que viviam na América, na Austrália, na Europa... por todo o mundo.

Todos tinham viajado para se encontrar com Matt e Jamie, e às sete e meia daquela noite se juntaram na sala isolada, forrada de lambri, que era sua base em Londres.

O prédio, de propriedade do Nexo, ficava entre duas lojas, e não havia nada, nenhum nome ou qualquer marca, sugerindo que fosse algo além de uma casa particular. A sala em si, no primeiro andar, era igualmente simples. Poderia ser o local de reuniões de alguma pequena empresa, talvez uma firma de advogados caros. Não parecia haver muita coisa ali — apenas uma mesa comprida com treze cadeiras antigas, um punhado de telefones, um computador e um monte de relógios mostrando a hora por todo o mundo. Mas a porta de vidro que se abria deslizando automaticamente e depois se fechava sibilando, lacrando-se enquanto os dez homens e mulheres entravam, sugeria que o lugar talvez fosse mais do que parecia. Uma câmera sofisticada piscava silenciosamente no corredor. E os membros do Nexo chegavam um de cada vez, cada qual digitando

um código diferente, de seis números, antes de terem permissão de entrar.

Matt não estava ansioso por vê-los de novo. Sabia que eles deveriam estar do seu lado, mas mesmo assim sentiu certo pavor ao entrar na sala. Era como encarar dez diretores de escola ao mesmo tempo, sabendo que ia ser expulso. Só havia duas pessoas que ele pensava conhecer. Tinha conhecido Susan Ashwood, a médium, na casa dela perto de Manchester, e mesmo tendo achado que ela era completamente louca, pelo menos tinha quase certeza de que o coração dela estava no lugar certo. E tinha passado a conhecer Nathalie Johnson nos últimos meses. Ela era a bilionária americana do ramo de computadores que tinha ajudado Scott e Jamie, e tinha viajado algumas vezes até Nazca para se certificar de que eles estavam bem.

Mas com isso ainda restavam seis estranhos. Havia um australiano, grande e com ar de valentão, de rosto redondo e cabelo muito curto. Seu nome era Harry Foster e era dono de um império de jornais. Perto dele estava um bispo que se vestia como bispo e falava como bispo, mas que não tinha dito seu nome a Matt. Teria uns 60 anos. Tarrant, a autoridade policial que tinha ajudado a grampear o telefone de Scarlett, estava à cabeceira da mesa, vestindo um elegante uniforme azul e prata.

Dentre os outros, Matt havia notado um francês usando terno caro, um pequeno chinês que esfregava continuamente as mãos, um alemão que era uma figura importante da política e dois outros que não haviam causado nenhuma impressão nele. Todos podiam ser líderes mundiais. Mas esta noite só pareciam cansados e com medo.

Richard, Jamie e Matt ocuparam seus lugares à mesa, juntos numa das extremidades. Os três estavam mal-humorados. Scarlett Adams, a quinta Guardiã, havia aparecido em Londres, e eles tinham viajado milhares de quilômetros para vê-la. Mas ela escorrera por entre seus dedos e, enquanto eles se encontravam ali, devia estar

a 10 mil metros de altitude. Cada palavra que eles falassem, cada segundo que se passasse, só a levavam mais para longe.

— Cometemos um erro. — Nathalie Johnson foi direto ao ponto. — Sabíamos quem ela era. Sabíamos onde ela morava. Deveríamos tê-la abordado nós mesmos.

— Foi culpa minha — disse Susan Ashwood. — Eu não queria assustá-la. Achei que seria mais fácil se ela ouvisse tudo pela sua boca. — Ela se virou para Matt. — Eu esperava que você fosse chegar mais cedo. Não sabia que teríamos de esperar os passaportes.

— Achei que vocês tinham pessoas vigiando-a — interrompeu Matt. — Não havia detetives particulares ou sei lá o quê?

— Eram ex-policiais — disse Tarrant. — Duncan e McKnight. Homens bons, os dois. Já trabalhei com eles antes. — Ele fez uma pausa. — Scarlett pode tê-los visto. Estavam parados num carro perto de um parque em Dulwich e depois disso tiveram de ser mais cuidadosos. Mantiveram distância. Mas ainda estavam em cima do caso. Até ontem à noite...

— O que aconteceu? — perguntou Richard.

— Os dois desapareceram. Sumiram sem deixar vestígios. Tentei fazer contato, mas não tive sorte. Tenho a sensação de que podem ter sido mortos.

Houve um breve silêncio enquanto os outros absorviam isso. Era óbvio para todos que tinham subestimado os Antigos. Desde o momento em que Scarlett fora identificada, eles estiveram fazendo cercos ao redor do Nexo.

— E por que ela foi para Hong Kong? — perguntou Matt.

— O pai dela está lá — respondeu Tarrant. — Ele é advogado. Trabalha para a Corporação Crepúsculo.

— Crepúsculo? — Jamie falava pela primeira vez. A diferença de fuso horário estava lhe fazendo muito mal, e ele se sentia exausto. Só conseguira se manter acordado com um café puro e uma lata de Red

Buli. — São as pessoas que estavam atrás de Scott e de mim. Está dizendo que o pai dela é um deles?

— A Crepúsculo é uma empresa legítima — lembrou Nathalie Johnson. — Tem escritórios em todo o mundo. Emprega centenas de pessoas. A vasta maioria provavelmente não faz ideia de para quem, ou o quê, trabalha.

— Mesmo assim...

— Não sabemos, Jamie. O nome dele é Paul Adams. É divorciado. Ele e a esposa adotaram Scarlett há quinze anos, e, pelo que sabemos, ele não tem a mínima ideia a respeito dos Antigos.

— E o que sabemos agora? — perguntou Richard. — Scott e Pedro ainda estão no Peru. Matt e Jamie estão aqui. E Scarlett logo vai estar em Hong Kong. A única coisa que sabemos é que precisamos juntar os cinco Guardiões. Como vamos fazer isso?

— Talvez vocês tenham de segui-la até lá.

Foi o bispo que falou, e os outros membros do Nexo confirmaram com a cabeça. Porém Matt não tinha tanta certeza. Não sabia nada sobre a cidade, a não ser que alguns brinquedos que teve na infância eram feitos lá. MADE IN HONG KONG: esse era um sinal de que provavelmente quebrariam cinco minutos depois de sair da embalagem. Certamente ele não tinha vontade de ir até lá. Tinha viajado o suficiente para uma semana.

— Com licença... — O chinês tinha uma voz suave, muito culta. Não tinha falado até então. Era pequeno, com óculos pesados, de plástico, e um terno de loja de departamentos. Talvez *adotasse* esse tipo de aparência de propósito. Era como se não quisesse ser notado.
— Meu nome é Lee — disse, baixando a cabeça na direção de Matt.
— Se estão pensando em viajar a Hong Kong, talvez eu possa ajudar. Tenho contatos por toda a Ásia e especialmente naquela área. Mas eu gostaria de fazer uma observação, se me permitirem.

Ele esperou que alguém o questionasse, como se estivesse com medo de alguém na mesa não querer ouvir o que tinha a dizer.

Como ninguém protestou, foi em frente:

— Alguma coisa muito estranha *está* acontecendo em Hong Kong — começou. — Eu conheço bem o lugar. Na verdade estive lá, de passagem, há apenas uma semana. Pensando bem, não há nada que eu possa identificar com clareza. A vida continua como é normalmente. Negócios são feitos. Turistas chegam e partem. Mas há algo na cidade que não faz sentido. Como posso dizer? Há uma atmosfera desagradável. Amigos meus que moram lá, pessoas que conheço há muitos anos, parecem ter pressa de ir embora e, quando pergunto o motivo, eles têm medo de dizer. E os que ficam estão nervosos.

— Os Antigos estão lá — disse Susan Ashwood, como se soubesse o tempo todo. Ela trabalhava como médium, falando com fantasmas. Matt imaginou se eles teriam lhe contado.

— É nisso que acredito, Srta. Ashwood — concordou o Sr. Lee. — Não pode ser coincidência. A Crepúsculo é sediada em Hong Kong. É bem possível que boa parte da cidade esteja sob o controle dos Antigos. E, se for o caso, no momento em que essa garota, Scarlett Adams, chegar lá, será como se estivesse numa prisão, e nenhum de nós poderá alcançá-la.

— Precisamos alcançá-la — disse Richard. — Se não for possível, é melhor desistirmos. Tem de haver cinco Guardiões.

— Então precisamos tirá-la de lá, e isso significa ir atrás dela. Nós fracassamos aqui em Londres. Talvez Matthew e Jamie tenham mais sucesso lá.

— Vocês querem mandar os dois a Hong Kong?

— Eles têm certos poderes que podem ser úteis, Sr. Cole. — O Sr. Lee assentiu. — Sim. Na minha opinião, eles devem encontrar um modo de entrar na cidade, mas sem que os Antigos saibam que eles estão indo.

— Os dois viajaram para cá com nomes e documentos falsos — disse Tarrant. Ele parecia desaprovar. — Eles podem usá-los de

novo.

— Sem dúvida. — O australiano, Harry Foster, bateu com o punho na mesa. — Eles podem partir no próximo voo. Deve haver cinquenta mil pessoas por dia entrando e saindo de Hong Kong. Quem vai notar dois garotos numa multidão assim?

— Não concordo. — Susan Ashwood balançou a cabeça. — Se o Sr. Lee estiver certo e os Antigos estiverem lá, seria loucura total ir de avião. Matt e Jamie seriam apanhados no momento em que desembarcassem... e não importa quantas pessoas estejam no aeroporto.

— Eu tenho um escritório em Hong Kong — disse Harry Foster. — Posso dar uma olhada lá na volta para a Austrália. Por que não deixam que eu tente encontrá-la? Posso explicar o que está acontecendo; e ela, e o pai, por sinal, podem partir comigo. Vou levá-los a Sydney e vocês podem pegar a garota lá.

— Acho perigoso demais — observou o Sr. Lee.

— Bom, pelo menos posso levar um recado para ela. Fazer com que ela saiba o que está acontecendo. — O australiano pegou um bloco e escreveu uma anotação para si mesmo. — Uma carta para avisar que ela está correndo perigo. Posso fazer com que alguém do meu escritório de Hong Kong entregue em mãos.

— Acho que precisamos ter muito cuidado — disse Susan Ashwood. — Todos sabemos o que aconteceu hoje. Eles sabiam que Matt estava chegando e estavam decididos a impedi-lo. — Ela olhou para Tarrant. — Você estava com dois homens vigiando Scarlett e agora acha que eles podem estar mortos. Quantos erros teremos de cometer antes de percebermos contra o quê estamos lutando?

— Então, talvez seja hora de usar uma das portas — disse Richard.

Ele estava com o diário e empurrou-o por cima da mesa. Todos os dez membros do Nexo olharam o livro. Apenas alguns meses antes, estavam preparados para gastar dois milhões de libras para

pôr as mãos nele, e ali estava, bem à frente. Queriam tocá-lo. E ao mesmo tempo tinham medo dele, como se fosse uma cobra que poderia morder.

— Estive tentando decifrar isso desde que Ramon o levou para nós — continuou Richard. — Li algumas partes, mas não vou fingir que entendi muita coisa... mesmo com um dicionário de espanhol e uma lente. Mas de uma coisa nós sabemos. Vinte e cinco portas foram construídas ao redor do mundo para uso dos Guardiões. Todas se conectam umas com as outras e podem ser encontradas em locais sagrados. Uma delas fica na igreja de St. Meredith. Quando Matt passou por ela, chegou à abadia de San Galgano, na Toscana.

— Scott e eu encontramos uma porta numa caverna em Lake Tahoe — acrescentou Jamie. — Ela nos levou ao templo de Coricancha em Cuzco, no Peru.

— Com isso são quatro — disse Richard. — Mas existem outras vinte, e nosso amigo, o monge louco, pode ter nos ajudado. Ele fez uma lista...

Richard desamarrou o diário e o abriu, colocando-o para todo mundo ver. Todos se inclinaram adiante. Havia um mapa muito detalhado ocupando duas páginas, desenhado em tinta de diferentes cores. Chegava a ser reconhecível como o mundo, mas um mundo visto por uma criança que tivesse apenas um conhecimento básico de geografia. A América tinha a forma errada e estava perto demais da Europa. A Austrália estava de cabeça para baixo.

José de Córdoba tinha usado mais cuidado enfeitando o trabalho. Tinha desenhado pequenos navios, atravessando os vários oceanos com as velas enfunadas. Animais do tamanho de insetos surgiam nas diferentes massas de terra, ajudando a identificá-las. Havia um tigre na índia, um dragão na China e, no Polo Norte, o que poderia ser um urso polar.

— Não sei o quanto vocês sabem sobre mapas antigos — disse Richard —, mas estudei um pouco sobre eles na universidade.

Cursei política e geografia. Este aqui é bem típico do século XVI. Foi uma época em que os mapas estavam ficando mais importantes. Henrique VIII foi um dos primeiros monarcas a perceber o quanto eles podiam revelar sobre as defesas de um país. E todo mundo os estava usando para roubar as rotas de comércio dos outros. Está vendo estas pequenas sacolas aqui? — Ele pegou um lápis e apontou. — Provavelmente são sacos de especiaria. José pode tê-las usado para representar as Ilhas das Especiarias porque era isso que todo mundo desejava.

— Há estrelas — disse Jamie.

Estavam espalhadas pelas duas páginas; as estrelas de cinco pontas que ele e Matt conheciam tão bem.

— Isso mesmo. São vinte e cinco, uma para cada porta. O único problema é que, como muitos mapas desenhados na época, este não é muito preciso. Pelo que pude deduzir, parece haver portas em Londres, no Cairo, em Istambul, Nova Délhi, Meca, Buenos Aires e algum lugar no sul da Austrália. Há uma aqui, perto do Polo Sul. Mas o mundo mudou um bocado em quinhentos anos, e não vai ser fácil tentar identificar os locais exatos.

— Você mencionou uma lista — disse Tarrant.

— É... — Richard virou uma página e, de fato, havia uma longa fileira de nomes, todos em letra minúscula. — O problema é que os nomes não combinam com os lugares modernos, e metade está em espanhol. Aqui está um, por exemplo. *Muerte de Maria*. Demorei metade da noite para deduzir o que era.

— A morte de Maria — traduziu o bispo.

— Ou, em inglês, Mary's death — disse Richard. — Entenderam? Marydeath. Ou a igreja de St. Meredith em Londres. É como uma dica de palavras cruzadas, mas não acho que José estivesse fazendo isso de propósito para nos confundir. Coricancha simplesmente não é citado. Só é representado por um sol flamejante; se bem que, claro, o sol era sagrado para os incas.

— Existe alguma porta em Hong Kong? — perguntou Matt.

— Certamente há uma porta em algum lugar perto de lá — respondeu Richard. — Ele virou de novo a página para o mapa. — Dá para ver aqui... e, se olhar na lista, há uma referência a um lugar chamado Puerto Fragrante e um pequeno símbolo de dragão. Mas pode ser qualquer lugar.

— Posso ver? — O Sr. Lee pegou o diário com as duas mãos, como se tivesse medo de vê-lo se desfazer. Olhou o mapa, depois a lista, depois virou outra página. — Alguém escreveu com lápis as palavras *Tai Shan*. — Ele olhou para Richard. — Foi você?

Richard balançou a cabeça.

— Deve ter sido Ramon. Ele fez anotações em todo o livro quando estava tentando decifrá-lo para Salamanda, mas, pelo que posso ver, não teve tempo de descobrir muita coisa. De qualquer modo, ele estava se concentrando principalmente nas linhas de Nazca.

— Há uma porta em Hong Kong! — exclamou o Sr. Lee. — Posso dizer com certeza. E até posso dizer exatamente onde fica. — Ele pousou o diário. — Puerto Fragrante, ou Porto Perfumado, em espanhol, acho, é outra pista. Em cantonês, Porto Perfumado pode ser traduzido como Heung Gong. Ou, em outras palavras, Hong Kong. A cidade recebeu esse nome por causa do cheiro de sândalo que pairava no mar. Quem estudou o diário foi suficientemente bom para confirmar para nós. *Tai Shan* significa "montanha do leste". É onde o sol começa a jornada diária. Também é o lugar para onde as almas dos homens vão, depois de morrer. Há um templo muito antigo e muito sagrado com esse nome em Hong Kong, numa parte da cidade chamada Wan Chai...

Houve uma sensação de alívio na sala. Era como se todos tivessem decidido. Até Susan Ashwood assentiu, concordando, e pareceu relaxar. Só Matt não parecia ter tanta certeza.

— Vocês podem partir esta noite — disse Harry Foster. — Se tudo correr bem, podem até recebê-la no aeroporto. Podem tirá-la antes mesmo que os Antigos saibam que vocês chegaram.

— Esperem um minuto — interveio Matt. — Nós viemos de Miami para cá porque não achamos que as portas sejam seguras. Por que alguma coisa mudou? — Ninguém respondeu, por isso ele prosseguiu: — Salamanda tinha o diário. Pode ter descoberto sobre o templo...

— Não necessariamente — insistiu Foster. — Esse cara, o Ramon, estava trabalhando nele. Mas pode não ter repassado tudo o que sabia. De qualquer modo, Salamanda está morto.

— Talvez haja um elemento de risco... — começou Susan Ashwood.

— É mais do que um risco. É uma armadilha.

Matt não havia se sentado, e continuou argumentando. Todas as dúvidas que tinham passado pela sua mente haviam se juntado de algum modo e, de repente, ele conseguia ver tudo com muita clareza.

— A coisa toda é uma armadilha — disse. — E sempre foi, desde o início. Por que fomos atacados em Nazca? Por que a professora Chambers foi morta? Porque os Antigos *queriam* nos colocar em movimento. Queriam que fizéssemos exatamente o que fizemos.

— Pensem bem — continuou. — Scarlett Adams passa pela porta de St. Meredith e, de repente, o mundo inteiro sabe sobre ela. A história sai em todos os jornais e os Antigos ficam sabendo quem ela é. E então, exatamente no mesmo dia, um professor universitário chamado Ramon aparece em Nazca. De algum modo ele conseguiu nos encontrar. Diz que conseguiu roubar a coisa que mais queremos ter, sem nem mesmo pedir dinheiro. Por quê? Porque é religioso! Porque está planejando se casar! A história toda era ridícula. E não era verdadeira. Os Antigos queriam que ficássemos com o diário.

— Eles mataram o homem para tê-lo de volta — disse Nathalie.

— Foi mesmo? Acho que Ramon ficou tão surpreso em receber aquele poste de cerca no peito quanto nós. Ele deve ter sido programado, por droga ou hipnose, para impedir que Scott e Jamie vissem sua mente. E depois eles o mataram para fazer a gente acreditar que ele dizia a verdade. Caso contrário, tudo pareceria fácil demais.

Matt respirou fundo. Normalmente não gostava de ser o centro das atenções, mas desta vez sabia que estava certo.

— O tempo todo havia alguma coisa que me incomodava em relação àquela noite em Nazca — prosseguiu. — Se eles realmente quisessem tanto o diário, por que mandaram uma força tão pequena? O que aconteceu com a aranha gigante, os soldados-moscas, os alteradores de forma, os cavaleiros da morte? — Ele se virou para Jamie. — Você os viu. Você lutou contra eles. Nazca foi fichinha perto do que você passou. Jamie assentiu, mas não disse nada.

— Eles querem que eu vá para Hong Kong. É isso aí. — Matt estava ficando cansado. Não fazia ideia de que horas seriam, segundo seu relógio biológico. Só queria se arrastar para a cama e esquecer tudo durante dez horas. — Em primeiro lugar, eles nos tiraram de Nazca. Conseguiram nos dividir. E agora fazem um belo convite para a gente cair direto nas mãos deles. No momento em que eu passar por aquela porta, estarei acabado. Eles estão usando Scarlett para me pegar. Eu os machuquei. Feri o líder deles, Caos, o rei dos Antigos, ou sei lá como ele se chama. Eles querem que eu pague.

Houve um longo silêncio.

— O que você quer fazer, Matt? — perguntou Susan Ashwood. E isso causou uma mudança. Normalmente, o Nexo lhe dizia o que queria que ele fizesse.

— Ainda preciso ir a Hong Kong — disse Matt.

— Matt... — começou Richard.

Matt o impediu.

— O que a Srta. Ashwood disse estava certo. Eles não vão deixar nenhum de vocês chegar perto de Scarlett. Temos de ser nós dois, Jamie e eu. E você também, Richard, se quiser ir. Mas talvez possamos usar essa situação em nosso proveito. Os Antigos esperam que a gente apareça no templo de Tai Shan. Foi assim que montaram a armadilha. Mas e se chegarmos por outro caminho? Ainda poderíamos pegá-los de surpresa.

— Vocês poderiam ir por mar — disse Foster. — Há navios de cruzeiro que vão para Hong Kong o tempo todo.

— Posso sugerir uma coisa? — interrompeu o Sr. Lee, pedindo permissão de novo. — O melhor modo de entrar em Hong Kong pode ser através de Macau. Macau faz parte da China, é uma pequena ponta de terra no Mar do Sul da China. E, como Hong Kong, é uma Região Administrativa Especial, o que quer dizer que, pelo menos em parte, é independente. Você pode voar de um lugar ao outro em muito pouco tempo. Helicópteros fazem a viagem várias vezes por dia.

— E como chegamos a Macau? — perguntou Richard.

— Você não podem viajar para lá diretamente. Acho que terão de ir através de Cingapura. Mas podemos dizer que é uma porta dos fundos para Hong Kong, uma porta que os Antigos podem não estar vigiando. — Ele pegou um lenço e limpou as lentes dos óculos. — Mais do que isso, eu tenho um contato em Macau que talvez concorde em ajudá-los. Ele tem muitos recursos. Na verdade, se alguém sabe a verdade sobre o que está acontecendo naquela parte do mundo, é ele.

— Espere um minuto... — Richard estava preocupado e não tentava esconder. Desejava nunca ter mencionado o diário. — Matt... tem certeza de que você precisa ir até lá? Você já disse que é isso que eles querem. Disse que é uma armadilha. Agora está indo diretamente para ela.

— Precisamos de Scarlett — respondeu Matt simplesmente.

— Eles estão com ela. Não podemos vencer sem ela. — Ele olhou em volta. — Jamie, você vai comigo?

Jamie deu de ombros.

— Eu sempre quis conhecer Hong Kong.

— Então está combinado. — Matt se virou para o Sr. Lee. — Quando o senhor pode entrar em contato com seu amigo?

— O nome dele é Han Shan-tung. É um homem de grande influência. Tem muitos amigos dentro de Hong Kong. Mas talvez não seja fácil encontrá-lo. Ele viaja muito. Talvez vocês tenham de esperar.

— Não podemos esperar.

— Serão só alguns dias. Mas confie em mim. Seria tolice entrar na cidade sem o apoio dele.

Alguns dias. Mais espera. Matt pensou em Scarlett. Dentro de algumas horas, ela pousaria em Hong Kong. O que encontraria ao chegar? Como iria se virar, sozinha?

Mas não havia outro jeito. De algum modo, ela teria de sobreviver até ele chegar. Só esperava que não demorasse demais.

O Pátio da Sabedoria

O pesadelo começou quase a partir do momento em que Scarlett chegou ao aeroporto de Hong Kong.

Ainda era uma Viajante Solo e a companhia aérea havia arranjado para um acompanhante recebê-la no avião e levá-la através da imigração e da alfândega. O nome dele era Justin, tinha cabelo escuro, vinte e poucos anos e se vestia como um tripulante.

— Fez uma boa viagem? — Ele falava com sotaque australiano e parecia bastante amigável.

— Foi legal.

— Você deve estar cansada. Não se preocupe. Vou levá-la até o outro lado. É sua primeira vez em Hong Kong?

— É.

— Você vai adorar!

Ele continuou falando enquanto Scarlett o acompanhava até o controle de passaportes. Teria sido fácil achar o caminho sozinha — havia placas escritas em inglês, além de chinês —, mas ela achou bom ter companhia depois de onze horas sozinha no que parecia o espaço sideral. A pior coisa do voo não tinha sido a duração ou o tédio, e sim o sentimento de desconexão. Ela estava indo a um lugar aonde não queria ir, sem ao menos saber por que ia. O que poderia ser tão urgente a ponto de seu pai obrigá-la a uma viagem tão longa? E por que ele não pudera dizer ao telefone?

O aeroporto estava surpreendentemente silencioso, mas eram apenas seis da manhã e talvez não tivesse havido muitos voos

internacionais. Mesmo assim, Scarlett ficou inquieta. Examinou as pessoas em volta na esteira rolante, sendo carregada pelos corredores largos, cinza-prateados. Os outros passageiros pareciam mais mortos do que vivos, remelentos e pálidos. Ninguém falava. Ninguém parecia feliz em estar ali.

E havia outra coisa que a impressionou. Todo mundo ia na mesma direção. Todos entravam no prédio principal. Pessoas aparentavam estar chegando a Hong Kong, mas, pelo menos naquela manhã, ninguém parecia estar indo embora.

Chegaram à imigração, entrando numa fila que serpenteava até uma fileira de cabines baixas, de vidro, com funcionários usando uniformes em preto e prata, sentados em bancos baixos. Todos pareciam iguais para Scarlett — pequenos, com olhos castanhos e cabelos pretos espetados. Tirou o pensamento da cabeça. Provavelmente estava sendo racista.

E então chegou sua vez. O funcionário que pegou seu passaporte e o cartão de chegada era jovem, educado. Ele abriu o passaporte e examinou seus dados, e, ao fazer isso, Scarlett notou uma câmera de vigilância logo acima dele girar para examiná-la também. Era irritante o modo como ela se movia, sem fazer som, de algum modo destacando-a do resto da multidão.

— Scarlett Adams. — O funcionário disse seu nome e sorriu. Não estava pedindo que ela confirmasse. Só estava lendo na página como se não entendesse direito o que significava. Então estendeu a mão para o carimbo, pôs tinta e baixou-o no passaporte com uma pancada.

E nesse exato momento ele mudou. Será que isso teria mesmo acontecido ou a mente dela estava lhe pregando truques depois da longa viagem? Eram os olhos. Quando o carimbo bateu na página, eles pareceram estremecer como se alguém tivesse soprado fumaça neles, e subitamente estavam amarelos. As pupilas, que eram castanhas um segundo antes, agora estavam pretas e em forma de

losango. O funcionário dos passaportes olhou para ela e sorriu e, nesse momento, ela teve medo de que ele saltasse da cabine e a despedaçasse. Os olhos dele não eram mais humanos. Pareciam de crocodilo.

Scarlett ofegou alto. Não conseguiu evitar. Estava paralisada, olhando aquela coisa à sua frente. O acompanhante, parado junto dela, não tinha notado nada estranho. Ninguém mais havia reagido. Houve o som de um carimbo quando outro visto foi concedido na cabine ao lado, e Scarlett olhou naquela direção enquanto um estudante com mochila tinha permissão de passar. Quando olhou de volta, a coisa havia acabado. O funcionário estava normal de novo. Estava estendendo seu passaporte, esperando que ela pegasse. Ela hesitou, depois arrancou-o da mão dele, não querendo entrar em contato com as pontas dos dedos, como se esperasse que eles se transformassem em garras.

— Precisamos pegar suas malas — disse Justin.

— Certo...

Ele a olhou com curiosidade.

— Algum problema, Scarlett?

— Não. — Ela balançou a cabeça. — Tudo bem.

As malas demoraram uns dez minutos para chegar. A de Scarlett foi uma das primeiras a sair do avião. Justin pegou-a e os dois passaram pela área da alfândega, que estava vazia. Pelo jeito, ninguém se incomodava em contrabandear nada para Hong Kong. O portão de chegada ficava logo adiante, e Scarlett se apressou. Apesar de tudo, estava ansiosa para ver o pai de novo.

Ele não estava lá.

Havia umas cem pessoas esperando do outro lado das barreiras, um bom número delas usando uniforme de motorista, algumas segurando nomes em placas. Ela viu seu nome quase imediatamente. Estava na mão de um negro de terno. Ele era alto e careca, com um rosto que parecia esculpido: não demonstrava nenhuma emoção. De

algum modo, ele não parecia pertencer a Hong Kong. Não era somente a cor. Era o tamanho. Erguia-se mais alto do que todo mundo, espiando por cima da multidão com olhos vazios, como se não quisesse estar ali.

Havia uma mulher ao lado dele, e Scarlett sentiu aversão por ela à primeira vista. Aquilo ao menos era uma mulher? Certamente usava roupas de mulher: vestido cinza, casaco grosso com capuz e botas forradas de pele que iam até os joelhos. Mas tinha rosto e físico de homem. Os ombros eram largos e quadrados. O pescoço grosso. Não usava maquiagem, mas precisava tremendamente. A pele parecia couro velho. Era chinesa e tinha metade da altura do chofer, com o cabelo preto pendendo sem vida e óculos grossos, de plástico, que não embelezariam seu rosto mesmo que houvesse algo possível de ser embelezado. Fez com que Scarlett pensasse numa guarda penitenciária. Era impossível adivinhar sua idade. Quarenta? Cinquenta? Parecia nunca ter sido jovem. Scarlett foi até ela.

— Bom-dia, Scarlett — disse a mulher. — Bem-vinda a Hong Kong. Espero que tenha feito boa viagem.

— Quem é a senhora? — Scarlett não estava com clima para ser educada.

A mulher não se ofendeu.

— Sou a Sra. Cheng. Mas pode me chamar de Audrey. Este é o Karl. — O homem de terno baixou a cabeça brevemente. — Vamos para o carro?

— Onde está o meu pai?

— Infelizmente não pôde vir.

— Onde ele está?

— Eu explico no carro.

O acompanhante — Justin — havia escutado tudo isso com preocupação crescente. Seu serviço era entregar Scarlett à pessoa certa, e obviamente esse não parecia ser o caso.

— Com licença um minuto — interrompeu ele. E se virou para Scarlett. — Você conhece essas pessoas?

— Não.

— Bom, não sei se você deveria ir com eles. — Em seguida, se virou para a mulher. — Desculpe, Sra. Cheng. Recebi ordens de entregar esta jovem ao pai dela. E não sei se...

— Você está sendo ridículo — interrompeu a Sra. Cheng. — Pode ver claramente que estávamos esperando por ela. Somos empregados da Corporação Crepúsculo e fomos mandados pelo pai dela.

— Sinto muito. Ela não conhece vocês e, neste momento, sou responsável por ela. Acho melhor irem ao balcão e falarem com meu superior.

Scarlett estava começando a ficar sem graça com dois adultos discutindo por sua causa, especialmente no meio de um lugar público. Mas Justin e a Sra. Cheng haviam chegado a um impasse. A chinesa estava ofegando, e dois pontos escuros tinham aparecido em suas bochechas. Ela lutava para se controlar. De repente deu uma ordem ríspida, a voz tão baixa que mal pôde ser ouvida. O chofer, Karl, avançou bamboleando.

— Ei, espere um minuto... — começou Justin.

Parecia que Karl iria lhe dar um soco. Mas, em vez disso, ele simplesmente pôs a mão no ombro de Justin, os dedos compridos e negros se curvando em volta do pescoço do acompanhante. Não houve qualquer violência. Então ele se inclinou até estar com os olhos no mesmo nível dos do outro.

E Justin cedeu.

— Você está fazendo uma tempestade em copo d'água — disse a Sra. Cheng.

— É... — Ele mal conseguiu dizer a palavra.

— Por que não liga para o escritório da Crepúsculo quando ele abrir? Eles vão dizer tudo o que você quer saber.

— Não precisa. Claro que a garota pode ir com vocês.

— Solte-o, Karl.

Karl o soltou. Justin cambaleou e se afastou abruptamente. Era como se tivesse esquecido Scarlett. Não queria mais nada com ela.

— Vamos indo, Scarlett. Já perdemos tempo demais aqui.

Scarlett pegou sua mala e seguiu Karl e a Sra. Cheng descendo uma escada rolante. Uma porta deslizante levava a uma rua particular com vários sedas e limusines elegantes esperando. Karl pegou a bagagem e pôs no porta-malas. Enquanto isso, a Sra. Cheng havia aberto a porta, empurrando Scarlett para o banco de trás.

— Aonde nós vamos? — perguntou Scarlett.

— Vamos levá-la ao apartamento do seu pai.

— Ele está lá?

— Não. — Audrey Cheng falava inglês como muitos chineses, cortando as palavras como se as estivesse atacando com uma tesoura. — Seu pai teve de viajar a negócios.

— Mas não é possível. Ele me tirou da escola. Fez com que eu viesse até aqui.

— Ele escreveu um bilhete para você. Vai explicar tudo.

Tinham saído do aeroporto. Karl os levou através de uma ponte que parecia nova em folha, com cabos de aço descendo como fios de uma teia de aranha. O aeroporto fora construído numa ilha, uma das várias que rodeavam Hong Kong. Tudo ali era cortado pelo mar.

Chegaram aos arredores da cidade e Scarlett viu os primeiros arranha-céus, cinco enfileirados. Eles alertavam para como esse mundo seria diferente, como era estranho comparado com tudo o que ela conhecia. As cinco torres eram exatamente iguais. Praticamente não tinham características. E eram gigantescas. Cada uma devia ter mil janelas, empilhadas por quarenta ou cinquenta andares em linhas retas, uma em cima da outra. Da rua, as janelas pareciam do tamanho de selos de correio, e qualquer pessoa que olhasse por elas não pareceria maior do que a cabeça da rainha no

cantinho dos selos ingleses. Era impossível dizer quantas pessoas viviam ali ou como seria chegar à noite a um apartamento idêntico em sua torre idêntica, identificado apenas por um número na porta. Esta era uma cidade muito maior do que as pessoas que viviam nela. Hong Kong tratava seus habitantes como um formigueiro cuida de suas formigas.

A estrada havia se transformado num horroroso elevado de concreto que serpenteava em meio a mais prédios de apartamentos. Eram apenas sete horas da manhã, mas o tráfego ia aumentando. Logo começaria a engarrafar. Olhando para baixo, Scarlett viu o que parecia, estranhamente, um ônibus de Londres, seguindo devagar com um número demasiado de passageiros apinhados. Mas era pintado com as cores erradas, com símbolos chineses cobrindo uma das laterais. Hong Kong havia pertencido aos ingleses, claro. Fora devolvida no fim dos anos noventa, e ainda que agora fosse de propriedade da China, o lugar era meio independente.

Passaram por uma feira onde as barracas ainda estavam sendo montadas e seguiram por uma rua estreita com dezenas de anúncios, todos em chinês, pendurados acima. Por fim, pegaram uma entrada de veículos que se curvava até uma porta dupla de vidro num prédio um pouco menor. Scarlett viu uma placa: PÁTIO DA SABEDORIA. O carro parou. Tinham chegado.

O Pátio da Sabedoria ficava a leste da cidade, no que parecia uma área cara, já que tinha a única coisa que *importava* num lugar assim: espaço aberto. O prédio era antiquado — de tijolos, e não de aço ou vidro. Tinha apenas quinze andares e ficava no meio de um terreno. Havia um pátio externo com meia dúzia de canteiros bem cuidados e uma fonte de mármore branco, com água escorrendo da cabeça de um leão. Havia mais dois leões de boca escancarada, um de cada lado da porta. Dentro, a recepção poderia ser de um hotel elegante. Havia palmeiras em vasos e um homem de uniforme sentado atrás

de um balcão de mármore. Dois elevadores ficavam lado a lado no fim do corredor.

Subiram ao décimo segundo andar, com Karl levando a bagagem. Audrey Cheng mal havia olhado para Scarlett desde que tinham saído do aeroporto, mas agora enfiou a mão na bolsa e pegou uma chave que balançou à frente do corpo, como a demonstrar que realmente tinha o direito de estar ali. Chegaram a uma porta que tinha o número 1213. A Sra. Cheng virou a chave na fechadura e eles entraram.

Era realmente ali que seu pai morava? O apartamento era limpo e moderno, com uma comprida sala de estar, janelas indo do chão ao teto e três degraus descendo até uma cozinha e sala de estar rebaixadas. Havia dois quartos, cada qual com seu banheiro. Mas à primeira vista não existia nada que conectasse o lugar a Paul Adams. As pinturas na parede eram manchas de cor abstratas que poderiam estar em qualquer hotel. Os móveis pareciam novos... uma mesa de vidro, poltronas de couro, armários de madeira clara. Será que Paul Adams havia mesmo saído e escolhido aquilo ou tudo já estava ali quando ele chegou? Tudo era muito arrumado, nem um pouco como a bagunça calorosa e aconchegante da casa deles em Dulwich.

Mas, olhando em volta, Scarlett encontrou algumas pistas de que seu pai estivera ali. Alguns livros sobre a Segunda Guerra Mundial estavam nas estantes. Ele sempre havia se interessado por história. A geladeira tinha algumas de suas comidas prediletas: um pacote de salmão defumado, iogurte grego, sua marca de manteiga usual — e na bancada havia uma pequena garrafa de uísque, da marca que ele sempre bebia. Algumas roupas dele estavam penduradas no armário do quarto principal e havia um frasco de sua loção após barba ao lado da banheira.

E havia o bilhete.

Era impresso, não escrito, e estava num envelope endereçado a Scarlett, sem assinatura. Scarlett se perguntou se ele teria pedido à

secretária para digitar. Seu pai só usava dois dedos e geralmente cometia um monte de erros. O bilhete era bem curto.

Querida Scarly,

Sinto muito mesmo por fazer isso com você, mas aconteceu uma coisa e tive de sair de Hong Kong por alguns dias. Vou tentar ligar, mas se não puder, divirta-se, e nos veremos logo. Não precisa se preocupar com nada. Explico quando nos encontrarmos.

Papai

Scarlett baixou o bilhete.

— Não diz quando ele vai voltar — disse.

— Talvez o seu pai não saiba.

— Mas ele é o único motivo para eu estar aqui!

A Sra. Cheng abriu as mãos como se pedisse desculpas, mas não existia qualquer sinal de pesar em seu rosto.

— Esta tarde vou levá-la ao lugar onde seu pai trabalha — prometeu. — Vamos à Corporação Crepúsculo e você vai falar com o presidente. Ele vai lhe dizer mais.

Karl havia levado a mala de Scarlett para o quarto extra. Até agora, não tinha dito uma palavra. Estava esperando junto à porta da frente.

— Tenho certeza que você está cansada — disse a Sra. Cheng. — Por que não descansa? Mais tarde poderemos explorar a cidade. Será que você gostaria de fazer compras? Temos muitas lojas.

Scarlett não queria fazer compras com Audrey Cheng. Pelo jeito, as duas ficariam juntas até a volta de Paul Adams. Não era justo. Será que aquela mulher estava mesmo substituindo a Sra. Murdoch? Mas sem dúvida Scarlett se sentia cansada. Mal tinha dormido no avião. Neste momento, em Londres, seria por volta da meia-noite.

— Eu gostaria de descansar — disse.

— Boa ideia. Eu estarei aqui. Chame se precisar de alguma coisa.

Scarlett entrou no quarto. Despiu-se e tomou um banho de chuveiro, depois se deitou na cama. Caiu no sono instantaneamente, com a escuridão baixando como uma cortina.

E de novo retornou ao mundo de sonho, ao deserto e ao mar Podia sentir a água atrás, mas teve o cuidado de não se virar. Lembrava-se da criatura que tinha tentado emergir — o dragão ou o que quer que fosse — e não queria vê-la de novo.

Tudo estava imóvel. Sua cabeça latejava. Havia algo estranho no ar. Procurou os quatro garotos que havia conhecido tão bem e ficou desapontada ao descobrir que não estavam em lugar nenhum.

Algo reluziu em vermelho.

Levantou os olhos e viu o letreiro de néon pendurado na estrutura de aço. As letras estavam piscando, lançando um brilho na areia ao redor. Mas as palavras eram diferentes. Na última vez que tinha visto, diziam: **SINAL UM**. Tinha certeza.

Agora tinham mudado. **SINAL TRÊS**. Era o que estava escrito. E o símbolo ao lado, a letra T, tinha virado de cabeça para baixo.

SINAL UM 

SINAL TRÊS 

O que isso significava? Scarlett não sabia. Mas atrás dela, longe no mar, o dragão viu e entendeu. Ela o escutou uivando e soube que

ele estava de novo correndo em direção a ela, chegando cada vez mais perto, mas mesmo assim se recusou a se virar.

E então ele caiu sobre ela. Era enorme, grande como o mundo inteiro. Scarlett gritou e, depois disso, não se lembrou de mais nada.

O presidente

A vista era incrível. Scarlett precisava admitir, mesmo contra a vontade. Nunca tinha visto nada igual.

Era o meio da tarde de seu primeiro dia em Hong Kong, e ela estava diante de uma gigantesca janela de vidro plano, a 66 andares do chão, na sede da Corporação Crepúsculo. O prédio se chamava A Agulha, e parecia mesmo uma agulha, uma haste de prata cravada na rua Queen. Ela estava na sala do presidente, uma sala tão grande que daria para jogar hóquei, se bem que a bola provavelmente se perderia no carpete fofo. Quadros de Picasso e Van Gogh estavam pendurados na parede. Com toda certeza eram originais.

De seu ponto de observação, Scarlett via que a cidade era dividida em duas. Estava na Ilha de Hong Kong, rodeada pelas lojas e pelos hotéis mais caros. Mas dava para ver Kowloon, do outro lado do porto, a vizinha mais suja e pobre. As duas partes eram separadas pelo que devia ser um dos trechos de água mais movimentados do mundo, com navios de todas as formas e tamanhos se entrecruzando sem colidir. Navios de cruzeiro, de tamanho suficiente para levar um pequeno exército, estavam atracados no cais, com pequenos *sampans*, barcos a remo chineses, passando rapidamente ao redor. Rebocadores, cargueiros e navios de contêineres moviam-se lentamente para a esquerda e a direita enquanto balsas de passageiros, mais ágeis, cortavam o caminho à

frente deles. Havia até uns dois juncos, antigos veleiros chineses que pareciam ter vindo de outra era.

Os arranha-céus de Hong Kong eram um mundo à parte, cada um competindo para ser o mais alto, mais esguio, mais espetacular, mais bizarro. E havia algo extraordinário no modo como eram amontoados, tantos bilhões de toneladas de aço e vidro, tantas pessoas vivendo e trabalhando umas em cima das outras... Isso já havia feito Scarlett se lembrar de um formigueiro, mas agora via que eram as formigas mais ricas do mundo. Não existiam muitas calçadas em Hong Kong. Um intricado labirinto de passarelas cobertas conectava os diferentes prédios, indo de um centro de compras ao outro, através de cidades inteiras compostas de Armani, Gucci, Prada, Cartier e muitas outras grifes de milhões de dólares.

Havia muito pouca cor em toda parte. Se existiam árvores ou parques, tinham sido engolidos pela cidade se espalhando, e até a água parecia ardósia. Apesar de ser de tarde, a luz não havia mudado muito desde a manhã. Tudo era envolto numa estranha névoa prateada que fazia os escritórios de Kowloon parecerem distantes e fora de foco.

Na ida de carro até ali, Scarlett havia notado um bom número de pessoas cobrindo a boca e o nariz com um quadrado de material branco, como cirurgiões, de modo que só apareciam os olhos. Será que o ar era mesmo tão ruim? Cheirou algumas vezes, mas não conseguiu detectar nada estanho. Por outro lado, o ar no carro certamente era filtrado. O mesmo acontecia no escritório. As janelas tinham vários centímetros de grossura, isolando todo o barulho e os cheiros do lado de fora.

— Tremenda vista, não é?

Scarlett girou. Um homem havia chegado perto dela sem fazer nenhum som. Era europeu, com cerca de 60 anos, cabelo branco e óculos finos, prateados, e mesmo estando sorrindo, tentando ser amigável, ela se pegou se encolhendo para longe... como se ele fosse

uma aranha ou uma cobra venenosa. Havia algo muito pouco natural no homem. Ele claramente fizera um bocado de coisas no rosto — Botox ou cirurgia plástica —, mas a carne tinha uma qualidade morta. Os olhos eram de um azul muito claro, a ponto de quase não terem cor.

Era o presidente da Corporação Crepúsculo. Tinha de ser. Estava usando um terno caro, camisa branca e gravata vermelha. As pessoas muito bem-sucedidas tinham um modo especial de andar, avançando como se esperassem que o mundo saísse do caminho, e era assim que ele andava. Tinha uma voz profunda, gutural — como se fumasse muito — e falava com leve sotaque americano. Havia uma aliança de prata no dedo médio da mão esquerda. Não o dedo do casamento. De algum modo, Scarlett duvidou que ele fosse casado. Quem, com a cabeça no lugar, optaria por viver com um homem daqueles?

— Legal — respondeu Scarlett.

O presidente pareceu desapontado com a reação dela.

— Não existe cidade mais fantástica no planeta — murmurou ele. E apontou pela janela. — Lá fica Kowloon. Algumas pessoas dizem que o melhor motivo para ir até lá é admirar a vista de volta, mas há muitos museus e templos para desfrutar, também. Você pode pegar a balsa *Star*. A travessia é uma tremenda experiência, se bem que jamais gostei.

— O senhor fica enjoado?

— Não. — Ele balançou a cabeça. — Quando eu tinha 12 anos, uma cartomante disse que eu seria morto num incidente envolvendo um barco. Tenho certeza que você vai me achar idiota, mas sou muito supersticioso. É uma coisa que tenho em comum com os chineses. Eles acreditam que a sorte é uma força, quase como um espírito. Este prédio, por exemplo, teve de ser construído de determinado modo, com a porta principal em ângulo e espelhos postos em pontos cruciais, segundo os princípios do *fengshui*. Caso

contrário seria considerado azarado. E está vendo ali? — Ele apontou para um complexo industrial do outro lado da água, em Kowloon. — Quantas chaminés existem? — perguntou.

Scarlett contou.

— Cinco.

— Tem quatro chaminés de verdade. A quinta chaminé é falsa. Está lá porque a palavra "quatro" significa morte, em chinês, mas, por outro lado, eles acreditam que cinco traz a sorte. Está vendo? Eles levam essas coisas muito a sério, e eu também. Como resultado, nunca fico perto da água e certamente nunca entrei num barco.

Ele fez um gesto para um sofá baixo, de couro, diante de sua mesa.

— Por favor. Venha se sentar.

Scarlett obedeceu. Ele foi se juntar a ela.

— É um grande prazer conhecê-la, Scarlett — disse. — Seu pai me contou muito sobre você.

— Onde está o meu pai?

— Infelizmente lhe devo um pedido de desculpas. Tenho certeza que você ficou desapontada porque ele não estava lá para recebê-la. O fato é que tivemos uma crise súbita em Nanjing.

— Isso é na China?

— É. Houve um problema jurídico que precisava de nossa atenção imediata. Obviamente, não queríamos mandá-lo. Mas seu pai é muito bom no que faz, e não havia mais ninguém.

— Quando ele volta?

— Não deve demorar mais de uma semana.

— Uma semana? — Scarlett ficou chocada. — Posso falar com ele?

O presidente suspirou.

— Talvez não seja muito fácil. Em algumas partes da China, a comunicação é muito ruim. As linhas fixas estão cortadas por causa de uma enchente e há áreas inteiras onde não existe recepção para os

celulares. Tenho certeza que ele tentará ligar para você. Mas talvez demore um pouco.

— E o que eu devo fazer? — Scarlett nem tentou esconder a irritação da voz.

— Quero que você se divirta — disse o presidente. — A Sra. Cheng vai ficar com você até que seu pai retorne, e Karl vai levá-la aonde você quiser ir. Há muitas coisas para fazer em Hong Kong. Compras, claro. A Sra. Cheng tem as verbas necessárias. Há uma Disneylândia em Lantau. Temos todo tipo de mercados fascinantes para você explorar. E precisa ir ao Pico. Além disso, tenho uma coisa para você.

Ele foi até a mesa e abriu uma gaveta. Quando voltou, estava segurando uma caixa branca de papelão.

— É um pequeno presente. Como um pedido de desculpas.

O presidente entregou a caixa e ela a abriu. Dentro, aconchegado em algodão, havia um medalhão feito de alguma pedra verde, em forma de disco, preso num cordão de couro. Olhando mais de perto, Scarlett viu que havia um pequeno animal esculpido no centro; um gafanhoto, um lagarto ou um cruzamento das duas coisas, deitado de lado e com as pernas dobradas, como se estivesse no útero. Era muito intricado. Se o trabalho não fosse tão bem-feito, poderia ser feio.

— É jade — explicou ele. — E é muito antigo. Da dinastia Yuan. Do século XIII. Posso colocá-lo em você?

Ele tirou o cordão da caixa. Comparados com a delicadeza da peça, seus dedos pareciam grossos e desajeitados. Scarlett deixou que ele o passasse por sua cabeça, mesmo não gostando de ter as mãos do sujeito tão perto da garganta.

— Fica lindo em você, Scarlett. Espero que tome conta dele. É muito valioso, de modo que não vai querer deixá-lo por aí. — Ele se levantou. — Mas agora, infelizmente, preciso deixá-la. Tenho uma reunião de diretoria. Eu preferiria não ir. Mas mesmo sendo o

presidente, eles não aceitam meu grito de misericórdia. Por isso tenho de me despedir, Scarlett. Foi um prazer conhecê-la.

Meu grito de misericórdia.

Por que ele havia dito isso? Grito de Misericórdia era o nome do mosteiro onde Scarlett ficara presa, do outro lado da porta. Claro, ele não podia saber disso, mas mesmo assim tinha escolhido as palavras deliberadamente. Estaria provocando-a? O presidente já ia voltando à mesa, mas, enquanto ele se virava, Scarlett pensou ter detectado algo em seus olhos, por trás dos óculos com aro de prata. Estaria imaginando? Ele tinha acabado de lhe dar um presente caro. E, no entanto, apesar de toda a aparente gentileza e preocupação, ela podia jurar que tinha visto outra coisa. Um breve clarão de crueldade.

Scarlett passou o resto da tarde fazendo compras — ou, pelo menos, olhando vitrines. Não comprou nada, o que não era de seu feitio. Na Inglaterra, Aidan costumava provocá-la dizendo que ela gastaria dinheiro numa roupa de mergulho, se a peça tivesse a etiqueta de grife certa. Mas ela não estava com clima para isso. Imaginou se teria apanhado uma gripe. O ar ainda estava muito úmido, com uma garoa fina que pairava sem jamais bater no chão. Além disso, tinha mais consciência da névoa cinza-prateada que se estendia por toda a cidade, até mesmo seguindo-a para as galerias. Os arranha-céus desapareciam na névoa, com os últimos andares se desbotando como uma foto mal revelada. Não havia sensação de distância em Hong Kong. A névoa envolvia tudo, de modo que as ruas não iam a lugar nenhum e pessoas e carros pareciam surgir do nada.

Perguntou sobre isso a Audrey Cheng.

— É poluição — respondeu ela, numa voz casual. — Não é nossa. Sopra da área continental da China. Não podemos fazer nada. — Ela olhou o relógio. — É hora do jantar, Scarlett. Gostaria de ir para casa?

Scarlett assentiu.

E então apareceu um homem, um pouco à frente deles. Scarlett o notou porque ele havia parado, forçando a multidão a se separar e passar dos dois lados. Estavam na rua Queen, um dos lugares mais movimentados de Hong Kong, rodeados por vitrines reluzentes cheias de peles, relógios de ouro, câmeras elegantes e anéis de diamante. O homem era jovem, chinês, vestia um terno com camisa branca e gravata listrada. Estava segurando um envelope.

— Scarlett... — começou ele.

E desapareceu. No momento em que falou seu nome, a multidão se fechou sobre ele. Foi uma das coisas mais extraordinárias que ela já vira. Num momento as pessoas andavam pela calçada — centenas, completamente estranhas. Mas era como se alguém, em algum lugar, tivesse virado um interruptor e, de repente, elas agissem como uma pessoa só. Scarlett tentou olhar para além daquela massa fervilhante, mas era impossível. Pensou ter ouvido um grito. Então a multidão se dividiu. O homem havia sumido.

Só restava o envelope. Estava amarrotado, caído na calçada. Scarlett avançou para pegá-lo, mas alguém chegou antes... um pedestre passando. Era só um homem indo para casa. Ela nem teve chance de olhar seu rosto. Ele pegou o envelope e levou, continuando a andar.

— O que foi aquilo? — perguntou Scarlett.

— O quê? — Audrey Cheng espiou-a com os olhos vazios.

— Aquele homem...

— Que homem?

— Ele chamou meu nome. Então todo mundo foi para cima dele. — Ainda não conseguia absorver o que tinha visto. — Ele tinha uma carta. Queria me entregar.

— Não vi — disse a Sra. Cheng.

— Mas eu vi. Ele estava bem ali.

— Você ainda está com problema de fuso horário. — Audrey Cheng sinalizou e Karl trouxe o carro. — É fácil imaginar coisas quando a gente está cansada.

Scarlett gostou de voltar ao Pátio da Sabedoria, mas desejava que seu pai estivesse lá para recebê-la. Ia dormir no quarto dele. Audrey Cheng havia ocupado o de hóspedes. Pelo jeito, Karl ia passar a noite em outro lugar. Ela ficara completamente abalada com o que vira. Como uma multidão inteira podia se comportar daquele modo? Lembrou-se de como todos tinham se virado de repente. Era como se fossem controlados por uma voz interior que só ela não pudera escutar.

Jantou, deu boa-noite à Sra. Cheng e foi para o quarto. Não tinha terminado de desfazer as malas, e foi enquanto tirava as últimas roupas que fez a descoberta. Alguém havia posto um guia de Hong Kong no fundo de sua mala. Presumiu que devia ter sido a Sra. Murdoch, e, se fosse, era um gesto gentil — se bem que era estranho ela não ter mencionado. Folheou-o. "O Guia do Viajante Mundial para Hong Kong e Macau. Totalmente ilustrado com trinta páginas em cores e mapas detalhados." Era novo.

Mas não foi a única coisa que ela encontrou naquela noite.

Scarlett havia trazido algumas joias — uns dois colares e uma pulseira que Aidan tinha lhe dado no aniversário anterior. Decidiu mantê-las em segurança colocando numa gaveta da penteadeira. Quando puxou, a gaveta ficou presa. Provavelmente por isso ninguém havia notado que ela não estava totalmente vazia. Puxou com mais força e a gaveta se soltou.

Havia um pequeno documento vermelho no fundo. Scarlett demorou alguns segundos para perceber o que era, mas então o pegou e o abriu.

Era o passaporte do seu pai.

Paul Edward Adams. Ali estava a fotografia. Rosto inexpressivo, óculos, cabelo bem arrumado. Estava cheio de carimbos de todo o

mundo e ainda não tinha perdido a validade.

O presidente havia mentido para ela.

Se seu pai tinha deixado o passaporte no apartamento, não podia ter viajado à China. E agora, pensando bem, havia algo estranho no bilhete que ele deixara. Por que era digitado? Nem tinha assinatura. Poderia ter sido escrito por qualquer um.

Eram onze da noite em Hong Kong. Quatro da tarde na Inglaterra. Scarlett foi para a cama mas não conseguiu dormir. Ficou deitada por muito tempo, pensando no passaporte, no funcionário de passaportes com olhos de crocodilo, no presidente brincando a respeito do grito de misericórdia, no homem que havia tentado lhe dar uma carta.

Só estava em Hong Kong havia um dia. Já desejava não ter vindo.

Contato

Nos dias seguintes, Scarlett tentou esquecer o que havia acontecido e dedicar todas as energias a ser uma turista. Tinha de haver outra explicação para o passaporte do pai. Ele podia ter uma segunda via. Ou talvez a empresa tivesse arranjado outros documentos de viagem para as idas à China. Afinal de contas, a China ficava logo ali, do outro lado da fronteira. Tomou uma decisão consciente de não pensar nisso. Ele voltaria logo — e até lá ela consideraria esse tempo como umas férias caras. Sem dúvida era melhor do que estar na escola!

Pegou a balsa Star para Kowloon e de volta, e tomou chá no antigo Península Hotel — sanduíches minúsculos, palmeiras e um quarteto de cordas tocando música clássica. Foi à Disneylândia, que era pequena e não tinha muitos brinquedos rápidos, mas que, afora isso, era legal, se você não se incomodasse em ouvir o Mickey Mouse falando cantonês. Foi até o Pico, uma montanha que ficava atrás da cidade e tinha vistas panorâmicas como se fosse um avião voando baixo. Antigamente dava para enxergar até a China, mas a poluição acabou com isso.

Visitou templos e mercados, foi fazer compras e fez tudo para se convencer de que estava se divertindo. Mas não deu certo. Estava arrasada. Queria ir para casa.

Para começar, sentia falta dos amigos da escola e, particularmente, de Aidan. Tinha tentado passar torpedos para ele,

mas a atmosfera parecia interferir com o sinal e não recebeu nada de volta. Tentou ligar para a mãe na Austrália, mas Vanessa Adams estava fora, viajando. A secretária dela disse que a mãe ligaria de volta para Scarlett, mas não ligou.

E era pior do que isso. Scarlett não queria admitir, porque não fazia seu estilo. Mas se sentia apavorada.

Era difícil apontar o que estava exatamente errado, mas a sensação de inquietude, o medo de que alguma coisa pularia em cima dela na próxima esquina só crescia e crescia. Era como andar numa casa mal-assombrada. Você não vê coisa nenhuma. Nada acontece. Mas mesmo assim você fica nervosa porque sabe que a casa é assombrada. Era como Scarlett se sentia. Mas em seu caso não era uma casa: era uma cidade inteira.

Em primeiro lugar havia as multidões, as pessoas na rua. Scarlett sabia que todo mundo estava com pressa — para ir trabalhar, a reuniões, voltar para casa de novo. Nesse aspecto, todas as cidades eram iguais. Mas as pessoas de Hong Kong pareciam completamente mortas. Ninguém mostrava nenhuma expressão. Todos andavam como robôs, movendo-se no mesmo ritmo, evitando os olhos dos outros. Agora ela percebeu que o que tinha visto na rua Queen não fora um incidente isolado. Era como se a cidade controlasse as pessoas. Quanto tempo iria se passar até que começasse a controlá-la também?, pensou.

A estranha névoa cinzenta continuava em toda parte. Pior, parecia estar ficando mais densa, mais escura, mudando de cor. A Sra. Cheng havia dito que era poluição, mas a névoa parecia ter vida própria, demorando-se nas esquinas, pairando acima de tudo. Tirava a cor das ruas e até transformava os arranha-céus: os andares mais altos pareciam escuros e ameaçadores e era fácil imaginar que eram cidadelas de mil anos atrás. Não pareciam pertencer ao mundo moderno.

E havia o edifício Pátio da Sabedoria. Desde o momento da chegada, Scarlett percebeu que algo estava errado. O lugar era simplesmente silencioso demais. Mas, depois de dois dias ali, subindo e descendo pelo elevador, entrando e saindo pela portaria, percebeu de repente. *Não tinha visto ninguém*. Não existiam sons vindos dos outros apartamentos, nem portas batendo ou bebês chorando. Nenhum carro jamais parava na frente. Nenhum cheiro de cozinha ou de material de limpeza vinha dos outros andares. Afora a Sra. Cheng, ela parecia estar vivendo totalmente sozinha ali.

Claro, existia o recepcionista. Ela mal o havia registrado, para início de conversa. Ele ficava sempre sentado no mesmo lugar, diante de um telefone que nunca tocava, olhando para a porta da frente que praticamente nunca se abria. Usava paletó preto e camisa branca. O rosto era pálido. E nunca mudava. Ninguém jamais o substituía.

Como era possível? Scarlett se pegou examinando-o mais atentamente. O mesmo homem no mesmo lugar, manhã, tarde e noite. Ele não comia nunca? Não precisava ir ao banheiro? Era como um cadáver sentado ali e, assim que esse pensamento entrou em sua cabeça, ela se pegou passando depressa pela recepção, fazendo o máximo para evitá-lo. Não que isso tivesse feito diferença. Ele nunca falava com ela.

Na terceira noite, depois da ida à Disneylândia, questionou a Sra. Cheng. A chinesa estava fazendo o jantar, jogando camarões e brotos de feijão numa panela *wok*.

— Cadê todo mundo?

— Como assim, Scarlett?

— Nós estamos sozinhos, não é? Não tem mais ninguém nesse prédio.

— Claro que há outras pessoas aqui. — A Sra. Cheng aumentou o fogo. — Elas só estão ocupadas. As pessoas em Hong Kong têm a vida muito ocupada.

— Mas eu não vi ninguém. Não tem mais ninguém neste andar.

— Alguns apartamentos estão sendo redecorados.

Scarlett desistiu. Sabia quando estavam mentindo para ela. Era apenas mais um mistério para se somar a todos os outros.

No dia seguinte, a Sra. Cheng a levou a uma feira numa área conhecida como Wan Chai. Como sempre, Karl as levou de carro. Nesse ponto, Scarlett havia se acostumado com ele acompanhando-as a todos os lugares sem nunca falar. Até se perguntou se ele seria mudo. O papel do sujeito parecia ser de guarda-costas. Ficava sempre alguns passos atrás.

Scarlett adorava feiras, e em Hong Kong havia uma vibrante vida nas ruas, lado a lado com as caras lojas ocidentais e os prédios altíssimos. Fora levada para explorar as ruas chinesas, com barracas cheias de ervas e legumes estranhos, macarrão borbulhando ao ar livre e as placas e anúncios, todos em chinês, enchendo o céu como bandeiras e estandartes de um exército invasor.

No entanto, aquelas feiras eram cheias de coisas horríveis. Viu dezenas de galinhas vivas presas em gaiolas minúsculas e — ao lado — outras mortas, totalmente chatas e empilhadas como panquecas deformadas. Na barraca seguinte havia uma enguia cortada em dois pedaços, cercada por uma poça de sangue. Uma cabeça de bode pendia de um gancho, os olhos espiando sem vida, várias artérias se projetando do pescoço. E finalmente havia um peixe inteiro, aberto ao comprido, as duas metades lado a lado. Em muitos sentidos, foi a coisa mais repugnante de todas. A criatura sofrida ainda estava viva. Dava para ver os órgãos internos pulsando.

A Sra. Cheng deu uma olhada e sorriu.

— É fresco! — disse.

Scarlett imaginou quanto tempo conseguiria ficar em Hong Kong sem virar vegetariana.

Continuaram andando, passando por uma fileira de açougues. Naquela noite, a Sra. Cheng iria cozinhar no apartamento de novo e

estava procurando ingredientes. Quando pararam por um momento, Scarlett notou um dos açougueiros encarando-a. Era totalmente careca, com a cabeça grande, redonda, e um estranho rosto infantil. Parecia fascinado, como se ela fosse uma estrela de cinema ou um membro da realeza em visita. E não estava se concentrando no que fazia.

Estava cortando uma junta de carne com uma machadinha. Scarlett viu a lâmina baixar uma vez, duas...

No terceiro golpe, o açougueiro errou a carne e acertou a própria mão esquerda. Ela viu o metal cortar diagonalmente a carne, decepando quase completamente o polegar. Sangue jorrou. Mas esse não foi o verdadeiro horror.

O açougueiro não notou.

Levantou o machado de novo, sem perceber que sua mão estava na tábua de corte, o polegar estremecendo, a poça de sangue aumentando. Estava tão interessado em Scarlett que não notou o que havia feito. Scarlett o encarou com choque total e isso deve tê-lo alertado, porque ele olhou para baixo e recuou imediatamente, segurando a mão ferida, desaparecendo no interior escuro da loja.

Que tipo de homem podia praticamente decepar a mão e não mostrar reação nenhuma? Na tábua de corte, sangue humano se misturava com sangue animal. Não era mais possível separar um do outro.

Naquela noite, Scarlett não comeu carne. E, assim que havia terminado de jantar, voltou para o quarto. O apartamento tinha TV a cabo e ela assistiu à reprise de uma velha comédia inglesa. O filme não a fez rir, mas pelo menos a lembrou de casa. Ela estava pensando cada vez mais em ir embora. Se seu pai não chegasse logo, iria insistir. Como isso podia ter acontecido com ela? Como fora parar do lado errado do mundo, sozinha?

Foi até a janela e olhou para fora.

Hong Kong à noite era mais espantosa ainda do que de dia. As janelas pareciam em chamas — milhares delas — e todos os arranha-céus usavam a luz de modos diferentes. Alguns pareciam cortados em formas estranhas por grandes fatias de néon. Outros mudavam de cor, indo do verde para o azul e o malva como se houvesse algum tipo de magia eletrônica. E um bom número deles tinha telas de televisão tão gigantescas que podiam ser lidas do outro lado do porto, anúncios e informações sobre o clima reluzindo à noite, refletindo-se na água embaixo.

Um desses prédios ficava bem à sua frente. Enquanto ela olhava, pensando no açougueiro, pensando no peixe ainda vivo e cortado ao meio, pegou-se atraída quase hipnoticamente para ele. Devia pertencer a algum tipo de banco ou centro financeiro — a tela mostrava o valor de ações. Mas, enquanto Scarlett olhava, as longas listas de números foram varridas da esquerda para a direita e substituídas por letras em ouro ardente.



Era seu nome ou, pelo menos, metade dele. Ela sorriu, imaginando o que as letras significariam. Sul da China Aeronaves Regulares? Strogonoff Com Arroz e Repolho? Mas então apareceram mais quatro letras, vindas do outro lado.



E isso não era uma sigla. Era ela. Os dois blocos haviam formado seu nome e agora estavam piscando, como se quisessem atrair sua atenção. Ela ficou na janela, sem acreditar no que via. Será que alguém estava mesmo tentando lhe passar uma mensagem usando um sinal elétrico na lateral de um prédio?

Alguns segundos depois, a tela mudou. Agora tinha ficado branca, e a mensagem dizia:



Scarlett ficou pasma. Talvez estivesse enganada, afinal de contas. O que aquilo significava? PG Tips era um tipo de chá, não era? Também era um tipo de certificado, que na Inglaterra aparecia antes dos filmes. E o número 70?

Aguardou, com esperança de que o sinal mudasse uma terceira vez e lhe dissesse mais alguma coisa — mas nada aconteceu. Parecia ter congelado. Então, abruptamente, ficou preto, como se alguém o tivesse apagado deliberadamente. No mesmo instante, ela ouviu sirenes da polícia, muitas, disparando pelas ruas do outro lado do porto, em Kowloon.

Houve uma batida à porta.

Scarlett foi até a cama e se sentou, depois pegou rapidamente uma revista e abriu. Apesar de não ter muita certeza do motivo, tinha decidido que não queria ser encontrada perto da janela.

— Entre — gritou.

A porta se abriu e Audrey Cheng entrou. Estava usando uma blusa de malha justa que mostrava a forma de seu corpo — rotundo e encalombado. O cabelo preto estava preso num coque. Os olhos, aumentados pelos óculos baratos, estavam cheios de suspeita.

— Só queria ver se você estava bem, Scarlett — disse ela.

— Estou, muito obrigada — respondeu Scarlett.

— Já vai dormir?

— Daqui a pouco.

— Durma bem. — Ela parecia bastante agradável, mas Scarlett viu os olhos da mulher se virarem para a janela e soube exatamente

por que ela havia entrado. Era a mensagem. Ela queria saber se Scarlett tinha visto.

E era mesmo uma mensagem. Agora tinha certeza. Alguém estava tentando entrar em contato com ela e tinha decidido que esse era o único modo. Existia algum sentido nisso. Um homem tinha tentado lhe entregar um envelope e fora arrancado da calçada. A Sra. Cheng e Karl a estavam vigiando o tempo todo. talvez fosse o único modo.

Mas o que significava? Scarlett não era boa em charadas. Aidan sempre ria de suas tentativas de resolver palavras cruzadas e ela havia ficado em último lugar na disputa de jogos de perguntas na escola. PG 70. Obviamente não tinha nada a ver com chá. Poderia ser um endereço, uma referência de mapa, a placa de um carro? Voltou à janela e olhou para fora de novo, mas a tela continuava escura. De algum modo, duvidava que ela fosse ligada de novo.

Por fim, parou de pensar nisso e tentou dormir — e foi então que a resposta chegou subitamente. Talvez o fato de não pensar a respeito tivesse ajudado. *PG*. Não era a abreviação de página? Será que alguém estava tentando fazer com que ela olhasse para a página setenta? Mas de quê? Havia uns quarenta ou cinquenta livros no quarto, na maioria velhos livros de história que poderiam não ter nada a ver com Hong Kong.

Saiu da cama e pegou um na estante, ao acaso. A página setenta a levou a uma descrição fascinante de como Paris fora projetada no século XIX. Tentou um dicionário que estava na mesa. A página setenta começava com "Baamiano... De, ou pertencente ou relativo às Bahamas" e continuava com um monte de palavras começadas com B. Que tal uma página no catálogo telefônico? Faria sentido, se alguém estivesse tentando fazer contato.

E então se lembrou. Havia um livro que ela não tinha posto na mala, mas que aparecera misteriosamente em sua bagagem. Um guia de Hong Kong e Macau.

Foi até a mala. Nem havia tirado o guia — mas, afinal de contas, não tinha precisado, com Karl e a Sra. Cheng transportando-a a cada passo do caminho. Levou-o para perto da luz, folheando até a página setenta, e se pegou lendo uma descrição de um lugar chamado Yau Ma Tei — "uma área muito interessante em Kowloon", dizia o texto. "Yau Ma Tei significa 'óleo de cânhamo esmagado' em cantonês, se bem que atualmente é improvável que você encontre esse produto." Havia uma foto de um mercado que vendia jade, o que a lembrou do amuleto que o presidente lhe dera. Estava usando-o agora, e imaginou se ele o havia comprado ali.

Já ia largar o livro — outra pista falsa — quando notou uma coisa. Havia uma linha a lápis riscada *junto ao texto*. Era tão leve que ela quase não tinha visto — mas talvez fosse de propósito. A linha atraiu sua atenção para um parágrafo.

> **Templo Tin Hau**. Você não deve deixar de ver esse templo fascinante, numa praça silenciosa ao norte do mercado de jade. Tin Hau é a deusa do mar, porém o templo também é dedicado a Shing Wong, o deus da cidade, e Tou Tei, o deus da terra. A entrada é gratuita. E esteja atenta aos adivinhos que agem nas ruas do lado de fora. Se você for supersticioso, pode mandar que leiam sua mão ou que seu futuro seja previsto por um "pássaro da sorte".

E bem no fim do parágrafo, também a lápis, havia uma mensagem: *17h*.

Naquela noite, Scarlett não dormiu muito. Alguém estava tentando entrar em contato com ela — e o risco era tão grande que a pessoa havia tomado precauções gigantescas. Primeiro tinham enfiado um livro em sua mala. Talvez tivessem subornado alguém no aeroporto. Depois, de algum modo, usaram todo um prédio de escritórios para atrair sua atenção. A mensagem também era

inteligente. *PG 70*. Qualquer um cuja língua principal fosse chinesa teria dificuldade para deduzir o que significava. Ela própria havia demorado um bocado.

Tinha de visitar o templo e precisava estar lá às cinco da tarde. Talvez alguém que conhecesse seu pai estaria lá. Talvez a pessoa pudesse dizer onde ele realmente estava.

Naquela noite, houve um incêndio em Hong Kong. O prédio de escritórios com a tela gigante queimou até os alicerces; e, quando Scarlett acordou, o ar estava mais cinza e nevoento do que nunca, a fumaça se misturando à poluição. Olhou pela janela, mas não conseguiu ver o outro lado do Porto de Victoria. Kowloon inteira estava coberta em névoa.

A Sra. Cheng parecia mais animada do que o normal durante o café da manhã. Mencionou que nove pessoas tinham sido mortas e insistiu em ligar a televisão para ver o que havia acontecido. E, de fato, a notícia apareceu num canal local. A imagem era um pouco granulosa e o locutor falava em chinês, mas Scarlett reconheceu o prédio, do lado oposto ao Pátio da Sabedoria, em frente ao porto. As imagens tinham sido feitas na noite anterior e havia chamas irrompendo a toda volta da construção, com reflexos dançando na água negra. Meia dúzia de caminhões de bombeiros havia sido chamada ao local.

Mas os bombeiros não estavam fazendo nada. A câmera fez uma panorâmica sobre eles. Nenhum se movia. Nenhum desenrolou as mangueiras.

Só ficaram parados deixando o prédio pegar fogo.

Pássaros da sorte

O templo Tin Hau era uma construção baixa e estreita, agachada atrás de um muro e cercada de árvores, quase como se não quisesse ser encontrada. Havia prédios altos de todos os lados, as paredes de tijolos sujos atulhando o céu, mas no meio daquilo tudo existia um espaço, uma praça ampla com árvores que pareciam brotar do próprio concreto. Alguns bancos e mesas tinham sido arrumados e havia grupos de velhos jogando uma versão chinesa do xadrez. Alguns turistas circulavam, tirando fotos uns dos outros, tendo como fundo os telhados verdes e inclinados do templo. O ar cheirava levemente a incenso.

Não tinha sido fácil convencer a Sra. Cheng a levá-la ali.

Desde o início, Scarlett sabia que precisava ter cuidado. A Sra. Cheng havia lhe mostrado o noticiário por algum motivo. Não fora enganada pela representação de Scarlett na noite anterior e estava deixando isso claro. Se Scarlett pedisse imediatamente para ir ao templo Tin Hau às cinco horas, ela ficaria com mais suspeitas do que nunca.

— A senhora tem alguma notícia do meu pai? — Enquanto as duas tiravam os pratos do café da manhã, Scarlett fez a mesma pergunta de todos os dias.

— Tenho certeza que ele vai ligar logo para você, Scarlett. Ele está muito ocupado.

— Por que não posso ligar para ele?

— Não é possível. A China é muito complicada. — Ela ligou a máquina de lavar pratos. — Aonde você gostaria de ir hoje?

Esse era o momento que Scarlett estivera esperando. Deu de ombros.

— Não sei — respondeu.

— Poderíamos ir a Stanley Village. Fica na praia e há umas barracas interessantes.

Scarlett fingiu que pensava a respeito.

— Na verdade, eu queria comprar alguma coisa de jade para minha amiga Amanda.

A Sra. Cheng assentiu.

— Você pode encontrar jade na rua Hollywood. Mas é caro.

— Não podemos ir a um mercado?

— Há um mercado de jade em Kowloon.

Era exatamente o que Scarlett queria que ela dissesse. Tinha lido todo o capítulo no livro e sabia que o mais famoso mercado de jade em Hong Kong ficava pertinho do templo. Se visitassem um, certamente iriam ao outro. E, desse modo, chegaria ao Tin Hau sem ao menos ter de falar nisso.

Ainda precisava garantir que chegassem na hora certa, por isso, depois de terminarem de limpar a mesa, anunciou que precisava fazer os deveres da escola, e elas só saíram do Pátio da Sabedoria às duas horas. Scarlett preferiria pegar o metrô que ia até lá, mas, como sempre, a Sra. Cheng insistiu que Karl as levasse. E isso significava que ele estaria com as duas durante a tarde. Certamente a estavam mantendo sob vigilância rígida.

O mercado de jade ficava num canto maltratado de Kowloon, perto da rua Nathan, que era uma larga via turística conhecida como "Milha de Ouro". Não que houvesse muito ouro nas lojas bastante cafonas especializadas em produtos eletrônicos vagabundos, relógios falsos e ternos baratos. O mercado ficava num armazém de teto

baixo, abrigado sob um dos gigantescos elevados que pareciam dar nós na cidade.

Hoje a poluição era pior ainda. O tempo estava frio e úmido e a névoa mais densa do que nunca. Scarlett podia senti-la se grudando à pele e imaginou como o povo de Hong Kong suportava aquilo. Notou que um número cada vez maior de pessoas usava as máscaras brancas e se perguntou quanto tempo iria se passar até que ela também usasse.

Havia umas cinquenta barracas no mercado de jade, vendendo colares, pulseiras e estatuetas pequeninas. Ficando de olho no relógio, Scarlett fingiu ter dificuldade em escolher alguma coisa, pechinchando com os vendedores, pedindo conselho à Sra. Cheng, antes de finalmente se decidir por uma pulseira que lhe custou três libras. Enquanto entregava o dinheiro, ocorreu-lhe que Amanda realmente gostaria dela — só esperava conseguir lhe dar o presente em um futuro próximo.

— Quer voltar ao Península? — sugeriu a Sra. Cheng enquanto elas retornavam à rua. Karl as estava esperando, encostado no carro. Ele jamais parecia ter problema para estacionar em Hong Kong. Por algum motivo, os guardas de trânsito — se é que havia algum — nunca chegavam perto.

— Na verdade, não... — Scarlett olhou em volta. E teve sorte. Havia uma placa indicando o templo Tin Hau. As duas estavam bem na frente dele. — Podemos ir lá? — perguntou, tentando fazer com que a sugestão parecesse casual.

— Já visitamos um monte de templos.

— É. Mas eu gostaria muito de ver mais um.

Era verdade. Já tinham ido ao Man Mo no centro de Hong Kong, e no dia anterior foram ao Kuan Yin. Eram lugares estranhos. Os templos chineses pareciam misturar religião e superstição — com varetas da sorte e leitores de mão sentados confortavelmente no meio dos altares e do incenso. As pessoas que iam ali não rezavam

como uma congregação inglesa. Faziam reverências repetidamente, murmurando baixinho. Deixavam oferendas na forma de comida e seda sobre as mesas. Queimavam sacos de papel em fornalhas que eram mantidas acesas exatamente com esse objetivo. Hong Kong fora ocidentalizada de muitos modos, mas os templos pertenciam ao oriente e ofereciam vislumbres de outra era.

O Tin Hau era exatamente como os outros. Quando entrou, Scarlett se pegou diante não de um, mas de vários altares, cercada por uma coleção de estátuas em tamanho real que pareciam saídas de um gibi exótico: um velho de pernas cruzadas com barba feita de cabelo verdadeiro, dois demônios-monstros, um de um vermelho-vivo e o outro azul, ambos mais infantis do que amedrontadores. Um estava chorando, enxugando os olhos e fazendo careta para o vizinho. O outro estava de pé com a mão erguida, tentando acalmar o amigo. Havia uma mulher boneca de porcelana carregando um presente e, numa fila comprida, mais de cinquenta figuras menores, cada uma de um deus diferente, empoleiradas numa prateleira. O templo era um tumulto de cores violentas, cortinas com estampas ricas, lâmpadas e flores. A fumaça do incenso era tão densa que haviam instalado um poderoso sistema de ventilação que zumbia constantemente, tentando limpar o ar.

Scarlett havia chegado na hora, mas não fazia ideia do que procurava. Cerca de uma dúzia de pessoas estava no templo, mas todas ocupadas com devoções e ninguém ao menos se virou para ela. Seria possível que tivesse entendido mal a passagem do guia de turismo? A mensagem havia dito definitivamente para estar ali às cinco horas, e já haviam se passado alguns minutos. Esperou que alguém a abordasse, colocasse outra mensagem em sua mão — um dos fiéis ou um turista, talvez. Até imaginou se seu pai estaria ali.

Nada aconteceu. Ninguém chegou perto. Scarlett sabia que só podia fingir estar interessada por um local durante um certo tempo. A Sra. Cheng a observava com suspeita crescente. Certamente a

garota não havia demonstrado muito interesse por templos na véspera. Então, o que havia de tão especial neste?

— Já está satisfeita, Scarlett? — perguntou ela.

— Quem é aquele? — perguntou Scarlett desesperadamente, apontando para uma estátua.

— O nome dele é Kuan Kung, o deus da guerra. — Algo tremeluziu no fundo dos olhos dela. — Talvez você devesse rezar a ele.

— Por que diz isso, Sra. Cheng?

— Nunca se sabe quando outra guerra vai começar.

No fim, Scarlett teve de ir embora. Tinha se demorado o máximo possível, mas parecia óbvio que ninguém viria. Estava tremendamente desapontada. Claro, o bilhete só havia lhe dado a hora. Não tinha dito o dia em que deveria estar ali. Por outro lado, era improvável que pudesse arranjar uma desculpa para voltar ali, e sair sozinha do Pátio da Sabedoria estava fora de questão. Nove pessoas haviam morrido quando o prédio à beira da água queimou. Talvez a pessoa que mandara a mensagem estivesse entre elas.

Já começava a escurecer quando saíram à praça. Karl estava sentado num banco, de braços cruzados, parecendo quase tão animado quanto as estátuas que elas tinham acabado de ver. Várias barracas iam sendo montadas ao redor. Não pareciam particularmente interessantes — vendendo meias, chapéus, óculos de leitura e badulaques inúteis —, mas atraíam uma multidão razoável.

— Podemos olhar? — perguntou Scarlett.

Só então havia percebido. A passagem no guia turístico descrevia o templo Tin Hau. Mas também falava da praça do lado de fora. Talvez o mensageiro secreto estivesse esperando ali. A Sra. Cheng fez um muxoxo, mas Scarlett já havia partido. Ela foi atrás.

Scarlett fingiu interesse por uma barraca que vendia despertadores e relógios de pulso baratos. Estava decidida a passar o

máximo de tempo possível ali. Notou que a barraca seguinte não vendia nada. Havia uma mulher com um baralho de tarô. Na verdade, agora que olhou em volta, viu que pelo menos metade do mercado se dedicava a diferentes métodos de adivinhar a sorte.

Foi até um homem muito velho, leitor de mãos, que estava sentado num banquinho de plástico, perto do chão. A barraca dele era enfeitada com um estandarte mostrando a mão humana dividida em diversos segmentos, cada um com um caractere chinês. Ele estava examinando a mão de um garoto de cerca de 13 anos, com o nariz e os olhos a milímetros da pele, como se realmente conseguisse ler algo ali. Scarlett foi em frente. Havia uma mulher um pouco mais adiante, também lendo a sorte. Mas de modo muito diferente.

A mulher era pequena e gorducha, com cabelo grisalho comprido. Estava usando um casaco de seda vermelha, sentada atrás de uma mesa, arrumando meia dúzia de envelopes que empilhava à sua frente. De um dos lados havia três gaiolas, cada uma com um passarinho amarelo — um canário ou algo parecido. Na outra tinha uma esteira com vários símbolos diferentes e um vidro de sementes. A mulher parecia totalmente concentrada no que fazia, mas, quando Scarlett se aproximou, ela estendeu a mão de repente com um dedo nodoso e, sem levantar os olhos, bateu num dos símbolos na esteira.

Era uma estrela de cinco pontas.

Scarlett tinha visto exatamente a mesma coisa na porta que a levara ao mosteiro do Grito de Misericórdia. Teve o cuidado de não revelar nada — já que a Sra. Cheng estava parada perto dela —, mas sentiu um jorro de empolgação. Segundo o padre Gregory, as portas tinham sido construídas séculos atrás para ajudar os Guardiões. Estavam ali para ajudá-la. Será que a mulher havia feito um sinal deliberado? Scarlett a examinou com mais atenção. A mulher continuou sem levantar os olhos, ocupando-se com os envelopes e ocasionalmente murmurando com os pássaros.

Scarlett se virou para a Sra. Cheng.

— O que é isso? — perguntou.

— Ela usa os pássaros para dizer a sorte.

A velha tinha escutado as vozes em inglês e pareceu notar Scarlett pela primeira vez. Franziu os olhos para ela e murmurou algo em chinês.

— Ela está se oferecendo para dizer sua sorte — traduziu a Sra. Cheng. — Mas vai custar trinta dólares de Hong Kong.

— São cerca de duas libras.

— É um completo desperdício de dinheiro.

— Não faz mal. — Scarlett enfiou a mão no bolso e pegou a quantia certa. Colocou na esteira e depois ocupou seu lugar no assento de plástico diante da mesa. A adivinha dobrou o dinheiro e transferiu-o para uma bolsinha pendurada no pescoço. Depois pegou um cartão branco e pôs na frente de Scarlett. Disse algo à Sra. Cheng.

— Ela quer que você escolha — explicou a Sra. Cheng.

Havia várias categorias no cartão, escritas em chinês e inglês. Scarlett podia escolher sobre que parte da vida queria saber: família, amor e casamento, saúde, trabalho, negócios e saúde ou estudo.

— Talvez eu devesse escolher família — disse. — Talvez ela possa dizer o que aconteceu com meu pai.

— Seu pai vai voltar para casa em breve, Scarlett.

— Certo, então. Amor e casamento. — Scarlett bateu nas palavras no cartão e pensou brevemente em Aidan. Imaginou o que ele estaria fazendo àquela hora.

A adivinha pegou o cartão e escolheu uma das pilhas de envelopes que havia espalhado diante das três gaiolas. Cada gaiola tinha uma porta na frente e ela abriu uma delas. O passarinho amarelo saiu pulando, como fora treinado, empoleirou-se na fila de envelopes e pegou um com o bico. A velha o recompensou com algumas sementes e o pássaro voltou pulando, obediente. Tudo aconteceu muito depressa.

A mulher abriu o envelope e entregou a Scarlett o pedaço de papel que estava dentro.

— Quer que eu traduza? — perguntou a Sra. Cheng. Scarlett olhou o papel.

— Tudo bem. Está em inglês.

— O que ele diz?

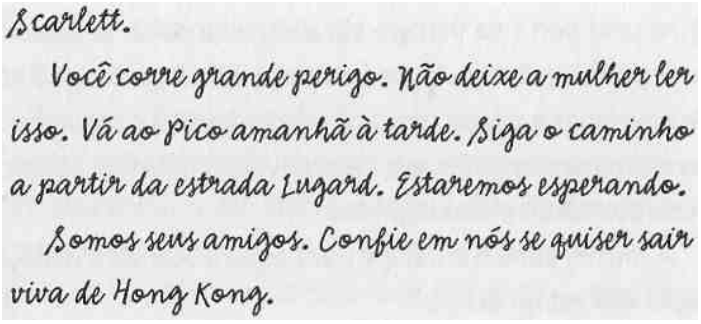
— Boas notícias do Pássaro da Sorte Número Dois. — Scarlett leu as palavras. — Você vai encontrar o amor verdadeiro no mês de abril. Seu casamento será longo e feliz, e você vai viajar por muitos países. Quando envelhecer, ganhará uma grande quantia de dinheiro. Gaste-o com sabedoria. — Ela dobrou o papel ao meio. — É isso.

— O bilhete só diz o que você quer ouvir — observou a Sra. Cheng.

— O passarinho escolheu para mim. — Ela estendeu a folha para que a Sra. Cheng visse. — Aí está. Pode ver. Eu vou ser rica.

A Sra. Cheng assentiu, mas não disse nada. As duas e Karl voltaram ao carro. E o tempo todo o coração de Scarlett disparava enquanto ela mantinha o pedaço de papel junto ao corpo. Tinha-o dobrado muito deliberadamente. Só havia mostrado à Sra. Cheng metade do que estava escrito.

Embaixo da previsão impressa, havia outra mensagem, escrita à mão:


Scarlett.

Você corre grande perigo. Não deixe a mulher ler isso. Vá ao Pico amanhã à tarde. Siga o caminho a partir da estrada Lugard. Estaremos esperando.

Somos seus amigos. Confie em nós se quiser sair viva de Hong Kong.

O pico

Scarlett soube que alguma coisa estava errada no momento em que abriu os olhos.

Um simples olhar para o relógio ao lado da cama disse que eram oito da manhã, mas, por algum motivo, o sol não chegava ao seu quarto. Não estava simplesmente nublado, e sim escuro. O que estaria acontecendo? Virou-se e olhou pela janela. A princípio, achou que alguém teria puxado uma cortina preta por cima do vidro, mas então percebeu que não era pelo lado de dentro. Era pelo lado de fora. Como seria possível, a doze andares de altura? Apoiou-se num cotovelo, ainda meio dormindo, tentando deduzir o que era.

E então a cortina se moveu. Pareceu se dobrar sobre si mesma e, ao mesmo tempo, ela ouviu as batidas de asas minúsculas e entendeu, o que estava vendo. Era um grande enxame de insetos, moscas pretas. Tinham se grudado à janela como se fossem um único organismo vivo.

Ficou deitada onde estava, olhando com nojo total. Nunca tinha visto tantas moscas, nem no auge do verão. E esse era um dia frio de novembro! O que as havia trazido ali? Como tinham conseguido voar por toda uma cidade para se juntar num único pedaço de vidro? Podia ouvir os zumbidos e as batidas fracas enquanto lançavam os corpos contra a janela. Dava para ver as patas, milhares, se grudando ao vidro. As asas ficavam turvas enquanto elas se seguravam no lugar. Scarlett ficou enjoada. De repente sentiu pânico

de que elas conseguissem entrar. Podia imaginá-las girando em volta de sua cabeça, uma grande massa preta, se arrastando em suas narinas e na boca. Num impulso, pegou o travesseiro e jogou contra a janela. Deu certo. Como se fossem uma só, as moscas se afastaram. Por um momento, pareceram uma longa echarpe de seda, pairando na brisa. Depois foram embora.

Durante uns vinte minutos, Scarlett ficou onde estava, quase com medo de se levantar. Não gostava de insetos, nem nos melhores momentos, mas isso era diferente. Sabia que o que tinha visto era completamente impossível... como a porta na igreja de St. Meredith. E isso lhe disse o que deveria ter sido óbvio o tempo todo.

Havia pensado que, no mínimo, sua partida súbita para Hong Kong seria uma fuga do que estava acontecendo em Londres — o mosteiro, a sensação de ser seguida, o restaurante que havia explodido. Mas, claro, não era. Era uma continuação, parte da mesma coisa. Os acontecimentos que atropelaram Scarlett em Londres a haviam seguido até ali. Ela estava presa na mesma armadilha. Mas ali era ainda pior. Ela estava longe dos amigos e da família, sozinha numa cidade que parecia hostil em todos os sentidos.

Tudo isso estava acontecendo porque ela era uma Guardiã. Lembrou-se do que o padre Gregory havia dito. Ele falou sobre um mal ancestral... os Antigos. Scarlett não sabia exatamente o que eram, mas podia imaginar o pior. Eles estavam ali, em Hong Kong. Isso explicaria tudo. Os Antigos estavam brincando com ela. Eram eles que controlavam a multidão.

O que ela iria fazer?

Poderia entrar na cozinha e dizer à Sra. Cheng que não queria esperar pelo pai, que ia pegar o próximo voo para Londres. Poderia ligar para a mãe na Austrália ou para a diretora da St. Genevieve. Elas iriam tirá-la dali. Até poderia contatar a polícia.

Mas sabia que nada disso daria certo. As forças unidas contra ela eram poderosas demais. Podia ver isso sempre que saía. Hong Kong estava doente. Havia uma espécie de câncer espalhado por cada beco e cada rua, infectando todo mundo que andasse pela cidade. Será que achava mesmo que eles simplesmente deixariam que ela saísse dali? Até agora não a haviam ameaçado diretamente. Isso não fazia parte do plano. Mas, se ela os desafiasse, se tentasse marcar presença, eles partiriam para cima e a situação só ficaria pior.

Tinha apenas uma esperança. As pessoas que tentavam fazer contato: tinham de estar do seu lado. Somos seus amigos. Era o que haviam dito. Ela só precisava se comportar normalmente até encontrá-los. Então, assim que soubesse o que estava acontecendo de verdade, poderia agir.

Levantou-se e se vestiu. O bilhete da adivinha estava ao lado da cama, mas agora ela o enfiou embaixo do colchão. Quem quer que fossem seus amigos, estavam sendo muito cuidadosos. Estavam contatando-a em quatro estágios separados: o guia escondido na bagagem, o letreiro iluminado do outro lado do porto, o pássaro da sorte no Tin Hau e, finalmente, um encontro essa tarde. A questão era: como convenceria a Sra. Cheng a levá-la de volta ao Pico?

Já haviam estado lá uma vez. O Pico de Victoria era a montanha que se erguia atrás de Hong Kong, uma visita fundamental para qualquer turista. Scarlett havia ido lá no segundo dia, pegando o velho bonde de madeira — na verdade, era uma ferrovia funicular — que subia a encosta até o topo, quinhentos metros acima da cidade. A vista deveria ser espetacular, mas elas não tinham visto muita coisa por causa da poluição. Talvez essa fosse a resposta. Se o tempo melhorasse, daria uma desculpa para voltar.

A Sra. Cheng estava na cozinha, preparando uma omelete para o café da manhã de Scarlett.

— Bom-dia, Scarlett.

— Bom-dia, Sra. Cheng.

— Dormiu bem?

— Muito bem, obrigada.

Quando Scarlett se sentou, ocorreu-lhe que nunca tinha visto a Sra. Cheng comer — nem ao menos um bocado. Mesmo quando iam juntas a restaurantes, a Sra. Cheng só pedia comida para Scarlett. Na verdade, ela só havia demonstrado fome uma vez. Foi no mercado quando tinham visto o horroroso peixe partido ao meio mas ainda vivo.

— E aonde você gostaria de ir hoje, Scarlett? — Eram exatamente as mesmas palavras que tinha usado no dia anterior. E ela falava sem qualquer entusiasmo verdadeiro, como se fosse simplesmente o que fora programada para dizer.

— Por que não voltamos ao Pico? — sugeriu Scarlett. — Da última vez, não vimos grande coisa. Talvez a vista esteja melhor.

A Sra. Cheng olhou pela janela.

— Há muitas nuvens — observou.

— Mas o tempo vai melhorar hoje à tarde. Vi a previsão na TV.

Lá fora o clima estava feio, com uma garoa interminável varrendo o céu. E a previsão tinha dito que ficaria assim durante o resto da semana. Mas, de algum modo, Scarlett soube que estava certa.

— Não creio. — A Sra. Cheng balançou a cabeça. — Será que você não gostaria de ir ao cinema?

— Vamos ver como fica a tarde — implorou Scarlett. — Tenho certeza que o tempo vai limpar.

E, contra todas as expectativas, o tempo melhorou. Por volta das duas horas, as nuvens finalmente se abriram e o sol saiu, ainda fraco por causa da poluição sempre presente, mas sem dúvida estava ali. Até a Sra. Cheng teve de concordar que era uma tarde muito bonita para ficar dentro de casa, e, assim, as duas saíram.

O recepcionista estava no lugar de sempre enquanto elas saíam do Pátio da Sabedoria, sentado rígido atrás da mesa e usando o

mesmo terno escuro com camisa branca, olhando-as sem qualquer expressão. Enquanto elas passavam, Scarlett notou uma coisa. O homem tinha uma pinta preta, uma verruga, na lateral do rosto. Pelo menos foi o que pensou. Então a pinta se mexeu. Arrastou-se sobre a bochecha dele e começou a subir, e ela percebeu que, na verdade, era uma mosca, um dos insetos gordos e pretos que tinham vindo à sua janela de manhã. O recepcionista não se mexeu. Não tentou afastá-la. Nem pareceu ter notado a mosca e não fez nada enquanto a criatura chegava ao canto de seu olho e começava a se alimentar.

Scarlett saiu do prédio mais rápido do que nunca. O Pátio da Sabedoria ficava a poucos minutos da estação do bonde, e elas poderiam ter ido a pé, mas mesmo assim Karl as levou de carro. Mas pelo menos ele havia decidido não ir até o topo. A Sra. Cheng comprou os bilhetes, e ela e Scarlett entraram no bonde.

Ainda que a estação parecesse nova, o bonde propriamente dito fora feito mais de cem anos antes. Subir a bordo era como pisar na história. Elas ocuparam os bancos de madeira envernizada e, pouco depois, sem aviso, partiram, sacolejando nos trilhos através da vegetação densa com vislumbres ocasionais da cidade, cada vez menor e mais distante. Havia cerca de vinte turistas, alguns dos quais eram crianças pequenas, rindo e apontando. Olhando-as, Scarlett sentiu vontade de ser como elas, parte de uma família comum, passeando de férias. Estavam a apenas alguns bancos de distância, mas era como se elas habitassem um mundo diferente. Será que realmente não faziam a mínima ideia do que estava acontecendo em Hong Kong? Será que apenas ela percebia a sensação de mal que permeava tudo?

Estaremos esperando.

Concentrou a mente no que haveria adiante. Quem estaria lá, e por que tinham escolhido o Pico, dentre todos os lugares? Talvez porque ficasse fora da cidade, longe dos prédios. No cume não

haveria multidões nem câmeras de vigilância. Era um lugar com espaço para respirar.

O bonde chegou e os passageiros saíram diretamente para um complexo que parecia ter sido construído especialmente para ganhar o máximo de dinheiro do maior número possível de turistas. Por fora parecia uma bizarra torre de observação, como algo saído de Guerra nas Estrelas. Por dentro era cheio de lojas cafonas e restaurantes com um cartaz do museu de cera de Madame Tussaud e do *Acredite Se Quiser*, convidando os visitantes a "verem o homem mais gordo do mundo". Scarlett mal podia esperar para sair dali.

— Vamos dar um passeio — sugeriu. Teve o cuidado de parecer o mais inocente possível.

A Sra. Cheng pareceu em dúvida. Não estava vestida para caminhar — usava uma saia curta cinza, meias pretas e sapatos altos.

— Talvez só um pouquinho — resmungou.

Havia um frio nítido no ar enquanto as duas desciam uma encosta, passando por um homem que varria folhas. Scarlett sabia o que estava procurando. Um caminho saindo da estrada Lugard. Era o que dizia o bilhete da adivinha. Viu a placa quase imediatamente. Sem ao menos esperar que a Sra. Cheng a alcançasse, foi andando.

O caminho tinha cinco quilômetros de comprimento. De um lado ficava o Pico propriamente dito, com um emaranhado de árvores exóticas e arbustos acima da cabeça. Do outro ficava um corrimão de ferro, para impedir que alguém caísse morro abaixo. Não havia muitas pessoas por perto. O tempo sempre em mudança devia tê-las dissuadido, e todos os outros turistas que tinham subido no bonde ficaram dentro do complexo. Logo Scarlett percebeu que ela e a Sra. Cheng estavam totalmente sozinhas.

Havia uma atmosfera estranha no Pico. A névoa tinha retornado, pairando no ar, quase bloqueando o sol. Tudo parecia lavado, verde-escuro e branco pálido. Pássaros piavam, guinchavam e se agitavam no mato baixo, mas nenhum deles podia ser visto. O caminho se

perdia nas nuvens, e era impossível enxergar mais de vinte metros adiante. Enquanto avançava, Scarlett achou fácil imaginar que tinha viajado de volta no tempo, que essa era uma versão oriental do *Parque dos Dinossauros* e que um dos monstros poderia estar esperando por ela na próxima esquina.

Mas então chegou a um ponto de observação onde a vegetação fora cortada e Hong Kong apareceu, esparramada lá embaixo. Era incrível ver tantos arranha-céus amontoados dos dois lados da água. Havia centenas, de todas as formas e tamanhos, tornados pequenos e insignificantes pela distância — com milhares ou mesmo milhões de pessoas invisíveis no meio deles.

A Sra. Cheng vinha atrás, com dificuldade, sem dizer nada. Seu rosto estava carrancudo, as mãos — os punhos apertados frouxamente — ao lado do corpo. Scarlett sentia uma diversão silenciosa. Sua guarda obviamente não estava gostando do passeio. Nem se incomodava em olhar a paisagem.

Duas pessoas passaram por elas... uma mulher empurrando um carrinho de bebê antiquado e um homem correndo. O homem usava um agasalho esportivo azul e estava com o rosto coberto por uma máscara contra a poluição, com apenas os olhos aparecendo acima do quadrado branco. Scarlett ficou tensa quando cada um deles se aproximou. Estava esperando que alguém fizesse contato. Mas nenhum deles ao menos a notou; ambos seguiram seu caminho.

Caminharam por mais cinco minutos, ainda seguindo o caminho que se curvava em volta da lateral do Pico.

— Acho que deveríamos voltar, Scarlett — disse a Sra. Cheng.

— Mas é um caminho em círculo — protestou Scarlett. — Se a gente continuar andando, vai voltar de qualquer modo.

Mais três caminhantes apareceram à frente deles: dois homens e uma mulher, todos chineses. Vestiam-se praticamente do mesmo modo, com jeans, jaquetas com o zíper fechado e tênis de caminhada. Um dos homens tinha uma bengala, mas parecia jovem

e em forma, e certamente não precisava dela. O outro carregava uma mochila. Tinha trinta e poucos anos, usava óculos e o rosto era marcado de varíola. Os dois batiam papo. A mulher — magra e atlética, com o cabelo preso atrás com uma faixa cor-de-rosa — ouvia um iPod. À medida que se aproximaram, não demonstraram nenhum interesse em Scarlett.

Os três chegaram perto.

— Scarlett... — começou a Sra. Cheng.

Não terminou a frase. O homem da mochila levou a mão atrás e pegou algo achatado e prateado. Era um movimento que ele devia ter ensaiado muitas vezes. Aos olhos de Scarlett, era como se tivesse tirado do nada uma enorme faca de cozinha. Então ela percebeu o que era. Um facão de mato. A lâmina tinha cerca de meio metro e era afiada como navalha. Ao mesmo tempo, o outro homem girou o cabo da bengala, revelando a espada que fora escondida dentro. Scarlett viu o brilho de metal e ouviu-o cortar o ar enquanto o homem a liberava. A mulher não estava armada. Ficou olhando para trás, verificando se o caminho estava livre.

Os dois cravaram as armas em Audrey Cheng. A chinesa gritou — mas não havia nada ao menos remotamente humano no grito. Era um uivo agudo, quase ensurdecedor. Scarlett ficou olhando horrorizada. O rosto da Sra. Cheng estava irreconhecível, a boca escancarada numa careta horrível. Sangue jorrava numa torrente por cima do lábio superior. Os olhos haviam se nublado. Ela não teve tempo de se defender nem de reagir de nenhum modo. Scarlett viu seu pescoço se abrir como se tivesse uma dobradiça e afastou o olhar. Ouviu um barulho surdo quando a cabeça decepada da Sra. Cheng bateu no chão. Soube que era um som que jamais esqueceria.

A mulher correu adiante e passou um braço em volta de Scarlett, reconfortando-a. Um pouco do sangue da Sra. Cheng havia espirrado nela. Havia pingos na jaqueta. O próprio ar tinha ficado de um vermelho nevoento.

— Sinto muito você ter de ver isso, Scarlett — disse ela, num inglês perfeito. — Não olhe em volta. Tivemos de fazer isso. Não havia outro modo.

— Vocês mataram uma pessoa! — Scarlett estava em choque. Nunca havia gostado da Sra. Cheng, mas não podia acreditar no que tinha acabado de ver. Aquelas pessoas não lhe deram chance de defesa. Tinham-na assassinado a sangue-frio.

— Uma pessoa não. Uma coisa.

Scarlett a encarou.

— Como assim?

— Mostre a ela! — rosnou um dos homens.

— Somos seus amigos — disse a mulher. — Mandamos a mensagem pela adivinha. Viemos ajudar você e, acredite, não havia outro modo. — Ela pôs as mãos nos ombros de Scarlett. — Vire-se e olhe. A mulher não é o que você pensa. É uma alteradora de forma. Vamos mostrar, mas depois você precisa vir conosco. Eles vão saber o que aconteceu. Devem tê-la ouvido. Não temos muito tempo...

Scarlett virou-se. O homem com a espada-bengala já estava colocando-a na bainha. O outro estava enxugando o facão num pedaço de pano. Ela engoliu em seco, não querendo fazer aquilo. Havia muito sangue espalhado no caminho.

A Sra. Cheng estava caída de costas, as pernas vestidas com meias pretas esticadas diante do corpo. Havia um ferimento pavoroso em seu peito, onde uma das lâminas tinha atravessado o coração. A outra a havia decapitado. Viu uma coisa grossa e verde saindo do paletó, no lugar onde o pescoço da Sra. Cheng deveria estar. Tinha sido cortado na metade. Mas aquilo não pertencia a um corpo humano. Parecia parte de uma cobra.

E a cabeça, caída no caminho, também não era humana. Era a cabeça de um lagarto enorme, com olhos amarelos em forma de losango, escamas, uma língua bifurcada. Scarlett olhou de volta para

o corpo. A Sra. Cheng havia estendido um braço enquanto caía. O braço também era coberto de escamas.

Uma alteradora de forma.

Era o que eles haviam dito. E, no choque do momento, Scarlett só conseguia pensar o seguinte: era com aquela criatura que estivera morando desde a chegada a Hong Kong? Audrey Cheng tinha cozinhado para ela. Tinha dormido no mesmo apartamento. E o tempo todo...

Pensou que ia vomitar. Não conseguia afastar as imagens hediondas da cabeça. Mas então ouviu o som de um motor se aproximando, vindo pelo caminho na direção dela. Teriam sido descobertos? A mulher e os dois homens não se mexeram. Não pareceram alarmados. Scarlett relaxou. Quem quer que estivesse vindo fazia parte do plano.

Uma motocicleta apareceu acelerando na curva. Era uma Honda cinza-prata, dirigida por uma figura vestida em couro preto, luvas e botas. Scarlett achou que seria um homem, mas era difícil ter certeza, já que a cabeça estava escondida por um capacete com uma viseira de plástico espelhado. A moto parou bem à frente deles, com as rodas se inclinando sob o motociclista, que esticou uma das pernas para mantê-la de pé. A mulher segurou Scarlett de novo.

— Precisamos tirar você daqui rapidamente — disse. — Não temos tempo de explicar.

— Para onde vão me levar?

— Para um lugar seguro.

Tinham apanhado outro capacete. Scarlett hesitou, mas apenas durante alguns segundos. O cadáver de Audrey Cheng lhe dizia tudo o que precisava saber. Estivera vivendo num pesadelo, e aquelas pessoas, quem quer que fossem, a estavam tirando dele. Pegou o capacete e colocou-o na cabeça, depois subiu na moto, passando os braços em volta do piloto. Partiram imediatamente. Ela sentiu o motor rugindo embaixo do corpo enquanto disparavam pela

descida e apertou com mais força, com medo de ser jogada para trás pelo vento.

Passaram a toda velocidade por um homem que passeava com um cachorro e depois por uma família de pessoas da região, posando para uma foto, mas que se espalhou para sair do caminho. Viraram outra curva. Se continuassem por mais tempo, certamente voltariam à estação do bonde onde Scarlett tinha começado o passeio. Num dos lados havia um parque pequeno, do outro uma entrada de veículos indo até uma casa, já que havia umas poucas casas particulares espalhadas na parte mais alta do Pico. Mas não era para lá que iam. Scarlett viu um carro estacionado com mais dois homens que esperavam. Pararam derrapando.

Ela desceu, tirando rapidamente o capacete. Os dois homens eram jovens, com vinte e poucos anos, ambos usando jeans e suéteres. Um era chinês, mas o outro era estrangeiro, talvez do Japão ou da Coreia. Ambos foram correndo até ela, o rosto cheio de uma mistura de determinação e medo.

— Você precisa vir conosco — disse o primeiro. Tinha rosto fino e o nariz e os malares eram tão afiados que quase pareciam dobrados em papel. — Precisamos partir imediatamente.

— Aonde vamos?

— A um lugar seguro. — Era exatamente o que a mulher havia dito. — Não é longe. Uns vinte minutos.

— Espere um pouco...

— Não temos tempo. — Ele falava um inglês dificultoso, partindo as palavras. — Se quer morrer, fique aqui. Faça suas perguntas. Se quer viver, entre no carro. Agora! Eles vão chegar logo.

— Quem vai chegar?

— Alteradores de forma. Ou coisa pior.

O outro homem tinha ido até o carro. Mas não havia aberto a porta, e sim o porta-malas.

— Você não quer que eu entre aí! — disse Scarlett.

— Tem que *ser* assim — insistiu o homem de rosto fino. — Você não pode ser vista. Mas vai ficar bem. Nós fizemos buracos para o ar...

— Não... — Era pedir demais. Scarlett não se importava com quantos alteradores de forma estivessem subindo o Pico. Não seria trancada no porta-malas de um carro por duas pessoas que nunca tinha visto e ser levada para Deus sabia onde. — Podem esquecer... — começou.

O homem havia tirado alguma coisa do bolso e agarrou-a antes que ela soubesse o que ele fazia. Scarlett sentiu um lenço sendo apertado contra o rosto. Chutou, tentando desequilibrá-lo, mas ele era forte demais. O vapor de algum produto químico, doce e pungente, entrou em seu nariz e na boca. Quase imediatamente todas as forças a abandonaram. Sentiu as pernas se dobrarem e o mundo girou. E então estava caindo, sendo guiada para o porta-malas, que havia se transformado num enorme buraco negro esperando para engoli-la.

O fim chegou muito depressa. Escuridão. Terror. E depois o bem-vindo vazio do sono.

Lohan

Estava numa gaiola, não deitada, mas de pé. E havia algo estranho. A parede se movia. Parecia correr para baixo diante dela. Ou seria ela que estava subindo?

À medida que a consciência retornava, Scarlett percebeu o que estava acontecendo. Era um elevador, do tipo antiquado, com um portão dobrável, de ferro, em vez de uma porta. O que estava olhando era a parede de tijolos entre os andares do que deveria ser um prédio muito alto. Estava segura entre o japonês e o outro, que ela havia decidido chamar de Cara de Papel. Eles a estavam sustentando. Dava para sentir o gosto da droga — clorofórmio ou o que quer que fosse — que a havia derrubado.

Scarlett gemeu e os dois homens imediatamente a seguraram com mais força. Não tinha como começar a lutar num espaço tão apertado, mas ela já havia lutado junto ao carro e eles não iriam se arriscar.

— Agora você está em segurança — disse o Cara de Papel.

— Onde estou?

— Você vai ver... logo logo.

O elevador diminuiu a velocidade e parou, e o japonês abriu a porta da gaiola. Eles saíram num corredor comprido e mal iluminado, com paredes sujas ou que tinham sido deliberadamente pintadas com cor de sujeira. Havia portas a intervalos de alguns metros. Todo o lugar parecia um hotel barato.

Um chinês vigiava o corredor com uma metralhadora aninhada diante do peito. A visão da arma pareceu completamente bizarra para Scarlett. Era como algo saído de um filme de gângster. Mas o sujeito não se parecia nem um pouco com um gângster. Vestia jeans e uma camisa frouxa. Era magro, com barba rala, tatuagem no pescoço e um dente de ouro se destacando na frente da boca. Traficante de drogas, talvez? Olhando para ele, era difícil acreditar que estivesse do seu lado.

Os dois homens a levaram até a quarta porta no corredor. Cara de Papel bateu e a porta foi aberta por dentro. Entraram. O da metralhadora ficou onde estava, de frente para o elevador.

Scarlett se viu num apartamento grande, quase vazio. Pela aparência, alguém teria se mudado de lá recentemente... ou para lá. Havia uns poucos móveis, alguns cobertos com panos para proteger da poeira, e nenhuma decoração: nem tapete, nem abajures, nem quadros nas paredes. Scarlett imaginou o motivo. Deviam estar num andar bem alto, de modo que não havia chance de alguém olhar para dentro. Uma passagem em arco levava a uma cozinha pequena e havia um corredor do outro lado, presumivelmente com um quarto e um banheiro no final.

Um homem estivera esperando sua chegada. Era chinês, mais bem-vestido do que os outros — com terno e camiseta cinza —, e tudo nele irradiava confiança e controle. Será que estava no comando? Ele examinou Scarlett brevemente. Seus olhos eram muito escuros, quase pretos, e não revelavam nada. Havia uma cicatriz fina que começava na bochecha esquerda e atravessava os lábios em diagonal, de modo que as duas metades do rosto não combinavam exatamente, como o reflexo num espelho quebrado.

— Como você está? — perguntou ele. — Deve estar muito amedrontada com o que passou. Sinto muito, mas não havia outro modo.

— Quem é você? — Scarlett exigiu saber. — Onde estou e quem são essas pessoas? O que vocês querem de mim? E o que foi aquilo com a Sra. Cheng? Disseram que ela era uma alteradora de forma. O que isso significa? — Assim que as perguntas haviam começado, não iriam parar.

O homem levantou a mão. Tinha dedos compridos, elegantes, como um pianista.

— Temos muito que dizer um ao outro — disse ele. — Gostaria de beber alguma coisa?

— Não, obrigada.

— Mas eu gostaria. — Ele assentiu e o Cara de Papel entrou rapidamente na cozinha. Obviamente, o homem estava acostumado a ser obedecido. Virou-se de novo para Scarlett. — Por favor, venha se sentar.

Scarlett foi até o sofá. Ficou surpresa ao ver a rapidez com que o efeito da droga passava. O homem a seguiu e se sentou à sua frente. Movia-se devagar, demorando-se. Tudo nele era muito deliberado.

— Meu nome é Lohan — disse. — Isso responde à sua primeira pergunta? Duvido que meus colegas possam ter dito muita coisa a você, mas vou dizer o nome deles também. O homem na cozinha se chama Draco. E este aqui... — ele assentiu na direção do japonês — ... é Vermelho. Não são os nomes de verdade, você entende. Só os apelidos que eles usam.

"Sua pergunta seguinte. O que queremos com você? Muito simplesmente, queremos tirá-la de Hong Kong o mais rápido possível. Francamente, teria sido melhor para todos se você não tivesse vindo, mas não importa. Não pudemos impedi-la de vir, apesar de tentarmos. É notável quantas pessoas você já conseguiu que fossem mortas."

Ele certamente não estava poupando os sentimentos de Scarlett. Mas ela não deixaria que o sujeito a intimidasse.

— Quero ver meu pai. Sabe onde ele está?

— Infelizmente não — respondeu Lohan. — Nem o conheço. Na atual circunstância, imagino que esteja morto. Muitas pessoas morreram em Hong Kong nas últimas semanas. Provavelmente ele foi uma delas.

— Você está dizendo que meu pai está morto! Não se importa com isso?

Lohan deu de ombros.

— Eu já disse. Não o conheci. Por que me importaria se ele está vivo ou morto?

Draco voltou da cozinha trazendo uma bandeja com uma pequena tigela de louça e uma jarra com algum tipo de bebida alcoólica — vodca ou saquê. Pousou tudo na frente de Lohan, fez uma reverência e depois ocupou seu lugar numa cadeira ao lado da porta de entrada. Lohan se serviu da bebida. Segurou-a brevemente entre o indicador e o polegar, depois virou-a na boca e engoliu. Em seguida pousou a tigela.

— Você quer saber onde está — continuou ele. — Este apartamento fica em Mong Kok, alguns quarteirões ao norte do templo Tin Hau, onde sua sorte foi lida. Todo o prédio pertence a nós e, com um pouco de sorte, ninguém virá aqui em cima. Enquanto ficar nesta sala, você está em segurança. Todo minuto que passar do lado de fora você correrá mais perigo do que pode imaginar.

— Quer dizer, alteradores de formas.

Lohan a ignorou. Por um momento, olhou para além dela, como se focalizasse alguma coisa fora da sala. Depois começou:

— Você precisa entender a natureza das cidades. Você mora em Londres, de modo que talvez o que vou dizer seja óbvio. Todas as cidades são iguais. Têm uma atmosfera. Mais do que isso. Você pode chamar de fluxo. O tráfego se move num certo sentido. Os trens saem das estações. As pessoas vão trabalhar, almoçam, vão fazer compras, vão para casa de novo. Os carteiros entregam as

correspondências. Os policiais patrulham as ruas. Os varredores e lixeiros vêm à noite. O ônibus noturno chega na hora certa e pega as pessoas que estão esperando na hora certa e as leva para onde elas esperam ir. Todo mundo obedece ao fluxo, mesmo que não perceba, porque, se não fizesse isso, a vida afundaria no caos.

"Agora... pense em Hong Kong. É uma das cidades mais densamente povoadas do mundo. Há mais de sete milhões de pessoas morando aqui. São cerca de 6.500 pessoas por quilômetro quadrado. Algumas são ricas. A maioria é muito pobre. E há milhões na situação intermediária — médicos e dentistas, lojistas, construtores, encanadores, professores..."

— Acho que entendi — interrompeu Scarlett.

— Não, Scarlett. Acho que não. — Lohan não tinha levantado a voz. Seu rosto continuava impassível como sempre. Mas Scarlett percebeu que não deveria ter falado. Ele não estava acostumado a ser interrompido. — O ponto é o seguinte. Quantas dessas pessoas você acha que poderiam morrer antes que você notasse? Quantas delas poderiam levar um tiro ou uma facada enquanto estão na cama, antes que a cidade parecesse diferente? Cinquenta? Ou quinhentas? Ou que tal quinhentas mil? Você pode me descrever, com exatidão, o homem que lhe vendeu a passagem quando você pegou o bonde hoje de manhã? Ou o condutor que a levou ao Pico? Ou o homem que estava varrendo as folhas quando você começou a caminhar? E se todas elas tiverem sido levadas embora e substituídas por pessoas que se pareciam um pouco com elas, mas que não eram as mesmas? Você notaria? Se elas e todas as suas famílias tivessem sido assassinadas, você se importaria? Nós só vemos o que desejamos ver porque é assim que a cidade funciona. Num vilarejo no campo, as pessoas notam coisas. Mas nas ruas somos voluntariamente cegos.

— Está dizendo que é isso que aconteceu? Desde que cheguei estou vendo coisas estranhas. E não há ninguém morando no Pátio

da Sabedoria. O lugar inteiro está vazio. Está dizendo que todas as pessoas foram mortas?

— Nos últimos três meses, Hong Kong foi dominada — respondeu Lohan. — Isso aconteceu muito depressa, como um vírus. É impossível saber quantas pessoas foram mortas. Qualquer um que tenha notado o que estava acontecendo ou que tenha tentado lutar contra foi removido. O que aconteceu foi tão gigantesco, tão terrível, que é quase impossível entender.

"Claro, algumas pessoas adivinharam, ou meio que adivinharam, e conseguiram sair, levando seu dinheiro e sua família. Pergunte a elas o que aconteceu e elas vão mentir. Vão dizer que queriam uma mudança ou que tiveram novas oportunidades nos negócios. Mas, na verdade, foram embora porque estão com medo. Outras pessoas percebem que Hong Kong mudou. Ficaram porque não têm opção, porque não têm para onde ir. Estão apavoradas também. Mas ficam de cabeça baixa e seguem a rotina diária na esperança de que, se não fizerem perguntas, serão deixadas em paz. Se você é pobre, Scarlett, se tem uma barraca minúscula na rua, o que importa quem controla a cidade? Você só se importa com a próxima refeição. A cidade pode cuidar de si mesma."

— Quem tomou o controle de Hong Kong? — perguntou Scarlett, mesmo já sabendo a verdade.

— Eles são chamados de Antigos. Pelo menos é como vocês os chamam. No oriente nós falamos sobre *gwei*, espíritos malignos. Temos muitos nomes para eles.

— Sei tudo sobre isso. Foi o que o padre Gregory me contou.

— Quem é o padre Gregory?

— Um monge. Passei por uma porta numa parede e o encontrei.

— Foi na igreja de St. Meredith. — Lohan conhecia o nome. Talvez tivesse lido a respeito nos jornais quando Scarlett desapareceu, mas ela duvidou. Ele parecia saber muito sobre muitas coisas. Ficou imaginando como. Ainda não sabia direito como ele se

encaixava. — Você precisa entender que estamos interessados em você há muito tempo, Scarlett. — Era como se Lohan estivesse lendo os pensamentos dela.

— Nós?

— Estou me referindo à organização da qual tenho a grande honra de participar. Na verdade, observamos você desde o dia em que nasceu. — Ele permitiu que isso se assentasse, depois continuou: — Já imaginou como você foi parar no orfanato Pancoran Kasih, em Jacarta? Bom, eu posso dizer. Nós arranjamos isso. Por que você foi levada para morar na Grã-Bretanha, a milhares de quilômetros de seu lar verdadeiro? Nós queríamos isso.

— Por quê?

— Para mantê-la em segurança. Para escondê-la dos inimigos que sabíamos que um dia iriam procurá-la.

— Houve um acidente em Dulwich. Um furgão branco... — Scarlett não sabia por que isso lhe veio à mente naquela hora, mas de repente soube que existia alguma ligação. Tinha a sensação de que tudo se encaixava.

Lohan assentiu.

— Aconteceu quando você estava com 13 anos — disse ele. — Não bastou simplesmente levá-la para longe. Minha organização tinha um juramento secreto de protegê-la, mesmo de sua própria falta de cuidado. Quando você entrou na frente do furgão que estava se aproximando a toda velocidade, um dos nossos homens estava lá para tirá-la do caminho. Ele conseguiu salvá-la uma vez. Infelizmente teve menos sucesso na segunda.

— Ele tentou entrar em contato comigo. Em Londres...

— A tarefa dele era lhe dar uma mensagem. Sob nenhuma circunstância você deveria vir para Hong Kong. Esperávamos interceptá-la antes que você saísse para o aeroporto. Mas, nesse ponto, já era tarde demais. Os Antigos tinham descoberto quem você era. Eles o mataram.

— Ele estava me esperando no restaurante, o Jardim Feliz.

Lohan assentiu e houve uma minúscula fagulha de raiva em seus olhos. Talvez parte dele a culpasse pela morte.

— Três pessoas morreram na explosão. E as autoridades inglesas nem se incomodaram em investigar. Simplesmente nos culparam... disseram que eram gangues chinesas lutando umas contra as outras. O que importava para as autoridades? Alguns *feijais* mortos. — Ele usou a gíria cantonesa que significava criminosos insignificantes. — Para a polícia, aquilo só significava mais papelada.

— Isso aconteceu por causa da igreja, não é?

Tudo estava fazendo sentido. O padre Gregory tinha lhe dito que ia entregá-la aos Antigos. Scarlett conseguiu escapar, mas não antes de lhe dar seu nome e seu endereço. Era só disso que ele precisava. A partir desse momento, ela estivera numa armadilha da qual não havia como escapar.

— Assim que você retornou, os Antigos agiram. Sabiam que tinham encontrado um dos Guardiões e não iriam soltá-la. A partir desse momento, nunca mais a deixaram sumir de vista.

Scarlett pensou. O tempo todo havia sentido que estava sob vigilância, mas só agora percebia como isso era verdade. Cada movimento que tinha feito era observado. Tinha sido empurrada de um lado para o outro como uma peça num jogo de tabuleiro, e o último lance de dados a havia levado até ali.

— Eles usaram meu pai para me trazer a Hong Kong — disse, e sentiu uma súbita pontada de tristeza. Lohan havia dito que Paul Adams poderia estar morto. E podia muito bem estar certo.

— Não queríamos que você viesse para esta cidade. Quando chegasse aqui, ficaria completamente sob o poder deles, e você não faz ideia de até que ponto isso foi verdade. O dia inteiro, todo dia, você ficou cercada por eles. Ninguém tinha permissão de chegar perto. Não notou? Desde que você chegou aqui, ninguém se aproximou. Ninguém chegou perto.

— Houve um homem com uma carta... — começou Scarlett. — Na rua Queen.

Lohan balançou a cabeça.

— Nós não o mandamos. Sabíamos que isso nunca daria certo. — Ele fez uma pausa. — Os Antigos controlam a polícia, o governo e os funcionários públicos. Fizeram acordos com as autoridades chinesas e todo mundo que entrou no caminho deles foi morto. Os hospitais, os bombeiros, os jornais, as estações de televisão e rádio, agora todos servem a eles. Eles mantêm vigilância constante através de câmeras nas ruas e sabem o que compramos toda vez que usamos um cartão de crédito. Tomaram conta da rede de celulares e da Internet, e cada ligação é monitorada, cada um dos milhões de e-mails que mandamos todo dia é lido por eles. Se alguém criticar o governo... é morto. Se ao menos tentar contar às pessoas o que sabe... é morto. Estamos de volta ao ponto em que começamos, Scarlett. Quantas pessoas podem ser mortas numa cidade assim sem que ninguém note? Só os Antigos sabem a resposta.

"E eles estão em toda parte. A mulher e o motorista que fingiam trabalhar para seu pai eram alteradores de forma. Não sabemos de onde eles vieram ou exatamente o que são. Muitas pessoas da multidão que cercava você eram a mesma coisa. Por que acha que o edifício Pátio da Sabedoria está vazio? Eles queriam mantê-la isolada, e cada homem, mulher ou criança que pudesse entrar em contato com você foi levado embora, morto ou substituído."

— Substituído pelo quê?

— Por criaturas que pertencem aos Antigos. — Lohan encheu a tigela pela segunda vez e bebeu. O álcool não teve qualquer efeito sobre ele. — Toda a cidade está contra você, Scarlett. Se você saísse agora, seria vista e identificada em segundos. Por isso não pôde vir para cá sentada no banco de um carro. Também foi esse o motivo para termos tanto cuidado para chegar *a você*. Uma pessoa que trabalha para mim pôs o guia de viagem em sua bagagem no

aeroporto. Depois subornamos o supervisor de um prédio de escritórios e transmitimos uma mensagem pela tela. A adivinha faz parte de nossa organização e mandou você ao Pico. Quatro abordagens diferentes, e a cada vez precisávamos ter certeza de que só você soubesse de nossas intenções.

— E o que vou fazer? — Scarlett não conseguia afastar o desamparo da voz. Era isso que restava. Estava presa numa sala num prédio sujo. E lá fora uma cidade inteira a procurava. Lembrou-se de como o dia havia começado, ao acordar. Até as moscas estavam do lado deles.

— Você não deve ser fraca! — Por um momento, Lohan nem tentou esconder o desprezo. Cuspiu as palavras, e sua boca, cortada ao meio pela cicatriz, retorceu-se num riso superior. — Não vai ser fácil. Os Antigos escolheram esta cidade com muito cuidado. Você está numa ilha que só tem quatro saídas possíveis. A primeira, claro, é o aeroporto, por onde você chegou. Mas isso está fora de questão. Todo voo será vigiado, e, mesmo que a disfarçássemos e déssemos um passaporte falso, o perigo é grande demais.

"A segunda possibilidade seria viajar em um aerobarco até a ilha de Macau, que fica a uma hora de distância. De lá você poderia viajar de avião para Cingapura ou Taiwan. Mas, de novo, o risco é demasiado. Não creio que você ao menos conseguiria embarcar sem ser identificada. Há um controle de passaportes no terminal, e lembre-se: absolutamente todos os funcionários estarão procurando por você."

— Não posso ir para a China?

— É possível atravessar para a China em Shenzhen. Muitos turistas vão lá fazer compras porque os preços são baratos. Mas há policiais em toda parte. A fronteira é bem patrulhada. E, assim que os Antigos souberem que você está desaparecida, vão vigiar atentamente qualquer um que atravesse.

— E qual é o quarto caminho?

Mas ela não ia descobrir. Pelo menos não nessa hora. Nem tinha notado o telefone na sala, mas de repente ele começou a tocar. Os três homens se imobilizaram, e ela imediatamente viu que isso não era bom. Lohan não atendeu. Fez um gesto para o japonês, chamado de Vermelho, que pegou o aparelho e escutou em silêncio por um momento. Em seguida, desligou e murmurou algumas palavras em chinês. Scarlett não entendeu o que ele dizia, mas não precisava. O telefonema era um aviso. Os Antigos estavam ali.

Lohan virou para ela, examinando-a como se pela primeira vez. Mesmo agora parecia imperturbável, se recusando a entrar em pânico.

— Eles nos encontraram? — perguntou Scarlett bruscamente.

Lohan assentiu devagar.

— Estão lá fora. O prédio está cercado.

— Mas como...?

— Parece que não percebemos um truque. — Os olhos de Lohan continuavam fixando-a. Durante alguns segundos, não falou. Depois deduziu. — Você está com alguma coisa. A mulher, a Sra. Cheng ou alguém da Crepúsculo, lhe deu alguma coisa para usar.

— Não... — começou Scarlett. Mas então se lembrou. Suas mãos foram até o pescoço. — O presidente me deu isto...

Ainda estava usando o medalhão de jade. Agora, com dedos trêmulos, abriu o fecho e tirou-o. A pequena pedra verde com o inseto esculpido pendia na ponta do cordão. Entregou-o.

— Não pode estar grampeado — disse debilmente. — Não pode...

Lohan o examinou com uma raiva fria. Depois o virou e balançou diante do rosto dela.

Scarlett ofegou. A criatura dentro do medalhão — o lagarto, gafanhoto ou o que quer que fosse — estava se mexendo. Ela o viu piscar e mudar de posição. As pernas da criatura se dobraram embaixo do corpo. Uma das asas balançou. Scarlett gritou, cheia de

repulsa. A coisa estava viva. E o tempo todo estivera pendurada no seu pescoço.

Lohan deu um riso breve e sem humor, depois fechou o punho sobre o medalhão, enrolando a corrente no pulso.

— O que vamos fazer? — perguntou Scarlett.

Antes que alguém pudesse responder, houve uma explosão na rua. O som foi fraco e distante, mas imediatamente seguido por gritos e pelo som de vidros caindo. Sirenes de polícia uivaram — não um carro, mas vários, chegando de todos os lados.

Lohan pegou uma pistola automática, tirando-a do bolso de trás. Era esguia e preta, e ele a manuseou com habilidade, colocando um pente de munição, soltando a trava de segurança e verificando brevemente o mecanismo de disparo.

— Você deve fazer tudo que dissermos. Sem perguntas. Sem hesitar. Entendeu?

Scarlett confirmou com a cabeça.

De algum lugar no prédio veio a primeira rajada de metralhadora. Lohan abriu a porta, sinalizou e todos começaram a se mover juntos.

Pelo telhado

Lohan foi o primeiro a sair para o corredor, depois Draco e Scarlett, com Vermelho atrás. Todos estavam armados, a não ser ela. O homem do lado de fora do elevador havia tirado a metralhadora do ombro e a estava aninhando nos braços. Não parecia apavorado. Na verdade, estava totalmente relaxado, como se fosse um dia de trabalho normal.

Scarlett estava enjoada de raiva. Isso era sua culpa. O medalhão de jade que ela recebera estava mesmo grampeado — e tinha informado ao presidente exatamente onde ela se encontrava. Mas por que o estava usando? Deveria tê-lo deixado ao lado da cama. Mas agora era tarde demais para pensar nisso. A polícia de Hong Kong estava ali. Já vinha subindo.

Seu instinto seria de sair o mais rápido possível, mas estavam se movendo devagar, dando um passo de cada vez. Lohan permanecia atento a qualquer som, a cabeça inclinada de lado, a arma na altura do ombro. Scarlett o viu sinalizar para o homem do elevador, apontando com dois dedos, ordenando para ele ficar onde estava. E ela soube que isso provavelmente era uma sentença de morte. Aquelas pessoas tinham algum tipo de código interno. Faziam exatamente o que era dito, não importando o custo.

Por um breve momento, tudo ficou quieto. Os carros da polícia tinham desligado as sirenes e os tiros haviam parado. O corredor estava vazio. Mas então, com um estrondo de alarmes, Scarlett viu

uma luz piscando. Havia duas setas perto da porta do elevador, uma apontando para cima, a outra para baixo. Uma delas começou a piscar. O elevador vinha subindo.

Lohan sinalizou com a arma.

— Você, me siga. Por aqui...

Partiram pelo corredor, mas, para Scarlett, parecia que ele ia na direção errada. Obviamente teria sido loucura pegar o elevador, mas a escada de emergência não devia estar em algum lugar ali perto? Lohan os estava levando mais para o interior do prédio e para longe do que parecia ser a única saída.

Mas ninguém discutiu. Scarlett ainda não tinha ideia de quem era Lohan ou de que autoridade ele tinha sobre os outros. Ele havia dito que pertencia a uma organização que estivera cuidando dela desde o dia do nascimento, mas não havia dito como a tal organização se chamava, quem a comandava, nem nada assim. Parecia que ele e seu pessoal faziam parte de algum tipo de resistência, lutando contra os Antigos, os últimos sobreviventes numa cidade que fora atacada por dentro. Mas não eram da polícia. Não eram do exército. Com isso, restava o quê?

Era tarde demais para perguntas. Lohan ia se movendo um pouco mais rápido, mas ainda nas pontas dos pés, sem fazer barulho, como se esperasse que uma das muitas portas se abrisse de repente e alguém pulasse. A que altura estavam? Quanto tempo teriam antes da chegada do elevador? O fim do corredor ficava a uns trinta metros de distância, com dez portas de cada lado. Uma fileira de lâmpadas penduradas no teto iluminava o caminho. Scarlett ouviu um estalo metálico alto e se arriscou a olhar para trás. O homem com a metralhadora soltou a trava. Lohan murmurou algo baixinho.

Houve o ping de uma campainha.

O elevador havia chegado.

Scarlett ainda estava olhando quando a porta do elevador se abriu e uma luz amarela jorrou para fora. O homem com a metralhadora havia se posicionado logo à frente, com os ombros firmados na parede. Sem qualquer aviso, abriu fogo, mandando uma tempestade de balas para dentro do elevador. O barulho no espaço confinado era chocante. Ela podia senti-lo martelando nos ouvidos. Mas não conseguiu ver contra o quê o homem atirava. Todo o corredor chamejou em branco e vermelho e ela escutou um grito agudo, diferente de tudo que já havia escutado na vida, quando o que quer que estava no elevador foi pulverizado.

Então apareceu uma coisa, se esticando para fora do portal aberto. Era impossível identificar com clareza na semiobscuridade do corredor e no brilho dos tiros, as duas coisas se alternando como um estroboscópio — preto, branco, preto, branco — transformando tudo num caos em câmera lenta. Algum tipo de tentáculo, se estendendo para o corredor. Chegaram ao homem. Um bateu no rosto dele. Outro se enrolou em sua garganta. Mas foi o terceiro que o matou, atravessando direto sua barriga e arrastando-o parede acima, com uma grande tira de sangue seguindo atrás. O homem estava gritando, as pernas se retorcendo em agonia. Mas seu dedo permaneceu enrolado no gatilho e ele continuou disparando. As últimas balas saíram sem direção, rasgando o teto e o piso.

Algo se derramou para fora do elevador. Parecia ser parcialmente humano, mas agora havia fumaça em toda parte, fazendo a confusão aumentar. Uma segunda criatura a seguiu. As duas haviam saído juntas. Uma pinça gigantesca se abria e fechava. Olhos pretos sobre hastes. Vindo diretamente de um pesadelo. A coisa viu Scarlett e os outros e começou a se mover a uma velocidade apavorante.

— Depressa!

Era a primeira vez que Lohan levantava a voz. Ele começou a correr. Scarlett foi atrás, convencida de que não tinham chance. Não existia porta de emergência, nenhum lugar para onde irem, e as

coisas saídas do elevador já deviam estar chegando perto. Vermelho se virou e disparou duas vezes. As balas não tiveram efeito. Então Draco arrancou algo do bolso, levou à boca e atirou. Uma granada de mão! O pino ainda estava entre seus dentes. A porta de um apartamento se abriu e Lohan se jogou dentro, puxando Scarlett, no instante em que acontecia uma explosão ensurdecedora e uma bola de fogo laranja irrompia no corredor, atrás.

Scarlett se encostou na parede do outro lado da porta. Estava sufocando, e lágrimas escorriam pelo seu rosto. Não estava chorando. Era a poeira e o reboco que haviam caído, quase cegando-a. Passou a manga da blusa sobre os olhos. Vermelho fechou a porta com força. Havia quase meia dúzia de fechaduras, correntes e trincos que ele prendeu, um depois do outro. Lohan deu outra ordem ríspida. Draco murmurou algo em resposta.

O apartamento em que estavam era muito semelhante ao outro do qual haviam saído, mas estava mais arruinado, com menos móveis ainda. Uma mulher morava ali. Ela havia aberto a porta para deixá-los entrar, e Scarlett a reconheceu. Demorou um instante para deduzir onde haviam se conhecido, mas então percebeu — era a adivinha do templo. Estava parada junto à porta, piscando nervosa. Seus três pássaros estavam nas gaiolas numa mesa, pulando, apavorados com o barulho.

Lohan não tinha parado de se mover. Estava indo para uma segunda porta que dava para a cozinha.

— Por aqui, Scarlett — gritou ele.

Scarlett o acompanhou até um cômodo com uma geladeira, um fogão e pouca coisa mais. Um grande buraco fora aberto na parede. As bordas eram irregulares, com velhos pedaços de fiação e canos se projetando, mas era a saída. Passaram pelos tijolos e entraram no apartamento ao lado, e depois passaram ao seguinte. Cada um fora aberto para fornecer uma passagem que não pudesse ser vista do corredor. Os últimos dois estavam completamente abandonados,

com poeira e entulho em todo o piso. Chegaram a uma janela com uma estrutura de aço do outro lado. Uma escada de incêndio. Lohan abriu a janela. Eles saíram.

Scarlett se viu numa pequena plataforma quadrada com uma série de escadas de metal descendo em ziguezague até o nível da rua, uns vinte andares abaixo. Fazia muito frio ali em cima, com as correntes de ar passando rapidamente entre os prédios, carregando uma chuva forte. Ela olhou para baixo, vendo o tipo de cena que normalmente associaria a um grande acidente. Devia haver pelo menos uma dúzia de carros da polícia estacionados em diferentes ângulos na rua. Eles podiam ter desligado as sirenes, mas as luzes estavam piscando, brilhantes mesmo à luz do dia. Barricadas eram postas ao redor do prédio e o tráfego fora parado. Homens de uniformes em preto e prata mantinham a multidão afastada.

Eles não podiam descer. A escada de incêndio levava ao meio do caos e, no momento em que chegassem embaixo, seriam apanhados. Pior ainda, um dos policiais os tinha visto. Ele gritou um aviso e apontou. Imediatamente um grupo de policiais armados correu e começou a subir.

Lohan não pareceu preocupado.

— Não vamos descer — murmurou. — Vamos subir.

Havia apenas três lances de escada indo da plataforma até o teto, e, consciente dos policiais que chegavam cada vez mais perto, Scarlett subiu o mais rápido que pôde, mantendo-se perto da parede para o caso de algum tiro ser disparado. Draco e Vermelho iam logo atrás, e um minuto depois haviam chegado à laje e ficaram agachados, recuperando o fôlego ao abrigo de uma caixa d'água enferrujada. A chuva caía com força. Scarlett já estava encharcada, o cabelo se grudando aos olhos.

Lohan havia pegado um celular. Apertou um botão de ligação automática e falou com urgência, depois dobrou o aparelho. Os outros homens não tinham dito nenhuma palavra, mas pareciam

entender o que fora combinado. Então Vermelho murmurou alguma cosia e apontou. Scarlett olhou para cima, imaginando o que ele teria visto. E estremeceu. Tinha achado que a situação não poderia ser pior... mas era.

Havia uma nuvem do que parecia fumaça preta a distância, acima das torres de escritórios de Kowloon. Vinha na direção deles, contra o vento. Scarlett soube imediatamente que não podia ser fumaça. Era o enxame de moscas. Tinham voltado. Vinham diretamente para ela.

— Anda!

Lohan partiu imediatamente, correndo pelo telhado, sem se importar se era visto ou não. Tinha pendurado o medalhão de jade no pescoço, e Scarlett percebeu que, enquanto ele o estivesse usando, as moscas saberiam onde Lohan estava. Mas esse era o plano. Era o motivo para ele tê-lo tirado dela. Estava protegendo-a, tornando-se o alvo no lugar dela. Saltou sobre pilhas de cabos, movendo-se para a parte de trás do prédio. Scarlett foi atrás. Ainda não fazia ideia de para onde ele ia, de como iriam descer.

Chegaram ao outro lado e pararam sem fôlego. De novo Scarlett ficou totalmente perplexa. Não havia escada de incêndio, nem um andaime suspenso, de lavar janelas. O prédio de apartamentos seguinte ficava a uns vinte metros e não havia como atravessar. Lohan estava parado na beira do edifício. Por um momento, parecia um fantasma ou talvez um espantalho com sua pele clara e as roupas escuras, encharcado pela chuva. O cabelo preto havia caído no rosto. A cicatriz parecia mais proeminente do que nunca.

— Siga-me — instruiu ele. — Não olhe para baixo.

E em seguida pisou no espaço.

Scarlett esperou que ele caísse, que fosse morto vinte andares abaixo. Mas, em vez disso, impossivelmente, ele parecia estar de pé no ar, como se tivesse aprendido levitação. Mais magia? Foi seu primeiro pensamento — mas então olhou mais atentamente e viu

que era só um truque incrível. Havia uma ponte construída entre os dois prédios, uma tira de vidro ou Perspex quase invisível... algum material transparente, forte o bastante para suportar o peso. Ninguém poderia ver aquilo da rua ou do ar, e mesmo agora ela talvez não tivesse identificado, não fosse a chuva batendo e a leve cobertura de sujeira na superfície. Ainda parecia que Lohan estava suspenso entre os dois prédios. Ele havia andado alguma distância a partir da borda do telhado e estava acima da rua, com os carrinhos de brinquedo e as pessoas lá embaixo.

Agora era a vez de Scarlett.

Uma porta se abriu bruscamente no telhado atrás dela. Uma escada levava para dentro, e os perseguidores finalmente os haviam alcançado, derramando-se na cobertura, e eram nove, com aparência humana, mas com olhos mortos e rostos pálidos e vazios que pareciam ter passado anos longe da luz. Os cabelos estavam desgrenhados, a roupa mofando, e não usavam sapatos. Alguns carregavam facas compridas, serrilhadas. Outros tinham pedaços de corrente indo até o chão e porretes de madeira cheios de pregos. Lentamente começaram a se espalhar.

— Você. Anda! — Vermelho empurrou Scarlett, impelindo-a para a ponte de vidro. — Draco... — Ele terminou a frase em chinês.

Não havia tempo para discutir. As criaturas já estavam chegando mais perto. Vermelho foi na direção delas, para longe da segurança da ponte, com a arma levantada diante do corpo. Scarlett olhou para baixo. A ponte não tinha paredes laterais nem corrimões. A superfície estava molhada e escorregadia. Pior ainda, como era transparente, parecia totalmente sem substância. Ela podia se imaginar caindo através daquilo ou perdendo o equilíbrio e mergulhando pelo lado. E podia ver onde iria parar. A rua estava lá embaixo, esperando.

Vermelho disparou um último tiro e o som a impeliu adiante. Não podia olhar para trás. Não podia ver o que estava acontecendo

lá. Toda a concentração estava focalizada no que precisava fazer. Deu um passo, depois outro. Agora estava no meio do ar, com o vento golpeando-a. Sentiu Draco atrás, instigando-a a prosseguir, mas o medo a estava paralisando. Lohan tinha dito para não olhar para baixo, mas como podia ter certeza de que o pé baixaria no lugar certo? A chuva batia no rosto, meio que a cegando. Podia senti-la escorrendo pelas bochechas.

Houve mais dois tiros, mas então eles pararam e ela ouviu gritos, e soube que Vermelho fora apanhado, que coisas terríveis estavam sendo feitas com ele. Scarlett se odiou por não ter feito nada para ajudá-lo. Ele havia ficado para trás por sua causa, para lhe dar tempo de atravessar, e ela literalmente o estava abandonando. Todas aquelas pessoas estavam arriscando a vida por ela. Todo o prédio de apartamentos com suas paredes arrebentadas e essa incrível ponte de vidro tinham sido preparados para o momento em que ela pudesse precisar. E a coisa louca era que ela ainda não sabia quem eles eram ou por que tinham decidido ajudar.

De algum modo, chegou ao outro lado, dando o último passo com um jorro de alívio. Nesse exato momento, os gritos de Vermelho terminaram e ela se virou, vendo-o ser levantado no ar por um grupo de criaturas na beira do prédio que ela havia acabado de deixar. O corpo dele estava frouxo. Sangue jorrava de uma dúzia de ferimentos nos braços e no peito. Então eles o soltaram. Vermelho pareceu planar, mais do que cair, como se não pesasse nada. Por fim, bateu num dos carros parados, amassando o teto e despedaçando o para-brisa. Um alarme disparou. Com um berro de triunfo, as criaturas que o haviam matado começaram a subir na ponte.

Lohan estava parado olhando para elas. Deixou que chegassem mais ou menos à metade antes de estender uma das mãos e segurar uma alavanca que havia na parede. Deu um sorriso breve, malévolo, e puxou. Imediatamente a ponte se encolheu. Era como uma daquelas varinhas usadas por mágicos em festas infantis. As

diferentes seções se dobraram e depois mergulharam. Cinco criaturas foram com ela, batendo na rua com uma explosão de ossos e sangue. O resto ficou do outro lado, dando socos no ar e balançando os punhos, incapazes de atravessar.

Atrás deles, alguma coisa vaga e escura subiu sobre o lado oposto da cobertura. O enxame de moscas havia chegado. Lohan sinalizou e partiu pelo segundo prédio de apartamentos, indo para uma porta do outro lado. Se iria lamentar o homem que havia morrido, isso teria de esperar. Ele passou, esperou Scarlett e Draco e depois fechou a porta. Do outro lado havia um lance de escada. Dava em uma sala que zumbia, cheia de tubos e máquinas. Um elevador de serviço ficava do outro lado. Lohan apertou o botão e a porta se abriu imediatamente. Os três entraram. Ele apertou dois botões: o do térreo e o do porão.

Scarlett ficou no espaço confinado, ofegando. Seu coração estava disparado a cem quilômetros por hora. Parecia estranho estar imóvel de repente, sabendo que havia perigo a toda volta, mas não podendo fazer nada e não tendo aonde ir enquanto o elevador os levava para baixo. Só esperava que não houvesse ninguém esperando por eles lá.

Mas Lohan estava completamente relaxado, encostado na parede dos fundos, com o medalhão pendurado no pescoço. Água pingava de sua testa, por cima dos olhos.

— Você vai com o Draco — disse ele. — Fiz arranjos. Há pessoas esperando. Você vai ficar segura com eles.

— E você?

— Vou levá-los para longe. — Ele ergueu o medalhão, olhou-o e baixou-o de novo.

— Eles vão matá-lo...

— Se me encontrarem, vão. Mas minha vida não está em questão aqui. Só você importa. Você deve fugir.

— Isso é minha culpa. — Scarlett se sentia péssima. Tinha atraído as criaturas para o apartamento. Só estavam ali por causa dela. —

Sinto muito...

— Você é uma dos Cinco! — Lohan a encarou como se não acreditasse no que ela havia dito. — Não lamente. Não seja uma menininha. Você tem o poder de destruí-los. Use-o.

A porta do elevador se abriu. Tinham chegado ao térreo. Lohan avançou e olhou para fora. Scarlett podia ouvir o uivo dos carros da polícia, mas não havia ninguém por perto, e ela achou que a polícia ainda não tinha deduzido que eles haviam atravessado de um prédio para o outro. Mas o medalhão de jade iria trazê-los em breve. Lohan deu uma última instrução a Draco, em chinês, e depois foi embora. A porta se fechou atrás dele.

— Fique comigo — murmurou Draco.

Vermelho fora morto. O homem da metralhadora estava morto. Lohan provavelmente era o próximo. Mas ele não parecia e importar.

O elevador continuou descendo até o porão. Abriu-se num estacionamento subterrâneo. Havia um carro preto e brilhante esperando por eles, e, a princípio, Scarlett *não* acreditou no que fora arranjado para ela, no que a esperava ali embaixo do prédio. Mas, ao mesmo tempo, soube que fazia total sentido. Lembrou-se do que Lohan dissera. Toda a cidade estava contra ela. Cada policial, cada câmera de vigilância, cada autoridade procurava por ela. Como passaria por todos?

Era um carro fúnebre. Havia um caixão aberto na parte de trás, com o interior forrado de cetim creme com um travesseiro numa das extremidades. Dois homens a esperavam. Vestiam ternos pretos, como papa-defuntos, mas ela os reconheceu do Pico. Eram os que haviam matado a Sra. Cheng. Um deles fez um gesto. Scarlett soube o que precisava fazer.

Desta vez, não questionou. Sem hesitar, subiu na traseira do carro fúnebre e se deitou. Ocorreu-lhe que, apenas algumas horas antes, quanto tinham tentado trancá-la no porta-malas do carro, ela

havia pensado que aquilo seria como ser enterrada viva. E ali estava, acontecendo de verdade.

Pousou a cabeça no travesseiro. Os dois homens foram em sua direção. E de novo a escuridão a envolveu enquanto a tampa era aparafusada no lugar.

Terminal Oceânico

Ninguém notou o carro fúnebre saindo do estacionamento subterrâneo e começando a ir para o sul na direção do Porto de Victoria. A atenção de todos estava no prédio onde Lohan e seus amigos tinham sido encontrados. O rabecão emergiu do outro lado, virou à esquerda num sinal de trânsito e partiu pela Golden Mile.

Nunca acelerou a mais do que dezesseis quilômetros por hora. Se alguém estivesse olhando para ele, o fato de se mover tão lentamente só tornaria mais improvável que estivesse sendo usado como veículo de fuga. Mas logo havia deixado a multidão e os carros da polícia para trás. Na frente, o motorista e seu ajudante olhavam adiante, os rostos sérios escondendo o sentimento de alívio.

Para Scarlett, era menos fácil.

Não podia ver nada. Não podia fazer nada. Nem podia se mexer. Estava deitada de costas, presa num espaço preto, sem ar, com a tampa aparafusada a apenas alguns centímetros da cabeça. Estava completamente à mercê da própria imaginação. A cada vez que o carro diminuía a velocidade ou parava, imaginava se teriam sido descobertos. Pior, imaginava um cenário de pesadelo em que algo havia dado terrivelmente errado e ela era levada a um cemitério e enterrada viva. Cada nervo em seu corpo estava gritando. Mal conseguia respirar.

Depois do que pareceu uma hora, sentiu que o carro parou. Ouviu as portas se abrindo e fechando. Uma pausa longa. E, de

repente, uma fresta de luz do dia apareceu, alargando-se enquanto a tampa do caixão era tirada. Uma mão se estendeu para ajudá-la, e ela a agarrou agradecida. Foi tirada gentilmente, como um cadáver retornando à vida. Pegou-se tremendo. Depois de tudo o que havia passado, não ficou surpresa com isso.

Onde estava? O rabecão havia parado perto de uma empilhadeira num armazém cheio de estrados e caixotes. Havia claraboias no teto, também iluminado por lâmpadas de néon penduradas em gaiolas de vidro. Um dos homens tinha apertado um interruptor que fez uma porta deslizante descer com estrondo, mas, antes que a porta chegasse ao piso, Scarlett vislumbrou água e soube que estavam perto do porto. O cheiro de pólvora pairava no ar. Normalmente, talvez ela não o reconheceria — mas houvera muito disso em volta do prédio de onde havia acabado de sair.

O motorista já estava tirando o paletó e a gravata preta. Na última vez em que Scarlett o vira, ele estivera limpando sangue de um facão com um pano, no Pico. Era o da mochila — com cabelo comprido e óculos — e era mais novo do que ela havia pensado a princípio, com vinte e poucos anos. Usava camisa de manga curta por baixo do paletó e ela notou uma tatuagem na parte superior do braço: um triângulo vermelho com um caractere chinês dentro.

— Meu nome é Jet — disse ele. Como todos os outros, não se incomodou em dar o sobrenome. Falava um inglês hesitante, mas com sotaque educado. — Vou cuidar de você. Este é o Sing.

O outro homem veio de perto da porta e assentiu.

— Onde estamos? — perguntou Scarlett.

— Ainda em Kowloon. Este é o nosso armazém. — Jet foi até um dos caixotes e tirou a lona que o cobria pela metade, de modo que ela pudesse ler as letras impressas por baixo. Eram escritas em chinês e inglês.

KUNG HING TAO
FABRICANTES DE FOGOS DE ARTIFÍCIO

— Fogos de artifício...?

— É um bom negócio — explicou Jet. — Na China, soltamos fogos quando alguém se casa e de novo quando a pessoa morre. No Festival do Bolinho, no Festival do Barco Dragão, no Festival do Fantasma Faminto e no Ano-Novo. Todo mundo quer fogos de artifício! Sugiro que você não fume.

— Quer uma Coca? — perguntou o homem chamado Sing. Ainda estava com a bengala que tinha a espada escondida dentro. A bengala estivera no carro fúnebre, mas ele a pegou e a estava carregando.

— Temos uma cozinha pequena e um banheiro — disse Jet. — Precisamos ficar aqui por um tempo.

— Quanto?

— Vinte e quatro horas. Mas ninguém vai encontrar você aqui...

— E Lohan? — Scarlett estivera preocupada com ele. Sabia que era sua culpa o perigo que ele corria.

— Ele virá. Não precisa ter medo. Logo você vai sair de Hong Kong.

Lohan tinha falado em quatro modos de sair da cidade e havia descartado três: o aeroporto, o aerobarco até Macau e a fronteira da China. O que restava? Scarlett tinha visto o porto. Talvez eles fossem contrabandeá-la num navio de contêineres. Primeiro um porta-malas de carro, depois um caixão. Essas pessoas não pensariam duas vezes antes de enfiá-la num caixote de fogos de artifício e mandá-la para algum lugar a tempo da Noite das Fogueiras.

Sing havia entrado na cozinha e voltou com três garrafas d'água e sanduíches em pratos de plástico. Ainda estava usando o terno de papa-defunto, mas tinha tirado a gravata. Os três comeram sentados

com as pernas cruzadas, em círculo no chão. Só quando deu a primeira mordida Scarlett percebeu como estava faminta. Tinha comido pouco no café da manhã, estava sem almoço e já eram seis horas.

— Não é possível levá-la num navio de contêineres. — Jet a tinha visto avaliando os caixotes e devia ter adivinhado o que estava em sua mente. — Há segurança demais. Os portos estão vigiados dia e noite, e, de qualquer modo, é a primeira coisa que eles vão esperar. Vamos levá-la em público, na frente dos olhos deles.

— Como?

Ele olhou para o outro homem que assentiu, como se desse permissão para continuar.

— Amanhã de manhã um navio de cruzeiro chega a Kowloon. Vai atracar no Terminal Oceânico do outro lado do shopping Harbour City, só a dez minutos daqui. Ele passa um dia em Hong Kong vindo de Tóquio para as Filipinas e depois Cingapura. É para lá que vai levar você. O navio se chama *Imperador de Jade* e vai estar cheio de turistas ricos. Você será um deles.

— Como vou entrar a bordo?

— Por seus próprios motivos, os Antigos não querem que o mundo saiba que eles tomaram conta desta cidade. Isso é bom. Quando o *Imperador de Jade* atracar, eles terão de ser cuidadosos. Haverá segurança, mas ela precisará ficar invisível. Eles não querem amedrontar os turistas. Tudo terá de parecer normal, e isso nos dá vantagem. Vamos colocar você no navio junto com os outros passageiros. E, assim que estiver lá, vai ficar em segurança.

— O que acontece quando eu chegar a Cingapura?

Jet deu de ombros. Sing murmurou algo em chinês e riu.

— Esta é a menor das suas preocupações — disse Jet. — Em primeiro lugar, precisa sobreviver ao dia de amanhã. E lembre-se: há cem mil pessoas procurando você. Isso é uma armadilha, e você entrou direto nela. Agora que está aqui, não vai ser fácil sair.

Ele não estava sendo justo. Scarlett não havia simplesmente entrado em Hong Kong. Tinha sido trazida deliberadamente e não poderia ter feito nada para evitar. Mas não discutiu. Não adiantava.

— Vamos disfarçar você — continuou ele. — Você vai cortar e tingir o cabelo, e vamos vesti-la como um garoto. Você tem de aprender a andar de um certo modo. Vamos mostrar. Há uma família que vai entrar no navio. São o Sr. e a Sra. Sung, que fazem parte da nossa organização. Nesse momento, estão viajando com o filho de 12 anos, Eric. Você vai trocar de lugar com ele e viajar com o passaporte dele. À meia-noite de amanhã estará em águas internacionais e fora de perigo. Entendeu?

— Como vocês vão fazer a troca?

— Combinamos de nos encontrar numa loja do Harbour City. A loja também é nossa. O lugar finge que vende chá e remédios chineses.

— Mas o que vende de verdade?

Jet pensou por um momento. Estava relutante em responder, mas por algum motivo decidiu fazer isso.

— Quer saber mesmo? — Ele sorriu. — Normalmente ela vende ópio.

Scarlett passou a noite num colchão atrás de uma fileira de caixotes que os dois homens haviam arrumado para formar um "quarto" separado. Mal dormiu. Fazia frio no armazém — não havia nenhum tipo de aquecimento —, e ela só recebeu dois cobertores. Todas as noites ficam presas entre o dia anterior e o seguinte, e ela nunca se sentiu tão dividida entre os dois.

Pensou nas criaturas que tinha visto saindo do elevador, nas moscas se aproximando do prédio e nas pessoas — seriam mesmo pessoas vivas? — que a haviam seguido até a cobertura. Como esse tipo de coisa podia estar acontecendo numa cidade moderna: monstros, alteradores de formas e todo o resto?

Então voltou a mente para as pessoas com quem estava. Apesar de tudo o que havia acontecido, ainda não sabia quase nada sobre elas. Eram muitas e bem organizadas. Lohan tinha falado sobre elas com reverência, quase como se fosse uma ordem religiosa. No entanto, Scarlett havia acabado de saber que elas vendiam ópio! O ópio era uma droga que vinha da mesma fonte da heroína. Será que eram algum tipo de gângsteres, afinal de contas? Andavam com metralhadoras e granadas. E apesar de a estarem ajudando, nenhum era exatamente amigável.

Por fim, pensou no dia seguinte e nos perigos que ele traria, entrando num navio de cruzeiro disfarçada de garoto. Será que daria certo, e o que aconteceria se não desse? Pelo que podia ver, os Antigos não queriam matá-la. O padre Gregory poderia ter feito isso, e tinha deixado claro que tinha outros planos. Por algum motivo, precisavam dela viva.

Deitada de costas, olhando a claraboia, viu a noite se arrastar na direção do dia. No fim, conseguiu dormir — mas apenas um sono entrecortado. Quando acordou, seu pescoço estava doendo e ela se sentia ainda mais cansada do que quando havia se deitado. Os dois guarda-costas já estavam acordados. Sing tinha feito um desjejum, um prato de macarrão, mas ela praticamente não comeu. Era sua última chance. Sabia que, se não saísse hoje, nunca mais sairia.

Nada aconteceu durante as três horas seguintes. Jet e Sing ficaram sentados em silêncio, esperando, e por algum motivo Scarlett se pegou tentando lembrar suas falas na peça da escola. Tinha perdido noção da data, mas achava que a peça seria apresentada — *sem ela* — dentro de duas semanas. Todos os pais estariam lá, junto com alguns garotos da The Hall. Pensou em Aidan. Enquanto estava ali sentada, presa num armazém cheio de fogos de artifício, Dulwich parecia muito distante, e se perguntou quando veria aquele lugar de novo, se é que veria.

E então o celular de Jet tocou. Ele o abriu e murmurou algumas palavras, depois assentiu para Sing, que foi destrancar a porta. Eles a abriram só um pouquinho, o bastante para Scarlett ver que tinha parado de chover lá fora. A luz forte do sol escorria pela fresta, iluminando a poeira que pairava no ar. Mais duas pessoas entraram no armazém.

A primeira era Lohan. Ele foi direto até Scarlett.

— Você está bem? — perguntou ele. Scarlett ficou aliviada ao vê-lo.

— E você? O que fez com o medalhão?

— O medalhão está viajando para a Austrália. Esperemos que os Antigos o sigam até lá.

— Fico feliz porque você está bem.

— E eu vou ficar feliz quando você tiver ido embora.

Ele sinalizou para o homem que tinha vindo junto. Este avançou depressa, segurando uma mala de lona não muito grande. Esse homem era um pouco mais velho do que os outros, usando uma blusa de lã amarrotada e óculos. Ele pôs a mala no chão e abriu-a, revelando tesouras, escovas, montes de frascos, chumaços de algodão. Havia roupas dobradas embaixo.

Era hora de Scarlett mudar.

Jet puxou um caixote para perto e Scarlett se sentou. O velho a examinou por um momento, usando os dedos para afastar seu cabelo para longe do rosto. Assentiu como se estivesse satisfeito, depois pegou a tesoura.

Scarlett nunca se esqueceria de como ele cortou seu cabelo. Ela não diria que era particularmente vaidosa, mas sempre havia cuidado da aparência. Existia algo brutal no modo como ele a atacou, cortando o cabelo como se ela não tivesse mais sentimentos do que uma árvore. Ela olhou para baixo e viu grandes mechas batendo no chão. Mesmo sabendo que isso era necessário e que o cabelo cresceria de novo em pouco tempo, sentiu-se uma vítima, como se

estivesse sendo agredida. Mas o homem não notou o incômodo — ou, se notou, não se importou.

Ele continuou cortando, e logo ela sentiu algo que nunca havia sentido antes: o toque frio da brisa no couro cabeludo. Ele terminou de ajeitar o cabelo com um bocado de Brylcreem e passou a trabalhar no rosto, virando-o primeiro para um lado, depois para o outro, os dedos apertando seu queixo. Não havia absolutamente nada nos olhos dele. Tinha feito isso muitas vezes. Era seu serviço e ele o fazia bem. Só queria terminar o mais depressa possível.

Pintou a pele dela com um líquido que cheirava a vinagre e ardia ligeiramente, depois acrescentou alguns toques com um pincel fino. Depois disso, passou a trabalhar nos olhos. Justo quando Scarlett achou que ele havia terminado, o homem murmurou algo para Lohan. Era a primeira vez em que falava. Sua voz saiu completamente chapada.

— Ele quer pôr lentes de contato — explicou Lohan. — Vão arder.

Foi mais do que isso. O homem teve de segurar com força a cabeça de Scarlett enquanto apertava as lentes equilibradas na ponta do dedo. E, quando ele recuou, todo o lugar estava fora de foco, escondido por trás de um borrão de lágrimas.

— Agora você precisa se vestir — disse Lohan.

Não lhe permitiram nenhuma privacidade. Os quatro homens ficaram olhando enquanto ela se despia até ficar com a roupa de baixo e depois o sujeito com blusa de lã pegou uma coisa branca, almofadada, em sua mala. Scarlett entendeu o que era. O garoto cujo lugar tomaria devia ser um bocado mais gordo do que ela. Passou as almofadas por cima dos ombros e viu que imediatamente ficou com uma forma corporal completamente nova e que a ligeira curva dos seios havia sumido. O homem lhe entregou uma camisa, calça de linho, um blazer e um par de sapatos de couro preto que

acrescentavam uns três centímetros à sua altura. Por fim lhe deu um par de óculos. O disfarce estava completo.

— Olhe-se no espelho — disse Lohan.

Eles haviam trazido da cozinha um espelho de corpo inteiro. Scarlett parou à frente. Tinha de admitir que a transformação era incrível. Mal se reconhecia.

Agora o cabelo era curto e espetado, mantido rigidamente no lugar pelo Brylcreem. Os olhos, normalmente verdes, estavam castanho-escuros, a cor ampliada pelos óculos desajeitados e antiquados, com armação de plástico. Havia um toque de acne em volta do nariz. Ela havia se tornado cem por cento chinês; um garoto de 13 anos ligeiramente gorducho que provavelmente cursava uma escola particular cara e se vestia como o pai. Até cheirava como um garoto. Talvez tivessem posto alguma coisa em todos os produtos químicos que haviam usado.

— Agora você precisa treinar o andar — disse Lohan. — Ande como um garoto, e não uma garota.

Nas duas horas seguintes, Lohan a fez andar de um lado para o outro com os ombros caídos, as mãos nos bolsos. Scarlett nunca havia pensado de fato que os garotos adolescentes eram tão diferentes no modo como andavam, mas era sensata o bastante para não discutir. Por fim, Lohan ficou satisfeito. Agachou-se perto dela.

— É hora de você ir — disse. — Mas há uma coisa que preciso lhe dizer antes.

— O que é?

Ela estava alarmada, mas ele levantou a mão, tranquilizando-a.

— Há um garoto que vem se encontrar com você. Ele já está vindo, viajando da Inglaterra.

O primeiro pensamento dela foi que seria Aidan — mas isso era ridículo. Aidan não sabia nada do que estava acontecendo.

— O nome dele é Matt.

O garoto do seu sonho! O garoto que a havia guiado pela porta na igreja de St. Meredith. Scarlett sentiu um jorro de esperança e empolgação. Não sabia por que, mas, se Matt estava a caminho, tinha certeza de que tudo ficaria bem.

— Ele não vem a Hong Kong — continuou Lohan. — Aqui é perigoso demais. Mas estará em Macau. Ele está sendo protegido pelo Senhor da Montanha. Vai ficar lá até saber que tivemos sucesso e que você escapou. Depois vai seguir você, e nosso trabalho estará feito.

— Quem é o Senhor da Montanha?

— É um homem muito poderoso. — Era só isso que Lohan estava preparado para contar. Ele se empertigou. — Não fale até estar dentro do navio. Se alguém tentar falar com você, ignore. Quando estiver com seus novos pais, segure a mão da sua mãe. Somente ela vai falar com você, e você vai sorrir para ela e fingir que entende. Quando estiver no *Imperador de Jade*, ela vai levá-la diretamente para a cabine. Você vai ficar lá até a partida do navio.

— Obrigada. Obrigada por me ajudar.

Lohan olhou-a e, só por um momento, ela viu a dureza em seus olhos e soube que, independentemente do que mais ele fosse, jamais seria seu amigo.

— Não precisa agradecer — disse ele. — Não imagine que estamos ajudando porque queremos. Estamos obedecendo ordens do Senhor da Montanha. Você é importante para ele. Só isso importa. Não nos frustre.

Eles abriram a porta do armazém e, lembrando-se do novo modo de caminhar, Scarlett saiu. Pegou-se num beco ladeado por concreto. Passava das cinco da tarde e a luz já ia ficando cinza. Enquanto estava ali parada, um carro passou e ela se encolheu, com medo de ser vista. Mas agora Scarlett era um garoto: filho de chineses. Ninguém iria olhá-la duas vezes. Jet e Sing haviam se juntado a ela. Os três partiram juntos, indo para a rua principal.

O beco saía na ponta de Kowloon, onde a rua Salisbury se curvava em direção aos terminais das balsas. O porto ficava à frente deles. Scarlett podia ver toda Hong Kong do outro lado da água, com a Agulha, a sede da Corporação Crepúsculo, se inclinando diagonalmente a partir do próprio centro onde parecia ter sido cravada.

— Ande devagar — sussurrou Jet. — Se vir alguém olhando, ignore. Não pare...

Caminharam pela rua Salisbury, passando pelo Centro Cultural Hong Kong, um enorme prédio de ladrilhos brancos que se parecia um pouco com uma encosta de esqui. O tempo havia mudado de novo. O céu estava claro e o sol da tarde ia baixando, a água tremeluzindo em prata e vermelho-sangue. Apesar do horror das últimas 36 horas, tudo parecia muito comum. Havia vários grupos de turistas no passeio, desfrutando da vista. Grupos de pessoas saíam do terminal da Balsa Star, a caminho de casa. Jovens casais andavam juntos de mãos dadas. Vendedores de jornais e comida ficavam atrás de suas barracas, esperando fregueses. Uma frota de navios, todos de formas e tamanhos diferentes, ia para lá e para cá.

E o tempo todo Scarlett estava pensando: o que era real e o que não era? Quais daquelas pessoas eram alteradores de formas? Quantas estavam procurando por ela? Andava entre Jet e Sing, tentando se comportar normalmente, mas sabendo o tempo todo que havia mil olhos procurando por ela. Já estava começando a suar com todas aquelas almofadas a comprimindo. Aquilo dificultava a respiração.

Passaram pelo Hotel Península. Apenas alguns dias antes, Scarlett havia ido lá com Audrey Cheng. Tinham se sentado para tomar chá com sanduíches. Parecia ter acontecido séculos atrás. Entraram numa avenida larga, e ela se pegou passando diante de uma delegacia. Dois homens saíram batendo papo, com uniformes em azul-escuro e prata. Ambos portavam armas. Scarlett se lembrou

do que Lohan havia dito. Os Antigos controlavam a polícia, além do governo e do funcionalismo público. Aqueles dois deviam ter sua descrição. Se a reconhecessem, tudo acabaria antes que eles chegassem perto do navio.

Mas não reconheceram. Continuaram andando, e só quando haviam sumido Scarlett percebeu que tinha parado de respirar. Sentia-se completamente indefesa, esperando que alguém gritasse seu nome e a multidão se fechasse. Alguns centímetros de almofadas e um punhado de maquiagem era tudo que ficava entre ela e a captura. Estava aterrorizada imaginando que não seria suficiente.

O Harbour City ficava adiante deles. Era apenas mais um shopping center, porém muito maior do que qualquer um que ela visitara com a Sra. Cheng. Entraram caminhando como se fosse isso que pretendiam o tempo todo, como se fossem apenas três amigos indo fazer compras no fim da tarde. O interior era muito feio. Muito iluminado, com lojas pequeninas, parecendo caixas, uma ao lado da outra em corredores que pareciam seguir para sempre. Vendiam as mercadorias usuais: jeans e camisetas, óculos escuros e lembranças, com poucos dos nomes famosos que podiam ser encontrados no Hong Kong Central e presumivelmente com preços menores.

Passaram por uma loja de malas e a!i, à frente deles, Scarlett viu uma placa de néon que dizia *TSIM CHAI KEE • REMÉDIOS HERBAIS* e soube que haviam chegado ao lugar onde a troca aconteceria. A loja ficava diretamente à frente deles. Era cheia de caixas de papelão e frascos de vidro. Havia três pessoas de pé, de costas para a porta. Um homem, uma mulher e, entre eles, um garoto.

A mulher era gorducha, com cabelos grisalhos, vestida de preto. O homem era menor do que ela, esmagado sob o peso de sacolas de compras, com uma máquina fotográfica pendurada no pescoço. O filho se vestia exatamente igual a Scarlett. Estavam esperando enquanto o vendedor embrulhava um pacote de chá.

Scarlett entrou. Jet e Sing não a seguiram: continuaram no caminho. Ao mesmo tempo, o garoto avançou, entrando mais na loja, e desapareceu. O homem e a mulher ficaram exatamente onde estavam, de modo que, quando Scarlett entrou, havia um espaço entre eles. E foi isso. Um instante depois, ela estava no meio deles. A mulher pagou o chá. O vendedor entregou o troco. Os três saíram juntos.

Uma mãe, um pai e um filho tinham ido fazer compras. Uma mãe, um pai e um filho saíram. Enquanto iam andando, Scarlett olhou para cima e notou uma câmera de TV no corredor, apontada para eles, e imaginou se haveria alguém olhando e, nesse caso, se podia ter visto alguma coisa capaz de levantar suspeitas. Mas pela primeira vez sentia confiança. Não estava mais sozinha. Agora era parte de uma família. Estaria se juntando a centenas ou até mesmo milhares de turistas que retornavam ao *Imperador de Jade*. Nem os Antigos, com todos os seus agentes, conseguiriam identificá-la.

A família saiu do Harbour City através de portas de vidro enormes que os levaram direto ao Terminal Oceânico. E ali estava o navio, atracado ao caís com cordas grossas como árvores. O *Imperador de Jade* era gigantesco, com pelo menos uma dúzia de conveses, cada um em cima do outro, com duas chaminés soltando fumaça lá em cima. A parte baixa do navio era pontuada por uma longa fila de escotilhas que pareciam minúsculas, porém mais acima havia grandes janelas deslizantes, que provavelmente davam em salas luxuosas para os multimilionários a bordo. O *Imperador de Jade* era totalmente branco, fora as chaminés que eram de um verde vivo. Tripulantes, também em branco impecável, andavam rapidamente pelos corredores, limpando os conveses e polindo os corrimões de latão como se fosse vital que o navio tivesse a melhor aparência possível antes da permissão de zarpar.

Scarlett examinou o ambiente ao redor. O navio estava à sua esquerda, bloqueando a visão de Hong Kong, com uma única

prancha de embarque inclinada, no centro. À direita, por toda a extensão do cais, havia um prédio de dois andares cheio de bandeiras. Eram os fundos do Harbour City, o shopping center que ela havia acabado de visitar. Entre os dois ficava uma tira de concreto com cerca de dez metros de largura, que todos teriam de atravessar se quisessem ir a bordo.

O caminho era bloqueado por uma série de cercas de metal que forçavam os passageiros a serpentearem até um ponto de controle onde meia dúzia de homens uniformizados checava os passaportes e as fichas de embarque. O sol estava começando a se pôr, e, apesar de ainda rebrilhar na água e se refletir nos corrimões do navio, a passarela propriamente dita estava na sombra. Então era isso. Cinco minutos e talvez cinquenta passos separavam Scarlett da liberdade. Assim que estivesse a bordo do *Imperador de Jade*, tudo terminaria. Matt estava esperando por ela. A ajuda finalmente havia chegado. Ela zarparia e nunca mais veria Hong Kong.

A mulher que agia como mãe de Scarlett, a Sra. Sung, disse algo e pegou sua mão. Scarlett segurou-a e começou a andar na direção da barreira. Ninguém os impediu. Ninguém ao menos pareceu olhar para eles. Passaram por um restaurante com vitrines que iam do chão ao teto, mesas e guarda-sóis do lado de fora. Era tarde demais para o almoço e muito cedo para o jantar, de modo que não havia quase ninguém ali, mas, à medida que continuavam andando, Scarlett viu um homem de cabelos grisalhos e óculos, tomando um copo de cerveja. Ele estava parcialmente obscurecido pela vitrine, mas havia algo de familiar no modo como se sentava, até mesmo no modo como segurava o copo. Ela parou.

Era Paul Adams.

Talvez, se não tivesse parado tão abruptamente, ele não a tivesse notado. Mas agora levantou os olhos e encarou-a. Mesmo então poderia não tê-la reconhecido. Porém eles haviam feito contato visual. Foi isso que provocou o resultado. Mesmo com os óculos e as

lentes de contato, as roupas estranhas e o cabelo curto, os dois se conectaram.

E Scarlett ficou feliz em vê-lo. Durante a semana anterior, estivera preocupada com ele, imaginando se estaria morto ou vivo. Tinha odiado a ideia de sair de Hong Kong sem que ele soubesse e, se houvesse algum modo de alertá-lo quanto ao que estava acontecendo, faria isso. Esta era sua oportunidade. Não podia simplesmente deixá-lo para trás.

Um segundo depois, ele saiu intempestivamente do restaurante para o cais. Ainda não tinha certeza se era mesmo ela. O disfarce era bom demais. Mas então ela sorriu e ele veio para perto, com o rosto que era uma mistura de perplexidade e alívio.

— Scarly... é você?

Scarlett sentiu a Sra. Sung se enrijecer ao lado. O Sr. Sung parou, o rosto cheio de alarme. Nenhum dos guardas no controle de passaportes tinha visto. Turistas passavam dos dois lados, pegando os documentos à medida que se aproximavam da cerca. Scarlett sabia que precisava ser rápida. Estava arriscando tudo simplesmente ao falar com ele, mas não se importava. Sentia um alívio gigantesco. Seu pai estava vivo.

— Scarly...? — Paul Adams disse seu nome de novo, espiando-a, tentando ver através do disfarce.

— Pai... — sussurrou Scarlett. — Não podemos falar. Você tem que ir embora de Hong Kong. Estamos numa situação terrível...

Não terminou a frase.

Para seu horror, Paul Adams a agarrou, levantando sua mão como se quisesse mostrá-la. O rosto dele estava cheio de empolgação — e alguma outra coisa. Parecia demente. Havia uma espécie de terror em seus olhos. Era como alguém que tivesse acabado de cometer um assassinato.

— É ela! — gritou ele. — Eu a peguei! Ela está aqui!

— Não, papai...

Mas já era tarde demais. Os policiais uniformizados tinham ouvido. Já iam na direção deles. Os turistas haviam parado de se mover e, num instante, Scarlett viu que metade deles não eram turistas. Começaram a se aproximar, os rostos vazios, os olhos brilhando de triunfo. Mais pessoas apareceram, jorrando para fora do shopping center. Cabelos desgrenhados. Pele branca e morta. Bocas abertas frouxas. Dezenas. E as moscas. Explodiram no ar como um gêiser escuro e se espalharam num enxame.

— Papai... o que você fez?

Ele se agarrou a ela, uma das mãos em seu pulso, a outra em volta do pescoço, estrangulando-a. O Sr. e a Sra. Sung ficaram paralisados, depois tentaram fugir. A mulher foi a primeira a ser derrubada. Um dos turistas a agarrou. Alguns segundos antes, ele parecia um avô, um inglês desfrutando da aposentadoria. Mas a máscara havia escorregado. Estava rindo e seus olhos chamejavam. Ele a estava segurando com uma força terrível, os dedos em gancho gadanhando o rosto dela, forçando-a a se ajoelhar. Então todos estavam em cima. A Sra. Sung desapareceu numa multidão que agora se movia como uma única criatura gigante. O Sr. Sung havia sacado uma arma. Apontou-a para um dos policiais que se aproximavam e disparou. A bala acertou o policial no rosto, abrindo um buraco enorme em sua bochecha, mas ele nem se abalou. Continuou vindo. O Sr. Sung disparou uma segunda vez, agora direto no peito do homem. Sangue jorrou, mas o policial continuou vindo. O Sr. Sung estava preso. Não tinha para onde correr. Scarlett o viu enfiar o cano da arma na própria boca. Fechou os olhos um segundo antes de ele atirar.

Agora era fácil ver quem eram os turistas de verdade. Estavam gritando, histéricos, largando as compras e se espalhando pelo cais, sem saber o que acontecia, não querendo fazer parte daquilo. Uma mulher com casaco de pele escorregou e caiu. Foi imediatamente pisoteada pelo resto da multidão que tentava passar. Dois homens

foram derrubados no espaço estreito entre o navio e o cais. Scarlett os ouviu bater na água e duvidou que algum deles conseguisse subir de novo.

Seu pai ainda a estava segurando. Não podia acreditar no que ele havia feito. Tinha dito deliberadamente que ela estava ali. Estivera esperando por ela o tempo todo. E ela o havia ajudado. Existia uma armadilha final, e Scarlett acabou caindo nela.

— Sinto muito, Scarly — dizia ele. — Tive de fazer isso. Era o único modo. Eles prometeram que não vão machucar você, e minha recompensa, a recompensa para nós dois, é que vamos ser ricos! Você não faz ideia de quanto poder eles têm. E vamos fazer parte disso... do novo mundo deles.

Claro que ele estivera naquilo o tempo todo. Ele trabalhava para a Crepúsculo. Tinha chamado Scarlett para ir até lá, tinha feito com que ela deixasse a escola sem dar explicações. Estivera escondido em algum lugar perto, deixando-a na mão deles. E finalmente fora posicionado ali, para o caso de ela tentar entrar no navio.

Scarlett pensou em todas as pessoas que tinham tentado ajudá-la, em todas as pessoas que haviam morrido por sua causa. O Sr. e a Sra. Sung tinham passado só alguns minutos com ela, mas isso era o bastante. Ela havia matado os dois.

Ouviu aquele homem patético — que continuava falando sem parar — e cuspiu no rosto dele.

Então alguém a agarrou por trás. Era Karl. Não sabia de onde ele tinha vindo, mas o chofer era incrivelmente forte. Levantou-a no ar, depois baixou-a com força. Sua cabeça bateu no concreto com tanta violência que ela achou que o crânio devia ter estourado. Um raio de pura dor rasgou sua visão.

Nos últimos instantes de consciência, viu toda uma série de imagens passando diante da vista como uma apresentação de slides descontrolada. Lá estava Matt, o garoto que ela nunca havia encontrado no mundo real, indo para Macau. Ali estavam os outros

três — Scott, Jamie e Pedro — olhando-a impotentes. Lá estava a praia onde ela estivera noite após noite. E lá, de novo, estava o letreiro em néon com um símbolo que parecia um triângulo e duas palavras.



SINAL OITO

As letras piscavam na escuridão, e, olhando através delas, Scarlett viu o presidente, Audrey Chen, o padre Gregory e, por um último e breve momento, seu pai.

— Ele está vindo — conseguiu sussurrar para eles.

Então a escuridão veio num jorro, golpeando-a como um trem expresso, e, nesse momento, Scarlett sentiu algo se destrancar dentro dela. Era como uma janela sendo despedaçada e soube que nunca mais seria a mesma.

E, a oitocentos quilômetros dali, num lugar chamado Estreito de Luzon, entre a Tailândia e as Filipinas, o dragão a ouviu. Ele estava lá porque ela o havia convocado. O dragão estivera dormindo nas profundezas do oceano, mas lentamente abriu um olho.

SINAL NOVE



As letras ardiam em néon brilhante. Tinha um símbolo, uma ampulheta, e Scarlett quase quis gargalhar porque soube o que aquilo dizia. O tempo acabou. A contagem regressiva havia começado.

O dragão começou a se mexer. Nada podia ficar em seu caminho.

Ia na direção de Hong Kong.

O diário de Matt (3)

Acho que não vou poder escrever muito mais neste diário. Não é fácil juntar todas essas palavras e, de qualquer modo, de que adianta? Quem vai ler? Richard achou que era uma boa ideia, mas, na verdade, só serve para preencher o tempo.

Não acredito que finalmente chegamos a Macau. Jamie está dormindo, exausto com a diferença de fuso horário depois de outro voo atravessando o mundo, e Richard está no quarto ao lado. Dentro de uma hora vamos encontrar um homem chamado Han Shan-tung, que pode nos ajudar a entrar em Hong Kong. Esperamos quase uma semana que ele aparecesse, e só espero que não tenhamos desperdiçado o tempo. Não temos nenhuma ideia do que está acontecendo com Scarlett, se está viva ou morta. Harry Foster, o australiano dono de jornais que estava na reunião do Nexo, mandou alguém para se encontrar com ela — um secretário. Talvez ele tenha conseguido descobri-la, mas não ficamos sabendo. O secretário sumiu... presumivelmente está morto.

Os Antigos estão lá, esperando minha chegada. De certa forma, é extraordinário que tenham conseguido se manter ocultos, mas este sempre foi o seu estilo. Quando eu estava em Yorkshire, eles atuavam através de Jayne Deverill e dos moradores de Pequeno Mailing. No Peru, era Diego Salamanda. Agora é a Corporação Crepúsculo. Eles gostam que as pessoas façam seu trabalho sujo, e, quando a guerra finalmente irromper, como eu sei que acontecerá, acho que só vão se revelar no final. E então será tarde demais. Terão vencido.

Talvez os cinco dias que passamos em Londres tenham valido a pena, afinal de contas. Jamie se divertiu vendo os lugares turísticos, e, no fim das contas, gostei de estar com ele. O Palácio de Buckingham, o London Eye, a Harrods, a Torre de Londres. Richard nos manteve ocupados, talvez porque quisesse afastar nossa mente do que estava por vir. Também falamos com Pedro e Scott em Vilcabamba, pelo telefone via satélite. Pedro está preocupado com Scott. Ele ainda parece distante, como se nem estivesse do nosso lado. Sei que ele está com raiva por eu tê-lo separado de Jamie, mas ainda acho que foi uma boa ideia. Ele ainda não está pronto.

E depois o voo. De Londres para Cingapura e, depois, de Cingapura a Macau. Estou cansado demais para dormir. Quando terminar isso, vou tomar outro banho. Frio, desta vez. Talvez me acorde.

Não sei o que pensar de Macau. Se alguém tivesse me perguntado há seis meses, eu nem poderia apontar o lugar no mapa. Não tinha ouvido falar. Por acaso é um naco de terra com apenas dezesseis quilômetros de uma ponta à outra. E é atulhado com alguns dos prédios mais esquisitos que já vi. O terminal de balsas, por exemplo. Se você estiver vindo de Hong Kong pelo aerobarco, é o primeiro prédio que verá, e vai pensar que poderiam ter construído aquilo de um jeito mais receptivo. Não é. É uma laje de concreto branco rodeada por viadutos. É monótono e feio.

Mas depois você chega aos cassinos e pensa que pousou em outro planeta. Macau ganha dinheiro com o jogo... corrida de cavalos, de cães, vinte-e-um e roleta. Os cassinos não se parecem com nada que eu já tenha visto. Um deles é todo dourado, como um pedaço de metal dobrado ao meio. Há outro que parece uma espécie de bolo de aniversário maluco. O maior e mais espetacular me lembrou uma flor gigante. Era cinco vezes maior do que qualquer outra coisa na cidade. Dei um mau jeito no pescoço tentando ver o topo.

A parte velha de Macau era melhor. Richard me disse que ela já pertenceu aos portugueses, e mostrou a influência deles em alguns palácios com suas colunas, arcadas e sacadas se projetando sobre a rua. Mas mesmo assim era meio sem graça. O tráfego e as multidões eram de chineses. Os

prédios mais antigos pareciam em melhor condição do que os mais novos, todos sujos e caindo. Os portugueses haviam construído praças e fontes bonitas. Depois os chineses chegaram e acrescentaram cassinos, lojas e prédios de apartamentos com quarenta ou cinquenta andares. E agora todos eram grudados uns nos outros, como vizinhos briguentos.

Jamie também ficou desapontado.

— Uma vez li um livro sobre a China — disse ele. — Foi na casa onde a gente ficou em Salt Lake City. Nunca li muito, mas tinha dragões e mágicos e eu pensei que devia ser um lugar bem maneiro. Acho que o livro estava errado...

Fomos recebidos no aeroporto por um rapaz chinês carregando um enorme buquê de flores brancas. Isso era meio esquisito, mas era o sinal que haviam nos dado para reconhecê-lo. Ele largou as flores imediatamente. Havia um Rolls Royce parado do lado de fora, com a placa HST 1*. Notei que estava parado numa área onde era proibido estacionar, mas ninguém o multou. De modo que isso me disse alguma coisa sobre Han Shan-tung. Ele gosta de se mostrar.*

A viagem desde o aeroporto levou cerca de meia hora. Estava caindo um aguaceiro, o que certamente não fazia Macau parecer melhor. Felizmente, a chuva diminuiu um pouco quando chegamos.

E onde estamos agora?

O motorista parou diante de uma escadaria larga que subia entre dois muros de aparência antiga, pintados de amarelo. Os degraus eram decorados com um mosaico preto e branco e havia palmeiras miniaturas crescendo em canteiros bem arrumados, na lateral. Atrás dos muros cresciam árvores. Ainda tinham folhas, enchendo o céu e bloqueando qualquer visão das lojas e apartamentos. Era como andar por um parque. O motorista saiu do carro e sinalizou para irmos atrás. Pegamos as malas e subimos a metade da escadaria até chegarmos a um portão de metal que se abriu quando nos aproximamos.

Do outro lado não era um parque. Era um jardim particular com pátio, uma fonte de mármore que fora desligada e, atrás, uma casa incrível de

verdade, construída em estilo espanhol. A casa era pintada de amarelo, como o muro, com postigos verdes nas janelas e uma sacada no primeiro andar. Parecia um pouco uma embaixada, um lugar onde você normalmente não poderia entrar. Parecia pertencer a um mundo próprio. Ficava bem no meio de Macau e, ao mesmo tempo, parecia não pertencer a ela.

— Tremendo lugar — disse Richard.

O motorista sinalizou e nós entramos.

A porta da frente também se abriu quando andamos até ela. Uma mulher esperava do outro lado. Era algum tipo de empregada, usando um vestido preto e comprido com blusa branca abotoada até o pescoço. Fez uma reverência e sorriu.

— Bem-vindos à casa do Sr. Shan-tung. Espero que tenham feito uma boa viagem. Por favor, venham por aqui. Vou levá-los aos seus quartos. O Sr. Shan-tung os convida a jantar com ele às oito horas.

Era uma das casas mais lindas que eu já vi. Tudo era simples, mas arrumado para causar o máximo de efeito, de modo que um único vaso numa prateleira, sob um ponto de luz, fazia a gente saber que era Ming ou algo do tipo, e provavelmente valia um milhão de libras. Os pisos eram de madeira encerada, os tetos de altura dupla, as paredes limpas e brancas. Quando subimos, passamos por pinturas de artistas chineses. Eram muito simples e limpas e provavelmente também custavam uma fortuna.

Todos tínhamos quartos que davam para o jardim, no mesmo andar; Jamie e eu ficamos juntos, Richard num quarto separado. As camas já haviam sido preparadas, com lençóis que pareciam novos em folha. Havia uma TV e uma geladeira cheia de Coca e suco de frutas. Era como um hotel cinco estrelas, mas (como disse Richard) esperávamos que sem a conta.

Estávamos sujos e cansados depois de tanta viagem, e Jamie e eu jogamos cara ou coroa para ver quem tomava banho primeiro. Eu ganhei e fiquei nu num cubículo que teria tamanho suficiente para dormir, com água quente vindo em jatos de nove direções diferentes. Havia roupões atoalhados para vestir na saída. Jamie foi em seguida. Estava dormindo mesmo antes de se enxugar.

Eu gostaria de ter dormido.

Estive pensando um bocado na biblioteca que visitei. Será que tomei a decisão certa? Não li o livro e estou começando a desejar que tivesse lido. Neste momento, estou a 45 minutos de Hong Kong e não faço ideia do que encontrarei lá. O livro teria contado. Poderia ter me alertado para não ir.

Mas também poderia me dizer quando e como minha vida vai terminar — e quem quer ler esse tipo de coisa?

Isso faz com que eu pense num jogo de computador que eu curtia quando morava em Ipswich. Era uma aventura, uma série de desafios que levavam a gente por uma variedade de mundos. Pouco depois de eu conhecer Kevin, ele me mostrou como baixar da internet um modo de enganar o jogo. O plugin me dava todas as respostas. Isso tirou todo o mistério. De repente, eu sabia tudo que queria — mas o estranho é o seguinte: nunca mais brinquei com o jogo. Não me interessava mais.

Por que o bibliotecário me mostrou o livro? O que estaria tentando dizer? E, por sinal, quem era ele? Ele nem me disse como se chamava. Quando penso, o mundo de sonhos realmente me irrita. Ele deveria nos ajudar, mas só dá charadas e pistas. Sei que ele é importante para o que vai acontecer, que está ali por algum motivo. Um dia, talvez, eu descubra qual é o motivo.

Já escrevi bastante. São vinte para as oito. Hora de acordar Jamie e conhecer nosso anfitrião. Han Shan-tung.

Hong Kong está esperando por nós. Está lá, nas trevas, mas posso sentir o chamado.

Logo logo vou chegar.

O senhor da montanha

Han Shan-tung era um dos homens mais impressionantes que Matt já vira. Parecia um Buda de bronze num templo chinês. Tinha a mesma presença, o mesmo sentimento de poder. Não era exatamente gordo, mas era muito sólido, como um lutador de sumô. Dava para imaginá-lo quebrando cada um dos seus dedos quando você apertasse a mão dele.

O cabelo era preto. O rosto redondo, com lábios grossos e olhos duros, atentos. Vestia-se com elegância, um terno obviamente caro, talvez de seda. Os dedos, pousados na mesa à frente, eram bem cuidados e ele usava uma fina aliança de casamento, de prata. Havia um maço de cigarros e um isqueiro de ouro numa mesa ao lado... talvez fosse seu único vício. Mas nenhum dos hóspedes lhe faria um sermão sobre o fumo. Tudo no sujeito, até o modo como ficava ali sentado — imóvel e silencioso — sugeria que não era alguém com quem se discutisse. Era alguém acostumado a ser obedecido.

No entanto, seus modos eram bastante agradáveis.

— Boa-noite — disse. — Por favor, sentem-se. — Seu inglês era perfeito. Cada palavra era bem articulada e precisa.

Estava sentado na sala de jantar, na cabeceira de uma mesa comprida que poderia acomodar dez pessoas, mas que fora arrumada somente para quatro. A sala era elegante, como o resto da casa, com janelas que iam do chão ao teto dando para um terraço de tábuas e vista do jardim mais adiante. Richard, Matt e Jamie ocuparam seus lugares. Imediatamente uma porta lateral se abriu e

duas mulheres apareceram, servindo água e abrindo os guardanapos.

O homem esperou até que elas tivessem saído.

— Meu nome é Han Shan-tung — anunciou.

— Sou Richard Cole. — Richard se apresentou, depois apresentou os garotos. Já havia decidido que usaria os nomes que estavam nos passaportes. — Este é Martin Hopkins. E Nicholas Helsey.

— Eu diria que este era Matthew Freeman e este Jamie Tyler— murmurou Shan-tung. — E acrescentaria que é descortês mentir para um homem em sua própria casa. Mas vou desconsiderar isso, porque sei que estão nervosos. Deixe-me garantir, Sr. Cole: sei tudo sobre vocês três. Na verdade, mais do que vocês talvez saibam sobre si mesmos. Caso contrário, não estariam aqui.

— E nós não sabemos nada sobre o senhor — respondeu Richard. — Por isso precisamos ter cuidado.

— Muito sensato. Bem, será meu prazer esclarecê-los. Mas, primeiro, vamos comer.

Como se ouvissem a deixa, as duas mulheres retornaram trazendo pratos de comida. Em silêncio, serviram um jantar chinês. Era totalmente distante dos bolinhos fritos, gordurosos e agridoces que Matt já havia comprado na lanchonete para viagem em Ipswich. O jantar vinha em cerca de uma dúzia de tigelas de louça — peixe, carne, arroz, macarrão — e obviamente fora preparado por um chefe de cozinha de classe internacional. Matt ficou feliz em ver que tinha recebido uma colher e um garfo. Han Shan-tung comia usando hashi.

— Devo pedir desculpas — disse ele. Não houve amenidades. Ele não perguntou sobre a viagem ou o que achavam dos quartos. — Negócios urgentes me levaram aos Estados Unidos. Isso aconteceu num tempo ruim, porque atrasou a chegada de vocês aqui. Infelizmente, tenho más notícias. Eu havia esperado que o objeto de

sua viagem estivesse sentado aqui conosco. Estou me referindo à garota, Lin Mo. — Ele continuou rapidamente, antes que Richard pudesse impedir. — Vocês a chamam de Scarlett Adams. Mas eu me refiro a ela pelo nome que lhe foi dado antes de ser adotada e levada ao ocidente.

— Como o senhor sabe sobre Scarlett? — perguntou Richard.
Shan-tung se inclinou adiante e pegou um camarão num dos pratos. Apesar das mãos grandes, ele usava os hashi com muita delicadeza, como um cientista manuseando um espécime.

— Sei muita coisa sobre a garota — respondeu ele. — O fato é que ela estava com meus agentes em Hong Kong ontem mesmo. Gastei muito tempo e dinheiro, para não falar em vidas humanas, tentando retirá-la da cidade.

Matt repassou o que Shan-tung havia dito e percebeu que isso confirmava exatamente o que havia pensado.

— Os Antigos estão em Hong Kong — disse.

— Os Antigos dominaram Hong Kong — respondeu Shan-tung. — Controlam praticamente todos os aspectos da cidade. Desde o governo e a polícia até os varredores de rua. Não sei quantas pessoas eles mataram, mas o número deve ter chegado aos milhares. Meu pessoal esteve lutando contra eles, por vocês. Somos a única resistência que contínua existindo.

— Quem é seu pessoal? — perguntou Richard.
Shan-tung suspirou.

— Não é necessário ficar perguntando essas coisas. Vou contar de qualquer modo.

— Desculpe. — Richard percebeu seu erro. — Acho que é um hábito. Eu era jornalista.

— Não gosto de jornalistas. Não é nada pessoal, mas eles me causaram problemas no passado. Sugiro que continue comendo. Vou contar tudo que *vocês precisam saber*.

Han Shan-tung mal havia comido, mas pousou os hashis e começou a falar.

— Tenho a honra muito considerável de ser membro de uma organização chamada Pah Lien. Isso pode ser traduzido como Sociedade do Lótus Branco. Talvez vocês tenham observado uma pista que lhes mandei no aeroporto. O homem que os recebeu estava segurando um buquê de lírios. O lírio faz parte da família do lótus. Minha sociedade é muito antiga. Foi fundada no século IV para resistir aos invasores estrangeiros conhecidos como mongóis, que na época governavam a China. O objetivo da Lótus Branco permaneceu o mesmo nos quatro séculos seguintes: ajudar o povo chinês a lutar contra a tirania e a opressão.

"Mas, com o passar dos anos, aconteceu uma coisa muito interessante. A Sociedade do Lótus Branco mudou. Será difícil vocês entenderem a natureza dessa mudança, portanto deixem-me explicar me referindo a um personagem da história de vocês. Tenho certeza que conhecem Robin Hood. Ele *roubava* dos ricos e dava aos pobres. Era um herói dos camponeses na Floresta de Sherwood. Mas, para as autoridades, era um fora da lei, um criminoso. Eles o enforcariam se pudessem.

"Nos primeiros tempos, a Sociedade do Lótus Branco atuava mais ou menos do mesmo modo. Na verdade, talvez seja interessante saber que a sociedade tinha um lema: *Ta fu — chih p'in*. Isso pode ser traduzido como "golpear os ricos e ajudar os pobres". Mas havia uma diferença crucial. À medida que os anos passavam, a Lótus Branco descobriu que estava gostando e se beneficiando da natureza criminosa de suas atividades. Além disso, ela era notavelmente bem-sucedida no mundo do crime organizado. Continuava a roubar dos ricos, mas, à medida que seus sócios também ficavam ricos, passou a dar cada vez menos aos pobres. Também mudou de nome. Passou a ser conhecida como Sociedade Unida Três. Havia um motivo para isso. A Lótus Branco acreditava que o mundo era feito de três partes

diferentes: o céu, a terra e a humanidade. Por isso, seus membros tinham um triângulo tatuado no corpo. O triângulo aparecia nas bandeiras deles. E no fim passaram a ser conhecidos simplesmente como Tríades."

Houve um longo silêncio. Matt tinha ouvido falar nas Tríades, as quadrilhas de criminosos que atuavam por toda a Ásia. Eram traficantes de drogas. Estavam envolvidos em contrabando de pessoas, prostituição, extorsão e assassinato. Torturavam ou matavam qualquer um que entrasse no seu caminho. Eram tão brutais quanto poderosos. E esse homem estava admitindo calmamente que era um deles! Olhou para Jamie. O garoto americano estava escutando com educação. Não parecia em choque com o que tinha ouvido. Richard, por outro lado olhava boquiaberto.

— Vejo que vocês estão consternados — observou Shan-tung. — E antes que faça uma de suas perguntas bobas, senhor Cole, vou responder. Sim, sou um criminoso. Mais do que isso, sou o que é conhecido como *Shan Chu*, o Senhor da Montanha. Isso significa que sou líder supremo de minha Tríade. Não posso dizer quantas pessoas assassinei para chegar aonde estou, mas, numa avaliação conservadora, eu diria que foram umas 25. Sei que sou procurado em exatamente nove países, inclusive no Reino Unido e nos Estados Unidos, e teria sido preso há muito tempo se não tivesse pagado às pessoas certas um bocado de dinheiro para me deixarem em paz.

"Agora vocês estão imaginando se deveriam estar sentados à minha mesa, comendo minha comida. Estão se perguntando por que eu gostaria de ajudá-los em sua luta contra os Antigos. Estão pensando, talvez, que seria mais natural que eu estivesse do lado deles. Mas estariam errados."

"Até muito recentemente, eu controlava o crime em Hong Kong. Tenho, por exemplo, laboratórios de heroína em Kowloon e nos Novos Territórios. Tenho cassinos ilegais e lojas de apostas por toda a ilha. Imigrantes da China pagavam cinco mil dólares de cada vez

para eu ajudá-los a atravessar a fronteira ilegalmente. A chegada dos Antigos mudou tudo. Eles não têm interesse pelo lucro. Não querem fazer negócios. Só querem destruir tudo ao redor, e isso inclui as Tríades. Eles são tão meus inimigos quanto de qualquer pessoa, a única diferença é que tenho meios de lutar. Há uma certa ironia, não acha? Sou indubitavelmente um homem mau. Mas um mal ainda maior entrou no meu caminho e agora sou obrigado a fazer o bem.

"Assim, usei todos os meus recursos em Hong Kong para montar uma resistência. Tenho prédios. Tenho pessoas. Tenho armas... não que sejam de muita utilidade contra criaturas que podem tomar forma a partir de moscas. Acima de tudo, tenho determinação. Não serei derrotado pelos Antigos. Eles podem destruir o mundo. Mas não vão me destruir."

— Estou surpreso porque os Antigos não pediram para o senhor trabalhar para eles — disse Richard.

— Por acaso, eles pediram que eu os servisse. A Corporação Crepúsculo me abordou há exatamente um ano. Mas o Senhor da Montanha não serve a ninguém. Eu mencionei 25 vítimas. O homem que fez essa pergunta deve ter sido a vigésima quinta.

— Posso fazer uma pergunta? — indagou Matt.

— Você tem minha permissão — respondeu Shan-tung. — Mas devo alertar que logo terei uma pergunta a lhe fazer e espero que você possa dar a resposta certa.

Matt não gostou disso, mas mesmo assim foi em frente:

— Como o senhor sabe sobre Scarlett? E por que a chamou de Lin Mo?

— A Sociedade do Lótus Branco sempre soube sobre os Guardiões. Você deve se lembrar de que, nos primeiros tempos, há quase dois mil anos, éramos, para todos os objetivos, uma ordem religiosa. Ainda somos. Isso significa que somos mantenedores de muitos segredos... textos sagrados e crenças antigas. Mesmo quando começamos a nos dedicar exclusivamente ao crime, permanecemos

fiéis a nós mesmos. Os segredos foram passados de geração em geração. E acho que sempre soubemos que um dia seríamos chamados a retornar às origens, a pegar de novo a espada.

"Quanto à segunda parte da pergunta, relativa a Lin Mo, ainda não estou preparado para dizer. Preciso ser convencido de que posso confiar em vocês, e isso ainda não aconteceu. No entanto, posso dizer que ela nasceu num lugar chamado Meizhou. Sempre soubemos que os Antigos iriam retornar e procurá-la... que ela era um dos Guardiões. Portanto, arranjamos para que ela fosse adotada e levada para o ocidente. Queríamos que ela estivesse o mais distante possível daqui. Esperávamos que ficasse em segurança."

— Não deu certo.

Shan-tung deu de ombros.

— Fizemos tudo o que pudemos para protegê-la. Não foi por nossa culpa que os Antigos a encontraram. Na verdade, se a culpa for de alguém, é dela. Mesmo assim, você está certo. Os Antigos a encontraram e trouxeram de volta.

— Vocês tentaram tirá-la de Hong Kong — disse Jamie. Ele não havia comido muito, absorvido no que era contado.

— Scarlett foi mantida sob guarda desde o instante em que chegou — explicou Shan-tung. — Com grande dificuldade conseguimos passar uma mensagem para ela. Meu agente de maior confiança em Hong Kong, um homem chamado Lohan, entrou em contato com ela e conseguiu que o alterador de forma que a estava guardando fosse morto. Levou-a a um lugar seguro onde esperávamos mantê-la escondida, mas, infelizmente, de novo não por nossa culpa, ela foi encontrada outra vez. Como mencionei, várias pessoas minhas morreram. No entanto, Lohan conseguiu levá-la para um dos nossos armazéns e planejou tirá-la num navio de cruzeiro. Isso foi ontem. O plano falhou por motivos que ainda não estão claros. Agora ela é prisioneira deles.

— E o que faremos agora? — perguntou Jamie. — Como vamos pegá-la de volta?

O Senhor da Montanha se serviu de um copo d'água de uma jarra de cristal e bebeu.

— Jamie e eu podemos ir a Hong Kong — disse Matt. — Podemos encontrá-la...

— Se forem a Hong Kong, estarão fazendo exatamente o que eles querem. Eles estarão esperando por vocês e, mesmo que não os matem, já que isso não faz parte dos planos deles, vão mantê-los com tanta dor que vocês vão desejar constantemente a morte.

— Não podemos simplesmente deixá-la.

— Talvez não tenham escolha.

— Não, senhor Shan-tung — disse Matt. — O senhor não acredita nisso. Caso contrário, por que teria me convidado? — Matt olhou direto nos olhos dele. — O senhor vai nos ajudar a entrar em Hong Kong. O senhor já disse que tem gente lá. Pode dar um jeito de nos mandar. Nós podemos encontrar Scarlett. E podemos sair de lá antes que os Antigos saibam o que aconteceu.

Han Shan-tung pousou o copo.

— Eu posso ajudar. Mas, como mencionei antes, ainda há uma pergunta que você precisa responder.

— E qual é?

— Por natureza, sou um homem muito cauteloso. Já disse que matei 25 vezes. O que deveria ter acrescentado é que tem havido muitas tentativas contra minha vida. Vocês estão na minha casa por recomendação do meu amigo, o Sr. Lee. Eu confio nele. Ele já me foi útil no passado, e definitivamente acredita que você e o garoto americano são quem dizem ser.

— Esta é a sua pergunta?

— Exatamente. Como posso ter certeza que você é um dos Cinco?

Matt pensou por um momento. Depois, apontou para a jarra de cristal. Nem precisou pensar mais nisso. A jarra foi tirada

instantaneamente da mesa. Caiu no chão e se despedaçou. Shan-tung piscou. Foi sua única reação. Mas depois sorriu lentamente.

— Um divertido truque de magia. Mas não basta. Não questiono suas capacidades. É sua identidade que desejo saber.

— Vou ler sua mente — disse Jamie. — O senhor diz que sabe tudo sobre nós. Em dez segundos, posso lhe dizer ainda mais sobre o senhor mesmo.

— Eu recomendaria que você ficasse fora da minha mente — disse Han Shan-tung. E se virou para Matt. — Há um teste, pode dizer que é uma prova, que vai garantir sem qualquer dúvida que vocês são quem dizem ser. Só um de vocês precisa fazê-la. Mas devo alertar que o fracasso causará grande dor e talvez até mesmo a morte. O que acha?

Matt deu de ombros.

— Precisamos da sua ajuda. Viajamos muito para consegui-la. Se não há outro modo...

— Não há.

— Matt... — murmurou Richard.

— Então vamos em frente — disse Matt. — Que teste o senhor tem em mente?

Han Shan-tung ficou de pé.

— Chama-se a escada de espadas. — Ele indicou uma porta no fundo da sala. — Por favor... venham.

A escada de espadas

Matt se levantou e seguiu Han Shan-tung. Richard e Jamie foram atrás. Passaram pela porta entrando num corredor comprido, todo de madeira polida, mas sem qualquer decoração. Havia uma segunda porta na outra extremidade.

Esta se abria numa sala grande e quadrada que não parecia pertencer ao resto da casa. Fez com que Matt se lembrasse de uma capela ou talvez uma sala de concerto que poderia acomodar confortavelmente cinquenta ou sessenta pessoas. As paredes eram simples e forradas de madeira, combinando com o corredor de fora, e havia bancos arrumados em três dos lados. O quarto era escondido por uma cortina vermelho-escura que fora fechada, talvez escondendo um palco. Acima da cortina havia uma galeria, mas era alta, feita de modo a tornar impossível dizer, do térreo, o que ela continha.

— Você está dentro de uma loja da Tríade — explicou o Sr. Shan-tung. — E deve se considerar muito privilegiado. Apenas membros da Tríade e os iniciados têm permissão de entrar aqui, e, normalmente, qualquer pessoa de fora seria morta instantaneamente. Nós nos reunimos neste lugar no dia 25 de cada mês chinês. Há uma entrada separada, a partir da rua. Talvez vocês se interessem em saber que uma cerimônia de iniciação dura seis horas. O novo recruta deve responder a 333 perguntas sobre a sociedade. Ele aprende apertos de mão secretos e sinais de

reconhecimento. Uma mecha de seu cabelo é tirada e ele assina o nome em sangue.

— Na verdade, eu não estava pensando em entrar para a sociedade — murmurou Richard.

Felizmente, Shan-tung pareceu não ter ouvido.

— Falo dos rituais para lembrar que a Sociedade do Lótus Branco é muito antiga — continuou ele. — As coisas mudaram nos tempos modernos, claro. Há novecentos anos, os iniciados bebiam o sangue uns dos outros, misturado com vinho. E há outra parte da cerimônia que caiu em desuso. Quando a China foi escravizada por Kublai Kahn, dizem que a sociedade procurou um líder, o único homem que poderia libertá-la. Esse homem seria conhecido como o Messias Budista e se mostraria através de um sinal...

Ele atravessou a sala e puxou uma corda que abriu a cortina. Jamie ofegou. Matt deu um passo adiante. A princípio, achou que estava olhando uma estranha escada que levava ao balcão acima, mas depois percebeu que ela era feita de espadas antigas, cada uma polida até brilhar, presas numa estrutura de arame com os gumes das lâminas virados para cima. Teoricamente, seria possível subir. Mas ele duvidou. Assim que a pessoa pusesse o peso do corpo numa espada, cortaria o pé ao meio. Mesmo que fosse bastante leve, a subida até o topo seria uma agonia. Era um longo caminho até o balcão. Matt contou dezenove degraus. Dezenove chances de se cortar.

— No meu tempo como Senhor da Montanha, três iniciados disseram que eram o Messias Budista — explicou Shan-tung. — Pediram minha permissão para subir a escada e eu fiquei satisfeito em dar. Assistir às tentativas foi uma experiência fascinante. Um deles quase conseguiu chegar ao topo antes de desmaiar. Infelizmente, quebrou o pescoço na queda.

— E os outros dois? — perguntou Matt.

— Um cortou os dedos da mão esquerda no primeiro degrau e optou por não continuar. O outro sangrou até a morte.

— Isso é insano! — Richard não conseguiu se conter mais. — Matt não diz que é o seu Messias Budista ou sei lá como o senhor quiser chamar.

— Ele está afirmando que é um dos Guardiões. Se é mesmo, não tem o que temer.

— E se dissermos que não? E se nos recusarmos a realizar seu truquezinho de festa?

— Então não irei ajudá-los. Vocês irão embora de Macau. E a garota vai morrer, lentamente, solitária.

Richard xingou baixinho. Jamie avançou e parou junto de Matt.

— Não me importo em fazer uma tentativa — disse ele baixinho.

— Obrigado, Jamie — respondeu Matt. — Mas eu trouxe vocês aqui. Acho que essa tarefa é minha...

Ele deu um passo mais para perto, mas Richard estendeu a mão.

— Esqueça, Matt! — disse ele. — Não precisa fazer isso. Há muitos modos de entrarmos em Hong Kong sem a ajuda desse maníaco.

— Não podemos ir sozinhos — respondeu Matt. — Um de nós tem de tentar...

— Você vai se cortar em pedaços.

— Depois do primeiro dedo, eu prometo que paro.

Ele foi até a escada. Qualquer esperança de que ela não fosse tão perigosa quanto parecia desapareceu imediatamente. As espadas eram fixas rigidamente no lugar com os arames. E apontavam uma para a outra, de modo que, à medida que ele subisse, os punhos e as pontas estariam em lados alternados. Tinham sido afiadas até ficarem como navalhas. Ele pousou um dedo em uma delas e quase cortou a pele apenas ao fazer isso. Se tivesse largado um envelope em cima, teria cortado o papel ao meio.

Será que conseguiria subir? Todos os seus instintos diziam que não, que era impossível, que estavam pedindo para ele se mutilar. Fechou os olhos. Haveria algum modo de evitar aquilo? Será que precisavam mesmo da ajuda daquele homem? Hong Kong estava a apenas oitenta quilômetros de distância. Poderiam pegar um aerobarco e correr os riscos. Por que quereriam se envolver com gângsteres?

Mas sabia que estava tentando se enganar. Scarlett corria perigo. Se ele quisesse entrar em Hong Kong sozinho, poderia ter feito isso uma semana antes. Não havia outro modo. Abriu os olhos.

— Certo — disse.

— Tire os sapatos — ordenou Shan-tung.

— Claro — murmurou ele. — Seria uma pena desperdiçar o couro bom. — Nesse momento, estava imaginando se algum dia usaria sapatos de novo. Tirou-os, e depois as meias, para completar. Podia sentir o piso de madeira frio contra as solas dos pés. Flexionou os artelhos.

— Matt... — Richard tentou pela última vez.

— Tudo bem, Richard.

Matt não olhou para ele. Não olhou para nenhum dos outros. Sabia que só havia um modo de isso funcionar. Precisava se concentrar totalmente na tarefa. Dezenove degraus. Já vira pessoas andando em carvões em brasa, pela televisão. E na Índia os faquires faziam coisas incríveis com o corpo. Matt se lembrou do que havia feito no deserto de Nazca. Tinha recebido uma bala em pleno voo e a virado de volta para a pessoa que havia disparado. Controle da mente. Era disso que se tratava.

Estendeu a mão e segurou uma espada. Sentiu a lâmina cortar a pele. Doeu. O sangue saiu na palma da mão.

— Já chega! — exclamou Richard. — Você não pode fazer isso.

— Posso sim.

Matt trincou os dentes. Sabia que erro havia cometido. Estivera pensando demais na impossibilidade do que deveria fazer. Quando movia as coisas sem tocar nelas, jamais lhe ocorria que seria incapaz. Era assim que o poder funcionava. Fazia parte dele, e ele podia usá-lo a qualquer momento. A tarefa poderia parecer diferente, mas o princípio era o mesmo. Dezenove degraus. Não se machucaria uma segunda vez. Ele era um Guardião. Não tinha o que temer.

Esqueceu-se de Richard. Esqueceu-se de onde estava. O balcão acima dele... só importava isso. Deixou as espadas ficarem turvas à frente. Elas não estavam mais ali. Estendeu uma das mãos. Ao mesmo tempo, levantou o pé esquerdo e pousou a sola descalça na primeira lâmina. Agora não tinha como voltar.

Richard tinha visto muitas coisas inesquecíveis no tempo passado com Matt, mas esta era a mais incrível de todas. Viu Matt começar a subir, uma espada de cada vez, pondo todo o peso nos gumes afiados como navalhas. Ele parecia estar num transe autoinduzido, movendo-se para cima como se levitasse. Já estava na metade do caminho e ainda não tinha se cortado. Junto dele, Jamie olhava em êxtase. Até Han Shan-tung parecia silenciosamente impressionado.

Chegou ao topo. Saiu da escada e ficou de pé no balcão. Ninguém falou. Shan-tung foi rapidamente até a lateral da sala e pegou uma escada que também levava até o topo. Matt esperou por ele. Havia um único ferimento na palma de sua mão direita, resultado do mau começo, mas, afora isso, permanecia incólume.

O Senhor da Montanha o alcançou. Estava segurando uma bandagem. Fez uma reverência e entregou-a.

— Peço desculpas por tê-lo questionado, Matthew — disse, e pareceu completamente sincero. — Você é mesmo um dos Cinco, e é minha honra poder ajudá-lo.

Matt pegou a bandagem e enrolou-a na mão. Ao mesmo tempo, notou um altar do outro lado da sacada, escondido da sala embaixo.

Havia várias tigelas de *ouro*, varetas de incenso, dois Budas agachados e, entre eles, uma figura de jade mostrando uma jovem, magra e com cabelos compridos caindo em ondas em volta dos ombros.

— Esta é Lin Mo — disse Han Shan-tung. — É a resposta à pergunta que você fez antes. Lin Mo é o nome de uma menina de uma lenda chinesa. Nasceu em Meizhou, na província de Guangdong, no leste, Tinha o poder de prever o clima. E cresceu se tornando a deusa do mar, muito importante para os marinheiros que exploravam essas águas não mapeadas. Ela ainda é adorada em Macau.

Ele foi até o altar e fez uma reverência.

— Esta figura é muito preciosa para mim — continuou. — É da dinastia Ming. Do século XVII. Dizem que é uma representação verdadeira de Lin Mo, copiada de uma obra anterior.

Matt reconheceu o rosto. Lembrava-se da foto que tinha visto no jornal.

— É Scarlett, não é?

— A garota que você conhece como Scarlett também nasceu em Meizhou. Nós sempre acreditamos que ela era a reencarnação de Lin Mo. E é verdade, sim, que na aparência as duas são idênticas.

— Então o senhor vai nos ajudar.

Shan-tung assentiu.

— Vocês devem partir logo. Venham ao meu escritório e vamos fazer os preparativos finais.

Ele guiou Matt até a escada e os dois desceram. Richard e Jamie estavam esperando.

— Foi um tremendo truque — murmurou Richard com os dentes trincados.

Jamie não disse nada. Pousou a mão brevemente no ombro de Matt. Ficou feliz por não ter sido ele.

Seguiram Shan-tung de volta pelo corredor e entraram num escritório que também dava para o jardim. Era uma sala austera com uma mesa grande, algumas estantes com livros e pouca coisa a mais. Todo o comportamento dele havia mudado. Ainda estava no comando, um homem acostumado a ser obedecido instantaneamente, mas ficou um pouco mais discreto em relação a isso. Será que tinha mesmo esperado que Matt subisse a escada de espadas? Parecia abalado com o que vira.

Pegou um mapa e abriu na mesa. Matt olhou o relógio, imaginando quanto tempo isso demoraria. Já eram dez horas.

— Os Antigos podem controlar a cidade — disse Shan-tung.

— Mas, se subestimaram o tamanho e o alcance das Tríades, cometeram um erro fatal. Tenho mil soldados de infantaria que posso colocar a seu serviço. Se forem chamados a fazer isso, eles não hesitarão em entregar a vida por você. É assim que somos. O homem que os comanda se chama Lohan. Seu nível é 438, que também chamamos de Senhor do Incenso. Ele vai recebê-los quando vocês chegarem a Hong Kong.

— Como sabemos que podemos confiar nele? — resmungou Richard.

— Muito simplesmente, Sr. Cole. Ele é meu filho mais velho. Vocês vão reconhecê-lo porque ele tem uma cicatriz no rosto. — Shan-tung desenhou uma linha com o dedo, começando na bochecha esquerda e atravessando a boca. — Um homem foi mandado para me matar com uma *Jian*, uma espada chinesa. Lohan ficou no caminho. Se não fosse ele, eu estaria morto. É aqui que vocês vão se encontrar...

Seu dedo bateu no mapa, num ponto perto da água.

— Tenho uma empresa legítima que distribui fogos de artifício em Kowloon. Há um armazém perto da rua Salisbury e é para lá que vocês serão levados. Scarlett esteve lá antes de ser capturada. Vocês não precisam se preocupar. O local ainda é seguro.

Shan-tung olhou para Matt.

— Estamos tentando descobrir onde Scarlett está presa, mas até agora não tivemos sorte. É possível que esteja aqui... — Ele apontou de novo, desta vez para uma rua do outro lado da água. — Esta é a Agulha. Fica na rua Queen e é a sede da Corporação Crepúsculo. Se a garota estiver lá, Lohan vai comandar um ataque ao prédio. Vocês estarão com ele. O templo Tai Shan, com a porta que vocês estavam procurando, também fica na rua Queen. Ele apontou para uma encruzilhada perto de um trecho de verde, com o que poderia ser um lago no meio.

— Seria sensato vocês não irem até lá, já que quase certamente está sendo vigiado. Mas, assim que estiverem com a garota, as regras vão mudar. O local fica a menos de quatrocentos metros de distância, perto do parque Hong Kong. Lohan vai ajudá-los a entrar no templo. Vai matar qualquer um que fique no caminho. Vocês vão entrar, e a porta vai levá-los aonde vocês quiserem ir.

— E se Scarlett não estiver na Agulha? — perguntou Richard.

— Então vocês terão de procurá-la. Talvez o pai dela possa ajudá-los. — O dedo deslizou pela página. — Paul Adams voltou para o edifício Pátio da Sabedoria, onde ele mora. Fica aqui, na rua Harcourt. Estejam avisados. Ele estava com ela quando a garota foi capturada, e pode ter participado do que aconteceu. Não podemos confiar nele. Mesmo assim, talvez saiba onde ela está.

— E o senhor acha que ele vai contar?

— Vamos fazer com que ele conte. — Han Shan-tung murmurou as palavras casualmente, mas no modo como ele falava havia algo capaz de fazer a pele se arrepiar.

Ele parecia ter acabado. Matt estava exausto, ansioso para dormir. Mas então Han Shan-tung foi até a mesa e pegou um celular numa gaveta. Entregou-o a Richard.

— Vocês podem usar isso para entrar em contato comigo a qualquer hora do dia ou da noite. A discagem por memória já está

programada. Basta apertar o um e vai haver uma conexão direta.

— E quando vamos partir? — perguntou Jamie.

Shan-tung virou-se e olhou para ele. Não havia expressão em seu rosto.

— O barco já está esperando. Vocês devem entrar em Hong Kong sob a cobertura da escuridão. Partirão esta noite.

Entrando em Hong Kong

O barco estava atracado no Porto Exterior de Macau. Han Shan-tung tinha se despedido brevemente no corredor de sua casa, e agora Matt, Jamie e Richard estavam sendo levados de carro pela cidade, através de ruas meio vazias. Chovia de novo, e o pavimento, preto e brilhante, fora abandonado pelas pessoas, muitas das quais se abrigavam nos cassinos, jogando o dinheiro atrás dos dados e das cartas na claridade artificial dos lustres.

Todos se sentiam cansados. Jamie estava meio adormecido, a cabeça encostada na janela, o cabelo comprido caído no rosto. Richard se sentava ao lado dele. Matt podia ver que o amigo estava com raiva — de Shan-tung por ter programado o teste da escada de espadas e consigo mesmo por ter permitido. Matt estava na frente, ao lado do motorista. A velocidade dos acontecimentos o havia pegado de surpresa. Tinha acabado de chegar a Macau e já ia embora. Pensou no que poderia haver adiante em Hong Kong e imaginou se estaria fazendo a coisa certa. Agora era óbvio que o lugar inteiro era uma armadilha preparada pelos Antigos. E, no entanto, ele estava indo direto para ela.

Mas os Antigos não estariam esperando por ele. Pelo menos não assim. Era o que ele dizia a si mesmo. E não existia outro modo. Não podia continuar deixando Scarlett sozinha. Já fazia tempo demais. Era sua responsabilidade encontrá-la e tirá-la de lá. Ele era um Guardião. Estava na hora de assumir o controle.

O terminal de balsas ficava adiante, mas eles não foram de carro até lá. Em vez disso, o motorista os levou por uma rua estreita que levava à beira d'água e parou. Eles saíram, se encolhendo por causa do frio ar noturno.

Por um momento, Matt e Richard ficaram parados um ao lado do outro.

— Você acha mesmo que podemos confiar nessas pessoas? — murmurou o jornalista, colocando em palavras o que vinha pensando o tempo todo. — Eles são das Tríades. Sabe o que isso significa? Drogas e armas. Jogo. Prostituição. Podem matar qualquer um que fique no caminho, inclusive você e eu. Entre eles e os Antigos, eu não diria que temos muita opção.

Algumas horas antes, Matt poderia ter concordado. Mas lembrou de como Han Shan-tung tinha olhado para a estátua de Scarlett, ou Lin Mo, como ele preferia chamá-la.

— Acho que eles estão do nosso lado — disse.

— Talvez. — Richard pegou a mão ferida de Matt e virou-a. Havia uma mancha escura atravessando a bandagem. — Mas, mesmo assim, ele não deveria ter feito isso com você.

— Eu mesmo fiz. Não estava concentrado.

Jamie chegou perto deles.

— Acho que o homem quer que a gente vá com ele — disse, olhando o motorista. E bocejou. — Só espero que o barco tenha uma cama decente.

O porto não era grande coisa: um trecho de concreto branco, uns dois guindastes e luzes de arco voltaico espalhando um brilho áspero, elétrico, que só fazia tudo parecer menos receptivo. De novo a chuva havia diminuído, mas uma garoa fina pairava no ar. O motorista os levou até um barco atracado no cais. Era o que iria transportá-los.

Era um barco cargueiro velho e gasto, com apenas dois conveses. O inferior tinha um depósito aberto aos elementos, e Matt viu que o

lugar estava cheio de caixotes de madeira, cada um marcado com um nome em letras pretas: KUNG HING TAO. A cabine ficava no convés superior. Tinha a forma de uma estufa e não era muito maior do que isso, com janelas a toda volta. Havia dois mastros de rádio se projetando no ar, uma parabólica de radar e uma chaminé que já arrotava fumaça preta. O barco era completamente cercado com pneus de automóvel para impedi-lo de bater no cais, e isso, junto com a pintura se soltando e trechos de ferrugem, fazia parecer que ele fora resgatado de um ferro-velho. Matt só esperava que o mar estivesse calmo.

— Temos companhia — disse Richard.

Um homem havia aparecido, descendo da cabine, os pés — calçados com botas de borracha — fazendo barulho nos degraus de metal. Quando saiu à luz, ficou claro que ele não era chinês. Era europeu, um homem grande e barbudo, com olhos escuros e cabelos pretos encaracolados. Todo o rosto parecia espancado: lábios rachados, nariz partido, veias aparecendo através da pele. Ou o clima havia feito aquilo, muitos anos no mar, ou ele já fora boxeador... e malsucedido. Estava usando jeans, uma blusa grossa de tricô e um casaco de lona azul-escuro, com a chuva brilhando nos ombros. As mãos eram enormes e estavam cobertas de óleo.

— Boa-noite, amigos — disse o sujeito. — Bem-vindos ao *Mariposa da Lua*. — Ele havia apresentado o navio, mas não a si mesmo. Tinha uma voz profunda e sotaque espanhol. As palavras saíam de algum lugar no peito. — O Sr. Shan-tung pediu que eu cuidasse de vocês. Estão prontos para embarcar?

— Quanto tempo vai demorar a viagem? — perguntou Richard. Ele parecia em dúvida.

— Três horas... talvez mais. Não temos a força de um aerobarco e o tempo está estranho. Toda essa chuva! Isso pode nos atrasar, mas, quanto antes partirmos, melhor. — O homem pegou um cachimbo e bateu-o contra os dentes, como se estivesse verificando se existiam

cáries. — Eu costumo fazer a viagem à noite, se é isso que está preocupando vocês. Ninguém vai nos ver. Então, vamos sair dessa chuva e ir embora.

Ele se virou e subiu de novo no barco. Richard olhou para Matt. Matt deu de ombros. O capitão não fora exatamente amigável, mas por que eles deveriam esperar outra coisa? Aquelas pessoas eram criminosas. Só estavam obedecendo ordens. Não tinham interesse nos Guardiões e em mais ninguém, de modo que não fazia sentido esperar conforto e sorrisos de primeira classe.

Richard havia trazido sua mochila — era a única bagagem. Pegou-a e acompanhou o homem subindo a bordo. Chegaram à escada e Matt se sentiu grato porque aquela tinha degraus comuns, e não espadas. Enquanto começava a subir, notou um chinês com jeans imundos e um casaco impermeável, puxando uma lona por cima dos caixotes. Por um momento, os olhares dos dois se encontraram e Matt se pegou sendo examinado com hostilidade sem disfarces. O homem cuspiu quando voltou ao trabalho. Parecia ser o único tripulante.

Não havia muito espaço na cabine, que parecia mais antiga até mesmo do que o navio, com equipamentos que não ficariam deslocados num filme sobre a Segunda Guerra Mundial. O capitão estava sentado numa banqueta diante de um timão, rodeado por interruptores e mostradores com marcas que na maioria haviam se apagado. A chuva aumentou. Estava escorrendo pelas janelas, e o mundo lá fora era quase invisível, partido em gotas d'água que se grudavam no lugar, refletindo tudo, mas mostrando muito pouco. Os motores latejavam carrancudos lá embaixo. Toda a cabine vibrava. Cheirava a água salgada, óleo diesel e fumo velho.

Havia um sofá baixo e duas poltronas para os três passageiros. Toda a mobília era bamba e manchada. Richard, Matt e Jamie ocuparam seus lugares. O capitão se sentou diante do timão, ligando um par de antigos limpadores de para-brisa que começaram a

balançar da esquerda para a direita, clareando o caminho à frente. O tripulante chinês desatracou o barco que deslizou para a noite sem ser visto.

Uma fileira de luzes brilhava adiante. Era uma ponte rodoviária, com pelo menos oitocentos metros de comprimento, serpenteando por toda a extensão do porto. Mas assim que passaram por baixo dela não havia mais nada. O *Mariposa da Lua* tinha seus próprios holofotes montados na proa e no teto da cabine, mas eles mal penetravam na chuva forte e não mostravam nada além de um círculo de água preta poucos metros adiante.

O capitão acendeu as telas e a cabine reluziu em verde com um bip fraco que dividia o silêncio como vírgulas numa frase. Durante cerca de dez minutos, ninguém disse nada, mas então o tripulante apareceu, carregando uma bandeja velha com quatro canecas de lata cheias de chocolate quente, que ele havia trazido de uma cozinha em algum lugar abaixo.

— Vocês não disseram seus nomes — comentou o capitão. Em seguida, acendeu o cachimbo e soprou fumaça no ar, fazendo a cabine parecer mais apertada do que nunca. Estava muito quente ali dentro, presumivelmente devido ao calor dos motores embaixo.

Richard os apresentou.

— Eu sou Richard. Estes são Matt e Jamie. — Estavam sendo levados para Hong Kong ilegalmente e, de qualquer modo, Han Shan-tung já sabia quem eles eram. Não havia necessidade de nomes falsos.

— E eu sou Hector Machado. Mas podem me chamar de capitão. É como todo mundo me chama, mesmo quando não estou no navio.

— O senhor é espanhol? — perguntou Richard.

— Português. Nasci em Lisboa. Já esteve lá?

Richard balançou a cabeça.

— Dizem que é uma cidade linda. Saí de lá quando tinha três anos. Meu pai veio a Hong Kong para lutar contra os comunistas.

Este barco era dele. — Machado deu uma tragada no cachimbo, que brilhou vermelho. Soprou a fumaça. — Ele levou um tiro e morreu aqui mesmo neste banco onde estou sentado. E o barco é meu.

— Quantos tripulantes o senhor tem? — Matt estava pensando no homem que tinha visto. Por que parecia tão inamistoso?

— Só o Billy. Não preciso de mais ninguém.

— O que há nos caixotes?

Machado hesitou, como se tivesse medo de revelar muita coisa. Depois deu de ombros.

— Fogos de artifício. Muitos fogos de artifício. O Sr. Shan-tung tem uma empresa que vende fogos para Hong Kong.

— E o que o senhor transporta quando não está levando fogos de artifício? — perguntou Richard. Sua voz era hostil. Estava claramente incomodado em ficar com aquelas pessoas.

— Já levei todo tipo de coisas, Richard. Coisas das quais talvez seja melhor você não ter conhecimento. Já contrabandeei pessoas, se é o que quer saber. E talvez você devesse ser grato. Eu conheço as entradas e as saídas. O *Mariposa da Lua* pode não ser grande coisa de se ver, mas é capaz de deixar para trás as patrulhas do porto de Hong Kong... não que elas se incomodem com a gente. Todos me conhecem por aqui. E me deixam em paz.

— Há quanto tempo o senhor trabalha para as Tríades?

— Você acha que isso é uma entrevista? Quer escrever sobre mim? — Machado fez um gesto com o cachimbo. — Se eu fosse você, descansaria um pouco. Pode ser uma longa noite. — Ele enfiou o cachimbo entre os dentes e não disse mais nada.

Penetraram mais na escuridão, guiados pela estranha luz verde do sistema de radar. A noite era tão gigantesca que os engoliu completamente. Não havia lua nem estrelas. Era impossível dizer se ainda estava chovendo, já que as janelas eram golpeadas pelos borrifos do mar. Machado ficou no banco, fumando em silêncio. Richard, Matt e Jamie se sentaram no fundo da cabine, fora do

caminho dele. Os três estavam tensos e nervosos. Não haviam falado do que poderiam encontrar em Hong Kong, mas agora que estavam finalmente a caminho, podiam imaginar o que talvez enfrentassem. Uma cidade inteira, milhões de pessoas... e os Antigos infestando tudo. Deviam estar loucos, indo para lá. Mas parecia não haver outro modo de resgatar Scar.

Jamie terminou de tomar o chocolate quente e cochilou. Richard abriu a mochila e começou a examinar suas coisas: tinha trazido mapas, dinheiro, uma muda de roupa. O precioso diário — escrito por José de Córdoba — também estava lá, lacrado em plástico para ficar protegido. Matt notou um brilho de ouro e percebeu que ele estava levando a *tumi* — a faca inca.

Richard levantou os olhos.

— Nunca se sabe quando ela vai ser útil — disse. — De qualquer modo, não gosto da ideia de deixá-la para trás com um punhado de bandidos. — Em seguida, fechou o zíper da mochila e baixou a voz. — O que você acha?

Estava se referindo a Hector Machado, mas não precisava sussurrar porque o capitão jamais ouviria acima do barulho dos motores.

— Shan-tung confia nele— respondeu Matt.

— Ele não pareceu exatamente amigável.

— Ele não precisa ser amigável. Só precisa levar a gente até lá.

— Esperemos que ele faça isso.

Os dois ficaram em silêncio e logo estavam dormindo. Mas, então — pareceu que apenas segundos depois —, Matt foi acordado por alguma coisa. Era o motor do barco mudando de ritmo, diminuindo a velocidade. Abriu os olhos. Ainda estava escuro, ainda chovia. Mas havia luzes adiante.

— Pode acordar seus amigos — disse o capitão Machado. — Chegamos.

Matt se levantou e foi até a janela.

E ali estava. Eram duas da madrugada, mas uma cidade como Hong Kong nunca dormia realmente. Matt podia perceber os arranha-céus devido às luzes acesas a toda volta, definindo as formas em néon verde, azul e cor-de-rosa. Era como se alguém tivesse desenhado a cidade na escuridão usando um vasto lápis de cera fluorescente. Havia anúncios — PHILIPS, SAMSUNG, HITACHI — ardendo no céu noturno, as cores se partindo na água, sendo jogadas de um lado para o outro pelas ondas revoltas. Havia letreiros em chinês também, e eles o fizeram se lembrar de como esta cidade seria diferente de Londres ou Miami. Era outro mundo.

E muita névoa. Talvez fosse uma ilusão causada por todo aquele néon, mas a névoa era de uma cor estranha, um amarelo feio, venenoso. Rolava pelo porto na direção deles, se estendendo para cercá-los como se fosse uma coisa viva e soubesse quem eles eram. À medida que continuaram avançando, ela se grudou no vidro da cabine e o som dos motores ficou ainda mais distante.

Richard havia se juntado ao capitão perto do timão.

— Por que estamos indo tão devagar? — Era uma boa pergunta. Praticamente não estavam se movendo.

— Não queremos atrair atenção — respondeu Machado.

— Achei que o senhor tinha dito que ninguém se importava com seu barco.

— Mesmo assim, não há motivo para fazer muito barulho. Outro minuto se passou.

— Achei que iríamos para Kowloon — disse Richard.

— E vamos.

— Mas Kowloon não fica do outro lado? Machado riu à meia-lua. Tinha guardado o cachimbo.

— A corrente vai nos carregar até lá — disse, e, nesse momento, Matt soube que ele não estava falando a verdade e sentiu o familiar arrepio que significava perigo iminente. Durante o que pareceram séculos, nada aconteceu. Não estavam se mexendo. Machado estava

de pé, quase os desafiando a questioná-lo, a fazerem qualquer coisa. Mas não havia nada que pudessem fazer. Estavam presos a bordo daquele barco, completamente sob o poder dele.

E então a luz de um holofote atravessou a escuridão, prendendo o *Mariposa da Lua* em sua claridade. Toda a cabine pareceu explodir em luz ofuscante. Um segundo facho se aproximou, cruzando com o primeiro. Dois barcos. Ainda estavam a alguma distância, mas se aproximavam rapidamente. Deviam estar esperando ali o tempo todo.

No mesmo instante, Machado girou a mão, acertando a lateral da cabeça de Richard e virando-a para Matt. Estava segurando uma arma. Richard caiu. Os lábios de Machado se enrolaram num sorriso desagradável.

— Se você se mexer eu o mato — disse.

Ele os havia traído. Sabia que os barcos viriam. Tinha-os levado diretamente para eles.

— As Tríades vão matar você por causa disso... — murmurou Richard. Tinha se erguido sobre um joelho e estava segurando a cabeça. Escorria sangue de um ferimento logo acima do olho.

— As Tríades estão acabadas — respondeu Machado. — Elas não são mais nada.

— E quem está pagando a você? — perguntou Matt.

— Há uma grande recompensa para quem pegá-lo, garoto. Dois milhões de dólares de Hong Kong. Mais do que eu ganhei com Shan-tung e os amigos deles durante anos. Se você ao menos piscar, eu o mato.

Matt olhou pela janela. Os barcos estavam chegando mais perto e outros três haviam se juntado a eles, fazendo um total de cinco, movendo-se de todos os lados. Eram lanchas da polícia — de aço cinza, sólido, com números de identificação pintados na lateral. Saíam da noite como navios de guerra miniatura, com janelas à prova de balas e proas em forma de faca.

Richard se levantou. Machado apontou a arma para ele.

— A Crepúsculo não quer você — disse ele. — De modo que espero que não se incomode com um enterro no mar. — Ele ia atirar à queima-roupa. Lambeu os lábios, adorando aquilo. Richard olhou para ele desamparado.

— Baixe a arma — disse Jamie.

Machado não hesitou. Pôs a arma no chão, mesmo que seu rosto estivesse cheio de perplexidade. Não tinha ideia do motivo para ter feito aquilo. Mas Matt tinha. Em seu momento de triunfo, o capitão havia se esquecido de Jamie. Havia pensado que ele continuava dormindo... mas estivera errado. Jamie tinha visto o que acontecia e usado seu poder. Se tivesse mandado Machado parar de respirar, o sujeito ficaria ali imóvel até morrer. E talvez fosse isso que ele merecesse, refletiu Matt.

— Aqui é a polícia de Hong Kong. Parem o barco...

A voz ecoou na água, amplificada por um megafone. Havia um homem de pé na proa do barco mais próximo — só que parecia alto demais para ser humano. Era negro e estava vestindo um uniforme de oficial de alta patente da polícia de Hong Kong. Mas óbvio que não era policial. Era como algo saído de um pesadelo, com a cabeça careca e os olhos vazios, fixos. Fazia um frio de rachar, mas ele não estava tremendo. Não mostrava qualquer sentimento ou emoção.

Richard saltou adiante, segurou o timão e apertou o acelerador. Matt sentiu o piso se inclinar enquanto o barco cargueiro avançava bruscamente. O capitão Machado estivera imóvel, perplexo, como se não soubesse o que fazer, mas agora segurou Richard e os dois começaram a lutar pelo controle do timão.

— Livre-se dele, Jamie — disse Matt.

— Pule na água — ordenou Jamie.

Machado soltou Richard e saiu da cabine, movendo-se como se estivesse em transe. Houve um grito, um tiro, depois o som de algo batendo na água quando Machado foi fuzilado no momento em que

caía no mar. A polícia de Hong Kong presumiu que ele estivesse tentando escapar. Ou talvez soubesse quem ele era e tivesse decidido matá-lo de qualquer modo. Machado flutuou de rosto para baixo na água. Não se moveu.

Richard estava no controle do barco. Girou-o, pegando a polícia de surpresa. Segundos depois, passou no meio das outras embarcações, serpenteando em volta de uma delas e indo para a região central de Hong Kong.

— O revólver! — gritou Richard.

Matt o pegou e entregou. Então Jamie gritou e apontou.

— Cuidado!

Um rosto havia aparecido na janela, espiando-os com olhos furiosos. Por um momento, Matt pensou que um dos policiais teria subido a bordo do *Mariposa da Lua*. Então se lembrou do tripulante — Billy — que havia partido com eles de Macau. Ele estava segurando uma arma, baixando-a para apontar para dentro da cabine. Richard atirou nele através da janela, uma única bala entre os olhos. O barco se sacudiu feito louco. O timão girou. O tripulante desapareceu.

Em seguida, a lancha policial mais próxima abriu fogo. O barulho era ensurdecedor enquanto as balas batiam nas placas de metal do barco cargueiro, cortando uma linha na proa e ricocheteando na água. Uma das janelas se despedaçou e Richard se abaixou enquanto cacos de vidro minúsculos caíam como chuva em seus ombros e nas costas. O ar frio da noite entrou num jorro dentro da cabine, carregando os borrifos de água e o cheiro horrível, podre, da poluição. O *Mariposa da Lua* saltou adiante. Richard estava lutando com o timão, tentando não levar um tiro. Matt olhou para trás. As lanchas da polícia estavam se reagrupando, se preparando para ir atrás deles. O homem na frente abriu a boca de súbito e uivou, um som que partiu a noite, mais alto do que todos os barcos juntos. Matt soube nesse momento que aquilo não era um homem.

— Vamos ter de pular! — gritou Richard acima do rugido dos motores e do vento furioso. — Jamie, você sabe nadar?

Jamie assentiu.

— Vou chegar o mais perto que puder. — Ele se virou para Matt. — Se nós nos separarmos, vamos nos encontrar no...

Porém Matt não ouviu o resto da frase. Houve outra rajada de metralhadora, desta vez rasgando a popa e o porão onde os fogos de artifício estavam amontoados.

— Agora!

Richard abandonou o timão e o barco começou a ziguezaguear. Matt precisava perguntar o que ele havia dito, mas tudo estava acontecendo depressa demais. Richard pegou a mochila e passou-a pelos ombros. Jamie estava ao lado dele. Os cinco barcos da polícia chegavam mais perto, apenas uns poucos metros atrás.

— Vão! — gritou Richard.

Jamie correu para o convés e, sem parar, desapareceu por cima da amurada. Mas Richard não tinha ido atrás. Tinha descido da cabine e estava se equilibrando, agarrado a um corrimão enquanto o *Mariposa da Lua*, com os motores berrando em força total, oscilava bêbado pelo mar. Sangue e água escorriam pelo rosto dele, e seus olhos estavam loucos. Matt nunca o vira assim. Trincando os dentes, ele levantou a arma e disparou repetidamente contra os caixotes de fogos de artifício, esvaziando a câmara no mesmo ponto.

Nada aconteceu até o último tiro. Então houve um clarão de magnésio queimando através da lona. Richard notou que Matt ainda estava ali, que não tinha pulado na água.

— Pule! — implorou ele.

Matt pulou.

No instante em que seus pés abandonavam o convés, os fogos de artifício explodiram. Havia milhares de quilos de explosivos no porão. Uma tonelada de pólvora. Mas não aconteceu nada de lindo. Apenas uma roda de fogo ofuscante, ardente, que pareceu pegar

Richard e jogá-lo no ar. Foi a última coisa que Matt viu antes de bater na água. Por um momento, tudo virou pânico. O mar estava preto e gelado. Ele continuava com as roupas e os tênis. Estava sendo sugado para baixo. Tinha de lutar com toda a força apenas para voltar à superfície.

Emergiu ofegando e chegou a um pesadelo brilhante, em chamas. Era como se toda a noite estivesse pegando fogo. O *Mariposa da Lua* estava aceso. O fogo ardia com tanta intensidade que as placas de metal certamente se derreteriam. Sem ninguém para guiá-lo, o barco tinha feito um círculo inteiro e estava indo para cima das lanchas da polícia, que tinham sido lentas demais para sair do caminho. Estava bem no meio delas, e Matt podia vislumbrar figuras com capacetes e roupas acolchoadas, olhando a destruição, sabendo que estavam perto demais, que faziam parte daquilo. Um dos barcos deles já estava pegando fogo. O homem alto continuava uivando — mas desta vez em agonia. Cada parte dele pegava fogo. A roupa e a pele por baixo estavam se soltando. No fim, sua cabeça se abriu e algo começou a serpentear para fora — uma segunda cabeça, mas não era humana. Então houve um grande jorro de chamas brancas quando mais fogos explodiram e ele foi mandado para longe da vista.

Fogos de artifício individuais estavam espocando, um depois do outro, e Matt viu cascatas de vermelho, azul, branco, verde e amarelo enquanto mísseis chamejantes disparavam no ar, refletindo-se na água embaixo. Cerca de cinquenta foguetes gritaram ao mesmo tempo, alguns se retorcendo no céu, outros batendo nos barcos da polícia. Um deles ricocheteou na água e mergulhou diante dele, errando sua cabeça por centímetros. Ele viu um policial pegando fogo, pulando na água para se salvar. Outro teve menos sorte. Parecia estar segurando uma rodinha de fogos giratórios, incapaz de soltá-la, mesmo com aquilo queimando em seu peito. Fogos estalavam, zumbiam, chiavam a toda volta. O homem não conseguiu chegar ao mar. Morreu de pé mesmo.

Matt estava se mantendo na superfície, se obrigando a respirar. Sentia tanto frio que seus pulmões haviam se fechado. Sabia que não poderia ficar ali por muito mais tempo. Dois barcos da polícia permaneciam sem danos. Logo iriam procurá-lo. Mas onde estava Richard? Onde estava Jamie? A superfície da água era como um espelho preto, refletindo a luz, mas ele não conseguia vê-los em lugar nenhum. Queria gritar, chamando-os, mas não ousava. Os policiais poderiam ouvi-lo.

Só havia uma coisa a fazer. A beira d'água ficava a uns cem metros dali. Tinha de chegar em terra firme e esperar conseguir encontrá-los. Deu uma olhada, em seguida se virou e começou a nadar, atrapalhado pelas roupas. O brilho das chamas se espalhava sobre seus ombros, ajudando a iluminar o caminho, e houve mais estrondos e chiados enquanto os últimos fogos explodiam. Ouviu alguém gritando uma ordem em chinês, mas duvidou que o tivessem visto. Estava usando roupas escuras. Seu cabelo era escuro. As correntes marinhas o levavam para longe.

Chegou em terra sem ao menos perceber. De repente, havia uma rampa de concreto escorregadio sob seus joelhos. Arrastou-se para ela e se ergueu. Estava num canteiro de obras. Pelo menos era o que parecia. Era difícil dizer, agachado na escuridão, tremendo, com a água imunda pingando do cabelo.

— Richard? Jamie?

Não ousava chamar alto demais. Toda a cidade, qualquer pessoa que estivesse acordada, devia ter visto a exibição de fogos de artifício. Os Antigos sabiam que ele estava lá. Já deviam estar procurando.

— Richard? Jamie?

Não houve resposta.

Esperou dez minutos antes de tomar uma decisão e partir, se movendo enquanto ainda podia. Se ficasse parado por muito tempo, iria congelar.

Eram três da madrugada. Tinha entrado na cidade inimiga. Não fazia ideia de para onde ia. Estava pingando. Desarmado.

E sozinho.

Necropolis

Deixando a água para trás, Matt foi em direção à parede de luz que definia a fronteira de Hong Kong. Chegou a uma rua principal, vazia a essa hora da noite, com um quarteirão de hotéis de luxo e shopping centers do outro lado. A névoa de poluição estava pior do que nunca. Toda a cidade fedia, como um pântano químico. Só estava ali havia alguns minutos, mas já sentia uma dor de cabeça incômoda e seus olhos estavam ardendo.

Onde estariam Richard e Jamie? Precisava encontrá-los. Estava perdido sem eles. Jamie fora o primeiro a sair do barco e, apesar de Matt não ter visto Richard pular, ele certamente devia tê-lo seguido instantes depois. Como Matt, os dois deviam ter nadado até a terra — a não ser que a polícia tivesse conseguido encontrá-los antes.

Tentou afastar a sensação de desamparo. Tinha de pensar no que fazer. Entrar em contato com o pessoal da Tríade. Havia milhares deles, esperando por ele, mas, pelo modo como as coisas aconteceram, não seria tão fácil, afinal de contas. Shan-tung tinha dado um celular com ligação direta. Richard estava com o aparelho. Mas ele devia ter ficado inútil no momento em que bateu na água. E havia Lohan, o filho de Shan-tung. Ele já devia saber que algo dera errado. Presumivelmente seus homens estariam procurando por eles em toda a cidade.

Porém Matt não tinha como contatá-los. Lembrava-se do endereço do lugar aonde deveriam ir, um armazém na rua Salisbury. Mas isso ficava do outro lado do porto, em Kowloon. Matt não tinha

mapa nem dinheiro. Estava encharcado. Era o meio da noite. Como deveria chegar lá?

Já estava achando difícil andar. Toda vez que seu pé descia, os sapatos chapinhavam e ele sentia a água subir sobre o pé. A camisa e a calça estavam grudadas no corpo, machucando embaixo dos braços e entre as pernas. Quando atravessou a rua e passou entre os primeiros prédios, imaginou se não fazia um pouco mais de calor ali do que no porto. Mas era apenas uma questão de poucos graus. Estava encharcado, tremendo e, se não quisesse pegar pneumonia, teria de arranjar uma muda de roupa.

Parou. Um homem havia aparecido, vindo em sua direção depois de virar a esquina de um prédio. A princípio, Matt presumiu que ele estivesse bêbado, indo para casa depois de uma festa tarde da noite. O sujeito usava um terno amarrotado com a gravata pendendo frouxa do pescoço, puxada para um dos lados, e cambaleava. Matt pensou em se esconder, mas o homem obviamente não tinha interesse nele e não estava bêbado. Estava doente. À medida que chegou mais perto, Matt viu que o terno tinha enormes manchas de suor e o rosto era de um branco doentio. O homem quase caiu, se apoiou num poste e depois vomitou. Matt se virou, mas não antes de ver que o que saía da boca dele estava misturado com sangue. O homem estava morrendo. Certamente não passaria daquela noite.

Lentamente, a cidade começou a se revelar. Matt não estava completamente sozinho, afinal de contas. Havia varredores de rua limpando as calçadas, o rosto coberto por máscaras de pano branco. Viu seguranças sentados sozinhos na claridade de néon atrás das vitrines, apenas meio acordados enquanto contavam os longos minutos até o amanhecer. Passou pela entrada de uma estação de metrô, fechada para a noite, mas havia uma mulher sentada nos degraus, uma mendiga, com o corpo totalmente enrolado em velhas sacolas de plástico. Ela o viu e gargalhou, encarando-o, como se

soubesse algo que ele não sabia. Depois começou a tossir, um som pavoroso e rouco. Matt andou mais depressa.

Uma ambulância passou a toda velocidade, a sirene desligada mas as luzes piscando, lançando lívidas sombras azuis sobre as vitrines das lojas. Parou à frente dele e Matt viu que um pequeno grupo de pessoas havia se juntado em volta de um homem caído inconsciente na calçada. As portas da ambulância se abriram e dois homens desceram, também usando máscaras brancas. Ninguém falou. O homem no chão não estava se mexendo. Os sujeitos da ambulância pegaram-no como se fosse um saco de carne e jogaram-no na traseira. Estava morto ou morrendo, e eles não se importavam. Havia outros corpos na traseira, um monte, empilhados uns em cima dos outros. Os homens da ambulância bateram as portas e entraram de novo. Um instante depois, foram embora.

A cidade era gigantesca, silenciosa, ameaçadora. Parecia estar completamente nas garras da noite, como se a manhã jamais fosse chegar. Manequins carecas vestidos com casacos de pele e diamantes olhavam das vitrines enquanto Matt passava rapidamente. Centenas de relógios de ouro e prata tiquetaqueavam em silêncio por trás de vidros blindados. De dia, ao sol, Hong Kong podia ser um paraíso de compras. Mas às três da madrugada, com a poluição rolando e os habitantes doentes e morrendo nas ruas, era algo próximo do inferno.

Estavam procurando por ele.

Ouviu o som de um carro se aproximando, e a simples velocidade do veículo, o rugido feroz do motor àquela hora da noite, disseram a Matt que sua jornada era urgente e que ele deveria sair do caminho. De fato, no momento em que se enfiou num portal, um carro da polícia passou a toda velocidade, seguido imediatamente por um segundo, ambos indo na direção de onde ele tinha vindo. Sabia que precisava sumir antes que mais algum chegasse. Atravessou outra avenida larga e começou a subir uma colina.

E então escutou algo vindo através da escuridão. Era a última coisa que esperaria numa cidade moderna, e, a princípio, achou que devia estar enganado. O barulho de metal em concreto. Cascos de cavalo...

Um homem apareceu, montado, passando por um sinal de trânsito. Os cascos batiam no pavimento com aquele ritmo estranho, inconfundível, e o eco estava preso, jogado para trás e para a frente entre as vitrines das lojas. O cavalo parou sob a luz de um poste, e, na claridade amarela, Matt viu que era ainda mais horrível do que tinha imaginado. Era magro como um esqueleto e, num ato de crueldade pavorosa, alguém havia cravado uma faca em sua cabeça, com a lâmina apontando para fora, de modo que parecia a versão grotesca de um unicórnio.

Matt o viu e se lembrou de Jamie contando sobre os cavaleiros de fogo que haviam participado da batalha dez mil anos antes. Seria um deles? Enquanto o homem e o animal passavam, ele se abaixou atrás de um carro estacionado, olhando-os pelo retrovisor lateral até sumirem de vista.

Já ia se levantar, mas ficou imóvel quando uma coisa enorme flutuou pela escuridão, bem acima dos arranha-céus. Matt não viu o que era, mas supôs que fosse algum tipo de pássaro gigantesco, talvez até mesmo o condor que fizera parte das linhas de Nazca. Apareceu ali, uma sombra vasta, e, em seguida, sumiu. Agora Matt sabia que toda a cidade estava possuída: as ruas, a água, o próprio ar. Só poderia ser uma questão de tempo até que ele fosse visto e capturado. A cada instante em que ficasse na rua estaria correndo um perigo terrível.

Esperou até ter certeza de que não havia ninguém por perto, depois se levantou e seguiu rapidamente, se mantendo perto dos prédios de modo a poder se lançar nas sombras caso alguém se aproximasse. Chegou a um cruzamento. Um carro tinha dado uma guinada e batido num frade de metal. Estava completamente

arrebentado, com a buzina tocando. Matt pôde ver o motorista, meio pendurado na porta da frente, preso no lugar pelo cinto de segurança, a cabeça e o peito cobertos de sangue. Ninguém vinha ajudar.

Uma placa de rua. Matt olhou e leu duas palavras diretamente acima. Rua Harcourt. O nome significava alguma coisa.

Paul Adams tinha retornado ao edifício Pátio da Sabedoria. Fica aqui, na rua Harcourt.

Lembrou-se de Han Shan-tung falando, no escritório, apontando no mapa. De repente, soube o que tinha de fazer. De algum modo, havia chegado à rua certa. Se Paul Adams estivesse no apartamento, talvez o deixasse entrar. No mínimo ele teria onde ficar até o amanhecer.

— Socorro...

O homem no carro não estava morto. Seus olhos, muito brancos, tinham se aberto. Parecia estar chorando, mas as lágrimas eram sangue. Não havia nada que Matt pudesse fazer por ele. Virou-se e começou a correr.

A rua parecia continuar para sempre. Matt passou por mais shoppings, por um hospital, um enorme centro de convenções. Não viu mais nenhum carro da polícia mas ouvia-os a distância, as sirenes cortando o ar. Num determinado ponto, um táxi passou a toda velocidade, ziguezagueando feito louco, do lado errado da rua. Matt virou uma esquina e encontrou um bonde, parado diante de um prédio de escritórios. Era um veículo antiquado. Afora os símbolos chineses, parecia algo que poderia ter circulado por Londres durante a Segunda Guerra Mundial. E estava cheio de pessoas. Simplesmente ali sentadas, frouxas nos bancos, sem se mexer. Matt não soube se estavam vivas ou mortas, e não ficou para descobrir. Achou que era uma mistura das duas coisas.

De algum modo, encontrou o Pátio da Sabedoria. Só havia olhado o mapa quando estava em Macau, e não teve mais do que

uma visão geral da cidade. Mas ali estava, de súbito à sua frente, o nome num bloco de pedra e, atrás, uma entrada de veículos que ia até uma fonte, uma entrada ampla e, de cada lado, a estátua de um leão rugindo. O prédio era muito comum, envolto em escuridão, mas havia uma luz acesa no décimo segundo andar — Matt contou as janelas — e pensou ter visto uma cortina se agitar enquanto alguém se movia atrás.

A entrada de veículos não tinha sido varrida. Estava cheia de folhas mortas e pedaços de papel. A fonte havia sido desligada. Enquanto ia até a porta, Matt teve a sensação de que todo o lugar, afora aquele cômodo no décimo segundo andar, devia estar deserto. Não havia carros parados do lado de fora. Encostou o rosto na porta de vidro e olhou para a área de recepção. Estava vazia. A porta estava trancada, mas havia um painel com botões ao lado, mais de uma centena, com números mas sem nomes.

Seria mesmo uma boa ideia? Ficou parado por alguns segundos, com frio e molhado, e tentou pensar nas opções. Han Shan-tung havia sugerido que Paul Adams podia estar trabalhando para os Antigos. Ele estivera presente quando Scarlett foi feita prisioneira. Mas será que realmente havia condenado a própria filha à morte? Certamente não.

No fim das contas, não fazia diferença se Matt confiava nele ou não. Estava congelando. Precisava entrar, sair da rua. Não tinha outro lugar aonde ir.

Começou a tocar as campainhas, uma depois da outra, começando com o 1200 e prosseguindo, esperando brevemente que alguém atendesse. Houve silêncio até que chegou ao 1213, e então um estalo quando uma voz respondeu ao interfone.

— Sim?

— Sr. Adams?

— Quem é?

— Sei que é muito tarde, mas sou amigo de Scarlett. Gostaria de falar com o senhor.

— Agora?

— É. Poderia deixar que eu entrasse?

Uma pausa. Em seguida, um zumbido e a porta se abriu.

Quando entrou na recepção, Matt percebeu um fedor. De esgoto. Um cano havia estourado. Podia ouvi-lo pingando e o chão estava molhado. Existia apenas luz suficiente para ver uma escada, mas assim que começou a subir teve de tatear o caminho na escuridão total. Contou doze andares, deslizando a mão pelo corrimão, apertando o ombro contra a parede enquanto virava cada esquina. Era realmente como estar cego e ele se sentiu esmagado, com medo de a qualquer minuto algo saltar e agarrá-lo. Mas finalmente chegou a uma porta de vaivém, empurrou-a e se viu no início de um corredor comprido. Havia luz se derramando de uma porta aberta mais ou menos na metade do caminho. O pai de Scarlett estava esperando por ele, mas Matt não conseguia vê-lo porque a luz vinha de trás, desenhando sua silhueta.

— Quem é você? — perguntou Paul Adams em voz alta.

— Meu nome é Matt.

— É amigo de Scarly?

— Quero ajudá-la.

— Você não pode ajudá-la. É tarde demais.

Matt foi andando pelo corredor, com medo de que Paul Adams voltasse para dentro e fechasse a porta antes que ele pudesse alcançá-lo. Mas Adams esperou. Matt chegou à porta e viu um homem pequeno e infeliz, com cabelos grisalhos e óculos. O pai de Scarlett não fazia a barba havia alguns dias, nem tinha tomado banho. Usava uma blusa de malha azul que podia ter sido cara quando ele comprou, mas que agora pendia em seu corpo desajeitadamente, como se ele estivesse dormindo com ela. E tinha bebido. Matt podia sentir o cheiro de álcool no hálito do homem e o

viu nos olhos por trás dos óculos. Estavam vermelhos de exaustão e autocomiseração.

— Sr. Adams... — começou Matt.

— Não conheço você. — Paul Adams olhou para ele com ar inexpressivo.

— Eu disse. Meu nome é Matt.

— Você está totalmente encharcado.

— Posso entrar?

Matt não esperou resposta. Passou e entrou no apartamento. O lugar estava uma bagunça. Havia pratos sujos empilhados na pia e na bancada da cozinha. Tudo cheirava a estragado e o ar era sufocante com o fedor de esgoto vindo de baixo. Era como se alguém tivesse morrido ali... ou talvez o próprio lugar tivesse morrido. Um dia aquele prédio já fora luxuoso. Agora era sórdido e triste.

Paul Adams fechou a porta.

— Quer comer alguma coisa? — perguntou.

— Gostaria de um pouco de chá — respondeu Matt. O sujeito não se mexeu, por isso ele foi até a cozinha e começou a preparar o chá. Olhou na geladeira procurando comida. Só havia sobras, mas ele se serviu mesmo assim. Só agora percebia como estava faminto. Um relógio sobre o fogão dizia que eram quatro e vinte. Seis horas haviam se passado desde que saíra de Macau.

Paul Adams se sentou. Tinha um copo de uísque e bebeu de um gole só, depois encheu de novo.

— Você é inglês... — disse ele.

— Estive em sua casa em Dulwich — respondeu Matt. Estava procurando um saquinho de chá num armário. — Tentei encontrar Scarlett lá. Mas ela havia ido embora.

— Eles a levaram.

— Sabe onde ela está?

— Não. — Ele bebeu de novo. — Sei quem você é! — exclamou. Tinha acabado de deduzir. — Você é o garoto que eles estão

procurando. Você é o motivo para eles terem pegado Scarlett.

Matt não disse nada. A chaleira ferveu e ele preparou o chá, acrescentando duas colheres de açúcar.

— Matt Freeman. É isso. Matt Freeman! — Ele se levantou e foi até a cozinha, cambaleando pelo tapete. Matt não sabia se ficava triste ou enojado. Nunca tinha visto alguém tão absolutamente perdido. Paul Adams se apoiou com força na lateral da bancada e, de repente, havia lágrimas em seus olhos. — Eles mentiram para mim. Disseram que ela ficaria bem se eu ajudasse. Fui eu que a peguei! Ela teria escapado, se não fosse por mim. Mas só fiz isso para protegê-la. Disseram que iriam matá-la se eu não ajudasse.

— Eles a levaram à Agulha?

— Ela não está lá. — Paul Adams balançou a cabeça.

— Ainda está em Hong Kong?

— Em algum lugar. Eles não dizem. — Ele fez uma pausa e olhou pela janela. Os primeiros traços da manhã começavam a sangrar através do céu noturno. — Achei que eles me agradeceriam pelo que fiz, mas disseram que eu nunca mais iria vê-la. Estavam zombando de mim. Eu os ajudei e não adiantou nada. Eles queriam que eu soubesse disso. — Paul Adams tirou os óculos e enxugou os olhos com as costas da mão. — Não entendo o que eles querem, Matt. Não entendo mais nada. Toda essa cidade... — Sua voz ficou no ar.

— Sr. Adams, eu posso ajudá-lo. Posso encontrá-la e tirá-la daqui.

— Como? Você é só um garoto.

— Preciso tomar um banho e trocar de roupa. — Matt ainda estava pingando água no tapete caro. — O senhor tem alguma roupa de reserva?

— Não sei... — Ele acenou vagamente na direção do quarto.

Matt juntou as últimas forças, obrigando a mente a engrenar.

Precisava encontrar Scarlett. Esse era o motivo para estar ali. Mas isso não seria possível se ela tivesse sido levada a algum lugar

secreto. Será que ainda estaria em Hong Kong? Achou que sim. Os Antigos a estavam usando para alcançá-lo. Sem dúvida a manteriam ali até que ele chegasse.

Como encontrá-la? Os olhos de Matt estavam desesperadamente pesados. Só queria ir para a cama. Mas, de algum modo, sabia que essa era sua última chance. Tinha de juntar todas as peças, ali, naquela sala. Primeiro havia Paul Adams, se destruindo, arrasado de culpa e sofrimento. Havia o homem chamado Lohan, em algum lugar de Hong Kong com seus milhares de soldados de infantaria. Richard e Jamie. Talvez os dois tivessem conseguido ir até eles. E os fogos de artifício. Qual era o nome que ele tinha visto, impresso nos caixotes?

E, de repente, descobriu.

— Ouça — disse. — Talvez eu possa encontrar Scarlett, mas o senhor vai ter de me ajudar. Vai fazer isso?

— Faço qualquer coisa.

— Seu telefone aqui está funcionando? E o senhor tem um catálogo?

Paul Adams estivera esperando algo a mais. Como um simples telefonema salvaria sua filha?

— Está ali... — Ele indicou com a mão que ainda segurava o copo de uísque.

Matt foi até o telefone. Era um plano desesperado. Mas não conseguia pensar em outro caminho.

Pegou-o e começou a digitar.

Vieram pegá-lo logo depois das sete horas.

Matt estava dormindo no sofá, vestindo jeans e um suéter do tamanho errado, mas que era muito melhor do que a roupa que ele havia largado no banheiro. Tinha tomado um banho quente de chuveiro, lavando o cheiro de água suja da pele e do cabelo. E depois caiu num sono profundo e sem sonhos.

Não tinha ouvido a polícia chegar. Os carros tinham vindo pela rua Harcourt e entrado no Pátio da Sabedoria sem usar sirenes. Ele foi acordado pelo som da porta sendo arrombada e os gritos de uma dúzia de homens jorrando no apartamento. Alguns deles carregavam armas. Era difícil dizer quem estava no comando. De repente, estavam em toda parte e Matt foi cercado.

Começou a se levantar, mas alguma coisa o acertou no peito. Foi um dardo disparado do que parecia uma arma de brinquedo, que voou arrastando fios. Mas a próxima coisa que percebeu foi uma explosão de dor e ele foi literalmente derrubado quando um choque elétrico o atravessou. Tinha sido acertado com um Tasar, uma arma usada por forças policiais de todo o mundo. Apesar da aparência, havia disparado uma carga elétrica que resultava na perda total de controle neuromuscular. Matt nunca havia sentido uma dor assim. Ela pareceu despedaçar cada osso do corpo. Ouviu um gemido animal e percebeu que era ele.

Desmoronou no chão, incapaz de se mexer. Os policiais não se arriscariam. Tinham-no neutralizado deliberadamente antes que ele pudesse usar seu poder.

Um instante depois, dois dos invasores caíram sobre ele. Torceram seus braços às costas e ele sentiu o aço frio de encontro aos pulsos quando um par de algemas foi colocado. Um dos policiais o agarrou pelo cabelo e o torceu de modo a obrigá-lo a se ajoelhar.

Outro homem apareceu junto à porta.

— Então esse é Matthew Freeman — disse ele.

O presidente da Corporação Crepúsculo queria se certificar de que tudo estivesse em segurança antes de entrar. Agora veio andando e parou junto de Matt, olhando-o com um sorriso no rosto. Apesar de ter sido tirado da cama às pressas, estava bem vestido como sempre, com terno novo e sapatos brilhantes.

— Que grande prazer conhecê-lo! — acrescentou.

Matt o ignorou. Girou até estar virado para Paul Adams. Seus olhos se encheram de raiva.

— O que o senhor fez? — gritou.

— Liguei para eles quando você estava no chuveiro. — Adams foi até o presidente. Era claro que tinha medo dele. Ficou parado, torcendo as mãos como se tentasse lavá-las. — Este é o garoto, Sr. Presidente — murmurou. — Ele veio ao apartamento no meio da noite. Liguei para o senhor no momento em que pude.

— Fez muito bem — murmurou o presidente. Ainda estava olhando para Matt. — Nunca pensei que seria tão fácil.

Matt o xingou.

— Eu sabia que o senhor estava procurando por ele, Sr. Presidente — continuou Paul Adams. — E agora o senhor está com ele. De modo que não precisa de Scarly. Diga que vai soltar Scarly.

O presidente virou a cabeça lentamente e examinou o pai de Scarlett como se fosse um médico em vias de dar uma má notícia.

— Não vou soltar Scarly — disse ele. — Nunca vou soltar Scarly.

— Então, pelo menos, deixe que eu a veja. Eu lhe dei o garoto. Não mereço uma recompensa?

— Sem dúvida — disse o presidente.

Ele assentiu para um dos policiais, que deu um tiro na cabeça de Paul Adams. Matt viu o jorro de sangue quando a nuca dele foi explodida. Paul Adams morreu instantaneamente. Seus joelhos se dobraram e ele tombou de lado.

— Morte rápida — observou o presidente. E assentiu para Matt. — Logo você vai desejar ter tido uma igual.

Em seguida, se virou e saiu da sala. Dois policiais avançaram e puxaram Matt de pé. Depois o arrastaram para fora, seguindo pelo corredor e descendo para a cidade embaixo.

Tai Fung



SINAL UM

O dragão estava se movendo para Hong Kong, se aproximando com precisão mortal, ganhando força à medida que atravessava a água. Scarlett o tinha invocado e ele escutou. Nem mesmo ela poderia fazê-lo voltar agora.

Tinha começado a vida como nada mais do que uma frente de ar quente, subindo ao céu. Mas então, muito depressa, um redemoinho de nuvem havia se formado, girando cada vez mais rápido com um olho escuro no centro, que jamais piscava. Quando os satélites climatológicos transmitiram as primeiras fotos do Estreito de Luzon, já era tarde demais. O dragão estava acordado. Seu apetite era grande como o oceano onde ele havia nascido e destruiria tudo que ficasse em seu caminho.

O dragão era um tufão.

Tai fung.

As palavras significavam "vento grande", mas nem chegavam perto de descrever a força mais poderosa da natureza: uma tempestade que continha uma centena de tempestades. O tufão viajaria a mais de trezentos quilômetros por hora. Seu olho podia ter cinquenta quilômetros de largura. Os ventos ao redor gerariam tanta

energia por segundo quanto dez bombas nucleares. Para os chineses, os tufões também são conhecidos como "bafo do dragão", como se viessem de algum monstro terrível vivendo no fundo do mar.

Desde 1884, o Observatório de Hong Kong tinha dado uma série de alertas sempre que um tufão chegava a menos de oitocentos quilômetros, e cada alerta vinha com um sinal anexo. O Sinal Um tinha a forma da letra T, e alertava a população a ficar preparada. O Sinal Três, um T de cabeça para baixo, era mais sério. Agora as pessoas deveriam ficar em casa e não viajar a não ser que fosse absolutamente necessário. Mais tarde vinha o Sinal Oito, um triângulo. O Sinal Nove, uma ampulheta, e, finalmente, o mais terrível, o Sinal Dez. Talvez adequadamente, este tinha a forma de uma cruz. O Sinal Dez significava devastação. Quase certamente traria uma enorme perda de vidas.

E era isso que estava a caminho agora.

Mas não houve alertas. Ninguém estava preparado para um tufão em novembro, meses depois do encerramento da temporada de tempestades. E, de qualquer modo, nenhum tufão poderia se formar tão depressa. Normalmente, demoraria pelo menos uma semana. Este havia alcançado todo o seu poder em menos de um dia. A coisa toda era impossível.

E não restava ninguém para mandar os sinais. O Observatório de Hong Kong fora abandonado. Muitos cientistas haviam partido. Os outros estavam amedrontados demais para ir trabalhar enquanto a cidade continuava sua descida para a doença e a morte.

Sem ser visto, o dragão corria para eles. Os arranha-céus já estavam à vista. De repente, pareciam minúsculos e sem substância enquanto, com um grande rugido, o dragão caía sobre eles. Quando alguém percebeu o que estava acontecendo, já era tarde demais.



SINAL DOIS

O presidente da Corporação Crepúsculo estava imaginando quantas pessoas teriam morrido nas últimas 24 horas e quantas morreriam nas próximas. Podia imaginá-las, 66 andares abaixo, se arrastando nas calçadas, implorando por uma ajuda que nunca viria, finalmente perdendo a consciência numa nuvem de sofrimento e dor. Ele próprio sairia de Hong Kong muito em breve. Seu trabalho estava quase terminado. Era hora de reivindicar a recompensa.

Os Antigos lhe dariam toda a Ásia para governar, em reconhecimento pelo que ele havia realizado. Nem mesmo Gêngis Khan fora tão poderoso. Ele viveria num palácio, um palácio de estilo antigo, com banheiras fundas de mármore, salões de banquete e jardins com mais de um quilômetro de comprimento. Os líderes mundiais que sobrevivessem se curvariam diante dele, e qualquer pessoa que o ofendesse, nos negócios ou na vida particular, morreria de modos engenhosos que ele já havia projetado. Inauguraria um teatro de sangue e essas pessoas seriam os astros. E ele teria qualquer coisa que quisesse. A ideia fazia sua cabeça girar.

Estava atrás de sua mesa no andar executivo da Agulha, e não estava sozinho. Havia um homem sentado no mesmo sofá de couro que Scarlett Adams tinha ocupado apenas uma semana antes. O homem tinha feito uma longa viagem e ainda parecia amarrotado pelo voo. Era idoso, vestia um terno marrom desenxabido que não lhe caía muito bem. O terno era do tamanho certo, mas pendia desajeitadamente no corpo. O homem era careca com dois pequenos tufos de cabelos brancos em volta das orelhas e sobrancelhas brancas. Parecia pouco à vontade naquele escritório elegante. Estava deslocado e sabia disso. Mas se sentia feliz em estar ali. Tinha sido uma viagem que ele decidira fazer.

Seu nome era Gregor Malenkov. Durante muitos anos, fora conhecido como padre Gregory, mas planejava deixar isso para trás. Havia deixado o mosteiro do Grito de Misericórdia definitivamente. Também tinha vindo em busca da recompensa.

— E então, o que acha de Hong Kong? — perguntou o presidente.

— Uma cidade extraordinária — respondeu o padre Gregory. — Bastante extraordinária. Vim aqui quando era jovem, mas na época o lugar era muito menor. Metade dos prédios não existia e o aeroporto ficava num lugar diferente. Todas essas luzes! Todo o tráfego e o barulho! Devo dizer que mal reconheci.

— Daqui a uma semana estará completamente irreconhecível — disse o presidente. — Terá se tornado uma necrópole. Tenho certeza que você entende o que isso significa, um homem da sua sabedoria.

— Uma cidade dos mortos.

— Exato. Toda a população começou a morrer. Em apenas alguns dias, não restará ninguém. Os cadáveres já estão se empilhando nas ruas. Os hospitais estão cheios, não que eles sirvam de alguma coisa, já que os médicos e enfermeiros também estão morrendo. Ninguém ao menos se incomoda em ligar para os cemitérios. Não há espaço neles. E logo as coisas vão ficar muito, muito piores. Será interessante olhar.

— Como vocês os estão matando? — perguntou o padre Gregory. — Eu estaria certo ao pensar que tem algo a ver com a poluição?

— Estaria totalmente correto, padre Gregory. Se bem que talvez eu não deva chamá-lo assim, já que, pelo que sei, você não pertence mais à ordem religiosa. — O presidente se levantou e foi até a janela, mas a vista fora quase completamente obliterada pela névoa que girava em redemoinho em volta do prédio, perseguindo o próprio rabo. Haveria uma tempestade. Ele podia vislumbrar a água lá no porto. Estava agitada, levantando-se em ondas furiosas.

— Sempre houve poluição soprando da China — continuou ele. — E o estranho é que as pessoas daqui toleravam. Usinas de eletricidade movidas a carvão. Escapamentos de carros. Eles sempre aceitaram que esse era o preço a ser pago pelos confortos da vida moderna.

— E vocês pioraram ainda mais?

— Os Antigos acrescentaram algumas substâncias químicas. Muito venenosas. Você viu os resultados. Os idosos e os fracos foram os primeiros a morrer, mas o resto da cidade vai atrás, se for exposta a isso durante muito mais tempo. E será. É uma morte desagradável. Dentro da Agulha nós estamos seguros, claro. O ar é filtrado. Só precisamos ter cuidado para não passar muito tempo na rua.

O padre Gregory juntou os dedos. Seu terçol havia piorado muito. Agora o globo ocular estava prejudicado, incapaz de se mexer. Só o olho bom observava o presidente.

— Devo dizer que estou desapontado — disse ele. — Estava ansioso para conhecer, para ver de verdade, os Antigos.

— Os Antigos deixaram Hong Kong. Eles têm muito trabalho a fazer, se preparando para uma guerra que começará muito em breve. Assim que ouviram dizer que Matthew Freeman foi preso, partiram.

— Não entendo por que eles não se mostram ao mundo — disse o padre Gregory. — Vocês têm dois Guardiões. Certamente nada pode impedi-los...

— Não é assim que eles trabalham. Se os Antigos dissessem ao mundo que existem, as pessoas se uniriam contra eles. Isso derrotaria o argumento. Mantendo-se escondidos, eles podem deixar que a humanidade se despedace. É disso que gostam.

Houve um momento de silêncio. O padre Gregory lambeu os lábios e algo feio chegou aos seus olhos.

— Quero ver a garota — disse. — Ainda não acredito que ela conseguiu se livrar quando eu estava com ela. Eu tinha planos...

— É, foi uma coisa muito infeliz — concordou o presidente. — Bom, neste momento, eles estão juntos. O garoto veio até aqui para encontrá-la, por isso achei que seria divertido deixá-los passar um dia na companhia um do outro.

— Isso é seguro?

— Os dois estão trancados com muita segurança, e ninguém sabe onde eles estão. O garoto tem algumas habilidades que o tornam perigoso. Mas a garota...

— Qual é o poder dela?

— Parece que ela tirou o palitinho menor no sorteio. Creio que Scarlett Adams não é o tipo de super-herói que podíamos imaginar. — O presidente sorriu. — Ela tem a capacidade de prever o clima. Só isso. Pode dizer se vai chover ou se o sol vai brilhar. E nunca verá essas coisas de novo, de modo que o poder não vai ajudar muito. Vamos mandá-la embora esta noite. Para outro país.

— Vocês não podem matá-la, claro.

— É vital que os dois jovens sejam mantidos vivos. Sentindo dor, mas vivos. Vamos enterrá-los em salas separadas, a muitos milhares de quilômetros um do outro. Receberão quantidade limitada de comida e água, mas sem qualquer contato humano. Os Antigos pediram que eu cegasse Matt Freeman, e isso será feito pouco antes de Scarlett partir. Queremos que ela leve o horror desse ato. No fim, provavelmente vai ficar louca. Será uma das últimas lembranças que ela terá.

— Excelente. Eu gostaria de estar presente quando isso acontecer.

— Talvez não seja possível.

O padre Gregory ficou desapontado. Mas continuou mesmo assim.

— E o outro garoto?

— Jamie Tyler? — O presidente ainda estava parado junto à janela. — Está em algum lugar de Hong Kong. Ainda não conseguimos achá-lo.

— Vocês procuraram?

O presidente piscou devagar. Lá embaixo, duas balsas Star iam cruzando o caminho uma da outra, lutando contra a tempestade enquanto atravessavam o porto. De onde aquela tempestade tinha vindo? Parecia ficar mais forte. Ele ficou surpreso ao ver que as balsas ainda funcionavam e estava ansioso pela hora em que elas finalmente parassem. Sempre ficava irritado ao vê-las irem para lá e para cá.

Um barco será a sua morte. E isso acontecerá em Hong Kong.

Uma profecia feita por uma adivinha. Bom, logo não haveria mais barcos. Não haveria mais Hong Kong.

— Jamie Tyler não pode sair da cidade — disse. — A não ser, claro, que morra na rua e seja jogado no mar. De qualquer modo, não é da nossa conta.

Houve outro silêncio.

— Mas, agora, caro padre Gregory, é hora de você ir.

— Estou um pouco cansado — admitiu o padre Gregory.

— Foi um prazer conhecê-lo. Mas, por favor, deixe-me levá-lo para fora...

Havia uma maçaneta na borda de uma das janelas. O presidente a segurou e puxou. Toda a janela deslizou de lado e o vento entrou correndo, a névoa em redemoinho girando e girando. Papéis voaram da mesa. O fedor da poluição encheu a sala.

O padre Gregory ficou olhando.

— Não entendo... — começou.

— É perfeitamente simples. Você mesmo disse. Você deixou a garota escapar. Deixou-a escorrer por entre os dedos. Não achou mesmo que os Antigos deixariam isso sem punição, não é?

— Mas... eu a encontrei! — O padre Gregory estava olhando para a abertura. — Se não fosse eu, vocês nunca saberiam quem ela era!

— E foi por isso que eles lhe concederam uma morte fácil. — O presidente precisava gritar para ser ouvido. — Por favor, não

desperdice mais o meu tempo, padre Gregory. É hora de ir!

O padre Gregory olhou para a janela aberta, para as nuvens que passavam correndo lá fora. Uma única lágrima escorreu de seu olho bom. Mas ele entendeu. O presidente estava certo. Ele havia falhado.

— Gostei de conhecê-lo — disse.

— Adeus, padre Gregory.

O velho atravessou a sala e saiu pela janela. O presidente esperou um momento, depois a fechou. Era bom estar de volta no calor. Enxugou algumas gotas de chuva do paletó.

A tempestade estava piorando mesmo.



SINAL TRÊS

O templo Tai Shan era muito semelhante a todos os outros templos de Hong Kong.

Talvez fosse um pouco maior, com três câmaras conectadas por corredores curtos, mas tinha o mesmo teto curvo feito de telhas verde-escuras e ficava atrás de um muro, na beira de um parque, em seu próprio mundo particular. Dentro, era cheio de fumaça, tanto do incenso que pairava no teto quanto do fogão, que queimava constantemente maços de papel e roupas, em sacrifício à Montanha do Leste. Havia vários altares, dedicados a uma infinidade de deuses representados por estátuas de pé, sentadas e ajoelhadas... toda uma multidão de estátuas, de cores fortes, encarando com olhos ferozes.

Apesar do mau tempo, havia umas quinze pessoas na câmara principal, fazendo reverências com braçadas de incenso, murmurando baixinho. Eram de muitas idades diferentes, homens e mulheres e, para todos os efeitos, pareciam exatamente as mesmas pessoas que iam diariamente ao Man Mo ou ao Tin Hau. No entanto,

havia algo nelas sugerindo que a religião não era, de fato, a primeira coisa que estava em sua mente. Estavam tensas demais, vigilantes demais. Seus olhos se fixavam numa única entrada no fundo do prédio — uma porta baixa, de madeira, com uma estrela de cinco pontas gravada na superfície.

Os fiéis — que, na verdade, não eram isso — tinham instruções muito simples. Qualquer criança que passasse por aquela porta deveria ser presa. Caso ela resistisse, podia ser ferida violentamente, mas de preferência não deveria ser morta. O mesmo se aplicava a qualquer jovem que viesse da rua. Deveria ser impedido antes de chegar perto da porta. Todas as pessoas no templo estavam armadas com revólveres e facas escondidos na roupa. Estavam em contato constante com a Agulha e podiam pedir apoio a qualquer hora.

Essa era a emboscada que Matt havia temido. Era o motivo pelo qual tinha se recusado a pegar o atalho para Hong Kong. Estivera certo desde o início.

As quinze pessoas estavam ali, murmurando orações em que não acreditavam e fazendo reverências a deuses que não respeitavam. E, lá fora, sopros de vento — ficando mais fortes a cada minuto — se lançavam contra as paredes do templo, batendo nelas como se tentassem entrar, arrancando a terra e a grama em volta, assobiando nas esquinas. Uma telha escorregou do telhado e caiu com estrondo no chão. Um postigo se soltou e foi arrancado instantaneamente. A chuva, agora viajando horizontalmente, batia nos tijolos. O tráfego na rua estava completamente engarrafado. Os motoristas não conseguiam enxergar. Não havia nada que pudessem fazer.

O vento entrou com violência e as chamas dentro da fornalha do templo se dobraram, tremularam e se apagaram de repente. Ninguém notou. Toda a atenção estava fixa na porta. Era para isso que estavam ali. Ignorando a tempestade, esperavam a chegada dos primeiros Guardiões.



SINAL QUATRO

Scarlett estava num lugar escuro, mas alguém a cutucava, tentando atraí-la de volta para a luz. Contra a vontade, abriu os olhos e encontrou um garoto inclinado acima, sacudindo-a para acordar. Reconheceu-o imediatamente e soube que o fato de ele estar com ela, de estar machucado e desgrenhado, só podia significar uma coisa... e era a pior notícia de todas. Ele estava ali por sua causa. Os Antigos deviam tê-lo enganado para vir a Hong Kong, e agora os dois eram prisioneiros. Scarlett sentiu uma raiva e uma amargura enormes. Tinha sido atraída para isso contra a vontade. E tudo já estava acabado. Nunca tivera chance. — Matt... — disse ela.

Por fim, os dois estavam juntos. Mas não era assim que ela havia esperado. Sentou-se e esfregou os olhos. Tinham-lhe dado suas próprias roupas, mas o cabelo, cortado tão curto, ainda lhe parecia estranho. Pelo menos tinha perdido as lentes de contato. Havia tirado-as assim que ficou sozinha.

— Você está bem? — perguntou Matt.

— Não. — Ela parecia arrasada. — Quanto tempo eu dormi?

— Não sei. Só me trouxeram para cá há uma hora.

— Quando foi isso?

— Mais ou menos às oito.

— Da noite ou do dia?

— Do dia.

Matt examinou o lugar. Estavam numa sala vazia, sem janelas, com paredes de tijolos e piso de concreto. A única luz vinha de uma lâmpada numa gaiola de arame. Desde o momento em que a porta — de aço maciço — fora trancada, ele tivera de lutar contra um sentimento de claustrofobia. Estavam no subsolo. Os policiais que o

haviam trazido tinham-no forçado a descer quatro lances de escada e depois andar por um corredor que parecia um túnel. Policiais comuns. Com os que o haviam prendido. Parecia que os alteradores de forma, os soldados moscas e todas as outras criaturas dos Antigos tinham decidido ir embora de Hong Kong. Matt se perguntou por quê.

Apesar de tudo, ficou aliviado em encontrar Scarlett. Ela parecia muito diferente da foto que ele tinha visto. Não podia imaginar como devia ser, para ela, ficar presa ali sozinha.

— Por que você está aqui? — perguntou Scarlett. Ainda não conseguia afastar o desapontamento da voz.

— Vim por sua causa — respondeu Matt. Queria dizer mais, porém não ousava. Sempre havia a chance de estarem escutando.

— Você não devia. Eu estraguei tudo. Teria ido embora se não tivesse... — Scarlett parou. Não conseguia se obrigar a falar do último encontro com o pai.

Matt se sentou ao lado dela, de modo a estarem ombro a ombro, com as pernas esticadas no chão. Pelo modo como ele se movia, Scarlett pôde ver que ele fora machucado. Ele estava pálido e exausto.

— Por que não me conta tudo o que aconteceu? — sugeriu ele. — Pode começar dizendo onde nós estamos. Você sabe?

Ela assentiu.

— O presidente veio me ver...

— Quem é o presidente?

— É só um sacana de terno.

— Acho que posso ter conhecido.

— Ele quis cantar vantagem na minha cara — continuou Scarlett. — Disse que você estava vindo, mas esperei que fosse mentira. Isto aqui é uma antiga prisão. Estamos bem no meio de Hong Kong. Ela sobrou dos tempos vitorianos.

— E quando eles servem o café da manhã?

— Não servem. É pão e sopa fria, e trazem uma vez por dia.

Matt baixou a voz.

— Espero que a gente não tenha de ficar muito tempo aqui. — Era o máximo que ousava contar, mas, mesmo assim, Scarlett sentiu um brilho de esperança. — Você sabe que eu fui à sua casa em Dulwich — disse, mudando de assunto.

— Você estava no carro? Houve um acidente...

— Não foi acidente.

— Eu sabia que tinha de ser você. Eles planejaram tudo com muito cuidado, não foi? Me usando para trazer você para cá. Algum dos outros está com você?

Matt assentiu brevemente e Scarlett entendeu. Os dois precisavam ter cuidado com o que diziam. Ela o olhou como se o visse pela primeira e última vez.

— Não acredito que você esteja aqui. Não acredito que estou mesmo falando com você. Sabe, eu até sonhei com você.

— Não se preocupe com isso. Todos nós sonhamos uns com os outros. É assim que o negócio funciona.

— Há muita coisa que eu não entendo.

— Bem-vinda ao clube.

— Parece que já entrei nele. — Ela respirou fundo. — Não sei nem mesmo onde a minha história começa, mas acho que é melhor começar pela igreja de St. Meredith...

Ela contou — rapidamente e sem confusão — e, enquanto Scarlett falava, Matt soube que iria gostar dela. Ela havia passado por muita coisa, e, de certa forma, as experiências de Scarlett o faziam se lembrar das dele em Pequeno Mailing, o modo como ela foi enredada numa coisa completamente fora de sua compreensão. E, no entanto, ela havia enfrentado tudo. Tinha sido levada até ali. Tinha sido trancada naquela sala durante três dias. Mas não tinha desmoronado. Estava pronta para a luta.

Ela terminou de falar, e, para Matt, pareceu que só por um instante o prédio estremeceu quando alguma coisa, uma onda de choque, viajou através das paredes. Scarlett olhou para cima, alarmada. Parte dela sabia o que estava acontecendo e estava até mesmo esperando.

— O que... — começou Matt.

— Não foi nada. — Scarlett disse isso tão depressa que ele podia ver que ela não queria falar a respeito, nem queria imaginar o que poderia estar acontecendo lá fora. — Fale de você — continuou rapidamente. — Diga como chegou aqui. Você foi ao templo? Eles têm pessoas esperando. Achavam que você viria por uma das portas.

— Não...

Ele contou sua história, ou pelo menos parte dela, começando no Peru. Demoraria muito para contar tudo e ainda sentia medo de estarem sendo ouvidos. De Nazca a Londres e daí a Macau... Fora uma viagem longa, e só agora os dois viam como tinham seguido tão de perto o caminho um do outro.

Matt terminou explicando que havia encontrado o edifício Pátio da Sabedoria. Essa era a parte difícil. Tinha visto o pai de Scarlett morrer e, pelo menos em parte, fora responsável. Como daria a notícia?

Mas ela já estava à sua frente.

— Essa blusa que você está usando — disse ela. Tinha percebido de repente. — É dele.

— É — admitiu Matt.

— Onde ele está? — Matt não respondeu e ela continuou: — Eles o mataram, não foi?

Matt confirmou com a cabeça. Não queria se lembrar do que tinha visto nos últimos instantes antes de ser levado do Pátio da Sabedoria.

O rosto de Scarlett não mudou, mas de repente havia lágrimas em seus olhos.

— Foi tudo culpa dele — disse ela. — Achou que poderia fazer um trato com aquelas pessoas, os Antigos, mas eles nunca teriam me pegado se não fosse ele. — Ela fez uma pausa. — Não sei, Matt. Acho que é assim que eles agem. Pegam pessoas comuns para fazerem coisas malignas para eles. Usaram meu pai. Ele achou mesmo que estava me ajudando. E agora traiu você também.

O prédio estremeceu pela segunda vez. Não foi tão forte quanto da primeira, mas os dois sentiram.

— Você sabe que Hong Kong está morrendo — disse Scarlett. — O presidente me contou. Eles estão fazendo isso deliberadamente. Querem transformar o lugar numa necrópole. Numa cidade dos mortos.

— Eu vi um pouco disso ontem à noite. Foi horrível.

— Nem diga. Eu vivi nela. Não acredito que não vi o que estava acontecendo. — Ela suspirou. — O que vai acontecer com a gente, Matt? Vamos ser mortos?

— Eles não querem matar a gente. É complicado. Mas matar não adianta.

— Então o quê?

— Eles acham que nos venceram, mas não é verdade. Os outros ainda estão lá fora. E você e eu...

— O que é que tem?

— Eles juntaram a gente porque querem cantar vantagem. Mas esse foi o erro. Porque...

Ele não terminou a frase.

Houve uma explosão. Foi alta e súbita. E vinha de algum lugar dentro do prédio.

— O que...? — começou Scarlett.

Então a luz se apagou.



SINAL CINCO

Lohan tinha usado a tempestade como cobertura, aproximando-se da prisão através de ruas que tinham se esvaziado rapidamente enquanto o temporal ia ficando mais intenso. Só tivera uma noite para preparar o ataque, mas mesmo assim conseguiu juntar um pequeno exército. Tinha uma centena de homens, todos bem armados. As Tríades vinham contrabandeando armas na Ásia durante muitos anos, fornecendo a qualquer um, desde terroristas até mercenários. Lohan simplesmente pegou o que precisava. Tinha muitas opções.

Enquanto isso, Jet e Sing chegariam ao templo Tai Shan. Os dois eram de nível 426, Mastro Vermelho, como era conhecido, o que fazia deles tenentes das unidades de luta. Tinham mais cinquenta homens com eles e ambas as operações começariam ao mesmo tempo. Havia uma porta de saída de Hong Kong. Esse caminho precisava ser liberado.

Lohan sabia para onde Matt fora levado porque o tinha seguido. Era isso que Matt não podia contar a Scarlett. Ele havia enganado o presidente. Pela primeira vez, estava dando as cartas.

Matt havia contatado Lohan na noite anterior, ligando para a empresa de fogos de artifício Kung Hing Tao. O líder da Tríade já sabia o que tinha acontecido. Richard e Jamie estavam com ele. Os dois haviam saído da água e ido até Kowloon. Estavam ao lado dele, desesperadamente preocupados com Matt, quando o telefone tocou.

— Precisamos encontrar Scarlett — disse Matt. — E só há um modo de fazer isso. Temos que deixar que os Antigos me capturem.

— Como você vai fazer isso?

— Paul Adams, o pai de Scarlett, vai ligar para eles e contar que estou no Pátio da Sabedoria. Eles não vão suspeitar de nada. Sabem

que ele quer Scarlett de volta e vão achar que ele está tentando ajudá-los.

— E depois?

— Coloque seus homens na rua. Siga para onde eles me levarem.

— Como você sabe que vão levá-lo até Scarlett?

— Não sei... com certeza. Mas acho que provavelmente vão nos manter juntos. Sei como essas pessoas pensam. Querem exibir a gente, cantar vantagem sobre como nos derrotaram. Ter os dois juntos vai ser mais divertido para eles. De qualquer modo, não tenho nenhuma outra ideia, de modo que teremos de correr o risco.

Richard veio ao telefone. Tinha ouvido o que Matt estava sugerindo.

— Você não pode fazer isso — implorou. — É perigoso demais. Por favor, Matt, pense no que pode dar errado.

— Não sabemos onde ela está, Richard. Não há outro modo de acharmos.

— E Paul Adams? Quando não tiverem mais utilidade para ele, você sabe que vão matá-lo.

— Ele está preparado para correr o risco. Sabe o que fez. E fará qualquer coisa para libertar Scarlett.

Tinha acontecido exatamente como Matt esperava. Seis carros da polícia haviam chegado ao Pátio da Sabedoria logo depois das sete horas. Lohan — com Richard e Jamie agachados juntos — tinha visto a polícia entrar. Tinha visto o presidente chegar e ir embora, e ainda estavam ali quando Matt, semiconsciente e sentindo dor, foi arrastado para fora. Jamie tentou agir nesse momento, querendo ir até ele. Mas Richard o segurou, forçando-o a ficar parado. Esse era o plano de Matt. Era tudo ou nada.

Matt foi levado através da cidade, jamais saindo da vista dos homens de Lohan. Eles o viram desaparecer na prisão perto da rua Hollywood. De modo que agora sabiam onde ele estava. Esperavam que Scarlett também estivesse ali. Quando a tempestade piorou,

Lohan cercou a prisão, com seus homens chegando de todos os lados.

A tempestade.

Lohan começou a achar que ela estava saindo de controle. Em todos os anos em que estivera em Hong Kong, nunca havia experimentado nada igual. Quando se levantava, podia sentir o vento tentando derrubá-lo de novo. Poeira e folhas mortas batiam em seu rosto. Podia ouvir as correntes de ar uivando através das ruas. Se a coisa piorasse, seria perigoso ficar do lado de fora. Mas, afinal de contas, estava perigoso de qualquer modo. Se a tempestade destruísse a cidade, só estaria terminando o que os Antigos haviam começado.

Um estrondo de trovão. Chuva golpeando com tanta força que ele podia vê-la ricochetear nos carros parados, se transformando em rios miniaturas que seguiam pela beira da rua. Em segundos ficou encharcado. Richard estava junto dele.

— O que está acontecendo? — murmurou Richard.

— Temos de agir agora — disse Lohan.

A Prisão Victoria era um prédio gigantesco, sólido, com janelas com barras e uma única porta enorme — a única entrada. Seis guardas armados estavam do lado de fora, na chuva, de uniforme, com o rosto parcialmente obscurecido pelos quepes. Lohan, Richard e Jamie estavam olhando da porta de um antiquário do outro lado da rua. A estratégia de Lohan era simples. Não havia tempo para ser inteligente. Ele sabia que precisava invadir depressa, do modo mais decisivo possível. Assim que soubesse que ele estava ali, o inimigo iria contra-atacar.

Deu o sinal.

Houve uma explosão — a mesma explosão que Matt tinha ouvido — quando um lançador de foguetes, escondido num furgão estacionado, disparou uma granada de 40 mm contra a porta principal. A prisão não fora construída para suportar um ataque

assim. A porta foi arrebentada numa bola de fogo. Metade dos guardas foi morta instantaneamente. O resto foi derrubado por uma rajada de metralhadora enquanto os guerreiros da Tríade avançavam, se derramando dos becos e saindo de trás dos carros estacionados. Mais adiante na rua, dois homens de Lohan, disfarçados de operários de construção, cortavam o fornecimento de eletricidade, isolando a prisão e provocando curto-circuito nos alarmes.

— Andem! — Richard e Jamie estavam desarmados, mas correram com Lohan, passando pela porta destroçada.

E logo estavam dentro da prisão. O pessoal de Lohan se espalhava em todas as direções, pelos andares superiores, arrombando portas e revelando celas vazias. Alguns estavam armados com fuzis e granadas. Outros levavam espadas e *nanchucks*. Estava uma escuridão de breu dentro do prédio, agora que a eletricidade fora cortada, mas eles haviam trazido lanternas presas nos ombros, cujos fachos cortavam a escuridão e mostravam o caminho. As ordens de Lohan eram claras. Matem qualquer um que fique no caminho. Encontrem Matt e Scarlett. Só temos alguns minutos para tirá-los daí.

Havia mais guardas nos andares superiores. Ainda que a prisão tivesse apenas dois cativos, o presidente não havia se arriscado. Agora eles abriram fogo contra os invasores. Lohan viu o clarão das balas, ouviu alguns homens da Tríade gritarem. Alguns corpos caíram. Então alguém atirou uma granada. Houve outra bola de fogo e um dos guardas voou como se estivesse mergulhando numa piscina, desaparecendo na escuridão abaixo.

Lohan comandava um grupo de guerreiros quatro andares abaixo, no porão, com Richard e Jamie logo atrás. Só agora Richard começava a ver como a tarefa era impossível. Deviam existir pelo menos duzentas celas na prisão. Iriam mesmo arrombar cada uma delas? Chegaram a um corredor com mais portas de aço postas a

intervalos. Um guarda correu para eles, girando a metralhadora para mirar.

— Largue a arma! — disse Jamie. — Deite-se no chão.

O guarda obedeceu. Um segundo guarda apareceu. Teve menos sorte. Lohan o derrubou com um tiro. Estavam na prisão havia menos de três minutos, mas sabiam que os reforços já deviam estar a caminho. Houve outra explosão acima, um grito, o som de balas batendo em metal.

Trinta portas se estendiam à frente deles. Não havia sentido em procurar trincos ou chaves. Lohan gritou uma ordem e seus homens as arrombaram, uma depois da outra, usando bolas de explosivo plástico. Richard e Jamie continuaram andando enquanto, uma depois da outra, as portas eram arrancadas dos portais, com chamas laranja irrompendo brevemente. O corredor fedia a cordite. Fumaça e poeira de tijolos enchia o ar. Mas todas as celas estavam vazias. Quanto tempo eles ainda teriam?

— Eles estão no fim — disse Jamie de repente. — Na última cela à esquerda.

Lohan o encarou. Mas Richard assentiu, com um jorro de alívio. De algum modo, Jamie tinha conseguido se conectar com eles... telepaticamente. Lohan gritou alguma coisa e seus homens correram para a porta que ele havia indicado. Uma última explosão. Duas figuras saíram para o corredor, engasgando e cobertas de poeira. Eram Matt e Scarlett.

— Matt! — Richard segurou o amigo e o abraçou. Na noite anterior, quando tinha saído da água, sentira medo de nunca mais vê-lo. — Você está bem?

Matt confirmou com a cabeça.

— Essa é Scarlett.

— É um prazer enorme conhecer você. — Richard não sabia o que mais falar. Examinou a garota de cabelos curtos. Ela parecia exausta.

Jamie não disse nada. Foi até ele, de modo que os três Guardiões ficaram juntos.

— Precisamos ir ao templo Tai Shan — disse Matt.

Lohan ficou impressionado. O garoto tinha apenas 15 anos, mas já havia assumido o comando. As experiências das últimas 24 horas não pareciam ter causado efeito nele. Mas ainda havia mais problemas chegando. Rapidamente Lohan pegou seu celular, apertou um botão e falou algumas palavras. Esperou até ouvir o que queria, depois se virou para Matt.

— O templo está seguro. Mas temos outro problema que pode ser mais sério. Há uma tempestade. Na verdade, meu pessoal está dizendo que pode ser alguma coisa pior...

Mas todos haviam percebido isso. Acima dos tiros e das explosões. Para além da batalha que estava acontecendo dentro da prisão, o vento gritava. Todo o prédio estremecia. A força inteira do tufão havia caído sobre Hong Kong e sua destruição total tinha começado.



SINAL SEIS

O sol estava se pondo em Cuzco, a antiga cidade dos incas, no Peru. Havia uma banda tocando e o som das flautas de pã e das batidas dos tambores subia no ar da tarde. As sombras se esticavam nos pés das montanhas. Os restaurantes e cafés começavam a se encher no fim de mais um dia.

Pedro sabia que não deveriam estar ali. Esse não era o plano de Matt. Desejava terem podido falar pelo telefone via satélite, mas, nas últimas 24 horas, houvera apenas silêncio. Um mundo inteiro os

separava. Estavam a milhares de quilômetros de distância. Mas ele daria o passo que iria juntá-los. Imaginou se seria uma boa ideia.

Não que tivesse alguma opção.

Na noite anterior, Pedro havia acordado e encontrado Scott inclinado acima dele. Os dois ocupavam uma casa de pedra em Vilcabamba, no alto dos Andes. Era a cidade perdida aonde Pedro tinha ido com Matt quando estavam se escondendo de Diego Salamanda. Ficava escondida acima da floresta de altitude, num local extraordinário, um pico de montanha que não podia ser visto por ninguém. Para chegar lá, tinha sido necessário uma viagem de helicóptero e depois uma caminhada de um dia a partir de Cuzco. A cidade propriamente dita só podia ser alcançada por uma escadaria de pedra que podia desaparecer num instante.

— Scott...? O que é?

Scott estava numa palidez mortal e com os olhos cheios de preocupação. Pedro nunca o tinha visto assim.

— Jamie está com problema. Precisamos ir a Hong Kong.

— Não podemos...

— Pedro. Você não entende. Temos de ir agora mesmo. Preciso ir até o Jamie. Tive um sonho.

O mundo de sonho. Todos eles haviam estado lá. Todos sabiam seu significado. Eles haviam falado sobre aquilo com frequência suficiente. Pedro sabia que não podia discutir. Se Scott havia recebido uma mensagem, eles não podiam ignorá-la, em particular se envolvia o irmão dele. No entanto, as portas supostamente eram muito perigosas. Por esse motivo, Matt e Jamie tinham viajado de avião para a Europa e por esse motivo os dois tinham sido deixados para trás.

— Você tem certeza...? — começou.

Scott não estava disposto a argumentar.

— Vou partir assim que houver luz — disse. — Você pode vir comigo ou pode ficar para trás.

Na manhã seguinte, partiram juntos. Um dos incas os acompanhou até a clareira onde o helicóptero estava esperando, e depois foi um voo de duas horas até o aeroporto de Cuzco. O tempo todo Scott estivera em silêncio e cheio de concentração. Ainda não havia explicado o que tinha visto. Frequentemente ele era reservado, mas agora parecia a quilômetros de distância, olhando adiante com expressão vazia. Pedro tentava não pensar no que iriam se meter. De todos os Guardiões, só ele nunca havia passado por uma das portas, e a ideia de se transportar por metade do mundo o enchia de pavor.

E agora estavam em Cuzco. Era uma tarde linda, com centenas de turistas circulando pelas barracas multicoloridas espalhadas diante deles. A catedral logo seria fechada. Os últimos visitantes estavam saindo, cercados por crianças de rua que pediam dinheiro e doces. Táxis, parecendo brinquedos de corda feitos de lata, zumbiam ao redor da praça principal.

Pedro estava com fome, mas não ousou sugerir que parassem para comer. Sabia qual seria a resposta.

— Ali está... — Scott apontou para uma grande pilha de tijolos e janelas ornamentadas, uma igreja espanhola construída no local de um templo que estivera ali séculos antes. O Templo de Coricancha. Era onde ele e Jamie haviam saído quando chegaram ao Peru. Dentro ficava a passagem que os trouxera de uma caverna em Nevada.

Nenhum deles falou de novo. Pedro balançou a cabeça e foi atrás, enquanto, com determinação séria, Scott começava a atravessar a praça.



SINAL SETE

Matt e Scarlett ficaram parados no abrigo da prisão, sabendo que não podiam sair. Hong Kong estava sendo despedaçada por uma força tão devastadora que era como se eles tivessem chegado a algum capítulo da Bíblia em que todas as antigas profecias acontecessem e o Dia do Juízo finalmente chegasse.

Construções destruídas e entulho voavam pela rua como se não pesassem nada. Quando eles olharam pela porta arrebentada, um gigantesco letreiro de néon passou girando como uma carta de baralho grande demais. Foi seguido por uma mesa, vários caixotes, um cortador de grama, parte de um piano... De algum modo, tudo isso fora sugado das lojas e mandado para longe como se fossem prêmios em algum programa de TV insano. Matt podia ver as correntes de ar. Misturadas com a chuva, tinham se transformado em milhares de agulhas cinzentas que corriam ao longo das ruas, batendo nos carros e virando-os, achatando tudo no caminho.

Olhou para cima e viu duas nuvens se juntando, se movendo mais rápido do que daria para acreditar. Elas se chocaram e houve um trovão enorme. Um relâmpago tão forte que fez doer os olhos estalou descendo e acertou um arranha-céu a oito quilômetros dali, cortando-o ao meio. Cacos de vidro e pedaços de metal explodiram enquanto os sete andares superiores do prédio se inclinavam e depois caíam, arrastando fios e canos. Matt não viu onde os destroços bateram nem quantas pessoas foram mortas, mas ouviu uma explosão enorme quando tudo se chocou contra a rua embaixo. Apesar da chuva, o que restou do prédio pegou fogo. As chamas alaranjadas lambiam a água que caía, tentando desesperadamente subir pelo espaço.

— Temos de esperar... — Lohan estava perto dele. Matt entendeu o que ele queria dizer. Se dessem ao menos um passo para fora da proteção das paredes, seriam levados para longe. Ele precisava gritar as palavras para ser ouvido.

— Não podemos! — gritou Matt de volta. — Só temos essa chance. Precisamos sair de Hong Kong agora.

Scarlett estava atrás dele, com Richard e Jamie. Matt se virou e os olhares dos dois se encontraram — e, nesse momento, ambos entenderam o que estava acontecendo. Não podiam ter segredos uns para os outros.

— Foi você! — gritou ele. O vento continuava uivando. Uma janela do outro lado da rua foi arrancada de repente, com o vidro saltando para longe. — Você fez isso...

— Não! — Scarlett balançou a cabeça, tentando negar.

— Todos nós temos poderes. Nós cinco. Esse é o seu.

E Scarlett soube que ele estava certo. De certo modo, soubera o tempo todo.

Seu verdadeiro nome não era Scarlett Adams. A Organização Lótus Branco acreditava que ela era a reencarnação de Lin Mo, uma figura da mitologia chinesa, uma deusa do mar. E, se ela já fora uma deusa, devia ter um poder muito além de qualquer coisa humanamente possível. O presidente da Corporação Crepúsculo tinha cometido outro erro. Tinha achado que ela só podia prever o tempo. Na verdade, ela podia controlá-lo.

A prova sempre estivera ali. Na escola em Dulwich, quando Scarlett quis ir num passeio de história, o tempo havia limpado mesmo contra todas as expectativas. A mesma coisa havia acontecido de novo em Hong Kong quando ela precisou ir ao Pico. Contra todas as previsões, naquele dia a chuva parou e o sol saiu de repente.

Ela até havia usado o mesmo poder na batalha, dez mil anos antes. Jamie tinha contado a Matt. No momento em que Pedro apareceu com seus reforços, uma tempestade havia começado, a chuva caindo com tanta violência que os Antigos não conseguiram vê-lo.

Não tinha sido coincidência.

Tinha sido ela.

O presidente havia dito que ela era a mais fraca dos Cinco. Estava errado. Era de longe a mais poderosa.

— Você pode parar a tempestade! — gritou Matt.

— Não posso! — Scarlett balançou a cabeça. Tinha trazido o dragão. Isso ela aceitava. Mas, olhando dentro de si mesma, depois de três dias aprisionada, depois de tudo o que havia passado, sabia que não tinha forças para mandá-lo de volta.

— Então você pode nos proteger. Pode mantê-la longe.

Scarlett olhou para a rua, para a chuva fortíssima, os prédios sendo espalhados como confete, carros girando feito loucos, pedaços de madeira e metal passando a toda velocidade. Tinha mesmo feito isso, trazido a destruição para uma cidade inteira? Quantas pessoas ela teria matado? A ideia a aterrorizou mais do que qualquer coisa que já tivesse visto. Seria mesmo responsável por aquilo?

— Não posso, Matt...

— Você precisa... Nós temos de chegar ao templo.

Lohan entendeu.

— Ele não fica muito longe daqui — gritou. — Eu posso mostrar...

— Scar...? — Matt olhou para ela.

E talvez fosse simplesmente o fato de ele ter usado seu nome, um nome de dez mil anos atrás. Talvez esse fosse o gatilho. Mas, naquele segundo, alguma coisa mudou. Scarlett respirou fundo. Durante tempo demais tinha sido vítima, empurrada de um lado para o outro pelo diretor, pelos Antigos, até pelas Tríades. Era hora de deixar isso para trás. Ela era uma Guardiã. Esse fato a trouxera para tudo isso, e, de repente, sentiu uma raiva enorme por tudo que tinha perdido — os amigos, o lar, até o pai. E junto com a raiva chegou o conhecimento pleno da própria força. Sabia o que precisava fazer.

— Venham comigo — disse.

Saíram da prisão. Primeiro Lohan, depois Scarlett e Matt, com Richard e Jamie atrás. Foram para a chuva, para o vento, para uma explosão interminável enquanto a natureza golpeava a cidade com toda a força. Deveriam ter sido lançados no ar imediatamente, ou derrubados desacordados. Mas o vento girou ao redor deles. A chuva golpeava tudo, mas eles permaneceram secos. Entraram no coração do tufão e ele os engoliu sem tocá-los. Era como se estivessem dentro de uma bola de vidro que os cercava e protegia. Eles mal conseguiam enxergar. Tudo era caos. Mas, enquanto ficassem juntos, estavam em segurança.

Lohan mostrou o caminho, mas era Scarlett que o tornava possível. Parecia em transe, olhando em frente, os braços ao lado do corpo. Matt ficou perto dela, sabendo que sua vida dependia da proteção de Scarlett. Ao redor, em todo lugar para onde olhasse, paredes de tijolos desmoronavam, prédios caíam, janelas se despedaçavam e, girando na chuva, cacos mortais de vidro desciam cortando tudo. De novo e de novo o trovão soava. As nuvens eram uma massa fervilhante.

Não se apressaram. Não havia necessidade. Nenhuma coisa viva sairia do tufão, e os cinco estavam completamente invisíveis. Agora Scarlett se sentia mais confiante. Parecia quase relaxada. Andando ao lado, Matt ficou pasmo com a extensão de seu poder. Podia senti-lo fluindo dela. Era uma garota e tinha 15 anos. Mas podia destruir todo o mundo.

Outro prédio caiu diante deles, desmoronando como se simplesmente tivesse perdido a vontade de viver. Tijolos choviam, batendo com força no pavimento, mas não perto deles. A rua continuava em frente. Podiam ver o parque. A maioria das árvores fora desenraizada e transformada em aríetes voadores. As poucas restantes se curvavam, beijando o chão. O templo Tai Shan ficava do outro lado. Matt ficou surpreso ao vê-lo ainda de pé, mas talvez o muro que o rodeava o tivesse protegido do pior da tempestade.

Lohan apontou. Scarlett assentiu. Não havia necessidade de nenhum deles falar. Tinham conseguido. Tinham atravessado Hong Kong no meio de um tufão Sinal Dez e tinham sobrevivido.

Movendo-se mais depressa agora, atravessaram o resto do parque e entraram.



SINAL OITO

O presidente da Corporação Crepúsculo olhava a destruição final de sua necrópole. Estava de novo em sua sala do sexagésimo sexto andar da Agulha e podia sentir todo o prédio tremendo, golpeado repetidamente pela tempestade. De vez em quando havia um som raspado seguido por uma explosão de vidro se quebrando quando outra janela se soltava da moldura. Muito antes as luzes haviam tremido e se apagado. Não existia eletricidade no escritório. Nem pessoas. Todos os funcionários tinham ido embora, lutando e abrindo caminho por 66 lances de escada. Alguns podiam ter chegado ao porão e estariam encolhidos lá, mas ele suspeitava que a maior parte teria sido morta na descida — empurrada escada abaixo ou pisoteada no pânico geral. O presidente sem dúvida não tinha intenção de se juntar a eles. Estava em segurança ali. A Agulha podia suportar qualquer coisa. E era uma visão espetacular.

Sentia-se perturbado porque, de algum modo, seus planos tinham dado errado. A cidade se destinava a morrer. Essa era a ideia. Mas não assim. De fato, o tufão podia acabar salvando muito mais gente do que matava, porque houvera um efeito colateral. Os gases venenosos colocados pelos Antigos tinham se dispersado. A poluição fora varrida para longe. Quando a tempestade finalmente passasse, o povo poderia respirar de novo.

Não sabia o que tinha acontecido na Prisão Victoria. Todas as linhas telefônicas estavam derrubadas e nem mesmo seu celular funcionava. Toda a rede devia ter falhado. Mas essa devastação não podia ser coincidência. A garota devia tê-la provocado. Ela era capaz de prever o tempo, de modo que pelo menos devia saber que o tufão estava chegando. Ele havia colocado o garoto junto para provocá-la, para mostrar como ela fora completamente derrotada. Talvez, no fim das contas, tivesse sido um erro.

Estava segurando uma garrafa de conhaque. A bebida tinha uma etiqueta de preço que a tornava uma das mais caras do mundo, e ele sempre se divertia pensando que havia gente morrendo em algum país porque não tinha água, enquanto ele podia se dar ao luxo de gastar cinco mil dólares numa bebida da qual nem gostava. Com o passar dos anos, a maior parte das papilas gustativas do presidente havia morrido. Nada que ele comia ou bebia tinha qualquer sabor. Se fosse morto agora, isso não importaria muito. A maior parte dele estava morta, de qualquer jeito.

Mas não morreria. Mesmo que Matt e Scarlett tivessem escapado, não havia aonde eles irem. O templo Tai Shan estava protegido. Eles não conseguiriam chegar à porta. Logo o tufão passaria. Ele começaria a busca nos destroços imediatamente, revirando tijolo por tijolo e, da próxima vez, cuidaria deles de uma vez só.

Notou algo com o canto do olho. Era um ponto na janela. A princípio, achou que fosse um pássaro. Não. Era extraordinário. Enquanto o presidente olhava, a coisa ficou maior e maior. Vinha na sua direção.

Era um navio.

Não era um navio enorme. Era um *sampan* de madeira, um veleiro chinês que ficava ancorado no porto, para ser fotografado pelos turistas. O vento o havia agarrado e arrancado das amarras. Enquanto o presidente olhava, a embarcação foi chegando mais perto, enchendo rapidamente o espaço da janela. Ele ficou ali imóvel,

hipnotizado pela visão. Pensou em correr. Talvez ainda conseguisse chegar a algum lugar seguro. Mas de que adiantava? Como poderia escapar de algo que fora previsto tantos anos antes?

Morreria num acidente com um navio.

Morreu agora.

O *sampan* foi lançado contra a Agulha como se fosse um dardo de papel mirado deliberadamente. Atravessou a janela do sexagésimo sexto andar e acertou o homem que estava atrás dela. Ao mesmo tempo, o vento entrou uivando, varrendo o conteúdo da sala e jogando tudo fora, os arquivos e papéis chacoalhando com um som que parecia de aplausos. O corpo partido do presidente foi com eles, girou uma vez no ar e depois mergulhou no pavimento abaixo.

Manchas de sangue no tapete. Uma garrafa de conhaque com o conteúdo gorgolejando. Cacos de vidro espalhados. No fim, foi só isso que restou.



SINAL NOVE

Houvera uma batalha sangrenta dentro do templo Tai Shan. Todos os corpos tinham sido levados a uma das outras câmaras, mas a evidência continuava ali, nos buracos de balas nas paredes, no entulho e nas marcas de queimado de uma granada, numa poça de sangue diante do altar principal. Um dos deuses de porcelana estava de pé com os braços abertos, mas agora o corpo terminava no pescoço, serrilhado e oco. A cabeça estava aos pedaços em volta. Outro havia perdido uma das mãos. Era como se tivessem tentado participar da luta e ficassem aleijados em consequência disso.

Jet e Sing estavam sozinhos, esperando a chegada de Scarlett e dos outros. Não tinham ideia de como ela havia conseguido

atravessar Hong Kong — seria impossível deixar o prédio agora — mas ficaram felizes ao vê-la quando ela entrou. Jet fora ferido. Estava segurando um pano apertado no pescoço e sua camisa estava encharcada de sangue. Sing ainda segurava a bengala-espada que tinha usado para matar Audrey Cheng. Parecia não ter se ferido.

Nenhum deles havia notado que havia outro homem na câmara, escondido embaixo do altar. Era um dos homens do presidente e tinha levado dois tiros. Era seu sangue que fazia a poça. Ele sabia que não tinha muito tempo. Havia uma arma a centímetros de sua mão estendida.

Falando em chinês, Lohan exigiu um relatório de seus dois tenentes. Rapidamente eles contaram o que ele queria saber, e ele traduziu para Matthew e Richard.

— Havia muitas pessoas esperando aqui — disse ele. — Teriam matado vocês se tentassem chegar à porta. Mas nossos homens cuidaram de todos...

— Então vamos sair daqui — disse Richard. Em seguida, se virou para Matt. — É hora de ir.

Lohan avançou e apertou a mão de Scarlett.

— Boa sorte — disse. — A jornada que acabamos de fazer juntos é algo que nunca irei esquecer.

— Fico feliz por ter conhecido você, Lohan — respondeu Scarlett. — Obrigada por me ajudar. — Ela havia relaxado um pouco, porém Matt podia ver que a garota continuava concentrada, mantendo o tufão a distância. Ela precisava permanecer no controle. Enquanto estava dentro do templo, o vento e a chuva mal tocavam as paredes.

A porta com a estrela de cinco pontas estava diante deles. Parecia tão pequena e comum que era difícil acreditar que iria levá-los não para a tempestade lá fora, e sim para qualquer lugar do mundo.

— Para onde vamos, Matt? — perguntou Jamie.

O homem agonizante havia conseguido pegar a arma. De onde estava deitado, só conseguia ver os dois garotos e o chinês que havia

chegado com eles. A garota estava logo atrás e o outro homem em algum lugar fora de sua visão. Provavelmente poderia derrubar pelo menos dois, antes de ser morto. Tinha decidido que faria isso. Afinal de contas, esse era o motivo para estar ali.

Qual iria primeiro?

O garoto que tinha acabado de fazer a pergunta — o de cabelo comprido e sotaque americano — estava diretamente em sua linha de visão. O homem apontou lentamente. O garoto se encontrava a apenas alguns passos de distância. A mão do homem estava pegajosa com seu próprio sangue. A arma estava coberta de sangue. Mas ele sabia exatamente o que fazia. Não tinha como errar.

Então a porta com a estrela de cinco pontas se abriu.

Scott, com Pedro logo atrás, entrou bruscamente no templo. Jamie abriu a boca para falar. Matt estava olhando, surpreso. O que parecera impossível durante tanto tempo havia finalmente acontecido. Os Guardiões tinham se juntado. Estavam todos ali, no mesmo espaço.

Scott. Jamie. Matt. Pedro. E Scarlett.

Os Cinco.

Mas Scott não havia parado. Correu e se jogou contra o irmão, derrubando-o de lado.

Um segundo depois, houve um tiro.

Lohan agiu com velocidade de relâmpago. Sua arma estava na mão instantaneamente e ele disparou cinco vezes, as balas rasgando a parte de baixo do altar. O homem que estivera escondido ali foi morto antes de poder atirar de novo.

Richard viu que Jamie estava bem. De algum modo, Scott soubera e tinha chegado a tempo para salvá-lo. Mas então Matt gritou.

O tiro havia errado Jamie, mas Scarlett estivera bem atrás dele. Foi acertada na cabeça e o ferimento era feio. Sangue escorria pela

lateral do pescoço. Ela tombou de lado. Richard a pegou antes que ela batesse no chão.

E, quando ela perdeu a consciência, o mundo inteiro explodiu.

O tufão fora mantido a distância por tempo demais. Agora, como se reconhecesse o que havia acontecido, caiu sobre o templo Tai Shan com toda a força. Era como ser acertado por uma bomba, mas em câmera lenta. Enquanto os nove ficavam ali parados — os cinco Guardiões junto com Richard, Lohan, Jet e Sing —, todo o prédio se desintegrou ao redor. O telhado foi o primeiro a ir, arrancado como se por uma mão gigante. Telhas verdes caíam com estrondo. O vento entrou rugindo. Então uma das paredes se dobrou e desmoronou, com as pedras enormes tombando. Durante séculos, os deuses dentro do templo nunca tinham visto a luz do dia. Agora foram inundados por ela enquanto o mundo lá fora invadia num jorro.

— A porta! — gritou Matt.

Ela ainda estava de pé, mas não continuaria por muito tempo. Assim que as paredes fossem destruídas, tudo estaria acabado. A porta iria junto. Agora mesmo poderia ser tarde demais. Jamie tinha se juntado ao irmão. Os dois já haviam se virado para ela. Pedro parecia confuso, imobilizado. Matt o pegou e o girou. Richard estava correndo adiante, carregando Scarlett nos braços, frouxa, os olhos fechados. Lohan foi atrás. Não havia sinal de seus dois tenentes, Jet e Sing. Tinham desaparecido sob a parede quebrada.

A porta fora construída para os Guardiões, mas cada um deles podia levar um companheiro. Richard estava com Scarlett. Lohan com Matt. Ainda havia uma chance de todos saírem vivos.

Houve outra explosão e um grande buraco apareceu de repente numa parede. A chuva e a luz do dia entraram com violência. Todo o templo estava tremendo. Scott foi o primeiro a chegar à porta e abriu-a. Atrás dele, o resto dos deuses estava tombando e se despedaçando no chão duro. Pedro foi em seguida. Os outros logo depois.

Mergulharam no instante em que o último relâmpago acertou o templo, pulverizando-o. As paredes restantes foram varridas e espalhadas. Instantes depois, não restava nada. O parque Hong Kong ficou vazio. E, mais além, a própria Hong Kong estava em ruínas enquanto as nuvens finalmente se abriam e o primeiro e pequeno raio de luz do sol teve permissão de passar.



SINAL DEZ

Necropolis estava acabada.

Boa parte fora destruída. Mais de metade dos arranha-céus havia desabado. Ruas inteiras foram enterradas sob pilhas de metal retorcido e tijolos que levariam anos para ser retirados. Saqueadores já estavam trabalhando, enfiando-se no entulho para encontrar as joias — os colares de diamante e os relógios — que certamente estariam embaixo.

Por todo o mundo, pessoas acordavam para o fato de que uma catástrofe em escala gigantesca havia acontecido. Noticiários de televisão passavam as primeiras imagens 24 horas por dia. Haveria milhares de mortos, mas pelo menos os sobreviventes poderiam respirar. A névoa venenosa que estivera sufocando as pessoas por tanto tempo fora completamente varrida.

Longe dali, no palácio de gelo que ele tornara seu lar, o rei dos Antigos viu o que acontecera. Sabia que o presidente havia fracassado. Sabia que os Guardiões tinham escapado.

Mas não importava.

Os Cinco tinham entrado pela porta sem saber aonde iam, de modo que nenhum chegaria ao mesmo lugar. Agora estariam mais separados do que nunca. Pior. A porta estava se desintegrando

enquanto eles passavam, e o último raio havia feito um último truque com eles. Se os cinco tivessem sobrevivido à jornada, logo descobririam.

Iria se passar muito tempo até que se encontrassem de novo.

Isso bastava.

O rei dos Antigos estendeu a mão e deu a ordem que seus discípulos haviam esperado. Tinha tomado a decisão. Era hora de iniciar o fim do mundo.

Fim

Este livro foi composto na tipologia Frutiger LT Std 45 Light,
em corpo 10,5/16, e impresso em papel off-white 80g/m2
no Sistema Cameron da Divisão Gráfica da
Distribuidora Record.

Digitalização
Penélope/Expresso
2017